MÁRCIO ALESSANDRO NEMAN DO NASCIMENTO

HOMOSSEXUALIDADES E HOMOSSOCIABILIDADES: HIERARQUIZAÇÃO E RELAÇÕES DE PODER ENTRE HOMOSSEXUAIS MASCULINOS QUE FREQUENTAM DISPOSITIVOS DE SOCIALIZAÇÃO DE SEXUALIDADES GLBTTT.

ASSIS
2007

Livros Grátis

http://www.livrosgratis.com.br

Milhares de livros grátis para download.

MÁRCIO ALESSANDRO NEMAN DO NASCIMENTO

HOMOSSEXUALIDADES E HOMOSSOCIABILIDADES: HIERARQUIZAÇÃO E RELAÇÕES DE PODER ENTRE HOMOSSEXUAIS MASCULINOS QUE FREQUENTAM DISPOSITIVOS DE SOCIALIZAÇÃO DE SEXUALIDADES GLBTTT.

Dissertação apresentada à Faculdade de Ciências e Letras de Assis – UNESP – Universidade Estadual Paulista para obtenção do título de Mestre em Psicologia (Área de Conhecimento: Psicologia e Sociedade).

Orientador: Profº Dr. Fernando Silva Teixeira Filho

ASSIS
2007

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca da F.C.L. – Assis – UNESP

N244h

Nascimento, Márcio Alessandro Neman do
Homossexualidades e homossociabilidades: hierarquização e relações de poder entre homossexuais masculinos que freqüentam dispositivos de socialização de sexualidades GLBTTT / Márcio Alessandro Neman do Nascimento. Assis, 2007
215 f.

Dissertação de Mestrado – Faculdade de Ciências e Letras de Assis – Universidade Estadual Paulista.

1. Psicologia. 2. Homossexualidade. 3. Homofobia. I. Título.

CDD 157.734
616.85834

MÁRCIO ALESSANDRO NEMAN DO NASCIMENTO

Homossexualidades e homossociabilidades: hierarquização e relações de poder entre homossexuais masculinos que freqüentam dispositivos de socialização de sexualidades GLBTTT.

Dissertação de Mestrado apresentada à Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Paulista "Júlio de Mesquita Filho", 2º Semestre de 2007.

BANCA EXAMINADORA:

Profº Dr. Wiliam Siqueira Peres (Titular)
Departamento de Psicologia Clínica
Universidade Estadual Paulista - UNESP/Assis-SP

Profº Dr. Paulo Roberto de Carvalho (Titular)
Departamento de Psicologia Social e Institucional
Universidade Estadual de Londrina - UEL/Londrina-PR

Profº Dr. Fernando Silva Teixeira Filho (Orientador)
Departamento de Psicologia Clínica
Universidade Estadual Paulista - UNESP/Assis-SP

Examinada a Dissertação.

Conceito: APROVADO
Assis/SP, 17 de dezembro de 2007.

DEDICATÓRIA

À minha família e a meus amigos, pelo apoio e amor compartilhado ao longo da minha vida e, principalmente, na etapa de produção deste trabalho. Ao *colorido* da vida que nunca permita que o cinza do cotidiano cerre sobre meus olhos. Pelas possibilidades e esforços ofertados para que eu conseguisse realizar minha formação educacional e profissional, uma vez que, ainda neste país, estudar constitui uma condição para muito poucos. À minha *eterna* indignação frente aos obstáculos e dificuldades pessoais e sociais que ao mesmo tempo em que me impunham sofrimento, também possibilitaram contextos para que me fortalecesse e empoderace minha *voz* para as minhas concretizações. À minha resiliência que me ajudou a superar no período do mestrado, o susto de uma tentativa de assalto (seis pontos na cabeça) na rodoviária de Florianópolis, durante o Congresso Internacional Fazendo Gênero 7 e a aprovação de uma cirurgia complicada.

AGRADECIMENTOS

Os créditos e agradecimentos em um trabalho acadêmico envolvem muitos receios, entre eles, esquecer de agradecer pessoas que foram, direta ou indiretamente, importante durante o período de construção deste trabalho. Portanto, desde já me redimo de não citar algumas dessas pessoas que fugiram de minha memória. Mesmo embora, muitas pessoas estejam te auxiliando, elas não preenchem a solidão de escrever, condição essa importante no processo de criação e escrita do texto dissertativo, mas é impossível não agradecer:

Agradeço a minha amada mãe, que acreditou em meu potencial intelectual e tornou possível a conclusão dos meus estudos acadêmicos, se esforçando para que nestes períodos nunca me faltasse nada que lhe tivesse ao alcance, com sua maneira preocupada, afetuosa e superprotetora. Mulher de fibra, muitas vezes maltratada pela vida, mas que sempre me ensinou valores que me constituiu como uma pessoa mais solidária.

Às minhas irmãs Jane, Daianne e Laís pelo carinho compartilhado, e à minha sobrinha Luma, que com seu sorriso e alegria me faz pensar no renascer das vidas.

Ao meu pai e meus avós *in memorian*. Em especial a minha saudosa avó materna Zilda, minha segunda mãe, minha grande saudade, que mesmo sem saber ler e escrever, me ensinou a valorizar as pessoas e a vida, assim como mostrou o valor dos estudos desde muito cedo - uma vez que foi impossibilitada de estudar por sua história de vida marcada por questões de gênero, cultura e classe social e econômica. Com minha avó aprendi a ser teimoso, pois se ela dizia que um elefante cabia em uma caixa de sapato, ela o fazia, demonstrando todos os procedimentos possíveis; para ela o impossível era não tentar tornar as coisas possíveis. Foi também com minha avó que aprendi a ouvir e a contar história reais e fantasiosas, algumas histórias pessoais, outras da crença coletiva.

Pela ótima orientação e condução teórica do texto dissertativo, agradeço ao meu orientador Fernando Silva Teixeira Filho, a *peixinha Dóris* do desenho animado "*Procurando Nemo"*, que embora esquecesse muitas coisas durante o período que trabalhamos juntos, não esqueceu de afastar a sisudez da hierarquia acadêmica e permitiu uma relação de cumplicidade, descontração e amizade, onde era de mão dupla a admiração e o respeito à pessoa e ao profissional que somos.

Ao professor Wiliam Siqueira Peres, que nunca me disse o que escrever, mas abriu meus olhos para que eu percebesse meu potencial crítico-social, me incentivando a ingressar

em um programa de pós-graduação. Isso me faz lembrar do período do ensaio da peça *"Quero viver de dia"* (de sua direção) e das *nossas* oficinas sobre cidadania com as travestis do município de Londrina-PR, onde organizávamos tempo para nossos momentos foucaultianos e *queers* de leituras, regado a muita poesia, MPB e amizade. O mesmo digo aos professores Paulo Carvalho e Sônia Mansano da Universidade Estadual de Londrina-PR que, de muitas formas e de poucas palavras, me incentivaram às leituras *subversivas,* a fim de que eu pudesse ter uma visão mais crítica das construções sócio-históricas dos acontecimentos.

Ao meu yorkshire Gucci, que ficava literalmente em meus pés quando dos meus afazeres acadêmicos e que parecia dizer com seu olhar canino, sempre quando eu estava cansado: "*Vai! Continua! Se você sofrer mais um pouquinho você termina esse parágrafo e pode ir dormir!"*

Às minhas amigas Ieda, Lílian Sasaki, Lílian Nascimento, Sabrina Sampaio, Paula Ameko, Mirtes Menezes, Christie Morais e Flávia Carvalhaes pelo carinho, apoio e por momentos que compartilhamos e nos auxiliamos ao longo da nossa vida pessoal e acadêmica. Ainda, à Mirtes por me apontar, por sua experiência, o que não fazer durante o mestrado. Aos amigos Mauro Marcos, Lázaro Rodrigo, Márcio Donegá, Lycurgo Andrade e, ao meu amigo Muriel Amaral, que ao meio a gargalhadas e solidariedade, esteve presente neste período do mestrado. Em especial ao Ettore, pela paciência, sensibilidade e afetividade em cuidar de mim, de maneira muito solidária no momento em que passei por uma cirurgia complicada e em outros momento de cumplicidade.

Aos funcionários da secretária do Programa de Pós-graduação em Psicologia da UNESP/Assis-SP, em especial, à Miriam, pelo carisma, simpatia e assertividade, mesmo quando tinha que cobrar documentos ou passar alguns informes.

Aos companheiros de mestrados que estavam na mesma situação de construção, medo, ansiedade, de recomeços e desfechos das dissertações, em especial à Letícia Sarzedas, Patrícia Lepri e Lívia Toledo.

Aos professores do referido programa, que ministraram disciplinas ou não, mas que quando acionados se mostraram acessíveis e dispostos em auxiliar.

Aos participantes, por terem autorizado a utilização das nossas interações, as quais foram repletas de cumplicidade e respeito. Às pessoas que encontrei nos lugares onde realizei minhas observações participativas, que de uma forma ou outra, funcionaram como disparates para que eu pudesse refletir as questões que perpassam toda a sociedade em relação com a temática pesquisada.

Às pessoas que freqüentavam e/ou trabalhavam nos lugares onde desenvolvi meus préstimos profissionais, seja nas ONGs, em clínica ou como funcionário público. Aos profissionais, militantes e estudantes, os quais encontrei em congressos, seminários, capacitações, cursos e simpósios.

Por fim, a Deus, a Vida, a Natureza e aos sentimentos bons que nos regem.

A porta da verdade estava aberta
mas só deixava passar
meia pessoa de cada vez.
Assim não era possível atingir toda a verdade,
porque a meia pessoa que entrava
só conseguia o perfil de meia verdade.
E sua segunda metade
voltava igualmente com meio perfil.
E os meios perfis não coincidiam.
Arrebentaram a porta. Derrubaram a porta.
Chegaram ao lugar luminoso
onde a verdade esplendia os seus fogos.
Era dividida em duas metades
diferentes uma da outra.
Chegou-se a discutir qual a metade mais bela.
Nenhuma das duas era perfeitamente bela.
E era preciso optar. Cada um optou
conforme seu capricho, sua ilusão, sua miopia.
(A verdade dividida – Carlos Drummond de Andrade)

NASCIMENTO, Márcio Alessandro Neman do. **Homossexualidades e homossociabilidades: hierarquização e relações de poder entre homossexuais masculinos que freqüentam dispositivos de socialização de sexualidades GLBTTT.** Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Assis, 2º Semestre de 2007.

RESUMO

Este trabalho problematiza a questão dos modos de subjetivação e as relações hierárquicas e de exercício de poder que gravitam em torno das homossexualidades masculinas, freqüentadores de dispositivos (lugares) de socialização de sexualidades GLBTTT. Descrições históricas indicam que desde a Grécia Antiga, sanções às práticas homoeróticas são recorrentes, porém, é com o surgimento do personagem homossexual no século XIX que as injúrias e perseguições se direcionaram para o sujeito homossexual. Ainda que, ambientes freqüentados para encontros homoeróticos sempre existiram, é apontado pela história que, a partir do século XIV, idéias eugenistas, higienistas e heteronormativas enfocaram na segregação de lugares e programas familiares em contraposição a lugares onde se aglutinavam as *escórias* da sociedade, os quais deveriam ser tratados com diferenciação e violência. Partindo do exposto, surgem os dispositivos de socialização freqüentados também por homossexuais, os chamados popularmente, por esses freqüentadores, *guetos gays*. No entanto, é fato que a violência sofrida pelos homossexuais, sugere um novo caráter expressivo e crescente – a relação de poder e hierarquização entre os próprios homossexuais. O objetivo deste trabalho é descrever as relações estabelecidas entre os homossexuais que freqüentam estes dispositivos e o sentido que estes lugares tiveram e vêm adquirindo ao longo de suas existências, partindo dos pressupostos teóricos dos estudos culturais e de gênero de autores pós-estruturalistas. Para tal pesquisa, realizaram-se observações etnográficas nestes locais em um município do interior paranaense, assim como se realizaram entrevistas prolongadas com freqüentadores selecionados e que ocasionaram em análises das narrativas de histórias de vida destes personagens-participantes. As análises das incursões em campo e das entrevistas apontaram que a condição homossexual e as vivências homoeróticas não implicam em dizer que esses atores sociais, produtos e produtores de práticas sociais, estejam isentos de serem subjetivados pelo contexto histórico sócio-político-cultural marcado pela heteronormatividade, pelo sexismo e machismo entre outros, pregados também pelas instituições religiosa, familiar e científica. Sobre os dispositivos de socialização GLBTTT analisou-se que estes lugares são destinados ao lazer, expressão das sexualidades, convívio e cumplicidade, entretanto, mesmo sendo menos coercitivos que os estabelecimentos freqüentados por pessoas supostamente heterossexuais, também (re)produzem práticas sociais homofóbicas na ordem da hierarquização e exercício de relação de poder entre os próprios homossexuais, revelando conteúdos homofóbicos interiorizados demonstrados em práticas que perpetuam a diferenciação e expressões de preconceito dentro da própria diversidade sexual, sugerindo que determinados grupos de homossexuais estejam mais vulneráveis à violência.

PALAVRAS-CHAVE: Homossexualidades, dispositivos de socialização GLBTTT e homofobia.

NASCIMENTO, Márcio Alessandro Neman do. **Homosexualities and homosociabilities: hierarchy and power relations among male homosexuals who attend the GLBTTT sexualities socialization spots. Dissertation (Masters in Psychology) – Science and Languages College of Assis**, "Júlio de Mesquita Filho" São Paulo State University, Assis, 2º Semester, 2007.

ABSTRACT

This study problematizes the ways of subjection and hierarchical relations and also the power actions that surround male homosexulaties, attenders of GLBTTT sexualities socialization spots (places). Historical descriptions show that since Ancient Greece, punishments for homoerotic practices were carried out, nevertheless, it was with the appearance of the homosexual character from the XIX century that those injuries and persecutions headed towards the homosexual character. Even though spots attended by homoerotic meetings have always existed, it is shown through history that, since the XIV century, eugenistic, hygienistic and heteronormative ideas focused on the segregation of places and family programs and also in opposition to places where the society *mob* gathered, which should be tread with differentiation and violence. Due to the aforementioned, socialization spots also attended by homosexuals are creaated, the popularly so-called, by these attenders, *gay ghettos*. However, it is a fact that the violence faced by these homosexuals suggests a new expressive and growing character – a power and hierarchy relation among the homosexuals themselves. The objective of this study is to describe the relations established among homosexuals who attend these spots and the meaning that these environments have had and are acquiring through their existence, based on cultural and gender studies from post-structuralist authors. In order to perform such research, ethnographic observations were carried out in those places in an inland town from Parana State, as well as long interviews with selected attenders what resulted in analyses of these characters-participants´ lifetime narratives. The analyses of the field incursions and interviews showed that homosexual condition and homoerotic experiences do not implicate in saying that these social actors, products and producers of social practices, are exempted from being subjected by the social-political-cultural historical context highlighted by heteronormativity, sexism and chauvinism among others also preached by either religious, familiar and scientific institutions. About the GLBTTT socialization spots, it was analyzed that these places are destined to leisure, sexuality expression, convivial gathering and complicity, however, even being less coercive than the establishments attended by people supposedly heterosexuals, they also have social homophobic practices in a hierarchical order and in a power relation among the homosexual themselves, showing internalized homophobic contents demonstrated in practices that perpetuate differentiation and prejudice expressions inside its own sexual diversity, suggesting that certain homosexual groups are more vulnerable to violence.

KEYWORDS: Homosexuality, GLBTTT sexualities socialization spots and homophobia.

SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO: "Senta que lá vem estória. A história de cada um de nós, a história de todos nós..."....13

2. INTRODUÇÃO....23

2.1 História da história das sexualidades e estudos de gêneros no pós-estruturalismo....23

2.2 Contextualizando as homossexualidades: história, dispositivo de socialização de sexualidades GLBTTT e homofobia e homofobia interiorizada....34

2.2.1 História das homossexualidades: "E então, criou-se o personagem homossexual..."....35

2.2.2 Os dispositivos de socialização de sexualidades GLBTTT e as suas relações de sociabilidades: "Lugares plurais..."....45

2.2.3 Homofobia e homofobia interiorizada como dispositivo de controle da heterormatividade: "Práticas sociais violentas que interditam o prazer de si e da vida do outro..."....60

3. JUSTIFICATIVA....70

4. OBJETIVOS....71
4.1 Objetivo Geral....71
4.2 Objetivos específicos....71

5. MÉTODO: Da construção do objeto e do método de pesquisa....72

5.1 Da construção do objeto de pesquisa: incursões ao campo....72

5.2 Da construção do método de pesquisa: a narrativa de histórias de vidas - "O era uma vez... como método..."....80

6. ITINERÁRIO NARRATIVO: "Narrando a história de quem conta a própria história..."....88

6.1 Itinerário da análise da narrativa 1 - A história de Henrique - "O homem invisível que tudo vê..."....90

6.2 Itinerário da análise da narrativa 2: A história de Marcos - "Da fervorosa religião à geração de camisinhas nas mãos..."....112

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS: "Quem conta um conto, aumenta um ponto... Finalizando o que não tem fim..."....132

8.REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....142

ANEXOS.....149

ANEXO A
Termo de Esclarecimento.....150

ANEXO B

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....152

ANEXO C

Roteiro disparador utilizado como norteador durante as entrevistas semi- estruturadas.....154

ANEXO D
Entrevista nº 1 – História de Henrique (1º momento).....156

ANEXO E
Entrevista nº 1 – História de Henrique (2º momento) 176

ANEXO F
Entrevista nº 2 – História de Marcos.....188

1. Apresentação: "Senta que lá vem à história. A história de cada um de nós, a história de todos nós..."

Deixa que digam/ Que pensem
Que falem/ Deixa isso pra lá
Vem pra cá/ O que é que tem
Eu não estou fazendo nada/ Nem você também...
(Deixa Isso Pra Lá - Jair Rodrigues)

A vida que me ensinaram como uma vida normal
Tinha trabalho, dinheiro, família, filhos e tal
Era tudo tão perfeito se tudo fosse só isso
Mas isso é menos do que tudo,
É menos do que eu preciso...
(Educação Sentimental II – Leoni, Paula Toller & Hebert Vianna)

(...) Abri os olhos/ Não consigo mais fechar
Assisto em silêncio/ Até o que eu não quero enxergar...
(Abri Os Olhos - Sandy Leah & Lucas Lima)

Vou seguir/ O chamado
Onde vai dar e onde vai dar/ Não sei...
(O Chamado – Marina Lima)

Por que e para que eu estudo as expressões das homossexualidades, e mais especificamente as relações existenciais, vivenciais e os lugares de socialização freqüentados pela população GLBTTT[1]?

Em primeiro lugar, é necessário me posicionar de qual discurso me aproprio e empodero minha *voz* para apresentar este estudo acadêmico.

Assumo a posição de cidadão, defensor dos Direitos Humanos, pesquisador social, militante, psicólogo e, principalmente, enquanto sujeito social, produto e produtor da história e que, em muitos momentos, vi minha história de vida atravessada por questões que me indignaram, seja por ter vivenciado na *carne viva* situações que me trouxeram mal-estar e, em muitos outros momentos, a indignação me *saltava aos olhos* por observar direta ou indiretamente, próximo ou de um espaço mais distante, contextos de violência pelas quais pessoas eram obrigadas a experienciar. Entretanto, vale ressaltar que as posições e/ou papéis sociais as quais me apresento, não aparecerão de maneira focalizada ou ordenada, pois é na

[1] Sigla que designa e representa o movimento social e político de gays, lésbicas, bissexuais, travestis, transexuais e transgêneros. Substitui a sigla GLS (gays, lésbicas e simpatizantes). Ver: TREVISAN, João Silvério. **Devassos no paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade**. 5º ed., Rio de Janeiro: Record, 2002.

conjuntura geral deste trabalho acadêmico que se formulou uma visão multifacetada dos fenômenos que envolvem as homossexualidades[2].

Estes contextos - os de violência, citados acima, são expressos, muitas vezes, pela violação dos Direitos Humanos, por meio de preconceitos, segregações, estigmas, injustiças e imposição social que causam muito sofrimento às pessoas que se autodenominam de orientação sexual homossexual ou presumem sê-los. Ou ainda, de muitas pessoas que não se observavam como sujeitos de direitos e nem sequer questionavam qual o lugar social (e suas conseqüências) ocupam os seus direitos à expressão de suas sexualidades, ou ainda, da suas existências.

Assumo ainda, o compromisso em estudar cada vez mais aspectos relacionados aos Direitos Humanos visando instruir, mais seguramente, outras pessoas sobre os direitos assegurados para que não sejam alvos do exercício do poder interditivo. Comprometo-me a difundir, sempre que possível, junto aos profissionais de quaisquer áreas que sejam e pessoas com as quais convivo ou atendo sobre as conseqüências *desumanas* causadas pelos estigmas, preconceitos, exclusões, discriminações de quaisquer sujeitos que expressem suas diferenças existenciais em relação às outras. Para tanto, utilizo como instrumentos: leis, histórias de sofrimento dessas pessoas e também discursos de como se pode pensar uma sociedade mais eqüitativa e que busque minimizar as injustiças sociais, se tornarmos *audíveis* os discursos dos E*studos Culturais* e dos *Estudos de* G*êneros*. Comprometo-me a buscar e a oferecer apoio às pessoas vitimizadas por preconceitos a denunciarem junto a autoridades e também junto à ONGs que trabalham com Direitos Humanos, situações que lhes tragam sofrimento, sejam eles físicos e/ou psicológicos.

Assim sendo, é da soma das experiências da minha biografia e da forma como os fatos sociais me atravessam e me afetam, que pensei esta pesquisa. Este meu *sentir* e *questionar* o lugar que ocupo e como o mundo se apresentava perante mim, foram condições importantes para que eu buscasse na militância e no meio acadêmico, não respostas, mas reflexões acerca do que propus pesquisar e diversas outras perguntas *silenciadas*.

Desde a mais tenra idade, me percebo vivendo em um mundo regido por regras e exigências do mundo heterossexual. Minhas roupas, como deveria me comportar, o tratamento diferenciado dado a mim e a minhas irmãs e, principalmente, o *olhar* que eu deveria ter em relação ao mundo e às pessoas. Recordo-me das vezes em que por

---

[2] O autor deste texto dissertativo se posiciona, de acordo com os autores pós-estruturalistas contemporâneos que realizam estudos de gêneros, a favor das pluralidades das expressões das sexualidades. Portando, não existindo uma homossexualidade no singular, mas homossexualidades.

sensibilidade ou medo me comportava de maneira pouco esperada para um *rapazinho* e era obrigado a ouvir: *"Ahhhhh, que isso! Homem não chora! Seja homem! Seja macho! Homem não tem medo disso!"*. Poderia relatar diversas outras situações, o que ocasionaria em muitas páginas autobiográficas (quem sabe as descrevo em outro momento oportuno!) onde descreveria falas, vivências e a construção de meus pensamentos frente aos fatos que exporiam a *confusão de gêneros* (o que é ser homem/mulher, feminino/masculino entre outros) ocasionada pela *ditadura e terrorismo* do binário sexual (conseqüência das desigualdades de gêneros), que me foi apresentada e imposta ao longo da minha vida em sociedade.

Lembro-me de personagens do meu município, entre eles, de Jorge (nome fictício), professor de séries iniciais, que tingia os cabelos de loiro, tinha óculos de aro *feminino* e se portava (gestos e vestuário) diferente de outros homens que eu conhecia. Ele morava sozinho, possui um olhar solitário e seus comportamentos suscitavam diversos comentários, que hoje entendo como sendo um discurso heterossexista (e a favor da homofobia), dos quais me recordo:

> [...] Coitado do Jorge, vive atrás dos homens da fábrica de cimento para tirar as botas sujas deles; Ele não entende que não é mulher? O que é que ele pensa? Coitado, depois que a madrinha morreu, vive sozinho naquela casa velha caindo aos pedaços. Ele nunca vai casar, vai ser sempre a "tia" da escola; Num sei como o Jorge ainda não apanhou, vive olhando para os homens casados e para os meninões, de certo que ainda leva umas na cara. Ou ainda: Ele não engana ninguém qual é a dele, a roupa e o jeitinho de andar diz tudo.

Estas falas ecoavam em minha cabeça, independente de minha orientação sexual, do meu desejo ou de minhas possíveis práticas sexuais, aquelas que me marcaram por conta da maldade e falta de humanidade que se fazia com Jorge, uma pessoa de aparência calma e solitária. Isso tudo me sensibilizava, mas era certo que não queria ser igual ao Jorge, pois pensava que era uma vida desgraçada, solitária e de (in)certezas de um amor possível. Era sabido por mim, que eu não queria viver sozinho, ser chamado pelo feminino de maneira pejorativa e agressiva e ter medo de *"levar umas na cara"* por olhar para alguém que me chamasse à atenção. Morria de medo da vida triste dele, morria de medo de desejar o que ele desejava e não saber lidar com tudo aquilo. Pensava como Jorge iria lidar com os impasses de sua vida, como driblaria o destino traçado a ele? Entretanto, concomitante a essa vivência desgraçada de Jorge, não entendia os pensamentos dele, que era amigo de profissão de minha

mãe, quando falava sobre homens com ela. Ele repudiava as *"bichas",* e se referia aos outros homossexuais de maneira degradante tanto quanto era dito a ele.

Ainda, no início da adolescência, havia adolescentes no colégio onde estudava que se comportavam ou tinham atitudes consideradas pelo senso comum, como sendo típicas de um *"viado*[3]*",* de uma *"mariquinha",* de uma *"mulherzinha"* entre outros. Chamar outro aluno de *gay* era o xingamento mais ofensivo e também uma boa justificativa para ir para a diretoria. Cantar *"Calúnias (Telma eu não sou gay)"* de Ney Matogrosso para algum menino era motivo de choro e/ou briga na certa. Lembro-me de meus professores intervindo quando havia alunos *diferentes* na sala de aula, mas a intervenção era restrita às diferenças dos deficientes que tinham limitações físicas e dos poucos negros que estudavam e deveriam ser respeitados, de acordo com as indicações das lições das cartilhas que ensinavam sobre gramática e construções de textos. Nunca ouvi algum professor falar sobre a diferença em sala de aula daqueles que eram chacoteados em tempo integral por ter sido identificado neles algum *traço que sugeria uma condição homossexual*. Em outros momentos, nos intervalos para o lanche, estas pessoas eram isoladas e quando tinham interações com os outros meninos, eles eram jogados em enormes latas de lixos que recolhiam folhas secas das árvores do pátio do colégio e restos de sanduíches.

Naquele colégio público daquele município do interior paulista, onde se avistava a violência devido ao racismo, à pobreza, à exclusão social, de um modo geral, era fato marcante que as homossexualidades não permitiam a aproximação com outros jovens, o que me fazia, já naquela época, apesar do medo, me questionar baixinho alguns conceitos estanques e cristalizados acerca do que a sociedade esperava que eu não fosse e como eu deveria agir com quem ousava desafiar os *costumes e bons modos cristãos*. Estes fatos me mostraram com maior propriedade como a questão das sexualidades sempre pareceu ser um impasse em todas as instituições sociais.

Também me lembro das coleções de selo, figurinhas, bolinhas de gude, latinhas de cerveja que muitos de meus amigos colecionavam na escola e eu também. O lema era: *"quanto mais diferente, mais interessante e de maior apresso"*. Era também de maior valor de troca e destaque na coleção. As danças que possuíam maior variabilidade de movimentos eram as mais legais, as roupas quanto mais diferentes, marcavam autenticidade e motivo para ser invejado. A busca pelo diferente também brotava nas aulas de biologia, na beleza e raridade dos insetos e animais. Entretanto, o *ser diferente* era tratado como exótico e bem

---

[3] Utiliza-se o termo *viado* ao invés de *veado*, para marcar a conotação pejorativa ao homossexual. O termo *veado* é referente ao animal.

aceito nestas ocasiões descritas acima, pois na vivência da diversidade, sejam elas quais forem, era impossível aceitar as diferenças do *distinto* como mais uma forma da existência da variedade e singularidade humana. As minhas coleções eram as mais coloridas e diversas, e acredito que já começava daí o meu interesse por culturas e povos diferentes e, principalmente, o fascínio por história de pessoas que estiveram em outros lugares ou experienciavam sensações únicas, enfim, pessoas que tinham algo a contar além do cotidiano em que habitavam.

Neste período, começava a colecionar de maneira curiosa e secreta, as narrativas de vida das pessoas, as quais me relatavam as suas histórias. Lembro-me que, a primeira tentativa de ouvir uma história de vida diferente foi dada por minha avó materna. A história era de uma amiga de minha avó, uma senhora polonesa, foragida de guerra e do nazismo. Ranzinza, viúva, não possuía filhos, portanto, não tinha nem para quem deixar seu único bem - uma casa velha no centro do pequeno município em que morava. Recordo-me sempre do pessimismo e do mau humor que ela tinha, quando minha avó me fazia ir visitá-la, como acompanhante. Minha avó sempre pedia para ir visitá-la, pelo fato da senhorinha sempre se queixar da solidão, que a acompanhou até o fim de seus dias. Até este fato, da morte da viúva polonesa, minha coragem não emergiu para que eu pudesse gravar uma entrevista com a tal senhora.

A partir da minha vivência em um município interiorano, a *confusão de gêneros* apenas começava e se estendeu até o recinto e aos bancos da Universidade, onde *aprendi* que realmente era *perigosa essa história de viver as homossexualidades.* Esta *aprendizagem* se desenvolvia com a observação de alguns professores que tinham atitudes e discursos reacionários e colegas da faculdade de psicologia, alguns evangélicos e católicos *fervorosos*, que em meio a sarcasmos e críticas, verbalizavam que *"a homossexualidade não era de Deus"* e que evitavam *"pessoas assim",* procurando não conviver com elas.

Nos dispositivos de socialização das sexualidades GLBTTT (termo a ser discutido neste trabalho), lugares de convivência freqüentado também por homossexuais ou os populares *guetos ou bares e boates GLS*, (onde também realizei observações participativas para esta pesquisa), notei que existia *"algo de podre no reino da Dinamarca"***,** parafraseando Hamlet**. N**estes lugares que se acreditava ser de comunhão e cumplicidade para com as vivências das diferentes expressões das sexualidades e dos estilos singulares de vida, não se apresentavam *tão abertos* e desprovidos de preconceitos e segregações.

Uma vez nestes lugares de socialização da diversidade sexual, onde era gritante notar que realmente os *gêneros estavam em chamas***,** observei agrupamentos e divisões marcadas,

que me remeteram a minha leitura de *"A divina comédia"* de Dante (1981) onde, de acordo com as infrações contra a ordem cristã (pecados), as pessoas eram classificadas e ocupavam lugar específico em um abismo de formato cônico que era formada por nove círculos, na qual a camada mais superficial ficavam os "pusilânimes*"* (aqueles que em vida não se definiram nem pelo Bem e nem pelo Mal, repelindo assim Deus, e não sendo aceito pelo Demônio) e a camada mais profunda onde encontravam-se os *traidores*, seja quais forem suas traições (a seus parentes, amigos, benfeitores e à Pátria).

Embora as pessoas tenham sido *conduzidas* pela heteronormatividade a estes lugares de socialização mencionados, partindo de uma idéia higienisista (separar a *escória* do convívio social), também é fato que a classificação foi referenciada pelos próprios freqüentadores destes lugares, onde os grupos dos *nós* e dos *eles* eram evidenciados. Isso tudo me assustava, pois o mundo apresentava mais *chato* e *perverso* do que parecia. Concomitante, às minhas vivências nestes lugares, observei em meu último trabalho[4], o despreparo, desinformação, desinteresse e a homofobia de funcionários para lidar com a questão das sexualidades naquela microfísica de poder.

No entanto, a dificuldade pode ter duas funções no meu ponto de vista: uma delas é a de desestimular, de causar estranheza, medo e evitação. No meu caso, ela teve a função motivadora, a qual me impulsionou a buscar conhecimento e a estudar as especificidades que circunscrevem as homossexualidades - onde se inclui a homofobia interiorizada e suas implicações na sociedade atual.

É fato que fui influenciado pela obra de Simone de Beauvoir (1980), na qual a autora inicia os estudos de gêneros, se atentando para a construção social dos gêneros e questionando "o que é uma mulher?" Ainda, Beauvoir (1967:09) conclui para suas reflexões que "ninguém nasce mulher: torna-se mulher". Partindo dos pressupostos desta autora, questionei em meus estudos: *"Nas construções sociais dos gêneros, o que diferencia um homem de uma mulher? O que entendemos por masculinidades e feminilidades? Como se tornar hétero ou homossexual? Como foi a trajetória das homossexualidades masculinas na história? Quais as conseqüências de se vivenciar estas homossexualidades?"*

---

[4] Atuei como psicólogo em um centro de sócio-educação para adolescentes masculinos em conflito com a lei e privados de liberdade durante o período de quase dois anos. Era aterrorizante saber que a descoberta de algum adolescente homossexual, por parte dos outros internos, poderia implicar em sua possível morte na primeira desestabilização (rebelião) por qual passasse a instituição.

Estudar as homossexualidades implica em explorar a história das sexualidades em sua completude, vendo-as como produtos de condições históricas específicas de cada época, de cada contexto e de cada acontecimento social.

Pesquisas acadêmicas relacionadas aos estudos de gêneros e das diversas práticas e expressões das sexualidades - constantes na referência bibliográfica - despontam como de grande relevância, sejam elas no âmbito acadêmico, de políticas públicas ou nas práticas sociais cotidianas. Estas pesquisas se organizam de maneira proeminente, uma vez que os estudos de gêneros e das sexualidades pertencem a uma categoria relacional (se definem na relação com o outro: macho-fêmea, homem-mulher, feminino-masculino, heterossexual-homossexual entre outros), dando importância aos aspectos das relações sociais de poder e subjetivação, ou seja, elas permitem a análise marcada pelos diferentes contextos culturais de distintas épocas, situações e narrativas históricas. Ainda, os estudos das (homos)sexualidades permitem refletir sobre questões arraigadas na contemporaneidade, tais como, relacionamento conjugal, adoção, crenças e tabus, valores morais e éticos, direitos civis e políticos, estilos de vida, socialização, processos de subjetivação, expressões de diferenciação (preconceito e estigmatização), violência (seja ela física ou subjetiva) entre outros.

Nesse sentido, a proposta do meu estudo é a de (re)pensar as práticas sociais homofóbicas, denunciando-as e pensando em outras alternativas de abrangência das singularidades, de maneira que possibilite as expressões das sexualidades e permita a busca de meios para minimizar o sofrimento imposto pela ditadura da heteronormatividade..

Ainda, como produção acadêmica e produto de conhecimento, esta pesquisa visa se tornar um material de fácil acesso, que possibilite informação, formação e transformação para psicólogos, psiquiatras, outros profissionais da área da saúde e de outras áreas que trabalham e se relacionam com diversos segmentos populacionais, onde se inclui as diversas expressões das sexualidades e dos estudos de gêneros. Senão para este fim, que sirva de sensibilização para o conhecimento da realidade das quais podem viver grande parte dos homossexuais e também para autoconhecimento e controle da própria homofobia, seja ela expressa socialmente ou interiorizada. Este trabalho investe também em possibilitar ao leitor deste texto, a importância da reflexão e da utilização dos estudos de gêneros e das sexualidades para a compreensão dos processos de subjetivação junto à população homossexual.

Mas como a questão homossexual se circunscreve na atualidade?

A sociedade contemporânea, (Casttels, 1999), vive processos de transformações desenfreados e profundos, alavancados por avanços biotecnológicos e informativos nos diversos segmentos da vida social. Essas modificações atingem todas as esferas sociais e

parecem influenciar o surgimento de novas formas de subjetivação e de discurso cultural, que se evidenciam na elaboração de práticas e representações de se viver dentro de cada grupo.

Modos de produção, estilos de vida, mercado de trabalho, geografia e arquitetura urbana, distribuição de renda e construção de relações de sociabilidades, poder e hierarquização são marcados e cartografados a partir de um enfoque sócio-histórico e cultural, em uma perspectiva foucaultiana genealógica[5].

Como epicentro de todas as discussões, deve estar assentada a pressuposição do homem e da mulher como produto e produtor(a) dos fatores históricos, sociais e culturais que influenciam todas as dimensões de sua vida em sociedade, inclusive, e de maneira pungente, a questão das *homossexualidades.*

Na produção de discursos científicos, filosóficos ou do senso comum, *as sexualidades, as diferentes orientações sexuais e as construções de gêneros*, em muitos momentos, ocuparam um papel de suma importância no eixo das discussões sociais. A apresentação da terminologia *gênero* no plural aparece na tentativa de ampliar o estudo de gêneros, como não sendo vinculado apenas aos estudos da feminilidade, mas contemplando mulheres e homens, masculino e feminino. Em referência a este assunto encontramos em Paiva (2002), que em seus estudos sobre a prevenção ao HIV/AIDS indica que as relações de "gêneros" e a busca da cidadania estão engendradas em muitas ações que envolvem políticas de prevenção. Entretanto, no meio a todos os avanços, gênero ainda é pensado e discutido como singular e feminino, referenciando as questões de violência e opressão contra a imagem da mulher, não se aprofundando nos estudos que contemplem o aumento da vulnerabilidade do gênero masculino.

Historicamente, segundo Weeks (1999), da Idade Média até o século XIX, as preocupações relacionadas ao sexo eram creditadas somente à Igreja e à filosofia moral. No século XX, essas discussões não permaneceram apenas na vida matrimonial e privada, mas adentraram explicitamente as discussões do poder político, sócio-cultural, econômico e das produções históricas, apresentada nas mais diversas formas expressivas, como os rituais, códigos e linguagens.

---

[5] A obra do Foucault genealógico pode ser encarada como uma estratégia que busca os agenciamentos, as emergências dos saberes discursivos, descrevendo a emergência dos acontecimentos que atravessam a produção da subjetividade, partindo da tríade poder-saber-sujeito, ou seja, nos campos político, do conhecimento e do cuidado de si. Rabinow & Dreyfus (1995) indicam que a genealogia em Foucault pressupõe uma posição frente aos fatos que ocorrem na história social, adiantando que os fatos humanos são raros e construídos culturalmente, portanto, não naturais. Desse modo, a genealogia do sujeito moderno se desvincula da tradição filosófica que compreende o homem como essência, estrutural, natural e busca enxergá-lo como o produto de uma série de processos sociais e políticos que o constitui como ser histórico.

Na contemporaneidade, como sugere Castells (1999), época marcada principalmente pela informática, pela globalização, pelas tecno-economias e relações virtuais – observa-se entre as produções mais proeminentes, as representações da (re)produção de desigualdades sociais entre as variações da diversidade cultural, apresentadas sob a forma do exercício da marginalização e discriminação dos sujeitos, das práticas e das expressões das sexualidades.

Teorias biologizantes (dirigidas para a genética, para a fisiologia reprodutiva e para a relação sexo e corpo), teorias psicologizantes (possíveis traumas de infância ou supostos abusos sexuais, decepções amorosas, subversão e tendência à perversão e a marginalidade), teorias religiosas e espirituais (karma, pecado e possessão) são especulações que parecem pouco contribuir para a busca da minimização da ascensão da violência e ódio em relação aos homossexuais (homofobia), ao mesmo tempo em que produz *desarranjos* sociais na ordem da diferenciação, hierarquização e classificação social.

Em relação específica aos sujeitos que se autodenominam homossexuais masculinos, a qual o presente trabalho investiu em estudar, nota-se um excesso de informações acerca dessa cultura. As homossexualidades são, ainda hoje, uma temática que incita religiosos, sociólogos, filósofos, antropólogos, médicos, advogados, psicólogos e psicanalistas a buscarem explicações acerca da *origem* e *causas*, costumes e práticas desta população.

Embora seja psicólogo de formação, neste trabalho não pretendo buscar explicações acerca da origem e das possíveis causas das homossexualidades, pois assumo a posição de Spencer (1999:10) que defende que a "homossexualidade não deveria ser explicada, ela apenas existe." Dessa maneira, não pretendo desenvolver estudos pautados na psicologia individual, onde as discussões sobre as sexualidades não progridem há um século, muito menos apelar pelos estudos da psicologia masculina. Desse modo, me proponho a estudar aspectos da subjetividade homossexual, buscando identificar as condições sociais referenciadas nas expressões da tradição, cultura, economia, princípios éticos e morais, relações hierárquicas entre as divisões sociais e as relações de gêneros, do controle disciplinar e do dispositivo da sexualidade.

Também corroboro com a análise de Castañeda (1999), que analisa as homossexualidades não como temática limitada apenas às pessoas que vivem uma tragédia pessoal; as compreendo, na contemporaneidade, como temáticas que extrapolam e se abrigam em todas as discussões de ordem social, sejam elas constituídas por instituições tradicionais ou acontecimento recente da história. As homossexualidades quando não vistas apenas como uma questão relacionada ao sexo biológico (genitalização), passam a pertencer também às questões de gêneros, o que permite avançar em diferentes paradigmas que podem permear as

relações de amizade, amor, práticas sexuais, sobre as possibilidades de existência e produções em sociedade e sobre os papéis que cada um desempenha.

Costa (1995) analisa que o relatório *Kinsey*[6] (realizado em 1948), foi de grande importância para as produções de conhecimento sobre o *homoerotismo*[7], marco histórico que auxiliou no avanço dos estudos sobre esta temática. Costa (1995:19), ainda, critica a insistente idéia *naturalizada* em chamar as pessoas de homossexuais, pois acredita que ao denominarem alguém de homossexual, estão tentando "buscar qual o trauma, o desejo, a fantasia, a estrutura, a perversão, a neurose, a fixação, a regressão, o gene, em suma, qual a forma estável ou a essência imutável da homossexualidade."

Desse modo, o saber, de acordo com Foucault (2003a), seja ele nas ciências biológicas ou nas ciências humanas ou trazidas pela filosofia moral cristã, mostra-se em muitos momentos, marcado por implicações e informações que autorizam a propagação de práticas sociais que refletem no estabelecimento e na manutenção de estigmas e do exercício do preconceito acerca do fenômeno das homossexualidades. A terminologia "estigma" será tomado como sendo processos de estigmatização, de acordo com Parker & Aggleton (2001), na qual pode ser compreendido como sendo uma manifestação processual, contextual, histórica, empregado estrategicamente a favor do poder, sendo que produz e reproduz relações e desigualdades sociais. Esta manifestação pode iniciar na família e se seguir, de forma somativa, ao longo da vida dos sujeitos, em diversas esferas da vida humana e nas diversas instituições sociais. Dessa maneira, amplia e dinamiza (no sentido da plasticidade) o termo "estigma", utilizado anteriormente por Goffman (1988), o que possibilita pensar as interfaces de categorias de análise que potencializam este conceito, de modo complementar, somativo e crescente. Também se pensa sobre as práticas sociais violentas contra grupos não somente de homossexuais, mas também outros grupos que não correspondem ao imposto pelos modos de subjetivação heteronormativa, baseada na idéia do binário sexual.

---

[6] O trabalho realizado por Alfred Kinsey era voltado às variações individuais encontradas nas espécies das vespas, assim como também se propôs a pesquisar o comportamento sexual humano. A publicação de *O comportamento sexual dos homens* defendeu a tese de que as variações sexuais se apresentam de maneira vasta e inclassificável.

[7] Jurandir Freire Costa (1995) usualmente prefere não usar termos como homossexual, homossexualidade, homossexualismo, por considerá-los como sendo o vocabulário da marcação, do preconceito. Ao invés de utilizar esses termos citados, ele usa "homoerotismo" para referir-se às condutas ou sujeitos que fazem sexo com pessoas do mesmo sexo biológico. O autor deste texto dissertativo utilizará o termo homossexual para referir-se a homens que fazem sexo com outros homens e se autodenominam como tal e, também, devido à convergência com diversos autores que não utilizam o termo como sendo a propagação da estigmatização ou preconceito, mas como uma forma de denominar sujeitos e ações do fenômeno homossexual.

2. Introdução

(...) O macho adulto branco no comando
E o resto ao resto, o sexo é o corte, o sexo...
(O estrangeiro - Caetano Veloso)

2.1 História da história das sexualidades e estudos de gêneros no pós-estruturalismo

Enquanto os homens exercem seus podres poderes
Índios e padres e bichas, negros e mulheres
E adolescentes/ Fazem o carnaval
Queria querer cantar afinado com eles
Silenciar em respeito ao seu transe, num êxtase
Ser indecente, mas tudo é muito mau
Ou então cada paisano e cada capataz
Com sua burrice fará jorrar sangue demais...
(Podres Poderes – Caetano Veloso)

Refletir sobre as sexualidades pressupõe compreender as mesmas como uma das condições da existência humana nos mais diversos sentidos, além do biológico. Diferentemente de outras espécies de animais sexuados que acasalam com a finalidade de procriação, o ser humano pode ter no *ato sexual*, uma maneira de buscar prazer, expressar subjetividade, sentido e significado, intermediado pelas relações interpessoais estendidas em um dado contexto sócio-histórico e cultural.

Sendo assim, remeter-se às construções históricas das sexualidades implica em investigações sob uma perspectiva histórica de como a sexualidade do ser humano foi, em muitos momentos, cristalizada para produzir *saberes e verdades* que perduraram pelos três últimos séculos na sociedade ocidental. Desse modo, produziram-se subjetividades que permearam o cotidiano e o que entendemos na atualidade por conceitos e vivências tais como: sentimentos, desejos, paixões, vidas conjugais, prazeres, sexos, corpos, gêneros, orientações sexuais, construções de papéis sociais, identidades, estigmas, preconceitos, diferenciações (questões acerca das vulnerabilidades às violências de gêneros, DSTs e dos fenômenos que envolvem o paradigma do HIV/AIDS).

A idéia primeira em contemplar este trabalho com o pensamento foucaultiano justifica-se pelo fato de que este capítulo fornece subsídios reflexivos para pensar a questão da construção social das homossexualidades e suas conseqüências na atualidade assim como

entender as relações estabelecidas pelas populações que freqüentam os lugares que foram palco de minhas observações e subseqüentes análises.

Em seguida, a busca pela trajetória do pensamento foucaultiano se faz valer pela maneira e o sentido por qual este filósofo orienta de maneira crítica a construção social das sexualidades de um panorama geral através da história. A visão deste filósofo, enfatizada aqui, não permite observar o homem como uma construção essencialista e naturalista, firmada em bases biológicas, onde se enfatiza as funções fisiológicas do sexo biológico.

Dessa forma, não se encontra em Foucault (2003c:09) a visão da sexualidade[8] pautada em "reconstruir uma história das condutas e das práticas sexuais de acordo com suas formas sucessivas, sua evolução e difusão", e muito menos em analisar as representações científicas, religiosas ou filosóficas dadas aos comportamentos sexuais.

Portanto, o referido filósofo se afasta da idéia da sexualidade invariante que está sujeita a hipótese repressiva das sexualidades e também rejeita a patologização ou o *status* de perversão em relação às experiências do ser humano com sua sexualidade.

O prisma da filosofia foucaultiana, possivelmente, não é a única ótica e não esgota os discursos sobre a discussão das sexualidades na atualidade. A proposição é confirmada, de acordo com a própria colocação de Foucault no artigo "*Sobre a história da sexualidade"* quando defendia que suas obras não eram fechadas e permitia *buracos* a serem preenchidos, indicando que: "Não quis dizer "Eis o que penso", pois ainda não estou muito seguro quanto ao que formulei. Mas quis ver se aquilo podia ser dito e até que ponto podia ser dito." (Foucault, 2003b:243)

Em Vigiar e Punir, Foucault (1987) marca a ampliação de suas táticas de compreensão das relações humanas antes referenciadas apenas pelos estudos da arqueologia e, emprega a genealogia como mais uma estratégia de conhecimento do uso e exercício do poder. A obra citada não apenas discorre sobre o "nascimento da prisão", mas principalmente, busca o entendimento das novas estratégias de poder, de controle social, e uma nova realidade, o assujeitamento do sujeito, baseada num investimento político do corpo e na transformação deste corpo investido pelas relações de poder em uma sociedade disciplinar.

Após a publicação de Vigiar e Punir, Foucault publica o primeiro volume de sua História da sexualidade: a vontade de saber, onde continuava apresentando assuntos tais como: a teoria do poder, a constituição da sociedade disciplinar, a fabricação do sujeito, o

---

[8] Foucault utilize o termo sexualidade no singular, pois somente com os trabalhos advindos dos estudos de gêneros e os seus autores contemporâneos é que iniciou a pensar sexualidade no plural – sexualidades. Entretanto, é fato que o referido filósofo e seus escritos foram acontecimentos de extrema importância para se refletir termos tais como sexualidade, homossexualidade, gênero entre outros, no plural.

corpo objetivado pelo dispositivo da sexualidade entre outros. A ampliação dos seus estudos contempla, ainda, o investimento do poder sobre os corpos, mais especificamente, a formação de subjetividades pelo dispositivo da sexualidade, por meio de um discurso intensivo sobre o sexo, incitação de sexualidades e a constituição do objeto *sexo*.

Segundo Foucault (2003c), o termo "sexualidade" apareceu tardiamente, já no século XIX, sendo estabelecido em relação a outros fenômenos, a saber:

> [...] o desenvolvimento de campos de conhecimentos diversos (que cobriram tanto os mecanismos biológicos da reprodução como as variantes individuais ou sociais do comportamento); a instauração de um conjunto de regras e de normas, em parte tradicionais e em parte novas, e que se apóiam em instituições religiosas, jurídicas, pedagógicas e médicas; como também as mudanças no modo pelo qual os indivíduos são levados a dar sentido e valor à sua conduta, seus deveres, prazeres, sentimentos, sensações e sonhos. (FOUCAULT, 2003c:10)

Partindo desses pressupostos, observa-se que por meio de *experiências,* os sujeitos se percebem como dotados de desejo (ser desejante) e como tendo uma *sexualidade* que se insere dentro de um contexto que envolve vários campos do conhecimento que, por sua vez, sugere reconhecer um sistema repleto de regras e punições. Compreender as sexualidades, portanto, como *experiência*, implica no entendimento de que esta esteja correlata em uma dada cultura atravessada pelos campos dos saberes, dos tipos de normatividade e de formas de subjetividade dentro de um contexto sócio-histórico, cultural e político. Ainda, Foucault (2003c) aponta que existem três eixos correlativos que constitui instrumentos suscetíveis de analisar as sexualidades como experiências historicamente singulares, que são:

> [...] a formação dos saberes que a ela se referem, os sistemas de poder que regulam suas práticas e as formas pelas quais os indivíduos podem e devem se reconhecer como sujeitos dessa sexualidade. (FOUCAULT, 2003c:10)

E ainda reforça o empreendimento de sua análise:

> [...] a propósito do poder punitivo e das práticas disciplinares – deu-me os instrumentos dos quais necessitava; a análise das práticas discursivas permitia seguir a formação dos saberes, escapando ao dilema entre ciência e ideologia; a análise das relações de poder e de suas tecnologias permitia focalizá-las como estratégias abertas, escapando à alternativa entre um poder concebido como dominante ou denunciado como simulacro. (FOUCAULT, 2003c:10)

À luz do pensamento do filósofo francês Michel Foucault (1926-1984) que investiga a sexualidade humana como constituída e consolidada como um dispositivo histórico do poder e de objeto de controle (sustentados pelo conceito de bio-poder, na qual estão pulverizados e dispersos na sociedade, agindo sobre os corpos de maneira normatizadora), é que se adota como subsídio teórico para reflexionar o entendimento da construção social do que tomamos como *sexualidades*.

Para pensar as sexualidades como dispositivo histórico do poder é necessário compreender a concepção de poder para o referido pensador. A inovação reveladora trazida por Foucault em toda a sua obra é a análise do poder que não é conjugado com a visão tradicional de como ele é entendido pelo senso comum. Para o autor, o poder foi, em um certo período histórico, centralizado no Estado, no Soberano, na Lei que tinha como objetivo reprimir a sexualidade do homem. Entretanto, mesmo embora seja fato que haja interdição e controle do Estado sobre as sexualidades, também é fato que a interdição não é a única possibilidade de entender as circunstâncias de como o discurso sobre a história das sexualidades se apresentou nas sociedades a partir da Idade Moderna. Foucault (2005a:17) esclarece:

> É necessário deixar bem claro: não pretendo afirmar que o sexo não tenha sido proibido, bloqueado, mascarado ou desconhecido desde a época clássica; nem mesmo afirmo que a partir daí ele o tenha sido menos do que antes. Não digo que a interdição do sexo é uma ilusão; e sim que a ilusão está em fazer dessa interdição o elemento fundamental e constituinte a partir do qual se poderia escrever a história do que foi dito do sexo a partir da Idade Moderna. [...] (FOUCAULT, 2005a:17)

Partindo da citação acima, observa-se em Foucault (2005a) que a "hipótese repressiva" sobre o sexo é refutada como justificativa ao poder, à medida que se entende o seu conteúdo emblemático como destituído de autoridade centralizada e exclusiva do Estado (instituições e aparelhos garantidores da sujeição). Para o autor, portanto, existem interesses discursivos que sustentam a idéia de que haja uma relação entre o sexo e o poder, pois o sexo ter sido reprimido, leva-o a ser colocado no centro do discurso. O que se contesta é o discurso corrente de que o sexo teria capacidades libertárias intrínsecas, uma vez que, se ele é reprimido, bastaria sua liberação para a constituição de uma nova sociedade livre. Esse discurso é o produto do dispositivo da sexualidade, que tenta valer de que o sexo estava sendo reprimido quando, de fato, estava sendo constituído como objeto de ciências cuja extensão social se tornava cada vez maior. Assim sendo, a onipresença do poder não constitui em um

poder superior que age de forma repressiva, mas pelo contrário, se constitui na impossibilidade de localizá-lo, de laçá-lo, de identificá-lo. Sobre a onipresença do poder Foucault (2005a:89) indica:

> [...] não porque tenha o privilégio de agrupar tudo sob sua invencível unidade, mas porque se produz a cada instante, em todos os pontos, ou melhor, em toda relação entre um ponto e outro. O poder está em toda parte; não porque englobe tudo e sim porque provém de todos os lugares. (FOUCAULT, 2005c:19)

A concepção do poder que atua sobre o sujeito e a sociedade de maneira pulverizada permite entender o que seria e como age o dispositivo da sexualidade. Foucault demarca em três momentos o que se entende por dispositivo:

> [...] um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. (FOUCAULT, 2003b:244)

> [...] tal discurso pode aparecer como programa de uma instituição ou, ao contrário, como elemento que permite justificar e mascarar uma prática que permanece muda; pode ainda funcionar como reinterpretação desta prática, dando-lhe acesso a um novo campo de racionalidade. Em suma, entre elementos, discursivos ou não, existe um tipo de jogo, ou seja, mudanças de posição, modificações de funções, que também podem ser muito diferentes. (FOUCAULT, 2003b:244)

> [...] como um tipo de formação que, em um determinado momento histórico, teve como função principal responder a uma urgência. O dispositivo tem, portanto, uma função estratégica dominante. (FOUCAULT, 2003b:244)

O dispositivo, embora seja definido como uma estrutura heterogênea (o que sugere a dificuldade da busca do seu desdobramento) também é fato que ele possui um certo tipo de engendramento no que tange a predominância de um objetivo estratégico que exige continuamente a manutenção da rearticulação, do reajustamento dos elementos heterogêneos que aparecem de maneira dispersa. Foucault (2003c:246) indica que, por sua natureza estratégica, o dispositivo envolve "uma certa manipulação das relações de força, de uma intervenção racional e organizada nestas relações de força", visando intervir e utilizar estas, de maneira a direcioná-las, bloqueá-las, estabilizá-las entre outras ações. Ainda, o dispositivo se insere em um jogo de poder, estando sempre conectado a uma ou outra configuração de saber que surgem dele ou também pode condicioná-lo, ou seja, se apresenta como "estratégias

de relações de força sustentando tipos de saber e sendo sustentadas por eles." (Foucault, 2003c:246)

Em Foucault (2005a), encontramos que o dispositivo como conjunto de práticas discursivas (enunciados e proposições verbalizados) e não discursivas (materialização do dispositivo – instituições, arquiteturas, medidas e regulamentos administrativos como, por exemplo, prisão, quartel, manicômios, convento, escola entre outros) extrapolam as instâncias jurídicas do poder (Estado e Lei) e atuam com mecanismos e articulações próprias de sujeição, controle e normatização sobre a vontade do sujeito e sobre seu cotidiano. Foucault (2005a) indica que a lei - com o surgimento dos Estados Modernos - funciona mais como norma (não que a Lei perca sua função), se integrando e fazendo parte de um *continuum* de aparelhos médicos, administrativos entre outros (que possuem função reguladora), uma vez que, a sociedade que normaliza é produto histórico de estratégias e tecnologias de poder que focam na vida do sujeito.

Neste contexto, afirma-se que a sexualidade é um dispositivo histórico muito eficiente de exercício do poder nas sociedades ocidentais, não no sentido de ser rígido, mas por ser dotado de uma grande variação de instrumentalidade:

> [...] utilizável no maior número de manobras, e podendo servir de pontos de apoio, de articulação às mais variadas estratégias que circunscrevem nas relações de poder entre homens e mulheres, entre jovens e velhos, entre pais e filhos, entre educadores e alunos, entre padres e leigos, entre administração e população. (FOUCAULT, 2005a:98)

O dispositivo da sexualidade desponta como um norteador dos estudos das sexualidades e estudos de gêneros observando quanto ao trato que se deu ao longo da história ao exercício da disciplina e da regulação das populações quando se trata de expressões das sexualidades.

Vemos em Foucault (2005b), no texto "*Direito de Morte e Poder sobre a Vida"*, que o poder sobre a vida se desenvolveu de duas maneiras: a primeira, a partir do século XVII, focando no corpo como máquina, o adestrando, aumentando suas habilidades, extorquindo suas forças, concomitante a docilidade deste corpo diante dos sistemas de vigilância (controle) por meio dos procedimentos disciplinares, ou seja, sugerindo uma anátomo-política do corpo humano. A segunda maneira se deu em meados do século XVIII, centrando-se no corpo espécie, transpassado pela dinâmica desse corpo enquanto ser vivo e enquanto sustentáculo de processos biológicos, no que tange aos nascimentos e mortalidades, graus de saúde, longevidade e as condições que podem interferir na duração da vida biológica.

Estes dois processos acima citados são assumidos a partir de uma série de intervenções e regulações que sugerem uma nova forma de disciplina: o bio-poder ou uma bio-política da população. Ainda, estas duas formas de bio-poder – as disciplinas do corpo e as regulações das populações - favoreceram estratégias de poder sobre a vida dos sujeitos, suas práticas e seus prazeres. (Foucault, 2005b)

O modelo antigo da potencialização de morte (anterior ao século XVII) foi substituído gradualmente pela disciplinarização dos corpos e da regulação da vida das populações, não procurando mais modos de matar, mas sim em investir sobre a vida, pois esta agora pertence aos campos do saber e da intervenção do poder. Por meio destas estratégias de controle, permitiu-se o surgimento de diversas tecnologias anatômicas e biológicas, individualizantes e especificantes.

O poder soberano se outrora atuava sobre os corpos na forma dos suplícios, agora, é sabido que ele se manifesta em outras formas, exercendo disciplinas sobre os corpos e sobre as sexualidades, sendo assim, constituindo uma relação onde *domestica* sujeitos na medida em que esse poder os atravessa, os subjetivando, no sentido de assujeitamento.

O exercício do poder não permite produzir apenas sujeitos passivos, mas também sujeitos produtivos e úteis; no sentido de *corpos adestrados*, pois a anatomia política dos corpos também é economia política, utilizando os corpos para produzir ao máximo, concomitante ao mínimo esforço do poder. Neste sentido, Foucault (1987:119) analisa: "A disciplina aumenta as forças do corpo (em termos econômicos de utilidade) e diminui essas mesmas forças (em termos políticos de obediência). Em uma palavra: ela dissocia o poder do corpo".

Surgia também neste período, por parte das instituições disciplinares, a preocupação com as questões da aprendizagem, estratégias educativas e ordem social. Com a regulação das populações, surge à preocupação demográfica, focando a relação de habitantes, concentração de riquezas e distribuição de recursos, ajustamento da população a processos econômicos entre outros que indicam uma maior evidência do estabelecimento de segregações, relações de poder, hierarquizações como processos de dominação e hegemonia. Estes tópicos descritos foram de suma importância para a constituição da poderosa tecnologia estratégica do poder do século XIX apresentado anteriormente: *o dispositivo da sexualidade*.

> A sexualidade é o nome que se pode dar a um dispositivo histórico: não à realidade subterrânea que se apreende com dificuldade, mas à grande rede de superfície em que a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, a formação dos conhecimentos, o reforço dos controles

> e das resistências, encadeiam-se uns aos outros, segundo algumas grandes estratégias de saber e de poder. [...] (FOUCAULT, 2005a:100)

No entanto, embora tenha se falado muito em sexualidades, o sexo ainda surge como foco de disputa política, (Weeks, 1999), uma vez que seria impossível falar em história das sexualidades sem tratar do termo sexo e seus sentidos.

Foucault (2005a) indica que historicamente, existem dois grandes procedimentos utilizados para que se produza a verdade sobre a construção do que se entende sobre o conceito de sexo: a "ars erótica" (arte erótica) e a "scientia sexualis".

O autor informa que existem muitas culturas que praticam uma "ars erotica", entre elas, a China, o Japão, a Índia, Roma, as nações árabes-mulçumanas. Nas relações constituintes da "ars erótica", todo conhecimento sobre o sexo é retirado do próprio prazer, sendo vivido nas práticas e nas experiências do prazer. Portanto, os prazeres pregados pela "ars erótica" não são referenciados por uma lei absoluta que dita as regras do que *"se pode"* e do que *"não se pode"*, do lícito e do ilícito e muitos menos por critérios de utilidade, uma vez que a experiência dos prazeres devem ser respostas por si só, no que tange sua intensidade, qualidade específica, duração e reverberações que ocorrem nos corpos e nas práticas sociais. Assim sendo, os saberes sobre os prazeres devem ocupar o campo do secreto (não ser confessado), não por medo de infâmia, mas "pela necessidade de mantê-lo na maior discrição, pois, segundo a tradição, perderia sua eficácia e sua virtude ao ser divulgado." (Foucault, 2005a:57)

A experiência da "ars erótica" é dada pela cultura e pela educação informal, passada de geração para geração, sendo assim, a figura de um mestre detentor dos segredos da experiência do prazer é fundamental para que ocorra a transmissão "de modo esotérico e ao cabo de uma iniciação em que orienta, com saber e severidade sem falhas, o caminhar do discípulo". (Foucault, 2005a:57) Este ritual tenta garantir com as futuras gerações a arte do prazer, o bem-estar da alma, domínio do corpo, gozo excepcional, extrapolar limites, reportando-se a vida e afastando-se da morte.

De acordo com Foucault (2005a), em um primeiro momento, a nossa cultura cristã ocidental não possui uma "ars erótica", entretanto, é certo que é a única que pratica o controle do corpo e do sexo do homem - a "scientia sexualis". Ao contrário da "ars erótica" (que preconiza a busca do prazer pela experiência), a "scientia sexualis" se apresenta como um dispositivo da sexualidade que tem em seu ponto estratégico, *o falar sobre o sexo*, para assim produzir um discurso científico, uma *verdade* sobre o sexo. Uma vez o *sexo* se tornando

objeto de conhecimento, de saber de uma ciência (que pede que se fale do seu objeto – o sexo), criou-se tecnologias - procedimentos e instrumentos técnicos - que objetivavam a incitação à fala, à confissão e em ser suporte ao sexo e às suas manifestações. Alguns destes procedimentos, à primeira vista apresentavam-se como acolhedores e de útil auxílio, outros já caracterizados visivelmente como coercitivos e de controle legal ou normativo, tais como, exames, interrogatórios, observações, entrevistas entre outros.

O confessar revelava as *verdades*, não apenas ao ouvinte, mas agindo também sobre o confessor, ou seja, tem efeitos sobre o próprio agente confessor. A confissão toma o formato de acolhimento terapêutico e o agente confessor confere o espaço de ser julgado, punido, avaliado, perdoado, consolado, classificado. Assim, a obrigação da confissão imposta de tantos pontos diferentes já faz parte do cotidiano, de modo que não percebermos "mais como efeito de um poder que nos coage; parece-nos, ao contrário, que a verdade, na região mais secreta de nós próprios, não *demanda* nada mais que revelar-se." (Foucault, 2005a:59-60) O sexo visto por este prisma, não está dissociado da relação mútua entre poder e prazer, entretanto, o poder está em exercer controle sobre o sexo por meio da incitação das buscas das *verdades*.

Nota-se que as estratégias de poder precisaram se aprimorar para acompanhar os avanços trazidos pelos acontecimentos históricos que ocorreram durante este período. Antes, na Idade Média, o discurso sobre o sexo era pautado no *pecado da carne* que atacava os princípios cristãos, obrigando aos pecadores apenas a *confissão* como meio de redimir-se. Entretanto, a confissão foi se fragmentando e se diversificando nas diversas ciências surgidas e dispersadas em várias "discursividades distintas, que tomaram forma na demografia, na biologia, na medicina, na psiquiatria, na psicologia, na moral, na critica política", (Foucault, 2005a:35), porém, sempre "se inscreveu no cerne dos procedimentos de individualização pelo poder." (Foucault, 2005:58)

Neste contexto apresentado acima, o sexo tem como contraposição o saudável, o normal, a virtude, a lei e a religião e, desse modo, se torna o epicentro das preocupações morais aumentados a partir do século XIX. Ainda, o sexo enquanto discurso, é alvo das estratégias do poder que aparecem sob a forma de técnicas disciplinares e de procedimentos reguladores apontados por Foucault (2005a), das sexualidades e pelas tecnologias de correção que promoviam o adestramento e controle dos corpos e desejos dos sujeitos. Dessa forma, o dispositivo da sexualidade substituiu o critério de sangue (linhagem, valoração da hereditariedade de títulos de nobreza) pelo do sexo, uma vez que a idéia de sexo é posterior ao de dispositivo.

Houve, ainda na passagem do século XVIII para o século XIX, algumas transformações em relação ao controle dos corpos e dos sexos dos homens e das mulheres, sendo salientado a separação da medicina do sexo da medicina do resto do corpo biológico, que sugeriu o aparecimento do "sistema perversão-hereditariedade e degenerescência". Surge então, de acordo com Foucault (2005a:111), "um grande domínio médico-psicológico das *perversões*, que viria tomar o lugar das velhas categorias morais de devassidão e da extravagância", ao mesmo tempo em que "a análise da hereditariedade colocava o sexo (as relações sexuais, as doenças venéreas, as alianças matrimoniais, as perversões) em posição de *responsabilidade biológica* com a relação à espécie". (Foucault, 2005a:112)

O discurso médico alertava que o sexo deveria ser controlado e administrado, de maneira a não ameaçar apenas o sujeito, mas as gerações futuras com o perigo das doenças. Este controle médico-psicológico das perversões era parte de um projeto político de organização social da construção das aspirações surgidas durante as revoluções sociais ocorridas no século XVIII.

A teoria médica da *degenerescência* era disseminada rapidamente, com o discurso científico e embasamento eugenista, informando que uma hereditariedade carregada de perversão sexual sugeriria o desenvolvimento de um perverso sexual (exibicionista, homossexual entre outros), raquitismo das crianças, esgotamento nervoso, que comprometeria a sociedade com *status* de saudável, conseqüentemente, as gerações futuras. A medicina eugenista investigava as famílias dos perversos sexuais, pois se a perversão era uma questão hereditária, então, poder-se-ia achar outro perverso na mesma família.

Pela idéia eugenista, o sexo adentra em uma rede de discurso médico-científico que exaltava a busca da raça pura e saudável. As tecnológicas de controle se encarregavam de proteger, separar e prevenir, os saudáveis dos degenerados, uma vez que se cria uma patologia orgânica, funcional e mental em torno das sexualidades que se apresentavam *inadequadas*, ou seja, que eram discrepantes da norma.

A partir de então**,** fica mais evidente entender que o sexo se encontra na articulação entre as duas estratégias que desenvolveram bio-tecnologias políticas: "a disciplina do corpo e a regulação das populações", ambas tecnologias apresentadas anteriormente. De acordo com o Foucault (2005a:137): "O sexo é acesso, ao mesmo tempo, à vida do corpo e da espécie. Servimo-nos dele como matriz das disciplinas e como princípio de regulações."

Na gestão do corpo e da população, o sexo tornou-se alvo central e explorado em detalhes pelo poder. Estas estratégias se davam por meio da análise das condutas, materiais oníricos, das simples arbitrariedades demonstradas desde a infância que se remetiam a

individualidade e a busca do entendimento e responsabilização da constituição daquele comportamento que desvia da conduta padrão.

O poder delineia a sociedade do sexo, incentivando a temática para assim criar seus dispositivos de controle. A idéia do sexo - manifestações das sexualidades – com o advento do conceito de dispositivo da sexualidade revela que o sexo também possui suas próprias leis, não sendo ele uma expressão apenas do uso dos corpos, do sistema anátomo-fisiológico, sensações e prazeres, mas que possui um sentido para os componentes do corpo social (sensualidade, zonas erógenas entre outras).

A respeito destas afirmações acima, Foucault (2005a:143) revela:

> [...] "O sexo" seria, na realidade, o ponto de fixação que apóia as manifestações "da sexualidade" ou, ao contrário, uma idéia complexa historicamente formada no seio do dispositivo da sexualidade? Poder-se-ia mostrar, em todo caso, de que maneira esta idéia "do sexo" se formou através das diferentes estratégias de poder e que papel definido desempenhou nisso tudo. (FOUCAULT, 2005b:143)

A eficácia do dispositivo da sexualidade - que produz entre seus componentes o sexo, tem uma importância na atualidade. Ele pode ser encarado como elemento imaginário, capaz de produzir identidades e subjetividades e de suscitar especulações acerca da composição da identidade do homem moderno, dando-lhe inteligibilidade. Todas as ações e relações estabelecidas pelos humanos parecem necessariamente passar pelas sexualidades, sendo estas um dos aspectos da composição da subjetividade, uma vez que o dispositivo da sexualidade reforçou os princípios internos de funcionamento humano: "o desejo do sexo – desejo de tê-lo, de aceder a ele, de descobri-lo, liberá-lo, articulá-lo em discurso, formulá-lo em verdade. Ele constitui o *sexo* como desejável." (Foucault, 2005a:146)

Conforme Foucault (2005a), a contraposição e a libertação ao dispositivo da sexualidade, principalmente, no que tange ao sexo enquanto objeto desejável, não deve passar pelo desejo do sexo, mas pelo abandono da perspectiva sexo-desejo, ou seja, pela negação da construção simbólica em torno do desejo criado pelo dispositivo da sexualidade. Dessa forma, Foucault analisa de maneira reflexiva e de alerta:

> [...] Não situar o sexo do lado do real e a sexualidade do lado das idéias confusas e ilusões; a sexualidade é uma figura histórica muito real, e foi ela que suscitou como elemento especulativo necessário ao seu funcionamento, a noção do sexo. Não acreditar que dizendo-se sim ao sexo se está dizendo não ao poder; ao contrário, se está seguindo a linha do dispositivo geral de

> sexualidade. Se, por uma inversão tática dos diversos mecanismos da sexualidade, quisermos opor os corpos, os prazeres, os saberes em sua multiplicidade e sua possibilidade de resistência às captações do poder, será com relação à instância do sexo que deveremos liberar-nos. (FOUCAULT, 2005a:147)

Em suma, é pela "scientia sexualis" que os nossos sexos se encontram na dependência histórica da sexualidade e, assim sendo, é administrado, não apenas pela força legal, mas principalmente pelos discursos públicos e de utilidade criados pelas estratégias de controle do dispositivo da sexualidade (norma). Ou seja, o sexo sai da esfera privada e passa para a esfera pública, fazendo parte da saúde coletiva e das políticas públicas. Para tanto, Foucault (2005a:147) aponta que uma maneira de ir contra ao dispositivo da sexualidade, sugere que o "ponto de apoio contra-ataque não deve ser o sexo-desejo, mas os corpos e os prazeres."

Ainda, Foucault (2003b) aponta a problemática da vida dos sujeitos que não conseguem extrapolar o que é imposto assim como indica as evidências das estratégias do poder sobre os sujeitos de maneira a ditar o modelo de vida, como viver sua sexualidade no cotidiano e de referenciar sua própria identificação. A citação abaixo fala por si só em sua reflexão, a saber:

> [...] O problema é o seguinte: como se explica que, em uma sociedade como a nossa, a sexualidade não seja simplesmente aquilo que permita a reprodução da espécie, da família, dos indivíduos? Não seja simplesmente alguma coisa que dê prazer e gozo? Como é possível que ela tenha sido considerada como o lugar privilegiado em que nossa "verdade" profunda é lida, é dita? Pois o essencial é que, a partir do cristianismo, o Ocidente não parou de dizer "Para saber quem és, conheças teu sexo". O sexo sempre foi o núcleo onde se aloja, juntamente com o devir de nossa espécie, nossa "verdade" de sujeito humano. (FOUCAULT, 2003b:229)

2.2 Contextualizando as homossexualidades: história, dispositivo de socialização de sexualidades GLBTTT e homofobia e homofobia interiorizada

Os imorais
Falam de nós/ Do nosso gosto
Nosso encontro/ Da nossa voz...
(Imorais – Christiann Oyens & Zélia Duncan)

Querem nos matar/ Mas eles não sabem
Que a nossa vontade é mesmo de amar
Chega de ilusões e pseudoconsagrações
Nunca vão me completar/ Nós vamos morrer
Mas eles não sabem/ Que a nossa vontade é mesmo entender
Todas as nações/ O porquê dessas confusões...
(Querem nos matar – Ângela Roro & Sérgio Bandeyra)

(...) Num insuspeitável bar, pra decência não nos ver
Perigoso é te amar, doloroso querer
Somos homens pra saber o que é melhor pra nós
O desejo a nos punir, só porque somos iguais
A Idade Média é aqui
Mesmo que me arranquem o sexo, minha honra, meu prazer...
(Avesso - Jorge Vercilo)

Neste segmento, se ponderará, teoricamente, que a existência de práticas sociais homofóbicas, do ódio e intolerância aos homossexuais pressupõe, então, a existência de relações afetivo-sexuais entre pessoas do mesmo sexo biológico, que fez história nas mais diferentes épocas da humanidade. Dessa forma, apresentará o histórico das práticas homoeróticas, onde se descreverá, contextualmente, registros destas práticas e suas sanções na Grécia Antiga; o surgimento do sujeito homossexual no século XIX até a modernidade, mostrando como as homossexualidades se transferiram da posição marginalizada para o centro das discussões acerca dos estudos de gêneros e das sexualidades. Neste mesmo tópico, também serão apresentadas a constituição, as características e as funções de lugares urbanos marginalizados e subversivos freqüentados, principalmente, por homossexuais. Nestes lugares são onde se aplicam as relações intergrupais e interpessoais entre homossexuais e outros freqüentadores e onde se observa a expressão da homofobia social e interiorizada pelos mesmos e suas práticas nestes lugares, sendo estes entendidos neste trabalho como dispositivos de socialização de sexualidades GLBTTT.

2.2.1 **História das homossexualidades: "E então, o Homem criou o personagem homossexual..."**

Ser um homem feminino
Não fere o meu lado masculino
Se Deus é menina e menino
Sou masculino e feminino...
(Masculino e feminino - Baby Consuelo, Didi Gomes & Pepeu Gomes)

(...) Que ves. Que ves quando me ves...
(Que ves – Tihuana)

A visão das homossexualidades varia ao longo da história e a sua aceitação, segundo Weeks (1999), é diferente em cada uma das diversas culturas existentes. O julgamento moral das práticas das homossexualidades dentro de uma dada cultura advém de como esta manifesta suas crenças, tabus, preconceitos, produção científica e artística, leis, costumes e exercício dos direitos humanos de seus membros.

De acordo com a indicação de Spencer (1999), "as práticas sexuais entre pessoas do mesmo sexo biológico", ou como nomina Costa (1995), "experiências homoeróticas", estão presentes em diferentes épocas e civilizações do mundo ocidental. Estas práticas são apresentadas desde a exaltação greco-romana de juventude, virilidade e beleza, passando pelas representações *subversivas* encontradas na literatura de Sade no século XIX até despontar nos séculos XX e XXI, nos quais podemos citar as produções de artistas, como por exemplo, *Tom of Finland*, e mais recentemente, as inúmeras produções disponíveis nos cinemas e na *internet*.

As práticas homoeróticas que são ilustradas pela Arte, (Small,2003), expressas em pinturas, esculturas, livros, pelos distintos e contínuos períodos da história das civilizações até o século XVIII, oferecem retratações artísticas em um período em que as representações sociais do que hoje se entende como homossexualidades, não tinham sido capturadas pelos aparelhos interditores do Estado, da Igreja e da Ciência. Até o final do século XVIII, Foucault (2005a), nos dirá de três códigos que orientavam o controle sobre as práticas sexuais: o direito canônico, a lei civil e a pastoral cristã.

Corroborando para o painel histórico dos prazeres homoeróticos, Dover (1994) explorou em suas pesquisas, manifestações morais, éticas e estéticas que revelavam como os gregos antigos concebiam estes prazeres por meio de mitos, poesias, grafites e muito visivelmente em pinturas eróticas em vasos.

Entretanto, é interessante salientar que, quando nos referimos às questões que envolvem o fenômeno das práticas sexuais entre pessoas do mesmo sexo biológico, nos remetemos a Antiguidade Grega. Isso ocorre, principalmente, porque as sexualidades, naquele período, também denotavam uma construção social diretamente ligada às questões que circunscreviam a cidadania e as relações de poder e hierarquias sociais.

No entanto, citando Robert A. Padgug[9] (1979), Katz (1996) frisa que as categorias sexuais são tão óbvias para nós, que dividimos a humanidade em homo e hétero, esquecendo-nos, porém, que os antigos gregos não conheciam essas denominações, sendo assim, estas

[9] PADGUG, Robert. Sexual matters: on conceptualizing sexuality in history. **Radical history review 20** (primavera/verão 1979): 3-23; ver. em Duberman, et al.: 54-64; em Peiss et all.: 14-31: em Stein, ed.

categorias não tinham um significado naquele período histórico. Naquela sociedade, afirma Padgug, "os homossexuais e heterossexuais no sentido moderno não existiam (...)". Para os gregos do período clássico, *homossexualidade e heterossexualidade...,* se existissem, serviriam para falar de "grupos de... atos, mas não necessariamente atos intimamente relacionados (...)" (Padgug, 1979 apud Katz, 1996:22).

A existência da vida ética na Grécia Clássica, como aponta Foucault (2002; 2003c), não era pautada nas normas e modelos vigentes nas sociedades contemporâneas, pois o homem grego tinha como referencial ser forte o suficiente para se libertar das dominações do mundo. A relação que estabelecia com o próprio corpo, com a família, com a esposa, relacionamento com outras mulheres[10] e outros homens e a constituição de cidadão, exigia que o mesmo promovesse o governo de si mesmo - onde se inclui o governo de seus desejos, prazeres. Estas eram condições que o potencializava (empoderava) para que resistisse a temida dominação, e subseqüente marginalização e/ou exclusão do mundo social dos *homens cidadãos*. O *amor grego*, como erroneamente é interpretado pelo imaginário e por alguns autores, não era *tão livre* de regras sociais que demarcavam papéis definidos.

Assim sendo, Foucault (2003c) e Vrissimtzis (2002) indicam que o controle das práticas sociais era dado não por um medo de contrariar a natureza biológica, mas sim de se contrapor ao papel descrito ao homem enquanto cidadão. De um lado se sobressaia "os homens adultos e livres" – com status social, ativos em todos os sentidos – sexual e político (vida pública); do outro lado estavam postos os sujeitos passivos – "mulheres, crianças, rapazes e escravos" - que eram desprovidos de participação na vida pública e do título de cidadão - que incluía o saber sobre a dinâmica da vida social, as funções do Estado e os valores éticos e morais. Neste contexto da Antiguidade, começa a surgir por volta do século VI a.C. e durando até o século IV a.C. – "a pederastia*"*.

A pederastia, segundo Vrissimtzis (2002:101), "denotava a afeição espiritual de um homem adulto por um garoto e, por conseguinte, não possuía significado obsceno". Este autor revela que o contexto favorável para o envolvimento de tal prática se dava nas antigas organizações militares - palestras (lutas, combates) e ginásios - onde os jovens exercitavam-se despidos. O que tornava a pederastia legítima e aceitável na Grécia, (Foucault, 2003c; Vrissimtzis, 2002), era que ela era encarada como uma instituição pedagógica atribuída a um ritual de iniciação no qual um homem adulto de classe social superior (*erástes* – amante) que

[10] É importante salientar que, como a mulher ocupava apenas o mundo privado e não era considerada cidadã, a sua sexualidade também era negada. Desse modo, as relações homoeróticas estabelecidas entre mulheres sempre foram alvo de negligência, até mesmo nas pesquisas acadêmicas.

terminou sua formação (papel social, moral e sexualmente ativo) transmitiria seus conhecimentos e experiências a um jovem[11] (*erómenos* – amado). Este jovem, logo precisaria desses aprendizados para ingressar na *pólis* e ter o *status* de cidadão, uma vez que a escola não possibilitava estes aprendizados.

Foucault (2003c) indica que o Estado não tolerava as práticas de penetração entre dois homens, punindo severamente, com leis específicas de controle. Portanto, não convinha ao "erómenos" agir passivamente, no sentido de ceder e se deixar dominar pelo "erástes"; deveria agir como se fosse um contrato que beneficiasse a sua vida pública, alimentando sentimentos de admiração, afeição, respeito e amizade para com seu tutor, evitando entregar-se aos "*prazeres da carne"* de modo passivo, pois tal passividade (deixar-se penetrar, praticar sexo oral) era associada ao papel inferiorizado da mulher.

Na organização social da Roma Antiga, Veyne (1986) nos dirá que as questões que envolviam as sexualidades daquele povo não diferiam muito da organização grega. A posição de passividade (que se contrapunha ao de atividade) era condenada, pois denotava a falta de virilidade – ser macho - que sugeria uma ameaça à segurança e interesses de Roma. Este Estado treinava seus homens para serem combatentes, guerreiros para que defendessem sua pátria bravamente. Também a passividade maculava a condição de cidadania e reconhecimento social enquanto sujeito pública.

Entretanto, o Estado homofóbico é entendido como consolidado apenas nos séculos XIII-XIV, na Idade Média - período das trevas – com o crescente avanço do cristianismo e do capitalismo (transformações sociais ocasionadas na ordem do capital), onde a Igreja encarrega-se de punir as pessoas acusadas de sodomia (Foucault, 2003c; Spencer, 1999, Richards, 1993). As práticas sexuais entre homens eram condenadas, assim como toda prática que não tinha por finalidade a procriação (masturbação, bestialidade, coito anal), era dita como anti-natural e um afronto aos dogmas cristãos, de acordo com os manuais penitenciais e guias de confessores. Contudo, a *onda persecutória* em relação aos homens que praticavam sexo entre si se comprovou com a acelerada e evidente descoberta dos contatos sexuais entre os eclesiais que tinham como papel orientar e coibir essas práticas entre os leigos. Segundo Richards (1993), com a criação da Inquisição - Quarto Concílio Lateranense de 1215 - os tribunais da Igreja e do direito canônico iniciaram desenfreadas investigações aos pecadores e

[11] O jovem (*erómenos*) apresentava idade entre doze e dezoito anos, pois era inconcebível manter relacionamento com uma pessoa que diferisse dessa idade. Acreditava-se que, a formação social e a necessidade de um instrutor se iniciavam quando a criança entrava na puberdade – período de formação da personalidade. A relação com um rapaz acima dos dezoito anos era inconcebível, de modo a evitar que, ocasionalmente, se transformasse em uma relação de amor e dependência de práticas homoeróticas.

hereges (bruxaria/satanismo) e criminosos perante o Estado e a moral familiar[12] (promiscuidade e libertinagem).

A época da acusação fez com que homens detentores de riqueza e ingressantes na burguesia pagassem tributos à Igreja para expurgar seus pecados pagãos. Já em outros momentos, a descoberta e acusação das práticas entre homens levavam estes à fogueira ou outro tipo de morte em público, de maneira que pudesse servir de exemplo para o que deveria ser interditado. De acordo com Richards (1993), a Igreja também usufruiu da propaganda xenofóbica exacerbada pelas cruzadas contra bárbaros e mulçumanos, condicionando a imagem destes povos com a idéia de sodomização entre eles e também de realizarem seqüestro de cristãos para tal prática.

No século XIX, com o surgimento da categoria médica como profissão, transformações ainda mais sérias começaram a se instalar acerca das práticas sexuais entre homens, além das acusações de pecado contra Deus e de crime social contra o Estado. Agora, inserem-se o discurso médico-científico que criou o sujeito homossexual, que passou a ser classificado pela medicina, psicologia e psiquiatria e sendo reconhecido como um exemplo social e coletivo inadequado, doente e degenerado, entretanto, com o status focado no sujeito que deveria ser curado. Foucault (2003b:80) indica que "foi no biológico, no somático, no corporal, quem antes de tudo, investiu a sociedade capitalista. O corpo é uma realidade bio-política. A medicina é uma estratégia bio-política." Ainda Foucault (2005:43) analisa:

> [...] O homossexual do século XIX torna-se uma personagem: um passado, uma história, uma infância, um caráter, uma forma de vida; também é morfologia, com uma anatomia indiscreta e, talvez, uma fisiologia misteriosa. Nada daquilo que ele é, no fim das contas, escapa à sua sexualidade. Ela está presente nele todo: subjacente a todas as suas condutas, já que ela é o princípio insidioso e infinitamente ativo das mesmas; inscrita sem pudor na sua face e no seu corpo já que é um segredo que se trai sempre. É-lhe consubstancial, não tanto como pecado habitua, porém, como natureza singular. (FOUCAULT, 2005:43)

Sobre a invenção do personagem homossexual, Costa (1995:17) descreve essa realidade indicando que:

---

[12] Neste período, um homem poderia casar-se quando atingisse um acúmulo de riquezas suficiente para poder desposar uma jovem e pagar seu dote, o que ocasionava casamentos com homens na idade aproximada dos trinta anos. No entanto, neste período a prostituição era muito procurada por esses homens, que também tinham práticas eróticas com serviçais e com outros burgueses, pois era exigido que casasse casto. Também é importante ressaltar que a idéia de homem começava a se emparelhar com a quantidade de posses.

> [...] O chamado homossexual nasceu no século XIX, por meio de um esforço conjunto da ficção médica e da ficção literária. Sugeri que grandes mestres da literatura, como Gide, Proust e alguns outros, acreditavam que eram homossexuais ou que conheciam, do interior, o que "era ser ou sentir-se um homossexual". Desse modo, criaram ou recriaram seus sofrimentos e alegrias diante das aspirações, realizações ou decepções afetivo-sexuais, acreditando descrever "a natureza psicológica do homossexual". (COSTA, 1995:43)

O termo homossexual[13] foi utilizado pela primeira vez na Alemanha em 1869, pelo escritor austro-húngaro, Karl Maria Kertbeny. Em seguida, Richard von Kraft-Ebing, sexólogo, utiliza este termo em 1887 na segunda edição de "*Psychopathia sexualis",* mas segundo Spencer (1999) a divulgação para o grande público se deu por Hirschfeld e Havelock Ellis. Todavia, pensar na história das homossexualidades pressupõe a existência da história das heterossexualidades. Assim, é indicado em Katz (1996:21):

> [...] O termo *homossexual* só foi inventado em 1869 [agora o ano tem sido recuado para 68]. O primeiro uso de *heterossexual* incluído no *Oxford English Dictionary Supplement* data de 1901. [O mais recente *Oxford English Dictionary Supplement* volta o ano para 1892, mas este também tem sido estabelecido como sendo 1868]. Os termos heterossexual e homossexual aparentemente passaram a ser de uso comum apenas no primeiro quarto deste século; antes disso, se as palavras representam conceitos, as pessoas não concebiam um universo social polarizado em heteros e homos.

O termo heterossexual surgiu na sociedade norte-americana em 1892, num artigo do Dr. James G. Kiernan, publicado em um jornal de Chicago. Ele faz uma referência sobre o instinto sexual, que na última década do século XIX era identificado como um desejo de procriação de homens e mulheres. Mas um novo *padrão* daquela época trazia uma concepção totalmente nova, onde a heterossexualidade nem sempre significou o *normal* e o *bom*, sendo o "desejo erótico de homens e mulheres uns pelos outros independente de seu potencial reprodutivo" (KATZ, 1996:31), emparelhando esta categoria a uma de inúmeras manifestações anormais de apetite sexual em uma lista de perversões sexuais.

De acordo com Katz (1996), com a introdução do novo termo heterossexual por Krafft-Ebing, no século XX, esse passou a significar uma sexualidade relativa ao sexo oposto, desvinculada da reprodução, afastando-se do ideal reprodutivo vitoriano e levado na direção

---

[13] A gênese do termo homossexual é indicada por Mello (2005:194) como sendo *um prefixo de origem grega (homo = igual) e uma raiz latina (sexual) estruturam os conceitos "homossexual" e "homossexualidade". Inadvertidamente, porém, alguns tomam homo por uma origem latina, atribuindo ao termo "homossexualidade" o sentido de "sexo entre homens", o que implica uma equivocada exclusão das mulheres do campo semântico originariamente grego.*

da norma erótica moderna do sexo diferente. A partir de então, ofereceu-se ao mundo moderno de sexo diferenciado, um bom e normal (heterossexual) e outro, ruim, anormal e pervertido (homossexual), dicotomia que viria a dominar a visão do século XX do universo sexual. Ainda, Katz (1996:74-75) completa:

> Os heterossexuais devem quase todas as menções explícitas e públicas a sua existência ao debate sobre os homossexuais. Embora a categoria heterossexual tenha passado a significar o padrão dominante, permaneceu estranhamente dependente da categoria homossexual subordinada. O heterossexual e o homossexual apareceram em público pela primeira vez como gêmeos siameses, o primeiro bom, o segundo ruim, ligados por toda a vida em uma simbiose antagônica e inalterável. [...] (KATZ, 1996:74-75)

Nos primeiros anos do século XX, hétero e homossexual eram termos médicos obscuros, mas a heterossexualidade passou progressivamente a ser vista como uma sensualidade normal relativa ao sexo oposto, tornando uma cultura dominante e consagrada. O dimorfismo fisiológico e dos sexos (anátomo-biológico) tiveram grande impacto nos processos de subjetivação, no que diz respeito, às mudanças no trabalho, papéis sociais, no poder exercido sobre as mulheres e nos ideais de feminilidade e masculinidade, ou seja, efetivando práticas baseadas no machismo, heterocentrismo e na heteronormatividade.

Costa (1989) aponta que com a concepção médica, a pedagogia médico-higienista e as práticas sanitaristas se constituem como dispositivos de controle da sexualidade das populações, tendo a família como foco central de atuação, por meio de orientação das vivências das sexualidades dos casais realizada pela Igreja Católica. Essas práticas de controle interferiam e definiam os papéis sexuais dos casais, baseadas em características naturalistas e essencialistas. No homem, predominava o vigor físico e intelectual, o andar seguro, o comportamento rude, racional, autoritário, altivo, menos amoroso, mais duro, macho, viril, provedor e índole para ser pai, podendo ser infiel devido sua inclinação aos prazeres sexuais. Para ela, predominavam as *faculdades afetivas*, cultivava-se a imaginação, a doçura, a indulgência, a submissão, a idéia de fragilidade, do amor, da castidade, a preservação da virgindade antes do casamento e a fidelidade.

Ser pai e ser mãe, de acordo com Costa (1989) constitui os papéis sociais e a constituição psicológica de homens e mulheres, e desde a infância, desde a mais tenra idade preparam-se meninos e meninas para o desempenho de tais papéis sociais, presentes em nossa sociedade e, conseqüentemente, reforçados nas instituições escolares até os dias atuais. Os que fogem à regra desses papéis impostos socialmente são considerados *anormais* e *desviantes*.

O termo "anormal", segundo Foucault (2001), mesmo embora tenha se modificado através da história, é fato que, ainda, se mantém desvinculada ao sujeito de direito, sendo dito como um objeto de estudo da psiquiatria. Sobre os anormais, o autor diz:

> A grande família indefinida e confusa dos "anormais" formou-se em correlação com todo um conjunto de instituições de controle, toda uma série de mecanismos de vigilância e de distribuição; e quando tiver sido quase inteiramente coberta pela categoria da "degeneração", dará um lugar a elaborações teóricas ridículas, mas com efeitos duradouramente reais. [...] (FOUCAULT, 2001:413)

A formatação padrão para pensar a vida em sociedade, já no século XIX, vai ser balizada, (Foucault, 2001:75), por tratamentos das singularidades *"anormais",* por meio de práticas médicas, jurídicas, religiosas. Estas instituições funcionam como aparelhos retificadores das segregações e hierarquizações dos "normais" para com os ditos "anormais", se reportando às questões emblemáticas que fazem com que as homossexualidades sejam passíveis de serem corrigidas e disciplinadas.

Um outro conceito que corriqueiramente se remetem aos homossexuais, diz respeito aos "desviantes", (Velho, 1981), que são compreendidos como os sujeitos que não correspondem às expectativas impostas pela normativa, servindo para serem estigmatizados por destoarem ou quebrarem regras sociais ou atributos ditos como comuns e/ou naturais, ou ainda, por serem encarados como ameaças sociais, (Goffman, 1988).

Assim, estes termos descritos são utilizados para imputar uma marca identificatória em sujeitos (no caso deste estudo, os homossexuais) que não se enquadram às categorias pré-estabelecidas. Estes processos identificatórios ocasionam tensões, divergências e classificações dos sujeitos, que por sua vez, os tornam em personagens negativos e que devem ser interditados em suas maneiras singulares de existência.

Nos Estados Unidos, na década de 1960, de acordo com Trevisan (2002), movimentos sociais que defendiam a causa homossexual surgiram de forma mais atuante, se destacando com audácia na década de 1970. Ainda, na década de 1960, segundo o autor, com o surgimento do movimento hippie, da contra-cultura americana e o crescimento e fortalecimento do movimento feminista[14], as reivindicações dos homossexuais tornaram-se mais legítimas.

---

[14] O movimento feminista sugeria a liberação feminina e a liberação homossexual pautada em uma sociedade que não definisse e nem classificasse as pessoas por suas preferências e práticas sexuais e por seu gênero. Ele ganhou força em 1975, quando Gayle Rubin publicou o polêmico *"The Traffic in Women: Notes on the 'Political Economy' of Sex"*, no qual propunha um novo jeito de pensar a organização do sexo biológico e a

Um dos marcos históricos para o fortalecimento do movimento homossexual, de acordo com Trevisan (2002), é datado no dia 28 de junho de 1968, de repercussão internacional ocorrida nos EUA - a *Rebelião de Stonewall* - um acontecimento em que a polícia tentou interditar um bar freqüentado por homossexuais chamado de *Stonewall In*, que gerou um confronto onde houve muita violência. No entanto, muitas pessoas que apresentavam características identificadas como pertencente a grupos não-heterossexuais (*bichas afeminadas, sapatões, travestis*), de maneira *mártir*, atuaram com palavras de ordem que enaltecia o orgulho homossexual.

Também é nesse período, de acordo com Katz (1996), que a cultura heterossexual começou mais fortemente a ser criticada, na qual as feministas liberais e radicais denunciavam a existência de uma política reprodutiva, uma política dos sexos que apoiavam a supremacia masculina e heterossexual - uma vez que a heterossexualidade privilegiava a relação reprodutiva e erótica do sexo masculino. Desse modo, nos anos 70, ficou evidente que a questão do sexo e das categorias sexuais deveriam ser discutidas no plano político, pois a existência de uma relação hierárquica entre as categorias sexuais (hetero/homo, homem/mulher), determinava o prazer superior e inferior.

No Brasil, Trevisan (2002) relata que o movimento de homossexual organizado eclodiu no decorrer das décadas de 1970 e 1980, com o intuito de divulgar informações a respeito das homossexualidades, defender os direitos políticos e civis dos homossexuais, assim como promoveu lutas e combate as diversas expressões das práticas sociais homofóbicas. Dentre os militantes destes movimentos, atuavam muitas pessoas da classe média urbana que se associaram com outros movimentos de busca da legitimação dos Direitos Humanos, tais como os movimentos feministas e o movimento negro, e por vezes, movimentos políticos que exigiam a redemocratização do país. É importante ressaltar que, estes movimentos surgiram no período em que o país passava por um regime militar.

Desse modo, (Trevisan, 2002), percebe-se que neste período histórico, as homossexualidades se apresentaram de maneira performática, permitindo a verificação das produções positivas desta cultura que se fortificou juntamente com os movimentos sociais. Mesmo embora, ainda tivesse uma conotação de sub-cultura, as homossexualidades ocupavam espaço nas diversas expressões das artes e das reivindicações ideológicas e sócio-

---

criação social da feminilidade e da masculinidade, o que ela chamou – de maneira inovadora – o *sistema sexo/gênero*. Ofereceu idéias originais (a partir do sistema *sexo/gênero*) para um novo método de reflexão que denunciava mais consistentemente a configuração social do sexo, dos gêneros e das sexualidades considerados essencialmente de ordem biológica. Suas idéias trouxeram conceitos pertinentes aos estudos de gênero, denominados *heterossexualidade obrigatória* e *heterossexualidade compulsória.*

políticas que evidenciavam o orgulho de *ser gay* (processo identificatório difundidos pelos movimentos sociais) em afronto aos posicionamentos discursivos que indicavam que *ser gay* era motivo para se ter vergonha de si mesmo.

Sobre as transformações sociais que ocorreram desde a década de 1970, no campo das sexualidades e das construções identitárias, Castells (1999) aponta os seguintes desdobramentos: a entrada da mulher no mercado de trabalho, o avanço do discurso dos Direitos Humanos, a epidemia da AIDS, a crise da família patriarcal entre outros. Assim sendo, é fato que na década de 80, houve um reordenamento social de crenças e *verdades* acerca das sexualidades (identidades, cultura, corpo, práticas sexuais, estilos de vida entre outros) com o advendo do surgimento do que se denominava, naquela época, de *"*câncer gay*"*.

A AIDS, segundo Pocahy (2007), passou a funcionar como mais uma estratégia do dispositivo da sexualidade, de controle, que possui em seu discurso, a punição às vidas marginais, o castigo pela vida desregrada que levaria ao adoecimento e seguida de morte. Neste período, era fortemente evidenciada a equivalência da AIDS com às questões emblemáticas que circunscreviam as homossexualidades.

No entanto, também é fato que o paradigma da AIDS trouxe produções que impulsionaram as discussões sócio-históricas, políticas, culturais e identitárias dos movimentos sociais e, conseqüentemente, das políticas públicas de assistência em âmbito nacional, entre eles, o termo vulnerabilidade.

O conceito vulnerabilidade, (Alves, 1994; Ayres, 2001; Calazans et al., 2006), tem se apresentado com uma emergência nos acontecimentos sociais que circunscrevem a busca da promoção, proteção e garantia dos direitos de cidadania - baseado nos Direitos Universais do Homem – de grupos ou sujeitos fragilizados por diversos aspectos sociais, como por exemplo, de ordem jurídica e/ou política. Este termo efetivou-se na construção de intervenções dinâmicas e produtivas na área, inicialmente, da prevenção do HIV/AIDS. Porém, a maneira eficiente com que enfoca as causalidades desta epidemia fez com que este conceito fosse sendo apropriado por outros campos de saberes e programas de políticas públicas que se preocupam com as susceptibilidades de determinadas populações em relação a outras, nas esferas comportamentais, culturais, econômicas e políticas. A grandiosidade deste conceito se deu pela sua maneira histórica, contextualizada e multidimensional como trata determinados assuntos que envolvem epidemias e práticas sociais violentas (na qual também se remete a homofobia).

A terminologia *vulnerabilidade* substituiu os termos "fator", "grupo" e "comportamento" de risco, ampliando a análise de acontecimentos sociais não somente por aspectos individuais, mas também por aspectos coletivos, contextuais, condições objetivas e subjetivas que favorecem para que determinadas populações estejam mais susceptíveis que outras. Para os aspectos objetivos (mensuráveis), estabelece associações, como por exemplo, maior ou menor disponibilidade de recursos de todas as ordens, sexo, gênero, idade, profissão, práticas sexuais, cultura, contextos entre outros que sugerem um fator informativo importante para a criação de hipóteses e estratégias intervencionistas programadas (Calazans et al., 2006; Ayres, 2001).

As percepções, as práticas intervencionistas e suas políticas públicas - que se embasam na proposta da vulnerabilidade - compreendem os grupos que se expressam diferentemente da heterossexualidade, como grupos vulneráveis não somente em relação à infecção de HIV/AIDS, mas também em relação à violência por questões de orientação sexual, expressões de gênero, estilo de vida entre outros. O conceito de vulnerabilidade recorre ao sujeito sócio-histórico-cultural e político para pensar suas práticas, portanto, balizando construções de políticas públicas que compreendam que as pessoas não *são* vulneráveis, mas *estão* vulneráveis. Esta visão permite entender os acontecimentos como não sendo naturais e essencialistas, mas como passíveis de mudanças, necessitando de condições subjetivas e objetivas que favoreçam o empoderamento e o enfrentamento de grupos e sujeitos frente às problemáticas específicas de cada segmento populacional; no caso deste estudo, as práticas sociais homofóbicas.

2.2.2 Os dispositivos de socialização de sexualidades GLBTTT e as suas relações de sociabilidades: "Lugares plurais..."

Somewhere over the rainbow/ Way up high
There's a place that I heard of/ Once in a lullaby...
(Over the rainbow – Harold Arlen)

(...) Trocando figurinha
Matando passarinho/ Colecionando minhoca
Jogando muito botão/ Rodopiando pião
Fazendo troca-troca.../ E disputando troféu
Guerra de pipa no céu/ Concurso de piroca!
(Doze anos – Chico Buarque)

(...) Eles querem te vender, eles querem te comprar
querem te matar, de rir .../ Querem te fazer chorar
quem são eles?/ quem eles pensam que são?...
(3ª do plural - Engenheiros Do Hawaii)

A configuração contextual em que vivemos é organizada pela vida em grupo. Desde que nascemos, estamos submetidos às instituições familiares, escolares, ou seja, em uma comunidade. Também desde que nascemos, somos confrontados com práticas discursivas oriundas de uma realidade e de uma cultura já existente resultantes de uma atividade histórica, construída socialmente.

Dessa forma, a sociedade em sua constituição constrói contextos que assujeitam os sujeitos e os fazem se crer autônomos nas suas relações interpessoais, assim como, construam seus pensamentos e sentimentos acerca de si mesmo, das pessoas e das situações pela quais passam. Dependendo da natureza sócio-moral de cada grupo que participamos, são ofertadas normas e regras, que muitas vezes, refletem um modelo rígido e regulador de como *ser* e se *apresentar* perante o mundo.

Desde a infância, portanto, os meninos são estimulados a deixarem o *mundo feminino*, e a se agruparem com outros meninos de sua idade, de maneira a se *homossociabilizar*. Dessa forma, a socialização entre homens é recorrente e muito valorizada para o desenvolvimento e manutenção da construção social da masculinidade, da virilidade (Welzer-Lang, 2001). Nestas "homossociabilidades", encontramos aspectos de competitividade que são evidenciados nas brincadeiras que podem ser descritas desde "concurso de piroca", nos jogos esportivos até nas comparações (superioridade/inferioridade) de outras categorias que fazem interface com os gêneros, como por exemplo, a classe social e econômica, raça/etnia, aspecto geracional, nos âmbitos do trabalho e da vida doméstica entre outros.

É encontrado em Richards (1993), Spencer (1999) e Vrissimtzis (2002) que apontamentos históricos indicam que desde a Grécia Antiga, sanções às práticas homoeróticas são recorrentes, porém, com o surgimento do personagem homossexual no século XIX, as injúrias e perseguições se direcionaram para o sujeito homossexual. Ainda que, lugares freqüentados para encontros homoeróticos sempre existiram, é descrito pela história que, a partir do século XIV, (Costa, 1989), idéias higienistas e heteronormativas anunciavam a segregação de lugares e programas familiares, acusando dessa maneira, os lugares onde se aglutinavam as *escórias* da sociedade, os quais deveriam ser tratados com diferenciação e violência. Essas práticas sociais violentas eram justificadas pela crença que a presença de homossexuais implicava em risco de infestarem a sociedade com sujeiras e doenças - também eram dirigidas para as prostitutas, pobres, doentes mentais entre outros.

Partindo desta idéia descrita acima, surge a necessidade da criação de lugares específicos para que homossexuais pudessem se socializar com outros homossexuais e

expressarem suas sexualidades e, assim, obterem alguma forma de lazer, longe de práticas sociais homofóbicas. Esses lugares específicos, até então, eram denominados por seus freqüentadores de *gueto gay.*

Corroborando com essa idéia, Castañeda (1999) indica que os países latinos, onde se inclui o Brasil, constituem os povos mais homofóbicos do Ocidente devido a sua sociedade ser pautada no modelo patriarcal, machista e heterossexista. Estes modelos sociais rígidos orientaram as pessoas que expressavam as suas sexualidades diferentemente da normativa heterossexual, a buscar lugares urbanos que aceitassem e protegessem as vivências de suas práticas, tornando-os uma necessidade mais freqüente do que em países que apresentam práticas culturais menos homofóbicas[15].

Segundo Caron (2003), o termo "gueto", historicamente, designa os bairros onde os judeus tiveram suas residências assinaladas, sendo que o seu sentido foi ampliado para territórios urbanos onde se agrupam certas comunidades, observando o estado de segregação do qual eles são vítimas. Já Sibalis (2003:195), citando Tim Madesclaire, que disse em 1995 que o gueto é um "lugar onde a minoria é separada do resto da sociedade", e completa dizendo: "o gueto se porta como uma metáfora geográfica da condição dos gays*"*. Ainda é encontrado neste dicionário que o termo é controverso, uma vez que a crítica dos militantes gays franceses sugere que ele é uma negação do universal, um "circuito fechado, um mundo artificial" e conformista que limita gays e lésbicas a uma sociedade à parte. Em defesa do gueto, aparecem argumentos que consideram o mesmo como um lugar que favorece assumir e expressar as sexualidades e, portanto, permite-os sentirem-se libertos.

No Brasil, um trabalho acadêmico relevante para o estudo de lugares freqüentados por homossexuais e/ou por pessoas que possuem apenas práticas homoeróticas, diz respeito à pesquisa etnográfica realizada por Perlongher (1987) em sua obra "*O negócio do michê: prostituição viril em São Paulo*", onde discorreu sobre suas incursões etnográficas (no período de quase três anos) no município de São Paulo - visitando pontos de prostituição masculina, locais de pegação entre outros - e realizando entrevistas com michês, clientes e

[15] Na América Latina, no que tange às **punições**, ainda na Guiana, apenas a prática homossexual masculina é punida com possibilidade de prisão perpétua. No Brasil, entretanto, nas forças armadas, a prática homossexual ainda é crime e passível de prisão seguida de expulsão da corporação. No que tange à **união civil** entre pessoas de mesmo sexo biológico, apenas países como a Argentina (restrito à cidade de Buenos Aires e à Província de Rio Negro), Guiana Francesa (PACS), Ilhas Malvinas e, em 2007, o México, autorizam esse procedimento. Por fim, apenas a Bolívia, Chile, Ilhas Malvinas, Suriname e Uruguai não tem nenhuma lei de proteção contra a discriminação por orientação sexual. (Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Homossexualidade_na_Am%C3%A9rica_do_Sul)

*"*entendidos"[16]. Neste trabalho produzido na década de 80, o referido autor analisa questões sobre as práticas sociais em torno das sexualidades e dos gêneros (virilidade masculina), evidenciando como recortes geográficos e estigmas (prática e papel social e estereótipos do macho) se emaranham em uma trama moral e de desejos manifestos.

Neste presente estudo, entender-se-á os lugares de socialização de grupos GLBTTT como dispositivos de socialização de sexualidades GLBTTT[17], sendo dispositivo pensado de acordo com a proposta encontrada no pensamento de Foucault (2003b), anteriormente apresentada na seção teórica desse trabalho. Estes lugares podem ser compreendidos como dispositivo, pois neles (lugares) reflexiona-se sobre o conjunto heterogêneo e pulverizado das relações de poder que atravessa tudo e a todos e que engloba os discursos, as instituições, arquitetura, enfim, práticas sociais que, com uma função discursiva, agem como estratégia de controle, produzindo acolhimento, comportamentos e práticas específicas para aquele dado lugar que reúne atravessamentos subjetivos não localizáveis.

Dentre esses dispositivos de socialização, cada lugar pode estabelecer condições que mantém os desejos e buscas específicas de cada freqüentador, como por exemplo, um estabelecimento que não permite que o sujeito seja categorizado como homossexual, um dispositivo de controle sobre a estimulação do consumo, do sexo, do corpo fabricado e prazer imediato ou, ainda, um lugar que possibilita o flerte, a conversa e uma relação mais intimista e contínua.

Mas como podemos refletir sobre a relação do conceito dispositivo encontrado no pensamento foucaultiano e os lugares de socialização de sexualidades GLBTTT proposto neste estudo?

De acordo com Foucault (1987), a partir do século XVIII, as relações de poder nas instituições, dentro da concepção da "sociedade disciplinar*"*, sejam elas nas famílias, nas escolas, nas prisões, nos quartéis, nos hospitais psiquiátricos, foram marcadas pela disciplina e visava à produção de "corpos dóceis*"* e sujeição ao poder, ou seja, produção de modos de subjetivação. Dentre as estratégias de controle, encontravam-se as construções arquitetônicas que facilitava o exercício do controle e da disciplina. O "*Panopticon",* (definido inicialmente por Jeremy Bentham), era uma construção prisional em formato anelar que cercava um pátio onde se encontrava uma torre central com um vigilante que tinha a observância de todas as

---

[16] Termo utilizado pelo autor para designar pessoas que possuem práticas sexuais homoeróticas. Muito usado na década de 1970 e 1980.

[17] Vale salientar que esses dispositivos são citados pela literatura pesquisada como denominada de gueto gay e/ou estabelecimentos GLS e que, em outros momentos, também será referenciado no discurso dos participantes deste trabalho acadêmico.

celas da estrutura predial (interna e externamente); esse estilo arquitetônico das instituições prisionais foi legitimado para outras instituições, como por exemplo, escolas, hospitais, fábricas entre outros.

Encontramos, ainda, em Foucault (1987:209), que o "*Panopticon"* era um lugar onde a construção *agia* de maneira inteligente e transparente a favor da gestão do poder, sendo este exercido por uma representação hierárquica contínua. Nesta estrutura predial, todo sujeito poderia ser ininterruptamente localizado, examinado e sujeitado as técnicas de disciplinarização e, desse modo, a articulação de um poder com um saber ordenava as normativas para se proceder ou não de tal forma.

No entanto, como compreender as formas como se estabelecem as relações de poderes em lugares de socialização de sexualidades GLBTTT? Quais processos de subjetivação são produzidos nestes lugares? Quais estratégias de poder e técnicas de saber se (re)produz nestes lugares microfísicos do poder?

Sobre a microfísica do poder existente em instituições e lugares, Foucault (1987:26) irá nos dizer:

> Trata-se de alguma maneira de uma microfísica do poder posta em jogo pelos aparelhos e instituições, mas cujo campo de validade se coloca de algum modo entre grandes funcionamentos e os próprios corpos com sua materialidade e suas forças. [...] (FOUCAULT, 1987:26)

> Ora, o estudo desta microfísica supõe que o poder nela exercido não seja concebido como uma propriedade, mas como uma estratégia, que seus efeitos de dominação não sejam atribuídos a uma "apropriação", mas a disposições, a manobras, a táticas, a técnicas, a funcionamentos; que se desvende nele antes uma rede de relações sempre tensas, sempre em atividade, que um privilégio que se pudesse deter; que lhe seja dado como modelo antes a batalha perpétua que o contrato que faz uma cessão ou a conquista que se apodera de um domínio. [...] (FOUCAULT, 1987:26)

Mediante o exposto, observa-se que a idéia de dispositivo apresenta os lugares de socialização de sexualidades GLBTTT, uma vez que existem tensões contínuas, que atravessam esses lugares por meio de um emaranhado de instituições, práticas sociais e culturais, empreendidos por diversos sujeitos sócio-histórico-culturais e políticos que se relacionam em diferentes contextos e situações em um mesmo *ponto geográfico*. Esses lugares são produtos históricos (não cristalizados e extremamente dinâmicos), sendo necessário situá-los na história e estudar em cada cultura sobre a temática e a sociedade naquele dado contexto onde eles aparecem - cultura macro-micro-social, relevância, em que

condições se estabeleceram e se mantiveram. Deve-se considerar o sentido, o significado e representações (expressões da subjetividade) dadas a estes lugares característicos e específicos (bar, boate, sauna entre outros) pelos sujeitos que os freqüentam, assim como, pelos sujeitos que os deixam de freqüentar.

Partindo do entendimento destes lugares como dispositivos – se deve refletir quais são as estratégias e as funções que estes recortes geográficos desenvolvem, as negociações, os encontros e as possibilidades de existência dentro deles. Ou seja, como determinados lugares funcionam como disparador de produção de subjetividade, práticas sociais e desejos. Sobre o exposto, Deleuze (2001) apresenta o que é um dispositivo:

> O que é um dispositivo? É, antes de mais nada, um emaranhado, um conjunto multilinear. Ele é composto de linhas de natureza diferente. E estas linhas do dispositivo não cercam ou não delimitam sistemas homogêneos, o objeto, o sujeito, a língua, etc..., mas seguem direções, traçam processos sempre em desequilíbrio, às vezes se aproximam, às vezes se afastam umas das outras. Cada linha é quebrada, submetida a "variações de direção", bifurcante e engalhada, submetida a "derivações". Os objetos visíveis, os enunciados formuláveis, as forças em exercício, os sujeitos em posição são vetores ou tensores. Assim, as três grandes instâncias que Foucault distinguirá sucessivamente, Saber, Poder e Subjetividade, não têm de maneira alguma contornos fixos, mas são correntes de variáveis em luta umas com as outras. É sempre numa crise que Foucault descobre uma nova dimensão, uma nova linha. [...] (DELEUZE, 2001:01)

A emergência do surgimento dos dispositivos de socialização de sexualidades GLBTTT[18] legitima a junção de diversas instituições[19], tais como, Igreja, Ciência, Família entre outras, sendo um lugar onde feixes de linhas de subjetivação, (Deleuze, 2001), não localizadas se cruzam, atravessam e são interiorizados pelos freqüentadores destes lugares (pelos processos de subjetivação). Estes sujeitos constituídos e constituintes destas instituições trazem consigo componentes de dispositivos da sexualidade pulverizados na

---

[18] É importante ressaltar que os dispositivos de socialização de sexualidades GLBTTT, em suas configurações específicas - bar, boate, sauna, pontos de pegação, festas entre outros - são *pontos geográficos* construídos em contextos marcados sócio-histórico-cultural e politicamente. Devem ser considerados os aspectos funcionais e operacionais, quem são os seus destinatários entre outras questões emblemáticas que fazem interface deste dispositivo com as sexualidades, práticas sociais e outros modos de subjetivação.

[19] O conceito *instituição* não deve ser pensado no sentido predial, arquitetônico ou como um lugar disciplinar localizado e da ordem de poder hierárquico instituído, como descrito em *Vigiar e punir*, (Foucault, 1997). A *instituição* pode ser compreendida como sendo da ordem dos discursos e enunciados não localizáveis e capturáveis, estando pulverizada nas relações de poder entre *os homens infames,* (Foucault, 2003a); constituída e constituinte *na* e *pela* cultura, portanto, produzindo modos de subjetivação. Partindo da explicação das possibilidades do uso do termo *instituição* neste estudo, vale evidenciar também a utilização do conceito *hierarquização* como uma relação de reversibilidade e estratégica do poder, não sendo da ordem do instituído, verticalizado e cristalizado; portanto, ela é dada como plástica, dinâmica, transitório e relacional – *ora o sujeito exerce o poder, ora o poder é exercido sobre ele*.

sociedade e reunidos e expressos por meio de suas práticas sociais (homofóbicas ou não) que permeiam as relações entre os freqüentadores destes lugares.

Estes dispositivos de socialização de sexualidades GLBTTT, freqüentados por homossexuais suscitam polêmicas, devido estes envolverem questões referentes às sexualidades e, conseqüentemente, à expressão de práticas homoeróticas.

Assim sendo, esses lugares, muitas vezes, identificados como boates, bares, parques, saunas, praias, pontos de prostituição, segundo Costa (1999), entre outros pontos *subversivos*, possibilitam demonstrações públicas de afetos, como, por exemplo, beijar, tocar, flertar, entre outros comportamentos que acontecem somente no âmbito privado, ou seja, como se diz na linguagem própria, "*escondido dentro do armário"*.

Pode-se entender de acordo com o exposto pelo autor que, uma das funções desses dispositivos de socialização de sexualidade GLBTTT seria a possibilidade de demonstrar publicamente afeto e outros comportamentos específicos, onde podemos pensar a busca direcionada de práticas sexuais em saunas ou o exercício da sedução homoerótica em um bar ou boate.

Castells (1999) considera que, no processo de construção da identidade, um sujeito ou um ator coletivo pode ter identidades múltiplas ou facetadas, sendo que desenvolve diversos papéis sociais de acordo com os lugares os quais freqüenta, pertence ou dos contextos em que os fatos ocorrem.

Partindo deste referencial, recorre-se à análise de Castañeda (1999), que afirma que diferentemente do heterossexual, por efeito das práticas sociais violentas contra as questões emblemáticas das homossexualidades, o homossexual nem sempre é homossexual, uma vez que ele deva *representar* ser heterossexual. Dependendo do contexto e situação na qual a pessoa que se autodenomina homossexual esteja inserida, pode ser uma condição favorável para que ocorram ameaças e falta de aceitação entre outras conseqüências vivenciais típicas das pessoas que vivem em sociedade que rejeita esta possibilidade de expressão das sexualidades. Ou seja, esse receio da violência, faz com que a heterossexualidade seja permanente (heterossexualidade compulsória), pois, socialmente, presuma-se que todos sejam heterossexuais. Mas onde estão, ou seja, onde os homossexuais podem demonstrar suas expressões afetivas em público?

Sobre a "cultura da guetificação", Pollak (1986) expõe que a clandestinidade nos "guetos" (onde se pode de maneira atualizada teoricamente, denominá-los como dispositivo de socialização de sexualidades GLBTTT) produz características marcantes na cultura homossexual, tais como a linguagem e o humor. A linguagem apresentada nos guetos, muitas

vezes, remetida de forma irônica, utiliza expressões no feminino ou conotações pejorativas, ocasionando uma reprodução da desvalorização ou ridicularização sofrida por muitos sujeitos. O mesmo autor ainda sugere que esta ironia e piadas possuem a função de minimizar a opressão e o mal-estar sofrido por muitos homossexuais. Mesmo entre homossexuais, a propagação de significados pejorativos é difundida ironicamente no cotidiano e são remontadas de maneira a amenizar e se mostrar solidários (rir da própria desgraça) às humilhações vivenciadas em outras situações.

Ao tratar dos estudos da subcultura homoerótica, Costa (1999:96) se refere ao gueto como "cultura clandestina e formado por um circuito de locais de encontros exclusivos de homossexuais". Ainda, este autor diz que os sujeitos que freqüentam os guetos estão insatisfeitos, pois a liberdade neste lugar é precária e, em um certo sentido artificial. Entretanto, não podem deixar de freqüentá-los, pois não vislumbram outras alternativas para suas vidas afetivo-sexuais e, dessa forma, o gueto é possuidor de uma conotação negativa e defensiva do ponto de vista comunitário/social.

No sentido exposto por Costa (1999), a problemática em torno do *gueto gay* e de seus freqüentadores reside também no fato destes serem obrigados a freqüentá-lo para poderem se expressar. O mesmo autor é taxativo e redutor da percepção da dinâmica desses lugares, quando afirma que a freqüência no *gueto gay* diz respeito apenas à busca de uma *transa*, ou seja, procura de um encontro casual.

Com tais afirmações, Costa (1999) parece se equivocar e desconsiderar o engendramento das construções sociais e a importância histórica para os grupos GLBTTT destes lugares, uma vez que muitas pessoas só possuem estes lugares para poderem expressar suas subjetividades e existirem (evitar as práticas sociais homofóbicas extremas). E ainda, o autor parece também não definir em seus dizeres, as especificidades de cada dispositivo de socialização de sexualidades GLBTTT, como por exemplo, a diferença entre um ponto de pegação e um bar, entre um bar e uma boate, dependendo do contexto sócio-cultural e função que cada um exerce. É importante ressaltar que nas conversas ocorridas nas incursões etnográficas observou-se histórias em que os lugares mencionados produziram encontros amorosos e vínculos de amizades duradouros.

No entanto, na sociedade, a todo o momento se configuram diferentes grupos e práticas culturais. Diante da necessidade de regulamentação, manutenção e controle dos grupos, o modelo social dominante lança regras para reger condutas sociais em detrimento de

condutas destoantes ou diferentes que possam vir a ameaçar os costumes e os processos normativos e disciplinares das instituições vigentes.

De acordo com Foucault (2003a), a sociedade por meio de suas práticas controla as atividades de seus membros pelas ações do "bio-poder". Este controle pode ser entendido como uma forma do grupo afetar o comportamento de seus integrantes, uma vez que a cultura influencia os comportamentos dos sujeitos. Todo esse contexto tem gerado problemas no âmbito comportamental dos mesmos e, conseqüentemente no âmbito do coletivo. Uma dada cultura determina para seus membros o que é *errado* e o que *não se pode fazer*, quando a questão envolve práticas e expressões das sexualidades.

Foucault (2003a:247) diz que embora o poder produza, não se pode negar que ele pode agir como estratégia interditiva. A interdição é "aplicada a todas as formas de sociedades e a todos os níveis de assujeitamento". Ainda, o mesmo autor expõe os dois lados do poder, analisando que:

> [...] do lado onde ele se exerce, o poder é concebido como uma espécie de grande Sujeito absoluto – real, imaginário, ou puramente jurídico, pouco importa – que articula a interdição: soberania do pai, do monarca, da vontade geral. Do lado onde o poder é submetido, tende-se igualmente a "subjetivá-lo", determinando o ponto onde se faz a aceitação da interdição, o ponto onde se diz "sim" ou "não" ao poder. (FOUCAULT, 2003a:247)

Conforme descrito acima, observa-se que as pessoas permanecem em um estado de captura, em uma eminência da produção de subjetivação normatizadora, ou seja, ser sujeitado ao poder, dentre eles, do assujeitamento à submissão a uma ordem heteronormativa. Sobre a produção de subjetivação encontramos em Guattari & Rolnik (1986):

> [...] tudo o que nos chega pela linguagem, pela família e pelos equipamentos que nos rodeiam – não é apenas uma questão de idéia, não é apenas uma transmissão de significações por meio de enunciados significantes. Tampouco se reduz a modelos de identidade, ou a identificações com pólos maternos, paternos, etc. Trata-se de sistemas de conexão direta entre as grandes máquinas produtivas, as grandes máquinas de controle social e as instâncias psíquicas que definem a maneira de perceber o mundo. (GUATTARI & ROLNIK, 1986:27)

Ainda, de acordo com Guattari & Rolnik (1986:33), a subjetividade permeia e circula nos conjuntos sociais sendo que ela é "essencialmente social, e assumida e vivida por indivíduos em suas existências particulares". Todavia, existem modos extremados de como os sujeitos podem ser subjetivados: uma maneira se daria pela relação de opressão e alienação -

fazendo com que os sujeitos se tornem consumidores de subjetividades e desejosos de normas (subjetivação normatizadora); um outro modo seria o sujeito estabelecer relação expressiva e criativa, na qual o sujeito se apropria dos componentes da subjetividade e produz um processo de singularização, estilos de vida e formas de experienciar e existir em sociedade diferente do imposto.

No entanto, a sociedade, de modo geral, é deficiente em sua função de controlar e manter as pessoas sob a sua influência. Foucault (2003a) enfatiza que não existem relações de poder completamente triunfantes ou incontornáveis. Assim, como o poder gera controle por meio dos seus dispositivos, também é fato que ele gera *resistência*, na forma de um ataque a um possível dispositivo de controle ou estratégia de identificação (classificação e/ou diferenciação). A *resistência*, caracterizada pelo *contrapoder*, é compreendida como uma reação por parte da pessoa que foi submetida ao poder, numa tentativa de questionar ou evitar as ameaças de dominação. A essa situação específica onde o poder é posto num patamar crítico, onde se é possível questionar o assujeitamento ao poder, Foucault (2003a), em seu artigo *"A vida dos homens infames"*, denomina de "encontro com o poder". Dessa forma, enquanto as pessoas não tiverem o "encontro com o poder", elas permanecerão reificando as desigualdades, propagando segregação e se sujeitando ao poder. Assim encontramos em Foucault (2003a):

> O que as arranca da noite em que elas teriam podido, e talvez sempre devido, permanecer é o encontro com o poder: sem esse choque, nenhuma palavra, sem dúvida, estaria mais ali para lembrar seu fugidio trajeto. O poder que espreitava essas vidas, que as perseguiu, que prestou atenção, ainda que por um instante, em suas queixas e em seu pequeno tumulto, e que as marcou com suas garras, foi ele que suscitou as poucas palavras que disso nos restam; seja por se Ter querido dirigir a ele para denunciar, queixar-se, solicitar, suplicar, seja por ele Ter querido intervir e tenha, em poucas palavras, julgado e decidido. Todas essas vidas destinadas a passar por baixo de qualquer discurso e a desaparecer sem nunca terem sido faladas só puderam deixar rastros – breves, incisivos, com freqüência enigmática – a partir do momento de seu contato instantâneo com o poder. [...] (FOUCAULT, 2003a:207/208)

Nos dispositivos de socialização de sexualidades GLBTTT, pode-se refletir sobre os possíveis acontecimentos que podem proporcionar o "encontro com o poder", assim como possibilita também muitos embates que reificam e propagam as segregações, entre elas, as práticas sociais homofóbicas de alguns grupos em relação a outros, de diferentes expressões e estilos de vida.

Dentro dos grupos homossexuais observam-se divisões sustentadas na reprodução da valoração moral da heterossexualidade e do machismo inerente à heteronormatividade, nos quais é de suma importância a identificação de quem realiza o papel de homem e quem é a mulher da relação, ou seja, a identificação objetiva saber, respectivamente, quem ocupa o lugar de ativo/dominador ou de passivo/submisso nas relações estabelecidas entre iguais, conceitos esses que mobilizam a definição classificatória das diferenças a serem estigmatizadas. Assim é que, um estudo já antigo, porém ainda atual, como o de Carrier (1976), revela que na cultura mexicana, o homem que assume a posição de "penetrador" ou "dominante" na prática homossexual, não é considerado homossexual. Do mesmo modo, Chan (1989) observou que nas culturas nas quais a afirmação pública da sexualidade homossexual é sujeita à sanções, as pessoas, ainda que tenham práticas sexuais exclusivamente homossexuais, tendem a não se identificarem (para si e para os outros) como homossexuais. Tais estudos foram corroborados por outros mais recentes como os de Girman (2004), Johnson & Keren (2003), Parker (1991), Terto Jr (1998; 2001) e Castañeda (2006). Essa última autora, em seu estudo sobre o machismo, ainda observa outros elementos do machismo entre gays que vão desde a infantilização de um dos parceiros até decisões sobre quando, como e onde se dará a atividade sexual. Para Castañeda (2006), a desigualdade de condições na relação homossexual não é de modo algum supostamente alcançada apenas por conta de se pertencer ao mesmo sexo biológico. São diversos os elementos que podem dar suporte à hierarquia nas relações e, todas elas, têm a função específica de controle e disciplinarização dos corpos. O efeito disso, nas relações afetivas, sejam hétero ou homossexuais, é no mínimo desolador: "Assim como o sexo, a comunicação e mesmo o amor tenderão a desaparecer, se a equidade não for cultivada de modo constante". (p. 201).

Em seu texto "*Somos todos grupelhos"*, Guattari (1985:13) considera que existem condições institucionais, que desde a tenra idade atravessam os sujeitos e os seus modos de subjetivação, levando-os a auto-sujeição aos sistemas dominadores, de tal proporção que "o tira e o juiz internos são talvez mais eficazes do que aqueles dos ministérios do Interior e da Justiça." Esta afirmativa se assemelha a um dito popular brasileiro que diz: *"Os piores escravos são os melhores capatazes."* Ainda Guattari (1985:15) salienta:

> De que serviria, por exemplo, propor às massas um programa de revolucionarização anti-autoritária contra os chefinhos e companhia limitada, se os próprios militantes continuam sendo portadores de vírus burocráticos superativos, se eles se comportam com os militantes dos outros grupos, no interior de seu próprio grupo, com seus próximos ou cada um

> consigo mesmo, como perfeitos canalhas, perfeitos carolas?[...] (GUATTARI, 1985:15)

A aplicabilidade dessas considerações de Guattari (1985), na comunidade homossexual se dá na medida em que as pessoas se sujeitam e se agrupam, propagando as segregações e as diferenciações instituídas pelos modelos dominantes, a ponto destes substituírem o controle exercido outrora pelas instituições burguesas tais como a família, escola, igreja entre outros, impedindo o avanço e acréscimo de conquistas sócio-culturais e políticas das variadas sexualidades, orientações sexuais e das construções e expressões de gêneros.

Os denominados *guetos gays*, demarcação geográfica autorizada pela cultura higienista e eugênica, que permitia a circulação menos restritiva de homossexuais, e que possuía a função de liberdade de expressão, do desejo e de cumplicidade entre homossexuais, parece ter adquirido uma nova significação. Antes, de acordo com Pollak (1986), a linguagem e o humor nos guetos denotavam cumplicidade e amenização da angústia dos sujeitos. Atualmente, a linguagem GBLTTT utiliza um número abrangente de relações de palavras para denotar significados e identificação de situações e de sujeitos na forma pejorativa, estendida e potencializada da reprodução da diferenciação, preconceito e estigma, dada de maneira interditiva e promovido pela cultura heterossexista.

Remeter-se ao *boiola*, *baitola*, *biba*, *bicha pão com ovo*, *pintosa*, *poc poc* ou *quaquá*, *mona*, *bofe*, *bicha passiva*, *maricona* ou *barbies* (busca da estética perfeita, seja ela na silhueta esguia ou musculosa), ou seja, a utilização de clichês e estereótipos apresentados nos discursos sociais nos *lugares gays* tem-se prestado ao serviço da categorização das homossexualidades. A participação do discurso preconceituoso da comunidade homossexual como dispositivo do poder a serviço da hierarquização e das relações de poder, tem constituído um acontecimento social presente na reprodução cultural das desigualdades e da sujeição, sejam elas, de classe, gênero, etnia/raça entre outras.

Falar em classificações hierárquicas das sexualidades pressupõe a referência à relação de classe social, burguesa e proletária. Sobre este acontecimento, Weeks (1999), indica que os padrões da vida sexual presentes, na atualidade, são resultantes de uma luta social, onde classe social e sexualidades estão inextricavelmente correlacionadas. O mesmo autor salienta que os gêneros têm se apresentado como uma divisão crucial para a hierarquização de relações de poderes entre o feminino e o masculino, entre o dominador e o submisso. Assim sendo, a diferença sexual tem permitido a ampliação de respostas sociais e

políticas diferentes, contraditórias e desiguais entre os gêneros, ocasionando a mesma situação para a expressão das variantes das orientações sexuais.

A categorização por classe e gênero faz interseção com as etnias e as raças. Weeks (1999), diz que por muito tempo historiadores e cientistas sociais ignoraram este aspecto. As ideologias sexuais apresentam os negros como em uma escala evolutiva abaixo dos brancos. Embora o mito da hiper-sexualidade dos negros permeie a subjetivação e a fantasia coletiva de muitos sujeitos, também é verdade que o *apartheid* instituído há séculos ainda desemboca na vida sexual entre membros de diferentes grupos étnicos/raciais.

Evoluções sócio-culturais e econômicas também parecem ter grande influência na suposta aceitação das homossexualidades. Nesse sentido, o poder sobre os homossexuais não só foi exercido na forma da interdição, mas também como produção. De acordo com a exposição descrita, encontramos em Foucault (2003b:148), a afirmação:

> Pois se o poder só tivesse a função de reprimir, se agisse apenas por meio da censura, da exclusão, do impedimento, do recalcamento, à maneira de um grande super-ego, se apenas se exercesse de um modo negativo, ele seria muito frágil. Se ele é forte, é porque produz efeitos positivos a nível do desejo – como se começa a conhecer – e também a nível do saber. [...] (FOUCAULT, 2003b:148)

Em relação às homossexualidades, de acordo com Parker (2002), a cultura *gay* ganhou espaço na atualidade por se tratar de um nicho importante na indústria de entretenimentos e busca de prazer sexual, da estética, entre outros. A economia cor-de-rosa (*pink money,* expressão em uso nos EUA) gera pagamento de impostos e empregos diretos e indiretos, incentivando o crescimento de mercados do turismo, lazer e da moda, sendo visionado como um setor sólido e promissor. Em relação à passagem do controle-repressivo para o controle-estimulação, Foucault (2003b:147) ressalta:

> Como é que o poder responde? Através de uma exploração econômica (e talvez ideológica) da erotização, desde os produtos para bronzear até os filmes pornográficos... Como resposta à revolta do corpo, encontramos um novo investimento que não tem mais a forma de controle-repressão, mas de controle-estimulação: "Fique nu... mas seja magro, bonito, bronzeado! [...] (FOUCAULT, 2003b:147)

A comunidade GLBTTT já pode ser identificada por símbolos (arco íris, marca do movimento homossexual internacional), por personalidades e linguagem próprias. Corroborando com essa idéia, Parker (2002) aponta que a comunidade homossexual possui

uma rede de pontos de encontros como, por exemplo, saunas, bares, restaurantes, boates, cinemas, lojas de vídeo entre outros pontos. Concomitante a esse movimento observa-se o crescimento de um circuito comercial que pode compreender cyberespaços, dias especiais em parques de diversões, publicações, grifes de roupas, entre outros.

Em relação específica ao comércio, nos EUA, existem estabelecimentos que demarcam em suas entradas um adesivo com o símbolo da bandeira do arco-íris com a palavra *friendly*. Assim como na época do nazismo, a sinalização do *Triangulo Rosa* estigmatizavam os sujeitos e lugares freqüentados e habitados por judeus homossexuais, hoje a marca *friendly* nos estabelecimentos sinaliza que o dinheiro *gay* pode ser gasto, pois é bem recebido. Na repressão ou na aceitação, os homossexuais ainda são marcados por signos que os identificam pela diferenciação.

Desde modo, as situações produzidas pelo poder, despertam na subjetividade dos sujeitos, o desejo de estabelecer-se como soberano, condição essa ofertada pelo poder econômico, pelo poder de compra. Em suma, o modo pelo quais os sujeitos são subjetivados, não permite, muitas vezes, que estes acabem com a relação capital-poder, mas os tornam desejosos de participar e se manter dentro desse círculo, submetidos aos signos do capital e das relações que ele pode estabelecer, ocasionando sua exploração.

Nesse sentido, o poder de compra de uma pequena parte da comunidade homossexual (visto que muitos homossexuais habitam favelas e bairros sem infra-estrutra, não freqüentaram/freqüentam escolas, adentram a massa de desempregados entre outros), poderia estar sugerindo a participação social e o exercício da cidadania legitimado pelo capital? O poder econômico pode ser entendido como a autorização para usufruir o direito de cidadão? A aquisição de bens de consumo sugere uma melhora na prestação de serviço de saúde entre outros para homossexuais? O que perdemos quando ganhamos este tipo de *status*?

Sobre o "pink money", Nunan (2003), Trevisan (2006) indicam que ele tem impulsionado a luta pela visibilidade GLBTTT o que acarreta na luta pelos direitos da comunidade homossexual. Este acontecimento pode ocorrer quando se chama a atenção da sociedade e de empresas para as necessidades e demandas de grupos GLBTTT (participação no mercado) - dadas quando se contemplam e atendem as necessidades e *desejos* destes consumidores. Todavia, enquanto Nunan (2003) encontra em seu estudo de campo a emergência de um forte e expansivo "mercado gay" no Rio de Janeiro, voltado, sobretudo para serviços e direcionados a sujeitos acima dos 25 anos e de classe média ou alta, Trevisan

(2006) alerta sobre a equivocada crença de que a persuasão do "pink money" seja uma arma infalível contra a discriminação, afirmando:

> Mas, infelizmente, o *pink money* nem sempre funciona como elemento demovedor de preconceitos. É claro que homossexuais poderão boicotar seja empresas seja produtos que promovem a discriminação por orientação sexual. Ainda assim, ocorrem algumas armadilhas em que o turismo homossexual é quase inviabilizado em função de costumes discriminatórios arraigados [...] (TREVISAN, 2006:157)

Conforme Paiva (2002), compreender o sujeito como consumidor é pensá-lo como sendo apenas apto a investir o seu capital em mercadorias desejadas, de acordo com as idéias de consumação disseminadas em sociedade. Dessa maneira, pode-se analisar que o *homossexual-consumidor* seria um sujeito de conquistas individuais, de empoderamento sobre outros (coletivo), legitimados pelo capital e entendidos unicamente como um nicho mercadológico.

Para os homossexuais que possuem uma condição econômica privilegiada, poderia se pensar as conquistas trazidas pela lógica mercantilista, como indica Paiva (2002), uma reflexão sobre o consumidor cidadão, que de maneira emancipada e politizada, age a favor de um coletivo, fazendo de seu dinheiro uma maneira ativa de exigir respeito por meio do discurso dos direitos dos cidadãos. Vale ressaltar que quando se fala em "pink money", nos remetemos a uma representatividade - classe social e econômica satisfatória - muito pequena de grupos GLBTTT, pois, se é fato que a mídia divulga a imagem de *gays solteirões e vaidosos* como potenciais consumidores, a mesma mídia omite as condições de grupos GLBTTT que povoam as filas de desempregos por conta da homofobia, o sub-emprego ou salários inferiores a pessoas heterossexuais que desenvolvem mesmos cargos profissionais, pessoas que habitam as favelas, jovens que são expulsos de casa pela família por conta da orientação sexual, trabalhadores do sexo em situações de vulnerabilidades entre outros contextos que desfavorecem e violam os direitos dos cidadãos em um Estado dito como democrático e laico.

2.2.3 Homofobia e homofobia interiorizada como dispositivo de controle da heterormatividade: "Práticas sociais violentas que interditam o prazer de si e da vida do outro..."

(...) Homophobia-the worst disease
You can't love who you want to love in times like these…
(Homophobia - Chumbawamba)

(...) Joga pedra na Geni
Ela é feita pra apanhar/ Ela é boa de cuspir
Ela dá pra qualquer um/ Maldita Geni...
(Geni e o Zepelim – Chico Buarque)

Eu fecho os vidros pelo fim da tarde
E o sol sumindo deixa a escuridão
Que cai tingindo em sangue a minha carne
Um tiro no coração/ Despedaçou
No asfalto um arco-íris dos seus lábios sem cor
E o que restou, um armário sem vestidos,
Um vaso sem flor...
(Um Tiro No Coração – Nando Reis)

De acordo com Mott & Cerqueira (2001) e Leony (2006), a homofobia pode ser caracterizada como um ódio explícito, persistente e generalizado, que se expressa por práticas sociais violentas que vão desde agressões verbais enquadradas nos tipos penais contra a honra até atos extremos de violência física, evidenciadas nas práticas com requintes de crueldade, que culminam em homicídios hediondos (elevado número de golpes desferidos por armas brancas ou disparos deflagrados, geralmente conjugado com o uso de múltiplos instrumentos de tortura prévia à execução).

Remeter ao termo homofobia implica em invocar, imediatamente, as cenas assustadoras e desumanas contra grupos que diferem das expressões da heterossexualidade (consideradas perigosas por ameaçarem os papéis definidos de macho/fêmea nas funções vitais de manutenção, subsistência e segurança política e social), descritas e retratadas em trabalhos de autores tais como, Silva (1993), Mott[20] & Cerqueira (2001), Roldão (2001),

[20] Este autor é responsável por uma pesquisa realizada a partir de recortes de jornais (restritos ao nordeste do Brasil), mas única em seu gênero e amplamente conhecida no movimento GLBTTT brasileiro, que contabilizam as mortes causadas por crime de ódio contra a população GLBTTT - homofobia. Muitos desses assassinatos, nem sempre são notificados pelo poder público, sendo que os dados são agrupados por denúncias de ONGs, familiares e amigos das vítimas, busca na mídia entre outras fontes informais. Segundo o *site* do Grupo Gay da Bahia (http://www.ggb.org.br/assassinatos2005.html), a cada três dias, um crime de ódio contra a população GLBTTT é registrado no Brasil. Corroborando com a análise deste *site*, Leony (2006) indica que as informações referentes às estatísticas de crimes homofóbicos perpetrados, bem como o monitoramento e avaliação das ações programáticas no âmbito da segurança pública, nem sempre são disponibilizados de maneira organizada e sistematizada, fator que dificulta o acompanhamento e a avaliação da gestão política dos delitos de ódio a serem combatidos por esses órgãos gestores.

Spagnol (2001), Peres (2005), Leony (2006), Pocahy (2007), Rios (2007) entre outros. Estes autores mencionados apresentam o lado obscuro e velado das práticas sociais violentas e intolerantes de cunho homofóbico presentes na sociedade brasileira contemporânea. Nestas obras acadêmicas encontramos a *colcha de retalhos* que estampa cenas violentas contra homossexuais em pontos geográficos onde as desigualdades sociais e de gêneros *saltam aos olhos*.

E mais, os autores citados, com seus trabalhos de cunho político, denunciam as hierarquizações e relações de poder que interditam o pluralismo das diferentes sexualidades em interface com questões sociais e culturais, construídas ao longo da história e ainda vigente no contexto atual de democracia e avanço dos Direitos Humanos. Denunciam não só as situações extremas das práticas sociais violentas que resultam em óbito, mas também as práticas cotidianas e as manifestações de desprezo sutis, entretanto, poderosas. Estas práticas sutis, que ocorrem no dia-a-dia, segundo Silva (1993), pode ser um sorriso no canto esquerdo da boca, uma piada, um gesto, uma interdição, uma negação, uma maneira de dificultar uma ação do outro, enfim, uma atuação que legitima e consente a tortura e o sofrimento psíquico de homossexuais e, conseqüentemente, o assassinato dessas pessoas.

Corroborando com o exposto, Borillo (2003) nos dirá que a homofobia é um fenômeno complexo e variado, que se entrevê nas piadas, mas que pode também converter-se em formas mais brutais chegando mesmo à violência física ou a violência extrema (vontade de exterminação), como foi o caso da Alemanha nazista. Como toda forma de exclusão, ela não se limita a constatar uma diferença: ela interpreta e tira suas conclusões materiais. Neste sentido, antigamente o homossexual era apontado e culpado do pecado de sodomia, sua condenação moral aparecia como necessária e a purificação pelo fogo da inquisição era a conseqüência lógica. Equivalente como um ato criminoso, era consagrado, nos melhores dos casos, ao ostracismo, e no pior, à pena capital, como ainda continua sendo o caso em alguns países. Considerado posteriormente como doença, as homossexualidades foram objeto da observação médica e submetida às terapias coordenadas pelas ciências, notadamente os eletro-choques, utilizado no Ocidente até durante os anos 1960.

Borrilo (2003) também indica que a homofobia pode ser compreendida como um medo das homossexualidades e o desprezo pelos gays e lésbicas ou para aqueles que presumem em sê-los, no entanto, não pode ser resumida apenas em uma forma específica de violência, seja ela uma recusa irracional ou de ódio declarado. Embora as sanções ou práticas sociais violentas contra pessoas que são identificadas como homossexuais seja antiga, o termo foi empregado pela primeira vez em 1971, mas apareceu nos dicionários de língua francesa

em meados de 1990, onde é definido como a rejeição das homossexualidades, a hostilização sistemática à consideração aos homossexuais. Junto à xenofobia, o racismo ou anti-semitismo, a homofobia é uma manifestação arbitrária que consiste em designar o outro como inferior ou anormal, ou seja, posicionando o outro como diferente, bizarro, estranho e assim sendo, fora do universo dos humanos: esta diferença irredutível o coloca alhures fora do universo comum dos humanos.

Segundo Welzer-Lang[21] (2001:465), a homofobia cristaliza a possibilidade de transitoriedade entre os gêneros, sendo dessa forma definida como "a discriminação contra as pessoas que mostram, ou a quem se atribui, algumas qualidades (ou defeitos) atribuídos ao outro gênero. A homofobia engessa as fronteiras do gênero." Dessa maneira, estudar a homofobia implica em entender a lógica da dominação masculina, pois:

> O paradigma naturalista da dominação masculina divide homens e mulheres em grupos hierárquicos, dá privilégios aos homens à custa das mulheres. Em relação aos homens tentados, por diferentes razões, de não reproduzir esta divisão (ou, o que é pior, de recusá-la para si próprios), a dominação masculina produz homofobia para que, com ameaças, os homens se calquem sobre os esquemas ditos normais da virilidade[...] (WELZER-LANG, 2001:465)

Neste sentido, para Welzer-Lang (2001) a homofobia pode ser compreendida como uma relação transversal e relacional de domínio masculino, tendo em seu suporte, pilares constituídos do machismo, (heteros)sexismo, heterocentrismo, heterormatividade (norma da heterossexualidade compulsória – onde presume-se que todas as pessoas são heterossexuais), viriarcado, que remonta a idéia do homem dominante que também está submetido às hierarquias masculinas. O heterossexismo toma a heterossexualidade como centro (heterocentrismo) e pode ser entendida como:

> [...] a discriminação e opressão baseadas em uma distinção feita a propósito da orientação sexual. O heterossexismo é a promoção incessante, pelas instituições e/ou indivíduos, da superioridade da heterossexualidade e da subordinação simulada da homossexualidade. O heterossexismo toma como dado que todo mundo é heterossexual. (WELZER-LANG, 2001:467-468).

---

[21] Welzer-Lang (2001) menciona a pesquisa de Pierre Dutey, que interrogou pessoas sobre a maneira por qual elas reconheciam pessoas homossexuais na rua, e grande parte dos participantes associou homens homossexuais com sinais de feminilidade, como por exemplo, roupas, voz, jeito corporal, e dessa forma, concluindo que homens que não apresentam sinais redundantes de virilidade são associados a imagem da mulher ou a seus equivalentes simbólicos, tais como, os homossexuais.

O heterocentrismo adota categorias para estabelecer hierarquização e relações de poder que "distingue os dominantes, que são os homens ativos, penetrantes, e os outros, aquelas e aqueles que são penetradas/os, logo dominadas/os." (Welzer-Lang, 2001:468) Partindo deste pressuposto, a homofobia se pauta para desvalorizar e menosprezar todas aquelas pessoas que são suspeitas ou assumem configurações sexuais ditas como não-naturais, ou seja, fora do paradigma heterossexista.

Para Borrilo (2000), a homofobia, da mesma forma que o sexismo/machismo, hierarquiza e confere uma supremacia dos homens sobre as mulheres, apresentando-se como um componente eficiente e necessário para legitimar o regime do binário sexual e para ordenar as diferenças entre homossexuais/heterossexuais. Para tanto, utiliza as emoções, crenças, pré-conceitos tanto quanto práticas sociais e dispositivos legais e discursivos (teorias, mitos, entre outros) para justificar a violência (em todos os sentidos) contra homossexuais.

Segundo Louro (2003), a população GLBTTT, poderia ser compreendia como *ex-cêntrica* (fora do heterocentrismo), pois fazem com que este grupo não-heterossexual seja considerado *seres abjetos*, (BUTLER, 2000), justamente porque demonstram um não conformismo ao gênero do qual arbitrariamente pertencem seus sexos biológicos. A cultura heterossexual dominante passa, então, a considerar essas pessoas como seres bizarros, desprezíveis, desviantes, anormais, marginais, sub-humanos, sub-cidadãos que devem ocupar e existir apenas nos lugares inabitáveis e de sub-cultura, ou ainda, não existirem. Assim, são seres que ameaçam a "ordem heterossexual", seres que deveriam habitar tão somente o espaço imaginário e/ou mitológico. Por serem ameaçadores, perpetuam-se mitos sobre sua condição e "performance sexual". Segundo Johnson & Keren (2003:370):

> [...] Estes mitos derivam da fórmula segundo a qual a "sexualidade masculina gay = passividade e feminilidade" e a "lesbianidade = masculinidade e dominância". Estas premissas têm influenciado as investigações científicas, como pode ser visto nas primeiras experiências que procuravam respostas biológicas para a homossexualidade no estrógeno e na testosterona, os chamados "hormônios sexuais".

Em uma ordem epistemológica, Borrillo (2003), não tentará compreender a origem e funcionamento das homossexualidades, mas sim analisar como se processa esta hostilidade desencadeada para um público selecionado: os homossexuais. Em um sentido político, a questão extrapola as homossexualidades e adentra à problemática da homofobia, pois esta questão não se restringe a um grupo, raça, credo religioso ou a origem étnica específica, mas trata-se da construção política do cidadão (sexuado) que atravessa todas as categorias citadas.

Um exemplo mais banal sobre isso, pode ser encontrado na idéia recorrente entre os estudos feministas: "não é necessário ser homem para ser machista em casa, e tampouco é necessário ser um casal heterossexual para adotar os modelos [hierarquizados] de relação do machismo" (Castañeda, 2006:200). Dessa maneira, a homofobia associada às categorias como raça/etnia, cor de pele, classe social e econômica, gênero, assume graus diferenciados em suas manifestações, complexificando e acrescendo outros elementos aos processos de estigmatização. Assim como se sabe que as travestis[22] pertencem a um grupo bastante exposto à violência (Peres, 2005), os homossexuais efeminados, os gays e lésbicas mais assumidas também fazem parte de um grupo de pessoas mais vulneráveis às expressões de práticas sociais violentas. Mas não se trata apenas de uma violência física, patrimonial ou psicológica a que esses grupos de pessoas vistas como abjetas estão mais vulneráveis, mas também, no que tange à saúde física, ou seja, à infecção pelo vírus HIV. Segundo pesquisa de Terto-Jr (2002), a camada mais jovem e pobre de homossexuais encontra-se mais vulnerável à infecção pelo vírus HIV, o que indica, portanto, que os fatores sócio-econômicos e geracionais se somam aos processos de subjetivação. Em suas palavras:

> Como já mencionei, segmentos da população mais jovem, em situação de pobreza ou sob efeitos de fatores de vulnerabilidade, como opressão sexual, violência familiar e policial, entre outros, apresentam níveis preocupantes de HIV e merecem cada vez mais a atenção das iniciativas de prevenção (Pimenta et al., 2001). As dificuldades para a prevenção nessas populações estão relacionadas à vergonha e à culpa que ainda cercam a abordagem da homossexualidade nas iniciativas de prevenção e mesmo de assistência (Warner, 1999). A culpa e a vergonha podem estar fundamentando as representações que dizem que todo homossexual é potencialmente um doente de AIDS e responsável pela disseminação do vírus em outros segmentos populacionais, o silêncio e a invisibilidade de expressões, imagens ligadas à homossexualidade na mídia e nas campanhas de prevenção, o medo que os homossexuais sentem de fazer o teste ou a crise que se segue ao receber um resultado soropositivo, já que pode se considerar ou ser considerado *culpado* de ter se infectado pelo HIV. (TERTO-JR, 2002:152).

No epicentro da discriminação, a homofobia desempenha um papel maior quando coloca os grupos não-heterossexuais em um patamar de inferiorização, conseqüência direta da hierarquização das sexualidades, e confere à heterossexualidade um status superior, e situando-a no campo do natural e única forma de existir.

---

[22] Embora se tenha o conhecimento que na língua portuguesa formal trazida pelos dicionários o pronome travesti é dito no masculino, este autor concorda e aceita a reivindicação política e auto-denominativa atribuída pelas travestis para serem identificadas com os artigos definido/indefinido no feminino.

Um dos aspectos que atormentam os homofóbicos diz respeito à tentativa de tirar a homossexualidade da esfera íntima, da vida privada e reinvindicar publicamente sua equivalência à heterossexualidade. Assim a homofobia teme que essa identidade seja reconhecida e assim ameace, (Borrillo, 2003), a hierarquia imposta pela ordem heterossexual (heterossexismo). O discurso religioso, mesmo sendo fortemente ativo, está longe de ser o único centro da retórica anti-homossexual, pois o discurso homofóbico, na década de 50, adentrou e se potencializou nos enunciados das ciências (psicologização e patologização[23]) do desejo homossexual, corroborando para as desigualdades sociais, culturais e jurídicas das sexualidades.

O mesmo autor nos informa que existem posicionamentos dentre os homofóbicos que invocam, de um lado a homofobia liberal, que se refere ao silêncio da vida privada dos gays e das lésbicas, os quais devem se conformar à tolerância que a sociedade lhes concede e, do outro lado, a homofobia diferencialista, que utiliza a diferenciação homossexual-heterossexual, na qual o critério permanente dita que os comportamentos heterossexuais merecem a qualificação de modelo social e de referência para todas as demais sexualidades, permanecendo, portanto, as homossexualidades em uma posição marginal, subversiva, de sub-cidadania, que lhes tolhem o acesso aos direitos tais como casamento, família, parentalidade entre outros.

Porém, de acordo com Borrillo (2003), de todas as declinações, não se deve ignorar a ação nefasta da homofobia interiorizada, pois ela faz com que gays e lésbicas se sujeitem às regras sociais de manter essa diferenciação de modo que interfira em suas experiências existenciais e, conseqüentemente, em suas auto-estimas.

Sobre as pessoas homofóbicas, Mello (2005:193) indica que estes "costumam ser conservadores, rígidos e favoráveis à manutenção dos papéis sexuais tradicionais", pois a homofobia está associada ao machismo, ao fundamentalismo religioso e, podendo estar relacionada à misoginia. O mesmo autor indica ainda que, a homofobia despertada no imaginário heterocêntrico dominante é atribuída "aos desejos e fantasias homossexuais que

---

[23]A homossexualidade foi retirada da classificação de desordem mental pela Associação de Psiquiatria Americana em 1973. No Brasil, o Conselho Federal de Medicina retirou a homossexualidade da lista dos desvios sexuais em 1985. A Assembléia Geral da Organização Mundial da Saúde (OMS) aprovou em 17 de maio de 1990, a retirada do código 302.0 (Homossexualidade) da Classificação Internacional de Doenças, apontando que a homossexualidade não constitui doença, nem distúrbio, nem perversão, sendo que essa prerrogativa só foi vigente entre os países-membro das Nações Unidas em 1994. Ver: LEONY, Mário de Carvalho. *Homofobia, controle social e política pública de atendimento***.** Sergipe, 2006. (Monografia de pós-graduação Lato Sensu em Gestão estratégica em segurança pública da Universidade Federal de Sergipe). Entretanto, para um segmento específico da população GLBTTT, a saber, as pessoas transexuais, o não-conformismo ao gênero continua a ser uma patologia. O DSM IV de 1994 inclui a categoria "desordem de identidade do gênero" como uma doença mental.

habitam, consciente ou inconscientemente, o self do sujeito homofóbico." (Mello, 2005:193). Sobre isso, Castañeda (1999) nos dirá que uma das funções que fundamenta a homofobia diz respeito à negação de si próprio, de qualquer desejo homoerótico que se possa ter e que tem que ser reprimido; seria o *medo da homossexualidade do outro em mim* - homossexualidade que inflige regras morais vigentes.

Analisaremos aqui um nível individual de expressão da homofobia muito recorrente junto aos participantes da pesquisa que diz respeito à vergonha, tal como ela é sentida pelo sujeito e o influencia. Em Chauvin (2003:222) encontramos que dentre os grupos estigmatizados, os gays e as lésbicas são sob todas as considerações, os "filhos da vergonha". A biografia de muitos desses "filhos da vergonha" é marcada por momentos de angústia e mal-estar que se remetem à dificuldade em existir em um mundo. De modo geral, antes mesmo do *coming out* (*sair do armário*) de alguns, muitos já acompanharam de perto os sentimentos permanentes e cruéis de vergonha e culpa que acompanham a descoberta ou a tentativa de aceitação de si mesmo e a consciência crescente de fazer parte de uma classe de sujeitos inapropriados perante a sociedade. Tais sentimentos potencializam as vulnerabilidades da população GLBTTT, sendo que a análise propriamente *política* da vergonha converge para a crítica da ordem social heterossexista.

A vergonha (homofobia interiorizada) é um mecanismo poderoso graças a qual a ordem social nos contém e nos mantém sob o próprio aprisionamento, impedindo que os "*anormais"* se distanciem do que é posto como certo ou, ainda, fazendo com que estes *"anormais"* se escondam e se mantenham invisíveis para não serem identificados como pertencentes àquela categoria estigmatizada. Possui um efeito político de opressão reproduzida cotidianamente e, muitas vezes, utilizada como refúgio nos nossos corpos, nas nossas subjetividades e nas estruturas objetivas da sociedade heterossexista, (Chauvin 2003).

O pressuposto da homofobia interiorizada é que nenhuma dominação pode se exercer por longo tempo, se ela não for, de uma ou outra maneira, interiorizada por aqueles que ela tem como proposta estratégica de assujeitar ou de inferiorizar. Através da vergonha, o poder da heterossexualidade (a qual faz uso da homofobia para exercer-se) se apóia sobre os sujeitos e, dessa forma, faz uma imposição e uma auto-imposição acerca dos sentimentos de ser ridículo e de ser inapropriado mediante a ordem hierárquica da sociedade heterossexista. Ninguém necessita imaginar um complô homofóbico para entender que homossexuais estão pré-dispostos psicologicamente a reconhecerem as divisões instituídas e as estruturas de autoridade, e assim, conferir à homofobia uma parcela do poder por vezes paradoxal que ela exerce sobre eles.

A vergonha se nutre de um mal-estar para consigo, um ódio de si mesmo, que extrapola os sujeitos homossexuais porque não é, jamais, nem completamente individual, nem absolutamente consciente.

A homofobia interiorizada diz respeito à incorporação do desprezo que outros sujeitos dirigem aos homossexuais e que esses, em muitos casos, aceitam, pois se sentem culpados em não corresponder aos padrões heterossexuais idealizados. Tal mecanismo pode ser compreendido então, como o *"medo dos outros em si mesmo"*, alimentando a vergonha de si e também projetando, freqüentemente, o *"ódio de si mesmo no outro"*. (Chauvin, 2003). A vergonha favorece o isolamento o qual a retroalimenta: sem que ninguém a tenha jamais realmente planejado. Assim, o mundo heterossexista é ele mesmo surpreendentemente eficiente nas segregações e, esse ciclo descrito traz sofrimento de ordem subjetiva, ou seja, vivencial.

Chauvin (2003) considera, mais profundamente, que os homossexuais podem, em algum momento de suas vidas, se encontrarem em uma dada situação humilhante. No entanto, muitas destas pessoas que vivem à margem dos grandes centros urbanos (municípios interioranos) e das suas comunidades protetoras (onde se incluem os dispositivos de socialização de sexualidades GLBTTT), a situação ultrajente pode ser a própria vida (não somente uma ou algumas situações), pois o simples fato de existir, de localizar em si o desejo por alguém do mesmo sexo biológico, o sentimento de não-conformidade ao gênero, faz com que o controle social sobre si seja acionado e, assim, surja a vergonha e culpas diárias em relação à sua condição de "desviante da normativa heterossexista". Ou seja, em comunidades pequenas e provincianas, sujeitos que diferem do enquadramento heteronormativo e não encontram lugares de socialização de sexualidades GLBTTT, podem ter que anular a expressão de sua sexualidade, comportando-se como assexuados ou forçando-se em corresponder aos padrões heteronormativos. Por conta disso, não é incomum que um grande contingente desta população migre para os grandes centros urbanos, na esperança de poderem viver anonimamente seus desejos afetivo-sexuais.

A visão naturalizada e essencialista das pessoas homofóbicas sobre a relação sexo/gênero/desejo/práticas sexuais, reduz a identidade de pessoas que diferem da categoria heterossexual como sendo uma condição marcada apenas pela classificação sexual de onde passam a ser vistas como "provocações ambulantes" que maculam a moral da vida social e esses olhares normativadores fazem com que estes "grupos de inconformados" se sintam repulsivos quando em público (Chauvin, 2003). Dessa maneira, por meio de mecanismos de redução, rejeições, ameaças, e sua antecipação consciente ou inconsciente, a vergonha, força

esses grupos que não adentram a categoria heterossexual a se esconderem ou se tornarem invisíveis.

Castañeda (1999) aponta que além da vergonha (homofobia interiorizada) expressa, existem outros aspectos relevantes que atuam em termos psíquicos, ou seja, de importância clínica, entre eles: o luto da heterossexualidade, os segredos que geram dificuldades em lidar com situações até mesmo corriqueiras para pessoas heterossexuais, assim como favorecem a ocorrência das diversas expressões da violência, como, por exemplo, a chantagem, o suicídio, a vulnerabilidades às DSTs e ao HIV/AIDS entre outros.

Dessa maneira, a autora supracitada indica que a maioria dos homossexuais - ainda hoje na sociedade atual - carregam consigo uma imagem desvalorizada de si, um conflito existencial em relação à própria sexualidade. Ou seja, o conflito que é exterior ao sujeito, que diz respeito a uma não conformidade às regras e normas sociais, dobra-se para dentro do sujeito, trazendo-lhe a sensação de ser um conflito psíquico interno, gerando, portanto, culpa e frustração. Esta percepção distorcida sobre as homossexualidades (de si e dos outros), difundidas socialmente e interiorizada pelos sujeitos ditos homossexuais faz com que os mesmos tracem um projeto e uma visão de vida em *desvantagem* frente aos heterossexuais. Sobre essa afirmação *perigosa*, Castañeda (1999), diz que este *"*quê*"* de desvantagem é dado pela imposição de isolamento afetivo e social que muitos homossexuais tiveram de se submeter durante a vida.

As regras impostas aos grupos GLBTTT, possivelmente, delimitaram o desenvolvimento social, profissional e de relacionamentos afetivos destas pessoas. Assim, Castañeda (1999) indica que estas condições não permitem que os homossexuais aprendam certas competências sociais e estilos de vidas próprios da cultura heterossexual, ou seja, eles não compartilham certos campos afetivos e não possuem oportunidades de efetivar, se desejarem, certas ocasiões cotidianas e marcantes do ciclo da vida em sociedade como, por exemplo, namorar, flertar em público, casar, relações familiares entre outros.

Todavia, a construção do processo identificatório de gays e lésbicas, tanto no plano pessoal quanto coletivo (política), atua de maneira a resistir ao abuso dos mecanismos de controle mencionados e pensar em novos estilos de vida. Se existe a vergonha gay (homofobia interiorizada), o seu contrário, diz respeito ao orgulho gay[24]. Este orgulho gay visa, antes de mais nada, uma (re)apropriação da identidade homossexual que reverteria o estigma em orgulho, tanto privado quanto público, reivindicando sua identidade de maneira a desbancar o

[24] Atualmente, por uma questão política e reivindicatória, o discurso do orgulho gay ampliou-se e passou a ser considerado orgulho GLBTTT, na qual se formulou os *slogans* das Paradas do Orgulho GLBTTT.

discurso heterossexista. Para tanto, Chauvin (2003) indica que uma comunidade gay e lésbica mobilizada serve não somente de alavanca para as mobilizações políticas, mas também, cotidianamente, de refúgio protetor permanente aos *não-heterossexuais* que podem (des)construir toda a rede de idéias que os atravessa e os interioriza e que engendra a vergonha e o ódio de si mesmo. Dessa maneira, produzem uma rede de sustentabilidade para a possível emancipação psico-social e política, de modo a construir condições que favorecem a cidadania, a inclusão social e a redução das desigualdades de gênero.

3- Justificativa

Nas escolas, nas ruas, campos, construções
Somos todos soldados, armados ou não
Caminhando e cantando e seguindo a canção
Somos todos iguais braços dados ou não
Os amores na mente, as flores no chão
A certeza na frente, a história na mão
Caminhando e cantando e seguindo a canção
Aprendendo e ensinando uma nova lição
Vem, vamos embora, que esperar não é saber,
Quem sabe faz a hora, não espera acontecer.
(Pra não dizer que não falei das flores – Geraldo Vandré)

De maneira geral, a justificativa dessa pesquisa é estabelecer um elo entre a pesquisa acadêmica, o compromisso social e político dos movimentos de transformação social e da cultura homossexual nos diversos segmentos sociais.

Conceitos como visibilidade, preconceito, cidadania e identidade homossexual vêm adquirindo grande repercussão social devido às discussões e as manifestações divergentes sobre os Direitos civis e políticos dos homossexuais, entre elas, a união civil entre pessoas do mesmo sexo biológico e a adoção de crianças pelos mesmos, dissociação do fenômeno da AIDS das práticas homoeróticas entre muitos outros. Estas discussões, além de propor alterações profundas no modelo de vida pautada na moral cristã, machista e heterossexista vigente na sociedade e de permitir a propagação das produções advindas da cultura homossexual, também revelam por meio do discurso propagado cotidianamente, o preconceito construído e interiorizado pelos homossexuais sobre si mesmos e em relação a outros homossexuais.

Não obstante, as homossexualidades, enquanto constituições subjetivas e construções sociais sejam recentemente estudadas, o preconceito, as perseguições e sanções aos homossexuais são antigas. Elas sempre estiveram presentes na história da humanidade, por intermédio das instituições e de seus agentes: família, escola, religião, ciência entre outros. No momento histórico em que vivemos, a diferenciação e segregação (onde se inclui a homofobia e suas interfaces), em suas diversas expressões, se expandiram e se pulverizaram mais visivelmente entre os próprios homossexuais que reproduzem práticas sociais homofóbicas, que podem promover sofrimento de ordem subjetiva e vivencial de diversas ordens.

4. Objetivo

Eu prefiro ser/ Essa metamorfose ambulante
Do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo...
(Metamorfose Ambulante - Raul Seixas)

4.1. Objetivo Geral

Compreender as especificidades da hierarquização e das relações de poder estabelecidas entre pessoas que se autodenominam homossexuais masculinos e que freqüentam dispositivos de socialização de sexualidades GLBTTT, partindo das incursões etnográficas e das narrativas de histórias de vida destes freqüentadores.

4.2. Objetivos específicos

1. Identificar como se constitui e se estabelece a socialização, a hierarquização e relações de poder de freqüentadores de dispositivos de socialização de sexualidades GLBTTT e;

2. Identificar por meio das histórias de vida, como os participantes interiorizaram a construção social das sexualidades e como a mesma implica nas hierarquias e relações de poder entre os próprios homossexuais.

5. Método: da construção do objeto e do método de pesquisa

Tudo aqui quer me revelar
Minha letra, minha roupa, meu paladar
O que eu não digo, o que eu afirmo
Onde eu gosto de ficar
Quando amanheço, quando me esqueço
Quando morro de medo do mar...
(Me revelar – Zélia Duncan)

(...) Agora era fatal/ Que o faz-de-conta terminasse assim
Pra lá deste quintal/ Era uma noite que não tem mais fim
Pois você sumiu no mundo/ Sem me avisar
E agora eu era um louco a perguntar/ O que é que a vida vai fazer de mim...
(João e Maria – Sivuca & Chico Buarque)

5.1 Da construção do objeto de pesquisa: incursões ao campo

Você não sabe o quanto eu caminhei
Pra chegar até aqui...
(A estrada – Cidade Negra)

Há tantos quadros na parede
Há tantas formas de se ver o mesmo quadro...
(NinguéM = NinguéM - Engenheiros do Hawaii)

Comumente as pessoas acreditam que se faz uma dissertação de mestrado em aproximadamente 2 (dois) anos, entretanto, discordo deste posicionamento quando o tema sugerido adentra aos estudos das sexualidades e dos gêneros.

Perdoem-me os que acham minha posição radical ou de intensa ignorância, mas penso que, diferentemente, de um pesquisador de áreas de conhecimentos baseados em uma fundamentação positivista, como por exemplo, um biólogo que faz um recorte de estudos sobre fungos que atingem folhas de uma lavoura de café de uma determinada região do Paraná, a pesquisa nos estudos das sexualidades e dos gêneros demanda tempo além daquele estipulado pelos programas de pós-graduação. Voltando ao exemplo, o profissional da biologia citado poderia nunca ter tomado café ou mesmo não gostar de café e, nem achar de seu interesse acadêmico o estudo dos fungos no café, entretanto, ele foi lá e os pesquisou.[25]

Sobre o incentivo para a realização de pesquisas que envolvam as questões das diversas expressões das sexualidades e dos estudos de gêneros, Vance (1995) aponta que

[25] Exponho isso conforme relatos de amigos e colegas que não se identificam com a temática que estudam nos programas de pós-graduação, mas se encaminharam para fazê-lo mediante o entendimento do destaque e importância profissional que teriam futuramente.

orientadores tentam dissuadir seus alunos para a realização de trabalhos acadêmicos sobre a temática, pois se remeter a esses assuntos pode recorrer em risco para a carreira do futuro profissional.

Digo que meus estudos das sexualidades e de gêneros me atravessaram desde a primeira infância, conforme expus sucintamente na introdução, portanto, a minha vivência foi e é uma partida para pensar os conceitos *sexualidades* e *gêneros*. Mesmo sem interesse no referido conceito, o biólogo também é atravessado pelas construções sociais advindas das expressões das sexualidades e de gêneros, assim como as pessoas as são. Fui *obrigado* neste período do mestrado a *(des)construir saberes* e *olhar para trás*, olhar para minha história pessoal, observando todos os assuntos que fazem parte das esferas da minha construção social, tais como, a relação com minha família, meus parentes, amigos de infância, meu município no interior paulista, instituições e grupos sociais a qual faço/fiz parte, escolhas típicas de cada ciclo da minha vida que tiveram que ser redimensionadas e, principalmente, o relacionamento com pessoas que se autodenominam heterossexuais e homossexuais.

É fato que a construção do objeto de pesquisa sugerido nesta dissertação aconteceu concomitante ao meu *coming out*[26] e freqüência em dispositivos de socialização de sexualidades GLBTTT - um bar e uma boate do município onde resido. Entretanto, é importante evidenciar que o cuidado em minhas observações foi reforçado no período em que escrevi o projeto para a realização desta dissertação e, durante todo o período do mestrado em que confeccionei meu diário de campo que nominei de *idéias para o mestrado*.

Confesso que quando *ouvi o chamado* para freqüentar esses dispositivos de socialização denominados popularmente, inclusive pelos próprios freqüentadores, como bares e boates *GLS*[27] ou *guetos gays*, pensei que ia me libertar das *amarras* que me prendiam diante dos lugares freqüentados aparentemente somente por heterossexuais, onde a normativa impedia quaisquer tipos de atitudes, como, por exemplo, flertar e olhares de encantamento por pessoas do mesmo sexo biológico que me atraíam mediante ameaça real e ridicularização.

Neste período, me formava em psicologia e buscava o afastamento da minha família de origem ao mesmo tempo em que buscava um lugar onde a clandestinidade imposta às vivências do homoerotismo pudesse ser minimizada ou nula em comparação aos lugares públicos que freqüentava anteriormente.

---

[26] Na linguagem popular, *sair do armário*, apresentar-se de maneira particular ou geral, como fazendo parte de um grupo que não se identifica como heterossexual.

[27] GLS – sigla referente a gays, lésbicas e simpatizantes. Termo ainda bastante utilizado para referenciar e identificar lugares, públicos ou produções que envolvam esta população, entretanto, a sigla não contempla outros grupos da diversidade sexual que buscam visibilidade política. Durante minhas incursões ao trabalho etnográfico, ouvi muitas vezes as denominações *guetos* e *lugares GLS*.

Primeiramente, comecei a freqüentar um ambiente de *possibilidades de encontros e negociações* das sexualidades, com o diferente, com a diferença, com o divergente e também com o convergente. Este lugar, um bar *underground*, estilo fim de noite, de meia luz de tom avermelhado, palco de apresentações artísticas, famoso pelo macarrão, considerado alternativo e subversivo[28] pela maioria dos freqüentadores. Este lugar era constituído por grupos heterogêneos e rotativos, denominados, muitas vezes, de tribos urbanas[29], tais como, *hippies*, *punks*, góticos, roqueiros, *rappers* (manos), homossexuais, artistas, acadêmicos, intelectuais, alternativos, drogadictos, profissionais do sexo, procuradores de sexo fácil, aventureiros entre outros que passavam neste estabelecimento em uma mesma noite. Embora a população de freqüentadores fosse bastante diversificada, era marcante que o maior público era constituído por homossexuais (principalmente nas sextas-feiras e sábados) ou por pessoas que tinham práticas homoeróticas (que poderia estar presente em quaisquer outros agrupamentos anteriormente mencionado, mas que não se autodenominavam homossexuais).

Ao referido bar, apesar de ter um público diferenciado, era atribuído o estigma do lugar de lazer *gay*, tanto o é, que os homossexuais denominavam este estabelecimento como um lugar de convivência *para* e *entre* homossexuais. Embora eu tivesse assimilado que aquele era um ambiente *gay*, era lembrado sempre por alguém que o bar era apresentado por muitos como sendo um estabelecimento que tinha uma identidade referenciada pela diversidade cultural, de modo que outras pessoas e tribos urbanas e outros grupos (além dos homossexuais) pudessem freqüentá-lo. Uma das condições para este estabelecimento fosse bastante heterogêneo em relação ao público (onde se inclui a categoria de classe social e econômica), é o fato de que não se pagava para entrar, e pela facilidade de se deslocar até ele, uma vez que se encontrava próximo de duas avenidas principais, onde passava, freqüentemente, ônibus para o terminal urbano e, dessa maneira, para os bairros mais afastados do centro do município.

De acordo com Straviski (2004), o bar foi fundado em 1979, e foi palco de muitas discussões artísticas e políticas na década de 80 e 90, embalada a muito rock alternativo

---

[28] De acordo com Velho (1981), subversivo é uma categoria de acusação que serve para estigmatizar as pessoas, tendo conotação de grande periculosidade e violência, estando contra o governo, a família, a religião, a moral e mantendo um aspecto anti-social e nocivo a toda a sociedade, portanto, moralmente condenável. Ver: VELHO, Gilberto. Duas categorias de acusação na cultura brasileira contemporânea. In: **Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981. p. 55-64.

[29] A expressão *tribos urbanas* é utilizada metaforicamente por Magnani (1992), para descrever e explicar o surgimento de agrupamentos em contextos de sociedades complexas, sendo estes grupos bem delimitados de maneira que organizam e compartilham regras e especificidades que caracterizam o grupo e os diferenciam do estilo homogêneo e massificado das grandes cidades. Ver: MAGNANI, José Guilherme C. Tribos urbanas: metáfora ou categoria? In: **Cadernos de campo**, São Paulo, n. 2, 1992.

nacional e internacional. Em Meira (2005), encontramos que em 2002, um grupo empresarial do município havia comprado o lote onde estava construído o bar e, assim que terminasse o contrato de aluguel em 2005, não pretendia continuar a trajetória histórica deste estabelecimento. Anterior ao deslocamento do bar para outra região do município, a mídia local prestigiou com destaque o acontecimento, na tentativa da sensibilização para que este bar fosse tombado como patrimônio cultural, fato que não ocorreu. No local *das cinzas* do estabelecimento destruído, encontra-se pichado no lado externo do muro, a expressão da indignação, demonstrada na música Sampa de Caetano Veloso: *"... da força da grana que ergue e destrói coisas belas* ***..."***

Enfim, constatei neste bar que a alta freqüência de homossexuais, não implicava necessariamente no *coming out* do público homossexual que ali circulava, embora uma grande parte era evidentemente reconhecida como homossexuais por apresentarem um estilo *gay* (acessórios, roupas, linguagem, companhias, comportamentos de flerte entre outros).

Uma vez ali, naquele dispositivo de socialização, conheci muitas pessoas, amigos de amigos, que por sua vez também tinham amigos e todos eram, mesmo que muito tempo depois, de uma forma ou outra, apresentados a mim mesmo que com apenas um *oi seco*. Tive que me atentar e aprender rapidamente os códigos de acesso de socialização e compartilhamento dos grupos que ali se dividiam, assim como entender os códigos e os rituais de flerte de pessoas do mesmo sexo biológico.

As observações sistematizadas, ocasionadas pelas coletas de dados no referido bar ocorreram no período aproximado de um ano e meio. Contabilizo aproximadamente entre trinta e quarenta visitas, onde ocorria, na média, de duas visitas semanais (as incursões nestes lugares terminaram devido o bar ser deslocado para outra região do município no final de 2005). Entretanto, é fato que já era freqüentador do bar desde o ano anterior, para a realização da construção do projeto de mestrado. Ainda sobre as várias incursões ao campo, é importante salientar que elas possibilitaram a descrição mais minuciosa do funcionamento do lugar, uma vez que já percebia as regularidades e freqüência de situações típicas, ocasionadas por *figurinhas carimbadas*, (freqüentadores assíduos do bar), assim como discriminar situações inusitadas ocasionadas por pessoas que causavam algum tipo de fato ou por boatos corriqueiros como, por exemplo, em uma noite fria, um freqüentador espalhou a especulação: *"Gente, tem carecas, têm skinheads lá fora esperando a gente sair para pegar a gente desprevenido e espancar, têm vários, eu vi"*. (anotações de diário de campo). Essa notícia fez com que as pessoas que estavam ali, (re)pensassem sobre as práticas sociais homofóbicas e se (re)organizassem de maneira solidária para não serem pegos desprevenidos, criando

parecerias (dividindo táxi, pegando carona) e que discutissem as razões por quais as pessoas se prestavam a odiar tanto os homossexuais.

Já na boate, lugar animado por *drags queens*, som alto e com batidas fortes, bebidas, corpos erotizados e pessoas vestidas com suas melhores roupas, a atmosfera era diferente. Neste estabelecimento era mais evidente que além da busca do lazer e da proteção da sujeição da heteronormatividade, as pessoas se encontravam ali na procura de um ambiente erótico, que os mesmos não precisassem se comportar como *eunucos*. Era onde também as possibilidades de flerte e de exposição de características que identificavam uns aos outros como pertencentes a uma mesma orientação sexual ou ainda, identificassem outros interesses em comum em estar naquele mesmo lugar. Vale salientar, que a boate era visitada regularmente por várias pessoas de municípios vizinhos.

Neste dispositivo de socialização *dançante*, presumia-se que todas as pessoas que ali estavam se autodenominam homossexuais ou adeptos de práticas homoeróticas, diferentemente do bar em que os estilos das pessoas camuflavam as identidades. Ainda sobre a boate, é importante ressaltar que ela possuía uma arquitetura diferente de uma boate freqüentada por pessoas presumidamente heterossexuais, pois era dividida em dois ambientes: um ambiente muito iluminado, com mesas e sofás, onde o som não atrapalhava as conversas a dois, entre amigos e olhares às claras; o outro ambiente predominantemente escuro e com jogos de luzes (periodicamente ocorria *black out*), dividida em pista de dança, poucas mesas na parte superior e uma escadaria que atravessava a pista de dança até o *dark room*[30]. A localidade deste estabelecimento se fixa na saída do município, em uma região repleta de motéis que estampam em suas placas luminosas, dizeres que anunciam os preços e serviços oferecidos.

Tanto no bar quanto na boate onde freqüentei, era notório a descrição apontada por Pollak (1986), em que estes ambientes de socialização clandestina, denominado por este autor como "gueto", favorecia uma rede de solidariedade entre os freqüentadores que eram oriundos de diversos segmentos e classes sociais e econômicas, contudo, também observei o contraponto apontado por este mesmo autor em que salienta a estigmatização e diferenciação entre estes mesmos.

---

[30] O dispositivo da sexualidade *dark room* (quarto escuro) pode ser descrita como uma dependência dentro de um dispositivo maior que é a boate. Sua função, de maneira geral, é possibilitar o contato sexual (sexo anal, sexo oral, masturbação entre outros) com uma ou várias pessoas ao mesmo tempo ou repetidamente. Este dispositivo, por não possuir uma iluminação suficiente, impede que as pessoas que o freqüentam sejam reconhecidas e, dessa forma, autorizando na invisibilidade, a vazão do desejo homoerótico.

Nos códigos de acesso às pessoas e os rituais que eram estabelecidos aos quais me apresentaram, tive que entender que havia outros signos a serem identificados para se poder flertar e ter sucesso nesta ação. Primeiramente, deveria diferenciar a categoria de orientação sexual, observando a *possível* heterossexualidade ou a *possível* homossexualidade presente no outro. Uma vez identificada a homossexualidade do outro, a observação deveria ser orientada por uma questão de gênero, pois era necessário entender que a *idéia de sexo* não se remetia apenas ao sujeito biológico (pênis/vagina, macho/fêmea), mas no intercurso sexual (que se remete à penetração), a preferência sexual do outro (homossexual), ou seja, se *o outro* era passivo ou ativo, se era "*macho"* (viril) ou "*bicha passivinha"*. E nos discursos que me traziam saberes daquele recorte de realidade eu me perguntava: *"E se alguém passivo se interessar e se apaixonar por um outro passivo, eles não podem levar uma história adiante? Era isso? As pessoas se uniam pela prática sexual? O que eu queria? O que as pessoas identificavam em mim?"* (anotações de diário de campo). Não obstante, as classificações iam se ampliando, e as questões das sexualidades e de gêneros faziam interface com outras categorias encontradas em Weeks (1999) que serão apresentadas neste trabalho, tais como, classe social, raça/etnia, relações inter-geracionais.

Um outro questionamento que eu me fazia era: *"Qual a razão de as pessoas freqüentarem lugares repletos de gays, com referências de cultura gay e não quererem pertencer a esse grupo, não querem ser identificados como homossexuais ou até não aparentarem homossexuais?"* (anotações de diário de campo). Recordo-me de uma roda de colegas homossexuais rindo de um outro colega que dizia:

> [...] Eu não sou gay, eu não acho que eu aparento ser gay, eu sou bissexual. Eu não gosto de lugares gays. Eu venho aqui porque vocês vêem. Na verdade, eu odeio esse lugar, só têm bichas. As pessoas perguntam para mim aqui, o que estou fazendo em um lugar gay, eu acho isso um elogio, porque mesmo vindo aqui elas não duvidam de mim, não acham que eu pareço gay. (Anotações de diário de campo).

A mesma pessoa que disse que não era gay, em minha percepção, em muitos gestos revelava comportamentos que socialmente são identificados como femininos. Ela continuou e revelou em seguida:

> [...] Eu nunca nem beijei uma mulher, eu sinto tesão por homens com jeito de homem e até já me apaixonei por alguns, mas eu me considero bissexual porque se eu quiser eu posso transar com uma mulher quando eu quiser, não tenho problemas com isso. (Anotações de diário de campo).

E eu ainda me perguntava: *"O que faz de uma pessoa um homossexual? A aparência, o afeto, as práticas sexuais, o desejo?"* (anotações de diário de campo).

Concomitante ao meu *coming out*, parecendo um esquizofrênico por tentar viver dois mundos paralelos – um mundo heterossexual onde eu conhecia e o mundo homossexual que acabara de descobrir - busquei refúgio na militância como meio de empoderamento e proteção, uma vez que a primeira amiga que também era psicóloga e que escolhi para contar sobre minhas inquietações, me recriminou, dizendo que esta *"escolha"* que eu estava fazendo, me traria muito sofrimento e solidão, além de dificuldades em ser aceito em um emprego. Dizia ela que era uma fase confusa, que passaria e que eu estava indo pelo "*caminho errado"*. Esta e outras tentativas frustradas de compartilhar com amigos heterossexuais as minhas *descobertas*, fizeram me afastar dos lugares freqüentados somente por pessoas supostamente heterossexuais e reforçou a idéia de me refugiar nos dispositivos de socialização de sexualidades GLBTTT para encontrar amigos, muito mais do que para flertar. Entendo que minha homofobia interiorizada me enlaçava e o medo de enfrentar a minha vida anteriormente construída me fazia me calar e fugir.

O desejo em conhecer o campo minado das homossexualidades me motivou a ir atrás não somente das dificuldades por qual passa um homossexual (uma vez que, é fato que as dificuldades surgiam por si só), mas também em conhecer as produções oriundas das questões trazidas pela discussão pública das homossexualidades por meio da mídia, das produções que permeavam a cultura, as práticas sociais, os avanços legais, as notícias nos telejornais apresentadas sobre a forma de denúncia ou relatos de história de enfrentamento ao poderio heteronormativo.

Na militância fui voluntário em duas ONGs. Em uma delas realizava atendimentos psicológicos a pessoas vivendo com o HIV/AIDS e participava dos eventos organizados por tal ONG. Na outra ONG, além de desenvolver trabalhos junto a prevenção de DSTs/HIV/AIDS e apoio às pessoas vivendo com HIV/AIDS, realizava atendimentos psicológicos, oficinas de cidadania junto ao público de travestis e de gays que procuravam na organização algum tipo de assistência.

Neste período que ingressei na militância, lembro de um episódio em que umas travestis que freqüentavam as oficinas de cidadania em que coordenava na ONG, foram à boate onde eu me encontrava em uma roda dançando com alguns amigos e uma delas veio me cumprimentar - e a meus amigos também - e permaneceu dançando na roda conosco. Imediatamente, um amigo me puxou pelo braço e me disse:

> [...] Você acha que eu vou ficar com ela? O quê que você quer, apresentando essa travesti para mim? Você antes era bofinho e agora anda com travestis? Cuidado em ficar andando com elas, você sabe o que vai acontecer. Você vai virar uma bichinha passiva. (Anotações de diário de campo).

O fato não era somente relacionado às travestis, mas inúmeras vezes se referiam à evidência de uma rejeição declarada ao homossexual que tivesse uma imagem aproximada do feminino. Nesta altura já me sinalizavam em tom de sarcasmo que eu era "*psicólogo de travesti"* e que era muita exposição pública entrar para a militância da diversidade sexual, o que me fizeram ouvir de um outro colega: "Você não precisa erguer nenhuma bandeira do arco-íris para ser homossexual, você não precisa andar com esse pessoal, não precisa ser gay igual a eles" (Anotações de diário de campo).

A partir de então, comecei a perceber mais fortemente nos discursos das pessoas as quais conversava informalmente sobre as valorações das pessoas que freqüentavam os dispositivos de socialização de sexualidades GLBTTT que freqüentei para realizar minhas observações. Parecia haver uma relação hierárquica e classificatória entre os freqüentadores, partindo de um questionamento apresentado por Castañeda (1999) na análise de algumas diferenças entre um casal homossexual masculino que se questionam: "Qual de nós dois é mais feminino ou masculino?*"* Ou seja, esta pergunta baseada em um *terrorismo binário*, *terrorismo de gênero*, era explorada entre as pessoas que eu mantive conversas informais e observei nos lugares freqüentados. Era uma questão presente para que ocorresse a diferenciação, hierarquizações e relações de poder entre as mesmas em lugares de convívio em comum.

Partindo do exposto acima, o objeto de pesquisa organizado, entretanto, me fazia uma pergunta: *"Esta questão ainda é relevante para uma pesquisa acadêmica mediante tantas conquistas, produções e ganhos advindo com a visibilidade homossexual?".* (Anotações de diário de campo). Questionei-me também, em alguns momentos, sobre a tentativa de homogeneização de público nos dispositivos de socialização de sexualidades GLBTTT, em boates de capitais de grandes centros urbanos, como por exemplo, em São Paulo, onde um *hostess* seleciona quem entra e quem não é bem-vindo a ingressar em tais estabelecimentos.

Entretanto, saliento que minhas observações representam um recorte no tempo situado em um dado contexto histórico marcado por uma determinada cultura, ou seja, meus estudos foram realizados em lugares que me permitiram analisar as hierarquizações e relações de poder entre os freqüentadores, uma vez que a população observada era bastante

heterogênea por conta dos poucos lugares existentes no município para a freqüência e lazer do público investigado.

5.2 Da construção do método de pesquisa: a narrativa de histórias de vidas - "O era uma vez... como método..."

Vou te contar
Os olhos já não podem ver...
(Wave – Tom Jobim)

(...) Somos quem podemos ser
Sonhos que podemos ter...
(Somos Quem Podemos Ser – Engenheiros do Hawaii)

A vida é bela
Só nos resta viver…
(Só nos resta viver – Ângela Rôrô)

Sempre gostei de literatura, de histórias contadas por outras pessoas, assim como sempre gostei de relatar histórias. Relendo *"Mil e uma noites"*, entre as diversas histórias narradas por Sherazade, refletia como era interessante pensar o conhecimento popular e outros saberes por meio de relatos que passavam de geração a geração, entremeados por crenças e outras descrições da cultura de quem narrava e do lugar que se narrava a história. Por ter tido uma formação acadêmica bastante voltada para um pensamento positivista, não conseguia vislumbrar um trabalho acadêmico orientado por uma escrita e um delineamento metodológico *menos técnico*.

No entanto, a decisão pela narrativa como método para a construção desta dissertação e o tratamento das informações obtidas, se deu mediante a observância da existência de diversos trabalhos acadêmicos nas áreas de humanidades que adentram os Estudos Culturais e Estudos de Gêneros. Estes estudos (culturais e de gêneros) contemplavam as realidades que circunscrevem as raças/etnias, as peculiaridades das diferentes classes e culturas assim como as sexualidades e os gêneros de um modo criativo e produtor de conhecimento.

Nestes trabalhos pesquisados por mim, entre eles: Moscheta (2004); Tarnovski (2004); Teixeira-Filho (2005), Peres (2005) entre outros, notei que o método quantitativo abrangia quase a totalidade das dissertações e teses as quais manuseei. No momento que as lia percebia como aponta Minayo (2003:22) que, diferentemente da pesquisa quantitativa que

produz um trabalho sistematizado com resultados objetivos e coordenados, o método qualitativo procurava um aprofundamento "no mundo dos significados das ações e relações humanas, um lado não perceptível e não captável em equações, médias e estatísticas" e, que valorizava o caráter social e histórico, o dinamismo, a transitoriedade/provisoriedade do conhecimento produzido, além de salientar as especificidades características do objeto estudado.

Este aprofundamento supracitado é de suma importância quando o relato oral é o objeto de análise, ou seja, a opção por uma análise qualitativa é "uma questão de ênfase, não de exclusividade" (Alves, 1991:54), uma vez que o que se torna relevante é o que se narra, o sentido e o significado do que se está sendo dito e não o quanto aquele discurso se reproduz. O desenvolvimento de produção acadêmica proposta, de aprofundamento de pesquisa de determinados fenômenos e utilização de métodos qualitativos foram referenciados nas bibliográficas utilizadas e constantes ao longo desta produção.

Sobre o que se é dito, recorreu-se a Foucault (2003a) que aponta o modo como orienta suas análises por meio dos acontecimentos discursivos:

> [...] Quero concentrar meu estudo no que nos acontece hoje, no que somos, no que é nossa sociedade. Penso que há, em nossa sociedade e naquilo que somos, uma dimensão histórica profunda e, no interior desse espaço histórico, os acontecimentos discursivos que se produziram há séculos ou há anos são muito importantes. Somos inextricavelmente ligados aos acontecimentos discursivos. Em um certo sentido, não somos nada além do que aquilo que foi dito, há séculos, meses, semanas (FOUCAULT, 2003a:258)

A partir do pressuposto citado acima, esta pesquisa, mediada pela visão foucaultiana numa perspectiva genealógica, se presta a analisar as especificidades dos mecanismos do poder, validar as extensões de um saber sobre os acontecimentos entremeados nos discursos pulverizados que emergiram entre pessoas comuns. Enfim, se atenta ao acontecimento, ao que foi dito em um dado momento histórico, não se aprofundando, porém, nas intencionalidades pessoais do sujeito falante. Assim Foucault (2003a) afirma:

> [...] trata-se de considerar o discurso como uma série de acontecimentos, de estabelecer e descrever as relações que esses acontecimentos – que podemos chamar de acontecimentos discursivos – mantêm com outros acontecimentos que pertencem ao sistema econômico, ou ao campo político, ou às instituições. (FOUCAULT, 2003a:256)

A produção de subjetividade apresentada por meio do discurso dos sujeitos indica as representações e os significados construídos a partir do controle exercido pelo poder, seja ele referenciado pelo Estado ou pelas relações *pulverizadas* dos quais os mesmos fazem parte. Hierarquização e relações de poder regularmente estão presentes nestes discursos.

A análise do que é dito e do não-dito, ou seja, dos discursos dos sujeitos, permite captar as linhas históricas do discurso (analogias) que possibilitam o delineamento de prováveis cartografias, revelando experiências vivenciadas, informações vinculadas que atravessam o sujeito, modos de sujeição, produção de práticas e de subjetivação.

Mas como captar as linhas históricas do discurso? Como entender a questão subjetiva do que é dito? Que lugar eu ocupo enquanto narrador de histórias de outras pessoas? Onde estaria minha neutralidade de pesquisador?

Embora seja almejada um posicionamento de neutralidade científica em trabalhos acadêmicos, é fato que esta pesquisa se construiu de incursões em campo onde foram realizadas observações diretas e prolongadas, enfim, onde fui um agente nos contextos visitados. Essas observações, mesmo as iniciais que eram mais livres de uma sistematização, forneceram subsídios para a emergência dos processos de investigações e análises das informações, etapas estas que não comportam a neutralidade científica.

Veiga-Neto (2002:30-31) aponta que "ao falarmos sobre as coisas, nós as constituímos", ou seja, é uma tarefa conseguir vislumbrar uma pesquisa que envolve aspectos subjetivos sem o pesquisador entender e assumir a sua implicação na construção do conhecimento, pois como bem lembra Tarnovski (2004) as indagações e a presença do pesquisador são condições que integram as articulações dialógicas dos enunciados e das produções de saberes tanto quanto a autoridade autoral na textualização da pesquisa.

Entretanto, Veiga-Neto (2002:36) adverte sobre "a total impossibilidade do distanciamento e da assepsia metodológica ao lançar nossos olhares sobre o mundo", pois é certo, que toda produção acadêmica requer um certo ordenamento, sejam eles, o planejamento, o repertório teórico, a execução dos procedimentos de coleta de dados e análise dos mesmos até a sua finalização.

Veyne (1995) indica que a história é uma narrativa de eventos - que tem o homem como ator - que se sobressaem da uniformidade, marcando a diferença a partir da subjetividade e perspectiva da interpretação dos acontecimentos por um historiador. A narração histórica, para este autor, extrapola a análise de documentos, uma vez, que estes documentos não mostram o *passado ao vivo;* aspecto revelado nas narrativas que se remetem ao evento vivenciado e relatado por meio da memória.

Sobre pesquisa narrativa, encontramos em Connely & Clandinin[31] (apud Teixeira-Filho, 2005:63) a seguinte definição:

> [...] é igualmente correto dizer "pesquisa da narrativa" tanto quanto "pesquisa narrativa". Por isso compreendemos que narrativa é tanto fenômeno quanto método. Narrativa nomeia a qualidade estruturada da experiência a ser estudada, e também nomeia os padrões de pesquisa [inquérito] para seu estudo. Para preservar esta distinção usamos o razoável e já conhecido dispositivo de nomear o fenômeno de "história" e a pesquisa [Inquiry] de "narrativa". Deste modo, dizemos que as pessoas espontaneamente moldam vidas estoriadas e contam histórias daquelas vidas, ao passo que pesquisadores guiados por este método descrevem essas vidas, coletam e contam suas histórias, e escrevem narrativas de experiências. (CONNELY & CLANDININ apud TEIXEIRA FILHO, 2005:63)

Corroborando com a citação, Josso (1999:15) indica que a narrativa de vida traz uma "legitimidade à mobilização da subjetividade como modo de produção de saber e à intersubjetividade como suporte do trabalho interpretativo e de construção de sentidos para os autores dos relatos". É ainda, salientado por Josso (1999:16) a preocupação deste método em que também haja um aproveitamento para os autores dos relatos, ou seja, que tenha para estes "uma produção de conhecimento que faça sentido para eles, que se engajem, eles próprios, num projeto de conhecimento que os institua como sujeitos", pois, o relator também precisa investigar em sua memória o que será dito.

Sobre o parágrafo acima, Teixeira-Filho (2005:64) acrescenta que a pesquisa narrativa não propõe nenhum tipo de tratamento especializado (p. ex. cura) ao narrador, mas, pode, "talvez, servir como articulador de contextos para a reflexão", possibilitando sentido às análises do que se é dito ao decorrer do relato oral, "isto porque a pesquisa narrativa não trabalha com *a prioris*, com construtos teóricos que antevêem as respostas e comportamentos dos participantes envolvidos", buscando assim, nas narrativas, os fatos vivenciados desprovidos de interpretações. Podemos pensar que a pesquisa narrativa acompanha a dinâmica dos acontecimentos, de modo que a cada movimento dos dispositivos de socialização de sexualidades GLBTTT e suas especificidades, mudam-se as narrativas.

Complementando, o autor sugere que a pesquisa narrativa é um processo que está atrelado às práticas, de maneira que as conecta, as associa, revelando como estas práticas influenciam a produção das subjetividades e a *renovação* do sentido das histórias para os autores dos relatos. Portanto, a narrativa deve ser compreendida como um processo *continuum*

---

[31]Ver: Connelly, F. Michel. **Stories of experience and narrative inquiry**. In: Educational researcher, 19(5) June-July, p. 2, 1990.

(a história narrada já é iniciada e não termina com o fim da pesquisa), dinâmica e aberta, sem *certezas* e *verdades*, que permita que a história se atualize durante a pesquisa, que possibilite que o relator construa ativamente seu discurso, expressando dúvidas, sugerindo, questionando entre outras intervenções dialógicas e dadas de forma colaborativa.

Segundo Santos (1998), trabalhar com narrativas de vida leva o investigador ao contato com dois pressupostos: primeiramente a "memória" e o outro, a noção de "cultura".

O autor aponta que a partir da memória do falante é que se constrói a narrativa. Existe neste modo investigativo a valorização da subjetividade, mesmo embora se direcione o questionamento para o tema de interesse da pesquisa por meio de um roteiro, quem decide o que narrar e o modo de narrar é a memória do depoente.

Contar com a memória requer a aceitação de esquecimentos, interpretações de fatos, equívocos e negação em se pronunciar sobre determinados fatos e cabe ao investigador utilizar disparadores que incitem o relato oral (e seu conteúdo) do falante. O discurso referenciado pelo sujeito da pesquisa traz um modo de relação possível que expressa a si mesmo que, por sua vez, é porta voz de um coletivo.

Ainda, na literatura visitada, observa-se a preocupação em valorizar na história oral, as experiências subjetivas, como o sujeito foi atravessado pelos acontecimentos visando assim, a compreensão dos componentes históricos da cultura, advindas das vivências singulares em dados contextos sociais e eventos marcantes, pois para Veyne (1995:80), "a historia é uma arte que pressupõe a aprendizagem de uma experiência."

Sobre a noção de cultura, Santos (1998) indica que por meio dos relatos orais das histórias de vida, se tem o ponto de partida para investigar aspectos da cultura (tradição, valores, regras, hábitos entre outros) que são condições importantes na constituição do sujeito e de suas práticas. Ainda Santos (1998) ressalta que a escuta de histórias pessoais (sejam elas vividas, escutadas ou inventadas) são matérias-primas da produção cultural, pois ainda que a apropriação da história relatada seja dada de modo individual, é fato que ela foi construída coletivamente e pertence a um imaginário social e político, pois os significados culturais podem ser negociados.

No que diz respeito ao estudo cultural em torno do fenômeno da homossexualidade observa-se que este tema tem gerado no mundo ocidental, implicações morais e incertezas acerca da sua realidade, expressas sob a forma de discursos. Desde a Grécia antiga até os nossos dias, todos têm algo a conceitualizar sobre os homossexuais. Sociólogos, antropólogos e psicólogos sociais parecem ser os que iniciaram e permitiram a investigação e a análise do relato dos homens comuns, dos "homens infames", (Foucault, 2003a), no entanto, os próprios

homossexuais falam de si por si só; têm suas teorias, compreensões e explicações para suas vivências e suas práticas.

Assim sendo, a narrativa de história de vida é um método que permite buscar nos discursos emergentes dos sujeitos (no caso deste trabalho de pessoas que se autodenominam homossexuais masculinos), recortes de histórias que contribuirão para a compreensão de acontecimentos e de práticas sociais que descrevem as relações de poder e hierarquização da população investigada. Ou seja, busca-se nesta pesquisa narrativa, esquadrinhar a emergência e a proveniência dos engendramentos genealógicos destas hierarquizações e das relações de poder estabelecidas.

Como sugere Josso (1999), Santos (1998) e Teixeira-Filho (2005), a entrevista é uma técnica importante na coleta das histórias narradas. Desse modo, foram realizadas entrevistas individuais e semi-estruturadas, sendo estas orientadas por um roteiro previamente confeccionado, que abordará temas relevantes para a obtenção de informações para a realização da pesquisa, tais como: aspecto sobre a própria história de vida do participante; como vivencia e expressa a sua sexualidade, observações sobre os dispositivos de socialização de sexualidades GLBTTT e das relações sociais estabelecidas nestes lugares, vivências nos contextos: familiar, religioso, profissional aplicados tanto na própria vida quanto na vida de outros homossexuais entre outros aspectos que foram definidos como relevantes (ver roteiro em anexo).

Contudo, é levada em consideração a disposição do participante para apresentar a sua história, permitindo que se expresse abertamente, sem delimitação de tempo ou sugestão de escolhas de assuntos que queira abordar, bem como com as respostas recebidas; o pesquisador pode se aprofundar em algum assunto onde surjam aspectos relevantes para a pesquisa.

As entrevistas foram áudio-gravadas em fitas cassete e transcritas na íntegra pelo próprio pesquisador. Santos (1998) aponta que durante as interações ocorridas durante a entrevista pode ocorrer perda de elementos fundamentais para a análise que não são verbalizados, ou seja, os aspectos não-verbais do participante (expressões faciais, silêncios, entonações de voz entre outros). Para tanto, a idéia de a transcrição ser realizada pelo pesquisador se faz necessária, pois este pode realizar observações diretas e, subseqüentemente, anotações pertinentes à compreensão daquela situação quando foi apresentado determinado assunto ou tema ao relator (interações pesquisador-participante, lugar onde foi realizada a entrevista, fatos recorrentes entre outros).

Ao final da realização das entrevistas, organizou-se e realizou-se a leitura das fitas transcritas, categorizando os dados dentro das temáticas de investigação desta pesquisa. Foi

realizada uma análise qualitativa do discurso encontrado nas narrativas de histórias de vida na quais os dados levantados foram analisados segundo os pressupostos teóricos e às reflexões decorrentes das análises.

Primeiramente, anterior ao início das entrevistas, foi retomado com o participante, os objetivos da pesquisa e os procedimentos a serem efetivados. Neste primeiro esclarecimento será apontado o estabelecimento do compromisso ético de sigilo, utilizando para tanto, nomes fictícios que garantam o anonimato. Foi também exposto que a participação na pesquisa é uma colaboração voluntária que auxilia no desenvolvimento de pesquisas acadêmicas, deixando claro que a qualquer momento do processo o participante poderia optar por não mais participar da pesquisa se assim achasse melhor. Os participantes deveriam assinar o termo de consentimento e de esclarecimentos sobre a pesquisa constante na Resolução nº 196, de 10 de outubro de 1996, do Conselho Nacional de Saúde que constará a autorização do registro das informações (áudio-gravadas e transcritas) e divulgações dos dados diante do comprometimento do pesquisador em realizar sua coleta de dados dentro dos moldes éticos e de manter o anonimato do participante, assim como constará o contato do pesquisador e da instituição de origem do pesquisador.

Devido a uma organização metodológica foi necessário fazer um recorte na população a ser pesquisada, optando por selecionar participantes do sexo biológico masculino, que se autodenominavam homossexuais e que freqüentavam dispositivos de socialização de sexualidades GLBTTT.

A escolha por sujeitos que se autodenominem homossexuais e freqüentem lugares dirigidos a esta população, se torna um aspecto metodológico importante, uma vez que se acredita que estes possuem um facilitador, no que tange ao seu auto-reconhecimento (o que facilitaria as interlocuções) e, possivelmente, no seu reconhecimento social. Desse modo, excluindo assim, as pessoas que possuem práticas homoeróticas, mas não se autodenominam homossexuais ou que se recusariam a conceder uma entrevista por considerarem que não contribuiriam com a pesquisa uma vez que não se enquadram na população pesquisada.

Também delimitei os homossexuais masculinos por serem estes as pessoas as quais tive maior contato e também pelas peculiaridades que diferenciam das homossexualidades femininas, sendo que este trabalho não objetivava uma relação comparativa entre homossexuais masculinos e femininos.

As especificidades relacionadas às características dos participantes (faixa etária, nível de escolaridade, situação econômica, religiões, raça/etnia, estado conjugal (envolvimento afetivo), profissão entre outros, serão apresentados na seção seguinte.

As entrevistas se constituirão de dois momentos: primeiramente foi realizada a entrevista semi-estruturada com o relato oral da narrativa de história de vida dos participantes. Subseqüentemente, foi analisada cada entrevista para a realização do segundo momento, onde se solicitava ao participante que identificasse alguns aspectos relativos a sua própria história de vida e que realizassem algumas tarefas específicas referentes ao conteúdo de cada entrevista.

6. Itinerário narrativo: "Narrando a história de quem conta a própria história..."

(...) Como é difícil acordar calado
Se na calada da noite eu me dano
Quero lançar um grito desumano
Que é uma maneira de ser escutado
Esse silêncio todo me atordoa
Atordoado eu permaneço atento
Na arquibancada pra a qualquer momento
Ver emergir o monstro da lagoa...
(Cálice - Gilberto Gil & Chico Buarque)

Tem dias que a gente se sente
Como quem partiu ou morreu
A gente estancou de repente
Ou foi o mundo então que cresceu
A gente quer ter voz ativa
No nosso destino mandar
Mas eis que chega a roda-viva
E carrega o destino pra lá
Roda mundo, roda-gigante
Roda-moinho, roda pião
O tempo rodou num instante
Nas voltas do meu coração...
(Roda viva – Chico Buarque)

Esta seção se apresenta com o intuito de narrar a história dos participantes deste estudo, que de maneira compromissada, relataram suas vivências, experiências, pensamentos, as descrições do mundo onde fazem parte, ou seja, revelam por meio de suas histórias pessoais, os atravessamentos subjetivos dos quais os formaram enquanto sujeito social. Segundo Terto Jr. (1997:97-98):

> [...]As histórias de vida vem sendo empregadas como técnica de pesquisa pelas ciências sociais e pela psicologia em estudos baseados em metodologias qualitativas e que buscam reconstruir as experiências individuais em determinados momentos históricos, contar a história de certa cultura e compreender a interação de fatores individuais e culturais, a partir do ponto de vista do indivíduo. Um conjunto destes estudos, entre os quais este se inclui, busca não só analisar a influência de condições sociais, políticas e psicológicas sobre a construção de identidades, mas também os modos e mecanismos que os indivíduos, frente a estas condições, constroem seus cursos de vida, e como suas ações as influenciam, enfocando assim os dinâmicos processos de mudanças, negociações, ajustes, reformulações, entre outros movimentos presentes tanto na vida social como na existência do indivíduo. (TERTO, 1997:97-98)

É fato, que as histórias aqui narradas dizem respeito às experiências únicas de cada pessoa em um universo multifacetado de complexidades históricas e sociais que podem influenciar inúmeras histórias possíveis, portanto, como aponta Terto Jr. (1997), as construções das narrativas dizem respeito como cada pessoa percebeu, vivenciou, assimilou os acontecimentos e lidou com os mesmos.

É importante salientar que, embora, atualmente, os participantes residam em um mesmo município do interior paranaense com uma infra-estrutura bastante satisfatória, em outros momentos de suas vidas, residiram em municípios extremamente interioranos (provincianos), que possuem em suas raízes, componentes do estilo de vida rural. Outro aspecto interessante a se observar, é que embora os participantes possam evidenciar as transformações sócio-históricas das últimas décadas, é fato que o recorte geracional de diferentes faixas etárias entre os participantes é uma condição importante a ser considerada, pois a vivência cronológica também marca a singularidade das participações nos diferentes acontecimentos históricos, fato que sugere a construção de valores, crenças entre outros, a partir de como cada um lidou/lida com os acontecimentos sócio-culturais de cada período da história.

Para este trabalho foram selecionados dois participantes que se autodenomiram homossexuais e do sexo biológico masculino, freqüentadores de dispositivos de socialização de sexualidade GLBTTT e residiam no mesmo município onde as entrevistas foram realizadas. Embora residam em uma mesma localidade, em um mesmo município e freqüentem lugares em comum, acredite-se que, possivelmente, os mesmos não mantenham contato pessoal, uma vez que possuem características pessoais e venham de contextos que não favorecem a aproximação dos mesmos. Os participantes apresentavam idades diferentes, marcadas por um intervalo de aproximadamente vinte anos.

6.1 Itinerário da análise da narrativa 1 - A história de Henrique: "O homem invisível que tudo vê..."

(...) Mas a vida é real e de viés,
e vê só que cilada o amor me armou
E te quero e não queres como sou,
não te quero e não queres como és...
(O quereres – Caetano Veloso)

Um dia
Vivi a ilusão de que ser homem bastaria
Que o mundo masculino tudo me daria
Do que eu quisesse ter...
(Superhomem – A canção – Gilberto Gil)

O contato com Henrique[32] se deu de maneira interessante. Lembro vagamente de tê-lo visto, anteriormente, no bar e na boate da cidade onde realizei minhas incursões ao campo, mas nunca tínhamos sido apresentados. Foi em um almoço de domingo, na casa de um amigo recente em comum, que me convidou para degustar um *baião de dois,* tipicamente nordestino, que fomos apresentados pela primeira vez. De estatura média, com o peso adequado aos padrões, aspecto jovial (não aparenta idade que tem), pele branca, bem vestido, jeito desconfiado, olhar expressivo e sorriso fácil, assim era a visão que eu tinha de Henrique.

Conversamos assuntos triviais e ele me contou sobre sua profissão e também solicitou informações acerca da minha e, na ocasião, revelei que fazia parte de um programa de mestrado em psicologia e estudava questões relacionadas às homossexualidades, assunto que lhe despertou interesse. A partir de então, em momentos posteriores a este primeiro encontro, Henrique se tornou visível para mim nos lugares em que estávamos (o bar e a boate), embora não tivéssemos muito contato e não freqüentássemos as mesmas rodas de conversa de amigos de bar, sempre nos cumprimentávamos por estarmos acompanhados de conhecidos em comum.

A idéia em convidar Henrique para participar da pesquisa ocorreu tempos depois, quando eu e meu orientador definimos que precisávamos que um dos participantes tivesse a idade em torno dos quarenta anos, se autodenominasse homossexual e que freqüentasse dispositivos de socialização de sexualidades GLBTTT. Henrique, quando convidado, argumentou que não gostaria de se expor, que era uma pessoa reservada, não queria revelar as intimidades, pois era receoso que, de maneira geral, as pessoas soubessem da sua condição homossexual.

[32] O nome Henrique refere-se a um nome fictício escolhido pelo próprio participante no momento da entrevista.

Mediante ao relato exposto pelo até então possível participante, argumentei sobre as condições éticas e da importância acadêmica se ele colaborasse, narrando a própria história, do ponto de vista de alguém que já tinha vivido mais de quarenta anos e que freqüentava lugares freqüentados por outros homossexuais, conforme observado por mim e relatado por ele em outro momento. Disse a ele: "A questão é: Como você lida com a sua sexualidade e o que você tem a falar sobre estes lugares freqüentados por homossexuais e que você freqüenta?". (Anotações de diário de campo). Henrique concordou, revelando parecer ser interessante, entretanto, salientou que faria isso porque lhe tinha despertado confiança.

O nosso encontro foi desmarcado três vezes até arrumarmos um horário em que Henrique tivesse disponibilidade e não atrapalhasse sua agenda de atividades. O participante possui dois empregos, onde é necessário, esporadicamente, trabalhar nos fins de semana. Também faz cursos em finais de semana. Henrique agendou para um sábado em que teria a tarde livre, por volta das duas horas da tarde, em sua própria casa.

Em um apartamento bem localizado e reformado inteiramente, de decoração sofisticada e *clean*, com alguns quadros e estátuas que lembrava arte moderna e viagens realizadas para outras regiões do país e para outros países, Henrique me recebeu em seu lar. Dentre os móveis nobres e planejados, apenas um porta-retrato de cunho pessoal - a fotografia de toda a família na formatura de Henrique, sendo o único objeto que revelava um toque pessoal, familiar. Na estante, aparelhos eletroeletrônicos, alguns livros sobre viagens, coleção de filmes de Almodóvar e alguns musicais que variavam de Ney Matogrosso a Cheer. É indicado pelo participante que, quando comprou o apartamento, este possuía três quartos, que era um apartamento para família morar e que na reforma ele quebrou as paredes de um quarto e montou uma sala de televisão, no outro quarto fez o seu *closet*, deixando somente um quarto ocupado por uma cama de casal onde costuma dormir. A cozinha planejada demonstra praticidade para refeições rápidas, e, mesmo tendo uma mesa na sala de jantar, também se avista uma mureta de cozinha americana para refeições individuais.

Solicitei a Henrique que me mostrasse as suas fotografias pessoais, uma vez que não avistava objetos pessoais que identificassem o dono do apartamento. Ele tirou literalmente o álbum do armário para uma sessão de apreciação de fotos. No álbum, fotografias de viagens para o exterior, de viagens para o litoral brasileiro e jantares com amigos. Na quase totalidade das fotos que Henrique me mostrava, apontava amigos que ele dizia serem gays e lésbicas, alguns amigos de longa data (quinze anos), outros amigos que disse que costuma encontrar com pouca freqüência, ou por pouca afinidade ou pela distância após mudarem de município. A média de idade dos personagens da foto era próxima da idade do participante (entre trinta e

quarenta anos). Havia muitas fotos de ex-namorados, ex-casos, que pelas fotografias não daria para serem identificados, pois eram fotos com poucas demonstrações de afetos entre pares, sendo que o reconhecimento dos casais das imagens era referenciado pelo discurso de Henrique.

Entre estes amigos, quase a totalidade possuía curso superior e tinham estilos de vida parecidos, quando se relatava as profissões e os gostos de cada pessoa que se encontrava nas fotografias. O participante conta que a maior parte de seus amigos pertencem a uma classe social favorecida, no entanto, o critério que permeia a seleção do seu grupo de amigo seria **"...** *ter uma formação cultural ou de ter uma instrução, em geral, tem nível superior..., de instrução".* (sic)

De maneira geral, já no contato inicial para a entrevista, na visita etnográfica no apartamento de Henrique, assim como nas nossas interlocuções e na sessão do álbum de fotografias mostrado por ele, pode-se pensar que, como diz Castañeda (1999), mesmo embora a homossexualidade não seja considerada pela OMS como doença, isso não descarta que as pessoas que estejam nesta condição existencial, não apresentam dificuldades psicológicas particulares (fatores que sugerem que os homossexuais estejam em situações de vulnerabilidades, tais como, suicídio, uso abusivo de álcool e outras drogas, chantagem, fobias, situações de violência, à DSTs/HIV/AIDS entre outras). É fato que as dificuldades que costumam a aparecer não sejam originadas pela condição (biológica) da homossexualidade, mas decorrentes da construção social deste conceito e como as pessoas lidam com as conseqüências em se viver a própria homossexualidade em uma sociedade que condena expressões das sexualidades que diferem da heterossexual. Isso foi observado a todo o momento, durante o contato com Henrique.

Uma outra questão sobre o "*lidar*" com a homossexualidade aparece na idéia apresentada por Goffman (1988:51), em seus conceitos de: "desacreditado*"* (pessoas estigmatizadas, onde a diferença, a marca é evidente, demonstrada e identificada), e o termo "desacreditável*"* (pessoas em que a ambigüidade do *ser* ou *não ser* dificulta a revelação imediata da identidade a ser estigmatizada; possibilita suscitar a dúvida, mas não certeza, portanto, permitindo manipular a tensão social advinda do estigma recebido por pessoas que estejam na mesma condição que ele).

Mediante ao exposto, analisa-se que Henrique, pela maneira que lida com a própria homossexualidade, adentra ao grupo de pessoas desacreditáveis, pois as informações que ele apresenta sobre si (observados no apartamento, nas fotografias e na tentativa de invisibilidade) sugerem, sutilmente, a participação em uma cultura *gay*. Entretanto, estas não

podem ser entendidas como condições suficientes ou únicas para fazer dele um sujeito desacreditado. Também se salienta que, na minha percepção, o participante era identificado como homossexual (observação autorizada pelo convívio em contextos que envolvem processos identificados como típicos da cultura *gay*), todavia, foi mediante a autodenominação de Henrique que eu pude constatar a confirmação de como se percebia.

Henrique é o primogênito de um total de quatro irmãos, sendo mais dois homens entre ele e a caçula. Vindo de uma família católica e nômade, pois durante toda a infância e a primeira metade da adolescência, morou em vários municípios e estudou em muitas escolas, devido à profissão do seu pai exigir que assumisse cargos em diferentes municípios, periodicamente. O fato de sempre mudar de municípios e escolas, sugere que o participante tenha feito poucos vínculos duradouros de amizades durante esse período da sua vida. Atualmente, mora no mesmo município há vinte e cinco anos.

Durante todo o nosso contato que foi de aproximadamente cinco horas, houve muitas histórias não-autorizadas, histórias contadas antes de iniciar a entrevista e no final da mesma, quando Henrique me convidou para comer um bolo que ele tinha feito, antes de sair para trabalhar, às sete horas da noite. Essas histórias eram voltadas, em grande parte, por curiosidade em saber a opinião de quem ouvia sua história, como psicólogo, sobre relacionamentos afetivos e também me contou histórias sobre fatos irreverentes sobre seus casos amorosos, práticas sexuais e modo de ver as questões emblemáticas das homossexualidades.

Sentamos em um mesmo sofá frente a frente, perto da sacada, em uma tarde quente de sábado. O vento nos refrescava e balançava os sininhos que faziam parte da decoração, na sacada. O bater dos sininhos ecoaram durante toda a entrevista, o que trouxe um momento mais relaxante durante este período. Expliquei todas as questões éticas sobre a pesquisa novamente ao participante e ao posicionar o gravador entre nós e iniciar a entrevista, Henrique teve um ataque de risos, mas se concentrou e demos início a atividades.

Observei que era uma característica de Henrique, verbalizar pausadamente falas curtas e objetivas e de ter algumas falhas nas lembranças. Isso me instigou a fazer com que ele falasse mais; primeiramente, porque ele se propôs a participar e disse ter o desejo de realizar tal trabalho, e em seguida, pelo fato dele ter que narrar histórias de sua vida para que eu pudesse compor a sua narrativa e subseqüente análise. É fato que foi uma história difícil de narrar, pois havia muitas descrições e poucas cenas, histórias em suas narrações. (ver entrevista em anexo).

Henrique disse ser solteiro atualmente - embora já tenha tido vários namorados e casos, de ter se formado na área da saúde e exercer a profissão em qual cursou. Revela se autodenominar homossexual pelo fato dele se sentir atraído sexualmente por outros homens e por não vislumbrar a idéia de estabelecer uma relação conjugal heterossexual, constituindo família nos moldes tradicionais. A descoberta sobre o interesse por homens se deu por volta dos oito à dez anos de idade, entretanto, a atração sexual pelos mesmos, se intensificou por volta dos quinze anos.

Sobre as homossocializações ocorridas no período da infância e início da adolescência, recorda das idas ao clube quando ia nadar e do misto de vontade, excitação, medo e sensação de estar fazendo o proibido por ver nos vestiários, os corpos masculinos nus de pessoas mais velhas (pêlos, pênis, peito, coxa, bunda) e que considerava estas visões, o máximo da virilidade e do seu desejo homossexual.

Lembra-se que durante a infância, não conhecia nenhum homossexual e que em sua família não tinha nenhum caso, sendo que nem sabia do que se tratava. No entanto, sabia que o desejo despertado em relação aos homens era errado e, que sabia que ele era diferente de outros meninos de sua idade por não se interessar por mulheres. Revela que não conseguia discriminar de onde vinha esse julgamento, mas guardava todas as suas indagações e não contava para ninguém as primeiras experiências homoeróticas. Mesmo com outros meninos com quem manteve práticas homoeróticas, tais experiências não eram comentadas nem entre os próprios praticantes. Ainda, neste período, não teve problemas relacionados ao preconceito, pois, em suas palavras, desenvolveu a sexualidade tardiamente e também não aparentava ser homossexual, pois "n*ão era homossexual"*. (sic) Embora não tenha tido muito contato com os meninos na escola, lembra que os admirava (corpo, virilidade) na escola e se masturbava em casa pensando neles.

Sobre as passagens descritas acima por Henrique, encontramos em Welzer-Lang (2001:462) a metáfora da *"*casa-dos-homens*"* para se referir as *homossociabilidades masculinas*, nos indicando que, desde criança, meninos se agrupam para vivenciar "fortes tendências e/ou grandes pressões para viver momentos de homossexualidade, tendo como atividades conjuntas, competições de *pintos*, maratonas de punhetas (masturbação), brincar de quem mija (urina) mais longe, excitações sexuais coletivas a partir de pornografia olhada em grupo." De acordo com o mesmo autor, essas *homossociabilidades* objetivam corrigir e modelizar o acesso à virilidade, por meio de ensinamentos do iniciador-iniciado que, muitas vezes, oferecem uma relação que envolve aprendizagem em ser homem em conjunto com o

sofrimento, de modo competitivo, respeito às hierarquias e afastamento do que se remete à imagem feminina.

No entanto, ressalta Welzer-Lang (2001:465), que na "casa-dos-homens" há a transmissão de valores positivos de solidariedade masculina, que se referem em "ter prazer juntos, descobrir o interesse do coletivo sobre o individual", de maneira a enaltecer a solidariedade humana e não em se por como uma condição para a orientação homossexual. Assim, como aponta Henrique, essas experiências não são faladas ou discutidas, apenas vivenciadas em um modo "*ars erótica"*, (Foucault, 2005), ou seja, uma educação dos sentidos e transmitida de geração em geração, agindo como um dispositivo de controle das práticas culturais (onde inclui-se as práticas sexuais). O vestiário dos clubes freqüentados pelo participante pode ser compreendido como outro contexto de homossociabilidades (da infância e início da adolescência) em que a erotização proporcionada pelo lugar (corpos nus de homens mais velhos), fez com que este tipo de socialização se tornasse uma prática repetitiva na vida adulta de Henrique (a ser visto nesta seção).

Todavia, no período de dezessete até vinte quatro anos, Henrique negou vivenciar sua homossexualidade e tinha dificuldade em se aceitar, não tendo nenhum contato homoerótico com outra pessoa até o período em que terminou a faculdade. Ele teve algumas poucas relações sexuais com mulheres o qual revela não ter um prazer grande em estar junto e, concomitante, ao aumento da atração por pessoas do mesmo sexo biológico. O participante justifica-se que tinha receio que as pessoas soubessem de suas práticas homoeróticas e confessa que não aceitava a si mesmo e aos outros homossexuais, utilizando simulacros para permanecer na invisibilidade – sendo estes simulacros características descritas como aspectos da homofobia interiorizada (Castañeda, 1999). Para satisfazer sua curiosidade e ter uma vivência de conteúdos visuais homoeróticos, comprava revistas pornográficas direcionadas ao público *gay* para se masturbar.

Sobre o contato social com outros homossexuais, lembra-se que ocorreu de maneira restritiva e de pouca proximidade durante o período da faculdade. Esses supostos homossexuais também estavam no seu curso e o incomodavam a ponto dele os hostilizar, pois o enfretamento daquelas pessoas para existirem como corpos sexualizados, fazia com que Henrique desejasse estar naquela dada situação. Entretanto, não conseguia quebrar as barreiras do preconceito consigo mesmo (a homossexualidade do outro apontava a sua homossexualidade e denunciava para si a sua dificuldade em lidar com o preconceito social). Muito desse preconceito expresso e interiorizado era proveniente da falta de informação e da dificuldade em lidar com a própria sexualidade, pois a família não tinha uma relação íntima

para tais assuntos, sendo que a única visão que tinha das homossexualidades era passada pelos pais. Esta visão era dada de maneira exclusivamente generificada, marcada por uma forma única e identitária de expressar as homossxualidades, condicionada pela imagem das travestis e, conseqüentemente, de todos os estigmas que as circunscrevem. Henrique tinha medo de ser apontado e hostilizado pelas pessoas que ingressaram no mesmo curso que ele, pois é fato que o referido curso é de freqüência predominantemente masculina e pautada em uma formação biologizante, portanto, machista e essencialista.

Percebe-se que, quando teve contato social mais próximo com outros homossexuais, Henrique teve o encontro com o que poderia ser um acontecimento onde possibilitaria o "encontro com o poder" (Foucault, 2003a). Mas não foi assim que ele o vivenciou, e sucumbiu a ele, reificando o preconceito contra estas pessoas, chegando até mesmo a hostilizá-las. Não se pode dizer que neste período de vida, de acordo com as narrativas de Henrique, que o mesmo teve um encontro com o poder, uma vez que este tipo de acontecimento permite ao sujeito resistir à norma e inventar diferentes modos de existências e estilos de vida. De acordo com o participante, neste período de vida descrito acima, ele não tinha práticas homoeróticas com outras pessoas (apenas manuseava material pornográfico para masturbar-se, desejos não-autorizados e concretizados, porém entendidas como práticas que também constituem a sexualidade). A homossexualidade era compreendida como uma identidade que fugia ao centro (ex-cêntrico) da heteronormatividade, conforme analisa Louro (2003).

A idéia da existência de *novas* identidades apresentadas na nossa cultura demonstra que as sexualidades e os gêneros não se constituem de maneira tão homogênea e monolítica, mesmo partindo da norma da heterossexualidade obrigatória. Henrique incomodava-se com os homossexuais do seu curso, possivelmente, porque a homossexualidade do outro denunciava a homossexualidade que queria manter na invisibilidade. As *novas* identidades existentes apontavam para Henrique, várias possibilidades de se vivenciar as homossexualidades, o fazendo percebê-las como complexas, desarmoniosas e descontínuas, ocasionando em rupturas na constituição das *verdades e saberes* vigentes sobre as expressões das sexualidades e das identidades de gêneros. Ainda, encontramos em Louro (2003), uma possibilidade de entendimento da hostilização contra colegas homossexuais do curso e dito por Henrique como pessoas afeminadas; o evidente desconforto era ocasionado pelo rompimento da universalidade, estabilidade e naturalidade da heteronormatividade (tanto buscada por ele). Estes colegas de turma com suas posições identitárias, desejadas e assumidas, demonstravam

a Henrique que nem todas as pessoas têm o desejo de serem enquadradas e aceitas na suposta heterossexualidade.

Sobre a primeira relação homoerótica, Henrique confessa que se atraía pelo namorado de um dos homossexuais que freqüentava o seu curso, e quando do término do relacionamento daqueles, em um encontro casual. Convidou o ex-namorado do colega de curso e aconteceu o contato sexual, o qual devido à grande excitação, ele gozou só em ter contato direto com o corpo do outro. Foi nesse período também que teve a primeira relação sexual com o uso da camisinha, revelando que mesmo sabendo da doença que era dita como "*peste gay*" naquele período da história (década de 80), não tinha o hábito de usá-la. Iniciou o uso sistemático do preservativo após a suspeita de um amigo ter sido infectado pelo vírus HIV. Sobre suas vivências sexuais, indica que havia um misto de prazer e preconceito em seu imaginário quando teve a primeira prática de sexo anal passivo.

Com a primeira parte da entrevista, percebeu-se que Henrique tinha uma relação muito marcada pela tentativa da invisibilidade da homossexualidade, o que lhe trazia desconforto nas suas relações familiares bem como dificuldade de auto-aceitação. Embora quisesse permanecer no anonimato, trouxe a desconfiança da família, mais fortemente da mãe e, na ocasião de seus trinta anos, houve uma situação em que seus irmãos, a mando de sua mãe (por falta de coragem dela mesma interrogá-lo), o questionaram sobre sua possível homossexualidade. Mediante a resposta positiva, o delataram para sua mãe, sem o seu consentimento. Ao continuarmos a entrevista, percebeu-se que esta situação com a família foi um evento crítico na vida de Henrique, em que todos os membros da família tiveram que sair do armário e rever sobre suas concepções naturalizadas e essencialistas sobre os gêneros e as sexualidades (Castañeda 1999). Momento esse que gerou também a elaboração do luto do filho/irmão heterossexual idealizado bem como a reformulação de seus próprios sentimentos homofóbicos. Em nosso entender, esse teria sido o momento mais marcante na vida do participante de "encontro com o poder". Isso porque, após esse acontecimento, muitas mudanças ocorreram como veremos a seguir.

Com a visibilidade das homossexualidades, de acordo com Castañeda (1999), se expõem os conteúdos homofóbicos, presentes e expressos de diversas maneiras. Na conversa com os pais, o clima da conversa se deu no discurso que Henrique acredita ser padrão de pais de homossexuais, justificando tal afirmação, devido já ter ouvido diversas histórias de amigos e conhecidos que reproduziram as mesmas indagações de seus pais:

> [...] Onde foi que eles tinham errado, de quem era a culpa, se alguém tinha feito mal para mim quando criança e..., de sugerir de que por fazer oração poderia curar isso ou que, então, eu fizesse um tratamento para eu me curar, para deixar de ser homossexual. (sic).

Em resposta as verbalizações dos pais, Henrique diz que eles não tinham que se sentirem culpados e que ninguém tinha feito mal a ele, e que as coisas apenas tinham acontecido assim. Completa dizendo que não precisava se curar, pois não estava doente e não necessitava de oração, mas no momento em que precisasse ele pediria. Em relação aos irmãos, o posicionamento foi mais reacionário, sendo que no momento da revelação o irmão mais velho chorou, inconsolavelmente, com a confirmação do irmão. Em outros momentos, tal irmão hostilizou namorados de Henrique, os quais freqüentavam a sua casa esporadicamente, ficando uma situação bastante indesejável. Conta que nunca teve uma proximidade dos irmãos, pois nunca foram companheiros e a revelação de sua homossexualidade não interferiu, portanto, na relação fraternal deles.

Também indica em sua narrativa que se sentiu aliviado com a revelação, pois não precisava mais pedir para amigas simularem serem suas namoradas e o acompanharem em festas familiares ou em reuniões e encontros da faculdade. Relata se sentir aliviado ao revelar para os pais sobre sua orientação sexual; este fato o ajudou na sua auto-aceitação e na relação com os mesmos, pois alguns segredos e mentiras, como por exemplo, as falsas namoradas, não eram mais necessárias. Uma maneira de desmistificar a visão pejorativa dos pais sobre as homossexualidades foi permitir que os mesmos participassem de uma festa de aniversário onde estavam presentes seus amigos homossexuais e apontar como havia julgamento moral sobre esses amigos, uma vez que muitos deles eram freqüentadores da casa da família há algum tempo, sendo que eram tratados supostamente como heterossexuais**.** De maneira a analisar a configuração contextual da narrativa do participante sobre essa passagem pontual de sua vida, observa-se que *sair do armário* e demonstrar seu estilo de vida parece ser uma preposição que ofereceu uma condição vivencial menos sofrida para Henrique.

De acordo com Castañeda (1999), citando Elizabeth Kübler-Ross em *"Sobre a morte e o morrer",* o "*sair do armário"* faz com que a família do homossexual descoberto, passe por várias fases e reações distintas, entretanto, complementares e convergentes para a realização do luto da heterossexualidade do filho. Dentre elas, pode-se indicar, segundo a autora, a negação do acontecimento (não aceita a situação), a raiva de ter que passar por este fato (sentindo-se vítima de o filho ter que fazê-los passar por esta situação), a barganha mágica (procurar na religião ou na oração cura para o filho), a depressão (decepção e tristeza

pela frustração da expectativa sobre o filho que era supostamente heterossexual), a culpabilidade (onde foi que eu errei e o que posso fazer para consertar isso) e a aceitação (desamparo por não conseguir converter o filho em heterossexual). Estas etapas descritas sobre a vida de Henrique parecem responder ao apontado por Kübler-Ross, uma vez que Henrique revela que com os seus amigos, o discurso da família foi similar, senão muito próximo. Ainda que não tenha sido do modo como Henrique idealizou, pode-se dizer que ele conseguiu livrar-se parcialmente de um "segredo" que, segundo Sanders (1994) têm efeitos nocivos a médio e longo prazo justamente por ser uma *necessidade* e não uma *escolha* como seria, por exemplo, a privacidade. Para esse autor:

> As pessoas que se descobrem controladas por segredos em suas vidas, em vez de no controle sobre eles (por ex., através da privacidade em vez do segredo, ou do privilégio à franqueza em vez de silêncio), frequentemente descobrem muitos sintomas indesejados em suas experiências cotidianas. Aceitar cegamente as expectativas e demandas sociais e familiares para manter o amor em segredo pode limitar a vida e até mesmo anulá-la. Estas experiências tirânicas podem gerar um isolamento pessoal opressivo, colocando gays e lésbicas em risco de ataques físicos e, potencialmente, de assassinato. (…) Talvez o efeito mais nocivo de manter um segredo na vida interna do gay ou lésbica seja a morte através do assassinato ou o suicídio. De acordo com um recente estudo norte-americano, o *Reporto f the Secretary's Task Force on Youth Suicide*, os jovens gays e lésbicas estão três vezes mais propensos a tentar o suicídio do que outros jovens, e até 30% de todos os suicídios na adolescência podem ter a ver com questões de identidade sexual. (Sanders, 1994:228-229).

Em relação à espiritualidade, o participante indica em sua fala que é oriundo de uma família bastante católica e que buscou ajuda na religião (barganha mágica) para lidar com o seu desejo afetivo-sexual por homens. Sempre prezou por praticá-la, sendo que acredita que isso o fortalece enquanto pessoa, embora tenha conhecimento que a Igreja entenda que ele esteja em pecado. Relata já ter se culpado em diversos momentos pelo seu desejo homossexual, por conta de crenças pregadas pelo discurso religioso cristão. Atualmente, após esses episódios narrados, diz que estabeleceu uma relação diferente com a fé, pois aceita que se Deus o fez assim foi pela vontade Dele. A partir de então, conta que não vai lutar contra a sua sexualidade, conduzindo sua espiritualidade mais "*de leve*" em relação à homossexualidade e a outras formas de estilos de vida.

Sobre o contexto de trabalho, Henrique acredita que desconfiem da sua condição homossexual, pelo fato dele ser um *"quarentão e não ser casado"* (sic). No entanto, revela que essa proximidade e cumplicidade não é importante no ambiente de trabalho e não gostaria

que soubessem de sua orientação sexual, *"... pois acho que pode sim diminuir o respeito e a clientela também. Tem muita gente que não entende isso, confunde tudo. Acha que por ser gay não é um bom profissional"*. (sic) Neste ponto, mais uma vez Henrique parece buscar condições que o tornem um sujeito "desacreditável", (Goffman, 1988), apontando a homofobia social como um aspecto que pode descaracterizar a prática de um profissional pela sua orientação sexual e também, expõe sua própria homofobia com suas observações narradas.

Em relação aos amigos, admite que a grande parte seja constituída por gays e lésbicas e, uma parcela significativa deles é identificada socialmente e se assumem como gays e lésbicas. Diz que neste grupo de amigos também existem as pessoas, consideradas por ele, como afeminadas, o que faz com que Henrique tenha um certo receio *de se mostrar* em lugares públicos junto aos mesmos. Todavia, mesmo nestas condições que o torna identificável como homossexual (por estar com outros homossexuais), portanto, o tornaria, segundo Goffman (1988), desacreditado, ele diz preferir a amizade desses amigos (afeminados) ao invés de manter o preconceito. Porém, revela que, algumas vezes, solicita aos acompanhantes para que se contenham nos trejeitos, pois de maneira geral, não se considera assumido e não apresenta características que o identifiquem como homossexual, sendo, que prefere que estas pessoas se controlem nos *gestos e atitudes*. Aqui, novamente, Henrique parece reificar a pactuação e o dilema causado nele a partir do "encontro com o poder", ora se submetendo a ele ora dele escapando; um jugo intenso, no qual, às vezes ele prefere revelar a si mesmo e aos amigos a sua homofobia interiorizada à revelar a sua homossexualidade e enfrentar a homofobia.

Sobre cultura gay, deixou manifesto, em todo momento em suas falas, que busca o anonimato evidenciado na referência de uma imagem mais próxima da virilidade e, por tal motivo, nunca participou de trabalhos em organizações que defendem os direitos dos homossexuais e nem teria interesse em fazê-lo. Compreende que seja muita exposição fazer parte desses movimentos sociais que militam a esta causa específica. Ainda, sobre o anonimato em lugares de visibilidade, diz que participa da Parada do Orgulho Gay em São Paulo, justificando se tratar de um evento onde gays de todo o Brasil visitam e se encontram na noite cultural ou em boates e que a quantidade de pessoas nestes eventos lhe garante o anonimato em uma cidade cosmopolita como São Paulo. Sobre uma possível Parada no município onde reside, revela que não participaria, pois seria muita exposição da imagem, lhe trazendo prejuízos de ordem social.

No entanto, são nos dispositivos de socialização de sexualidades GLBTTT, principalmente freqüentados por homossexuais masculinos (lugares também visitados por Henrique) que se observa às hierarquizações e relações de poder entre os seus freqüentadores. Nestes dispositivos entendidos por Foucault (2003b), como enunciados discursivos, instituições, arquiteturas e outras proposições que atravessam os sujeitos (servindo como disparadores para a produção de subjetividades), observa-se as possibilidades para que estes freqüentadores se deparem com acontecimentos que, por sua vez, também produzem modos de subjetivação e sujeição.

A emergência destes acontecimentos nestes dispositivos permite com que os seus freqüentadores tenham o "encontro com o poder", (Foucault, 2003a), uma vez que estes lugares funcionam com uma junção de múltiplos atravessamentos de várias instituições (Igreja, Ciência, Família entre outras) e diversos modos de subjetivação, onde adentra as práticas sociais homofóbicas que se expressam e permeiam as relações entre os freqüentadores destes lugares.

Em relação aos dispositivos de socialização de sexualidades GLBTTT, Henrique assume que freqüenta diversos lugares de naturezas diversas, tais como, bares, boate, saunas, festas particulares. Todavia, salienta que prefere lugares freqüentados por heterossexuais, pois considera o público que freqüenta esses estabelecimentos mais parecidos (aparência e estilo de vida) com ele, ou seja, considera que se assemelha mais a grupos de heterossexuais a grupos compostos por não-heterossexuais.

Ainda, aponta diversos argumentos por qual acredita que estes dispositivos de socialização são "*um mal necessário*" (sic), pois preferiria não os freqüentar e se afastar de tudo que o incomoda, principalmente conteúdos relacionados com a idéia do homem/masculino afeminado, como por exemplo, as gírias e componentes que se remetem ao feminino em pessoas do sexo biológico masculino. Também sobre a "*obrigatoriedade*" em freqüentar estes dispositivos de socialização de sexualidades GLBTTT, argumenta que esses lugares não possuem o requinte que, geralmente se encontra nos estabelecimentos freqüentados por pessoas supostamente heterossexuais. Dessa maneira, o participante indica uma comparação entre orientação sexual e classe social e econômica, onde heterossexuais convivem em lugares que podem refletir sua posição social ao contrário dos homossexuais que são confinados a uma única configuração de socialização - condicionados a lugares precários e de pouco requinte. O participante parece não considerar o valor que o *pink money* (Trevisan, 2006) e a parcela de consumidores homossexuais (na qual se insere), que é atendida e capturada pelo ordem do capital; ele mesmo referiu-se aos outros estabelecimentos

que conheceu fora do município que reside, que possuem uma infra-estrutura bastante qualificada.

Ainda, ao se entender que para Henrique os dispositivos de socialização de sexualidades GLBTTT são *"um mal necessário"*, analisa-se em seu discurso que o *necessário* seria, em geral, as possibilidades em *"ter contato com amigos gays e lá acaba sendo o ponto de encontro e de conhecer pessoas novas, possibilidades de ter encontros".* (sic) E o *mal* pelo fato de ter:

> [...] uma coisa de gueto, tem, em geral, um pouco de ser sub-mundo, de ter uma conotação muito segmentária. (...) parece que é..., marginal, é, estar numa situação um pouco excluída, então, é aquilo que te destinou, tem essa conotação, às vezes. (...) de não ter o melhor atendimento, é, eu acho ruim, que por conta disso eu não freqüento só lugares assim, para me diversificar, tirar um pouco de.., só daquele ambiente. Mas por outro lado, é preciso que tenha porque, é, nessa sociedade assim, as possibilidades de encontros, é, ficam limitadas se não for um lugar GLS. (sic)

Em relação à invisibilidade homossexual e os dispositivos de socialização de sexualidades GLBTT (conseqüentemente, as hierarquizações e relações entre os próprios homossexuais), Castañeda (1999) nos dirá que, diferentemente de outras minorias sociais, não existe benefício social em se assumir homossexual, pois se as outras minorias sugerem a possibilidade de pertença, coletividade e solidariedade pela vivência de práticas violentas em comum[33], a homofobia, que está presente em todos os segmentos (Weeks, 1999), dificulta a relação de uma rede de solidariedade que auxilie no combate à homofobia e ao heterocentrismo.

Em relação aos estabelecimentos freqüentados por homossexuais, Henrique diferencia o bar de outros estabelecimentos:

> [...] É, em geral, no bar tem a possibilidade de ter um contato, de estabelecer um contato visual e da possibilidade de conhecer uma pessoa, de conversar, de ter..., de não ficar em uma conotação, é, sem ter a conversa, eu acho que é muito importante, eu gosto dessas possibilidades de estar conhecendo pessoas, trocar idéias, sem especificamente pensar em sexo, na transa. (sic)

No entanto, o bar que ele freqüenta no município apresenta um público diversificado e por este fato,

---

[33] Por exemplo, família e amigos de negros que entendem o sofrimento do filho/amigo que foi discriminado por racismo, pois podem já ter vivenciado tal prática social preconceituosa *in vivo*.

> [...] as pessoas não são só homossexuais, pela diversidade você pode se confundir e entrar numa fria, (risos), ou, é, se dar mal. (...) de repente, de pessoas como eu, que não tem trejeitos, que não querem dar demonstração, é, e fazem a situação muito discreta e dissimulada. (...) tem que ter vários sinais, de que tem..., de que está interessado, de que tem..., de que está interessado para eu abordar. (sic)

O bar histórico da cidade e que possuía o estigma de *"bar gay"* onde foram realizadas as observações, segundo Henrique, assim denominado por conta da grande freqüência de gays de diferentes profissões (mas a maioria ligada às artes e à academia), mudou-se para outra região e, conseqüentemente, alterou suas características físicas e estilo, como demonstrado em sua fala:

> [...] bem diferente, né? Ampliou e agora são dois ambientes, há mais opções, é, mais possibilidades, (...) antes era mais restrito, ele tinha uma característica um pouco mais de gueto, mais de ter público mais cativo, exatamente alternativo, daquelas pessoas que eu procuro, que eu tenho interesse e com a ampliação, o público também se diversificou mais. Então, não está tão somente voltado para o mercado consumidor alternativo. (sic)

Acrescenta sobre o *"antigo bar",* que os proprietários do estabelecimento:

> [...] nunca quiseram levantar a bandeira de ser um bar gay, de possibilitar os contatos, um beijo homossexual era reprimido, a manifestação de carinho era reprimida no bar. (...) a gente sabe que era um bar com a maioria gay e, hoje em dia lá, mesmo diversificando, ah..., eu tenho presenciado situações de que tem um liberalismo maior, de onde se possibilita o beijo gay, o contato íntimo gay. (sic)

Sobre situações de interdição de expressões afetivas homoeróticas no*"antigo bar"*:

> [...] Tive amigos que foram chamados a atenção por estar se beijando. (...) (Os garçons) falavam que não eram para agir daquele jeito ali, que eles não queriam esse tipo de manifestação ali. (...) Embora ficassem revoltados, obedeciam. (sic)

A propósito do "*novo bar*", na percepção do participante (que destoa da dos outros participantes e das opiniões de pessoas que foram indagadas durante as observações), conta que *"... está mais liberado. Eu já presenciei, olhando casais heterossexuais se beijando, homossexuais masculinos e homossexuais femininos se beijando".* (sic) Justifica que isso pode estar ocorrendo por achar que:

> [...] existe uma permissividade maior da sociedade hoje em dia, e fora isso, eu acho que como o bar está fazendo muito sucesso e, de repente, foi percebido que isso..., essa característica dele, liberalidade, atrai público ao invés de afastar. Ele..., os proprietários deixaram de proibir, censurar essas..., esses atos. (...) eles sacaram que ao invés de que isso limitava, pudesse ficar com uma má imagem, de se tratar de um marketing negativo do bar, eu acho que eles estão percebendo que é um marketing positivo para o bar.(sic)

A respeito da única boate GLBTTT, Henrique diz que raramente a freqüenta, mas pelo fato de gostar muito de dançar nesses lugares, costuma ir a boates de outros municípios, para garantir a sua invisibilidade. Diferencia a boate do bar dizendo:

> [...] bom, na boate tem a porcentagem de heterossexuais, é muito (ênfase na palavra) pequena. Bem, menor do que no bar. É, é mais explícito. É, então, até existe uma facilidade maior de conhecer pessoas, de ter contato com homossexuais. É, mas, é, eu vejo que a maioria..., existe uma..., do mesmo jeito que eu, outras pessoas também pensam em ir a um (nome do bar). Não é tanta exposição quanto ir a uma boate gay. Então, eu percebo que de um modo geral, tem mais pessoas interessantes, é, no (nome do bar) do que na boate, que freqüentam mais o (nome do bar) por uma áurea de proteção, de não exposição. (sic)

Revela que o que o motiva freqüentar boates de outros municípios:

> [...] é me divertir e ter a possibilidade de já que eu não freqüento aqui na cidade, então, em outras cidades eu tenho a possibilidade..., é, de dançar, que é uma coisa que eu gosto e de ter pessoas para ter relação sexual. (sic)

Porém, apesar de já ter freqüentado *dark rooms*, indica em sua verbalização que não gosta, pois "... acho que é um contato muito ruim, que me..., que eu não, é, que tira um elemento para mim, importante da atração, que é ver, ver a pessoa e..., criar esse imaginário da pessoa assim". (sic)

Ainda sobre os dispositivos de socialização de sexualidades GLBTTT que Henrique conhece e visita, analisa-se que estão relacionados a lugares que garantam a sua invisibilidade, ou seja, lugares que não estejam no município e não seja possível encontrar pessoas conhecidas. Também recorre a dispositivos de fórum mais íntimo, tais como festas particulares de amigos e saunas para manter a sua invisibilidade e garantir seu prazer sexual. Em relação às saunas, freqüenta, no município, um estabelecimento que reúne pessoas supostamente heterossexuais e, sempre que possível, visita saunas gays em outras localidades.

Conta que busca locais turísticos, tais como praias, para passar as férias, mas não costuma ficar hospedado em estabelecimentos *gay friendly*, ou seja, estabelecimentos que são freqüentados por hétero ou homossexuais sem sanções às formas de expressão pública de afeto entre pessoas do mesmo sexo biológico.

Um fator marcante e determinante na vivência e participações nos lugares de convivência GLBTTT seria o fato dele, a todo o momento, referenciar o incômodo que lhe traz a visibilidade de cenas homoeróticas que envolvam aspectos relacionados à imagem feminina/afeminada na construção social do sexo biológico masculino, conforme demonstram os excertos abaixo:

> [...] Eu não gosto de *drag queen*, eu acho que..., de uma futilidade muito grande, eu não gosto de show de *drag queen*, eu não gosto de muita afetação, muita..., é, pessoas muito afeminadas, como tem na boate, é..., (silêncio), em geral..., muitas vezes, tem um ambiente que não é muito confortável, é, que tem um cuidado maior assim. Então, é, eu também acho que tem algumas boates que tem um ambiente muito agradável, refinado, que eu gosto, eu prefiro, mas em geral, são lugares underground, são lugares que tem uma coisa de sub-mundo mesmo. (sic)

Na opinião de Henrique, uma pessoa cheia de trejeitos, afeminada:

> [...] age como uma mulher, que, é..., que usa maquiagem , que fica um..., gesto, um gesticular de mão muito..., é, feminino, que tem uma fala muito estereotipada, feminina. Nem é tanto feminina, é, um estereótipo gay e que eu não gosto, que é forçado. (...) Por conta dessa afetação, dessa imagem. E junto com isso, eu vejo, de ser uma pessoa fútil, que não tem conteúdo, que a única preocupação é com a modinha, com a cassação, com o ferver, com a última música da Madonna, com umas..., que não tem um conteúdo maior. Não gosto de conviver com isto, com estas pessoas. (sic)

Mediante a forma de diferenciação com que lida com as diferentes expressões das homossexualidades, cria argumentos na ordem do imaginário que destoa das descrições do que seja a justificativa das pessoas que vivenciam estas expressões. No momento da entrevista, parece confuso e pensativo para afirmar seus pensamentos:

> [...] acho que, é, são gays que confundem a homossexualidade com essa forma de expressão, somente..., que acham que somente essa forma de expressão que é homossexual ou que tem vantagens com esta forma de expressão, que eles tendo essa postura, atacando, é, eles..., (silêncio), se defendem da hostilidade do mundo. É uma defesa. (sic)

O participante parece acreditar que as outras pessoas que vivenciam as homossexualidades diferente da dele, escolhem viverem assim e argumenta que elas têm vantagem com isso, como diz:

> [...] (silêncio). É, não sei agora o quê que eu..., (fala baixinho para si mesmo), de vantagem, eu acho que..., é, eles se expõem com essa exposição, num..., é, num restam dúvidas para outras pessoas, é, chegarem até eles, de que são homossexuais. (sic).

E desvantagens também:

> [...] Assim como eu, de que não gostam de pessoas afeminadas, fora isso, eu acho que eles..., é, tem um preço alto para pagar por essa expressão, assim, é, são os mais visados de serem hostilizados, é, tem prejuízo da sociedade, com a contratação de emprego, de serem..., de serem..., de sofrerem penalidades..., de sofrerem preconceito quando vão consumir. (sic)

Sobre festas particulares de amigos, Henrique se irrita quando questionado se essas reuniões de amigos eram freqüentadas somente por amigos gays, respondendo:

> [...] Grande parte. Eu não tenho amigos só homossexuais (fala mais agressivamente). (...) É misto, maior porcentagem é de homossexuais, mas também têm heterossexuais. (...) Na casa de amigos, você tem, digamos..., eu sinto um pouco mais de proteção, de não encontrar com pessoas de quem eu não quero me expor. Por essa situação de não me expor. Nestas festas particulares está mais limitada ali a freqüência. (sic)

Henrique procura ter encontros sexuais nas saunas destinadas para homossexuais. Em suas palavras, fica claro que é um dispositivo de sexualidade onde se sente melhor, pois considera estes lugares:

> [...] excitante, essa coisa do..., o que mais atrai é a possibilidade de ter sexo com homens que tem um estereótipo mais heterossexual. Muitas vezes, casados, mas, em geral, é a possibilidade de ter sexo, de encontrar pessoas que não são esses..., como eu disse, na boate freqüentam mais afeminados, não é o caso de uma sauna, quando têm muito pouco afeminados e são mais esses homens com a tendência..., com uma característica heterossexual, mais..., é, uma imagem masculina, não afeminada. (...) em geral, é, a socialização é mínima, a mínima possível, pouco se fala, do tipo que, eu raramente, eu acredito no nome que a pessoa dá quando pergunto o nome. É, então, pouco contato verbal de ter, porque realmente tem a intenção de um encontro sexual furtivo, de não ter a pretensão de que vá, é, durar mais tempo. Claro que já houve situações em que dali eu mantive..., criei uma amizade ou até mesmo um namoro, mas é uma eventualidade". (sic)

Ainda sobre a sauna, percebe-se que estes dispositivos têm uma conotação bastante singular para Henrique, pois em um paralelo, se reporta à descoberta do desejo homoerótico dele quando o mesmo freqüentava o vestiário do clube na infância, quando ia ver homens nus mais velhos, as partes do corpo que denotam virilidade (coxas, pênis, pêlos, bunda) que tinham entre vinte e cinco e cinqüenta anos, como relata o estereótipo do homem que deseja: *"Mais sarados, é, com uma..., mais tendendo para o gordo, para o forte do que para magro"*. (sic). Fica evidente que este lugar tem uma conotação de virilidade e sexo e afasta-se de aspectos que trazem desconforto para o participante:

> [...] Eu acho que eu tenho uma..., atração assim, especial para o que..., num sei o que é que tá envolvido aí, porque somente o cheiro de eucalipto, de sentir o cheiro de eucalipto no ar, já me deixa excitado, de tamanha é a associação que eu faço do cheiro do eucalipto, da sauna e do sexo. Ou esse contato visual de estar ali, os corpos mais expostos (ênfase na palavra), é, tem essa característica que realmente isso me atrai, que são pessoas que eu diria assim..., muitas vezes, eu não vejo freqüentemente em um bar, uma boate, é, então, que estão ali por conta de ter essa, é, áurea do encontro furtivo. Se ele é pobre por um lado, num teve essa idéia, uma troca, mas, por outro lado, ele ganha pontos por ser, é, essa característica do..., do..., do que não é comum, da pessoa, é, do cara machão, é, que está ali disponível. (sic)

A partir do relato de Henrique, pode-se analisar que no contexto da sauna, configuram-se hierarquizações e relações de poder entre os seus freqüentadores em uma ordem mais característica a este lugar. Se na boate fica evidente a diferenciação entre os homossexuais, marcados pelo o que o participante considera de afeminado, na sauna as negociações passam por outra via, a de quem é mais másculo, fato que dificulta, segundo o participante, a transação em escolher os parceiros sexuais e como avaliar as preferências sexuais:

> [...] muitas vezes a gente se engana nesta avaliação. (...) vai da hora, vai do jeito que acontece, que você..., que a pessoa está a fim, em algum..., muitas, muitos deles têm uma posição muito inflexível, num, num existe uma flexibilidade, mas... (...) de que eu só faço isso, eu só sou ativo, é, ou eu só sou passivo. Tem muitas pessoas assim, que eu acho ruim, é, mas daí tem também outra... e quando é desse modo, assim, se não me agrada, eu dispenso, eu..., num existe, num rola. (sic)

No entanto, revela que procura homens de aparência masculina (viril) e que seja *"versátil"* (ativo/passivo) na relação sexual, pois assim é a forma como busca prazer com outro homem.

Mesmo embora nas histórias não-autorizadas, Henrique tenha relatado fatos que envolveram situações de risco contra a sua integridade física (que o deixa vulnerável às expressões da violência), conta já ter se flexibilizado para fazer sexo grupal, se permitir até ter encontros furtivos com homens casados. Contudo, para ele, existe um limite para práticas sexuais, colocando o sadomasoquismo, *fist fucking* e situações que envolvam urina e fezes em uma categoria de doença, patologia e anormalidade. Acredita que lugares públicos de *pegação* são lugares perigosos, onde há risco de segurança pessoal, diferentemente da sauna, uma vez que compreende que os seus freqüentadores sejam um pouco mais selecionados (por conta do recorte econômico). Acredita que na sauna se possa ter maior tranqüilidade para as práticas homoeróticas, pois este dispositivo de sexualidade oferece uma arquitetura planejada para tais vivências.

Em relação à categoria de análise raça/etnia, revela que embora prefira homens brancos, não seria inviável estar com pessoas negras, justificando que já teve um namorado negro em um momento de sua vida.

Outro dispositivo utilizado por Henrique que lhe garante invisibilidade diz respeito à utilização dos serviços de linhas cruzadas e *chats* na *internet* para procurar pessoas para encontros sexuais casuais, na freqüência de duas vezes por semana. Também acredita que quase a totalidade de pessoas que entram nesses espaços virtuais de socialização *on-line*, o faz pelo mesmo motivo. Utiliza como *nick* (codinome identificatório no *chat*), um nome qualquer masculino seguido de hh, hxh. Nestas ocasiões virtuais, quando abordado para se comunicar, primeiramente questiona a idade e depois pergunta sobre as características físicas, pois dessa forma consegue imaginar dentro daquelas características, se ele se sente atraído por aquela pessoa. Às vezes, pergunta se se trata de uma pessoa afeminada e, outras vezes, utiliza a conversa como determinante de revelação da suposta imagem do afeminado: *"... mas é uma coisa que eu, no meio da conversa, eu percebo isso sem ter que perguntar"*. (sic)

Como relatado, acredita nunca ter sido vítima de discriminação de nenhuma natureza (ameaça, chantagem, agressão vítima ou verbal) por conta da sua homossexualidade, porém, já presenciou amigos sendo hostilizados em alguns lugares, assim como ficou sabendo de conhecidos que foram roubados e agredidos por serem homossexuais. Todavia, o medo em expor-se e a vergonha (efeitos das estratégias do bio-poder) desfavorecem as denúncias destes fatos.

Na questão relacionada ao preconceito, revela que observa que nos lugares que freqüenta, a discriminação se dá pela desvalorização do sujeito, nos dizeres de que

> [...] a bichinha é afeminada, que é passiva, que, então, que já tem essa fala, coloca no feminino, né? Então, tem esse preconceito, é, se dá um valor, parece que para o ativo e, então, aí cria esse..., as pessoas querem falar que são ativas, sendo que não é essa somente a vontade. É, eu.., fica assim, meio limitado ao projeto que é muito copiado, que é, da relação heterossexual, em que existe os papéis definidos, é, eu acho que a possibilidade homossexual é bem maior, do que ficar em determinados papéis. (sic)

Completa que esses juízos de valores são advindos e mantidos também pela forma irônica que os meios púbicos, entre eles, a mídia (televisão) divulga acerca dos estereótipos dos homossexuais, sugerindo a idéia reguladora e controladora dos corpos, indicados por Foucault (2005) como estratégias anátomo-política do biopoder.

Quando perguntado sobre como ele imaginava a sua vida daqui a dez anos, Henrique responde que sua vida não seria diferente do que é hoje. Aceita que irá vivenciar a sua homossexualidade de maneira:

> [...] mais assumido do que não, mas não totalmente assumido. É, de ter encontros, de ter, de repente, alguns namoros, é, mas, eu continuar morando sozinho (ênfase na palavra). É, levar meu trabalho como tem sido, é, então, é essa vida do mesmo jeito eu acredito que vai permanecer. (sic)

Complementa que não se vê em uma relação conjugal com ninguém, e de já ter idealizado viver com alguém, mas que com o passar dos tempos:

> [...] as coisas, a vida foi mostrando que é muito difícil de estar num casamento. É, eu posso até, é, estar namorando, mas é, o grau de envolvimento é diferente de um casamento, do morar junto, de conviver dia e noite, é, de ter um relacionamento que cada um respeite mais a individualidades, que se tem os prós e os contras disso também. Em ter tanta cumplicidade, em ter..., mas é esse tipo de relação que eu imagino. (sic)

Essas crenças, pessoal/coletiva, são oriundas da maneira como Henrique vivenciou seus relacionamentos (dos vários que teve e de curta duração), justificando:

> [...] A dificuldade de..., do homossexual manter um relacionamento..., é, é junto com isso, é, fatores pessoais meus, de essa minha aceitação, ou como eu lido com a relação com outra pessoa, é, a forma de estar interpretando essas relações assim, que compromete a minha..., o meu relacionamento. (sic)

Ainda, compreende que falta para o casal homossexual, cumplicidade e monogamia existente entre os casais heterossexuais. Assume que tenta ser fiel, mas aceita que é comum

entre os homossexuais a promiscuidade, sendo esta uma característica masculina. Vemos aqui que Henrique naturalizou muitas prerrogativas das questões de gênero veiculadas por diversos segmentos sociais e que dizem respeito a toda e qualquer orientação sexual. Ou seja, a matriz machista/sexista da generificação é referência para toda e qualquer generificação independentemente da orientação afetiva-sexual.

Ainda sobre o envelhecer diz que terá amigos e parentes para cuidar dele, revelando como pensa seu envelhecer:

> [...] não é somente, sozinho, eu acho que eu estou vivendo, eu estou aproveitando a vida como ela está me aparecendo, e tem coisas muito boas, que eu acredito que vão continuar a ter, mas, é, como você disse..., é, que o tempo está passando e eu estou... Sim, o tempo está passando e eu estou aproveitando o que é possível.

Em relação à conjugalidade homossexual, observa-se em Mello (2005:44) e Castañeda (1999), que esta é sempre representada pelo parâmetro heterossexual. Ainda, para estes autores, muitos homossexuais não vislumbram outras maneiras de formar pares que destoem do heterocentrismo, pois, a conjugalidade, a parentalidade e os projetos de vida em comum são dados aos casais heterossexuais, cabendo ao homossexual, apenas as práticas afetivas-sexuais casuais e nunca duradouras.

Após a primeira entrevista, houve um segundo encontro, no qual se pretendeu construir a análise participativa com Henrique, observando os argumentos e percepções acerca do que havia sido relatado em entrevista. Surpreendentemente, de maneira inquietante, o participante entrou em contato com o pesquisador para relatar a análise que havia realizado de seu discurso homofóbico e segregatório (ver anexo), dizendo:

> Bom, de uma forma geral, o que eu queria ressaltar é que em vários momentos em me estranhei na entrevista. Eu achei: "Eu não disse isso? Não é possível que eu disse isso". De ter um estranhamento, de..., é, é..., então é..., o que quê isso mostra que eu acho que o falar numa situação de entrevista, ainda me fez colocar..., é, um enfrentamento com os preconceitos que eu tenho interno que, às vezes, eu posso..., é, em uma roda de amigos, passar por cima disso, e não deixar transparecer e que na entrevista, eu soltei, inconscientemente, eu acabei deixando isso... [...] mostrou um preconceito que eu acho, que o meu estranhamento é que eu achava que não fosse e que não foi à toa que está ali. Tem, existe sim esse preconceito que tem na ordem do social mesmo, em ver o quando eu sou preconceituoso sim.

Neste ponto, se evidencia que as condições da interiorização da homofobia, (Castañeda, 1999), e a condição da naturalização das práticas de hierarquização e relações de poder parecem ter deixado sua homofobia interiorizada invisível aos olhos nus, necessitando,

como ele mesmo diz, estar documentando em uma entrevista para se confrontar consigo mesmo. Henrique se comprometeu consigo mesmo repensar suas práticas sociais, uma vez que não percebia em seu discurso a existência tão fortemente de conteúdos homofóbicos. Em uma das tarefas solicitadas para que se realizasse – *"Sobre a situação específica de seus irmãos terem contado sobre sua homossexualidade para sua mãe sem sua permissão. Imagine que eles não tivessem dito a ela. Se você fosse por em uma carta, como você contaria para ela?"* Henrique deixa, mais uma vez, a indicação das influências das instituições que o produziram. Em suas palavras:

> Oi, mãe, espero que esteja bem. Como é ruim essa distância, que faz aumentar e doer mais a saudade. Preciso muito falar de um assunto importante. Gostaria que esta conversa fosse pessoalmente, para poder ver seus olhos e você ver os meus (que por sinal já estão cheios de lágrimas). Sempre fugi de falar sobre este assunto doloroso, mas como vejo que esse segredo faz um abismo entre nós e também me limita em ser tudo que posso e quero ser, resolvi confidenciar-te: sou homossexual. Apesar de só me dar conta disto há poucos anos, me considero assim desde pequeno. É difícil, ainda hoje, me ver assim. Foi um processo lento e doloroso de aceitação contra o qual lutei muito, mas hoje, posso ver que sou assim graças a Deus. Porque Ele me fez assim. Muito eu procurei pelo motivo disto. Já me culpei e culpei a você e ao pai, mas agora sei que as coisas não acontecem por acaso. Segue-se um plano Dele. Entenda que tudo foi feito com a melhor intenção. Então, não se culpe e sei que é difícil entender, mas só nos resta aceitar. Posso dizer do quanto tive medo em te dizer isto. Mais ainda, que soubesse disso através dos outros. É um alívio imenso estar te falando. Preciso me libertar do segredo para poder viver tudo que quero viver. Não tenha medo da opinião dos outros. Existe muito preconceito sobre isto, mas é devido à muita ignorância. As pessoas só vêem os gays como aquelas figuras satirizadas ou ridicularizadas, mas esta é uma minoria. Você já conviveu com gays e nem se deu conta disto. Assim como eu! Não sei como você vai me ver de agora em diante, mas acredite que agora você me vê mais inteiro, mais verdadeiro. Sofri muito também porque sei que tinha outros planos para mim. Idealizou meu casamento e meus filhos. Poderia ter feito isto, mas seria uma falsidade e desonestidade para comigo e para todos. Sou honesto e corajoso para saber o que é melhor. Espero que me aceite, pois minha caminhada até poder escrever esta carta foi de muitos machucados e cicatrizes, mas de muita garra e alegrias. De um filho que te ama". (silêncio, seguido de um momento de emoção). (sic)

Ao terminar a nossa entrevista, Henrique me dá um abraço forte e sorri, me convidando para tomar um lanche com ele. Neste momento de descontração, revela que a experiência de falar sobre a própria história foi uma possibilidade de reflexão, pois pode analisar *"... o que já foi e de como está se encaminhando, é, foi, é, de me confrontar comigo mesmo. Foi boa. (...) gostei da oportunidade de ter dado a entrevista, me ajudou".* (sic)

6.2 Itinerário da análise da narrativa 2: A história de Marcos - "Da fervorosa religião à geração de camisinhas nas mãos..."

(...) Me diziam todo momento
Fique em casa não tome vento/ Mas é duro ficar na sua
Quando à luz da lua/ Tantos gatos pela rua...
De manhã eu voltei pra casa/ Fui barrada na portaria
Sem filé e sem almofada/ Por causa da cantoria
Mas agora o meu dia-a-dia/ É no meio da gataria
Pela rua virando lata/ Eu sou mais eu, mais gata
Numa louca serenata/ Que de noite sai cantando assim...
(História De Uma Gata – Enriquez, Bardotti & Chico Buarque)

(...) Mainha mandou/ Dizer que lá em casa
Ta cheio de menino/ Marinex
My baby fique relax/ Só vou no seu sex de jontex...
(Vestido de chita – Daniela Mercury & Ivan Huol)

O primeiro encontro com o participante se deu ao acaso, em um fato marcante para ele – a primeira vez em que visitava um estabelecimento também freqüentado por um público GLBTTT. Nunca imaginaria que aquele acontecimento que marcou sua vida, de alguma forma, seria narrado em minhas entrevistas. Marcos[34], amigo de um amigo do meu amigo, e outros colegas se encontraram em uma noite qualquer, agradável para estar com outras pessoas (onde eu estava presente), no bar onde realizei minhas observações participativas. Chegou acompanhado com o amigo do meu amigo, que o apresentou de maneira escrachada: *"Olha gente, esse é meu amigo lá da Igreja, não sou o único gay lá, (risos), só que ele nunca nem beijou homem, já eu..., (risos)",* e nesse instante, iniciaram-se as brincadeiras de que o novato, no mínimo, naquela noite iria beijar um outro homem. Já naquele momento, todos pareciam muito próximos dele, oferecendo bebidas, contando como funcionava o lugar, apontando outros rapazes que lhes despertavam interesse e rindo de personagens típicos daquele bar. Marcos parecia muito mais assustado e tímido do que era esperado de um rapaz de sua idade. De estatura baixa, branco, com poucos pêlos no corpo, sem traços de barba, sorriso fácil, voz baixa, olhar infantilizado e tímido, vestido com boné na cabeça e roupas de estilo *teenager* que lhe garantia uma aparência mais jovem do que a sua idade (aproximadamente vinte anos).

Lembro-me de ter conversado muito pouco e de ouvir suas repostas baixas e incompletas sobre a religião e sobre ser sua primeira participação no cenário daquele bar. Também me recordo de meus conselhos *paternalistas*, de que era para ele não dar ouvido para

[34] O nome Marcos refere-se a um nome fictício escolhido pelo próprio participante no momento da entrevista.

as brincadeiras que lhe desagradavam, que as pessoas queriam "*enturmá-lo*" (e por isso das brincadeiras, mesmo as mais invasivas). Complementava dizendo que ele estava dirigindo sua moto e, portanto, não precisava tomar bebida alcoólica do copo de todos que lhe ofereciam para parecer simpático, uma vez que ele não havia o hábito de beber. Em resposta, havia me dito que estava um pouco assustado, que não conhecia ninguém e que isso era uma condição boa, pois não teria problemas com a visibilidade, porém, não queria ficar com o rapaz que os novos colegas estavam lhe apresentando, não sabendo como dizer não. Logo, Marcos virou o *mascote* daquela turma, como observei em outros momentos bem a *posteriori*, nos dispositivos de socialização de sexualidades GLBTTT que pesquisei – uma boate e um bar.

Nosso próximo encontro aconteceu na semana posterior ao bar, em outro momento importante da vida de Marcos também – o primeiro contato afetivo-sexual com uma pessoa do mesmo sexo biológico - situação que fez com que iniciasse um namoro com Carlos (nome fictício). Marcos morava sozinho em um bairro mais afastado do centro do município, porém, ele não possuía a liberdade de uma pessoa que morava sem os pais. Esse fato ocorria, pois integrantes da Igreja da qual era membro, costumavam aparecer em sua residência sem avisá-lo, sendo que uma amiga da Igreja, que também trabalhava com ele, tinha a chave de sua casa e surgia sempre *de repente*. Este rapaz que Marcos conheceu, Carlos, tinha quase a sua idade e morava em outro município, há 500 km de distância. Segundo Marcos, essa situação era proposital para evitar encontrar pessoas conhecidas pela *internet* e que pudessem denunciar sua homossexualidade. Carlos veio de outro Estado e se hospedou na casa do amigo de Marcos, que era amigo do meu amigo. Como naqueles filmes americanos escrachados sobre adolescentes, sem saber sobre a situação, fui convidado a ir ao local onde o casal estava (para buscar a chave do carro de um colega) e quando adentrei a residência junto com outros conhecidos, vimos que havia pela casa várias embalagens de camisinhas e um tubo aberto de lubrificante jogado no chão. A cena seguinte, em um sofá apertado, os dois abraçados (em posição *conchinha*) e envergonhados; tanto quanto eles, envergonhado, eu saí o mais rapidamente (junto com os outros) do local.

Após os dois episódios descritos acima - lembrados e narrados - voltei a reencontrar Marcos na boate do município, onde este se apresentava mais extrovertido e marcado pela cultura massificada de jovens gays – colares, pulseiras, camiseta psicodélica, calça jeans cheia de recortes e detalhes e boné na cabeça. Alegre, festivo e alterado por alguma bebida alcoólica, com muita companhia e agitado com a música alta e de batida forte, Marcos veio me cumprimentar. Após algum tempo conversando, onde inclusive ele me perguntou sobre a pesquisa do mestrado, resolvi convidá-lo para ser participante (uma vez que procurava um

participante da idade dele). Contudo, completei dizendo que gostaria de explicar sobre o trabalho acadêmico em outra situação, o qual concordou, me passando seus telefones de contato e endereço para o possível primeiro agendamento da entrevista.

Nesta ocasião descrita acima, também descobri que o possível participante havia mudado de residência, dividindo apartamento com outro amigo também homossexual, justificado que esta condição era importante para dividir residência, pois gostaria de se sentir à vontade na própria casa, em relação a sua sexualidade. Inicialmente, foi difícil estabelecer datas com ele, por conta do trabalho durante o dia e da faculdade no período noturno, sendo que as entrevistas só seriam possíveis se ocorressem nos finais de semana, quando ele não tivesse compromisso.

Existiram oportunidades de encontros para as entrevistas, porém foram desmarcadas por ele, pois o mesmo sempre "*precisava ir a um churrasco ou festa*". Quando iniciei a procura de outro participante, Marcos me ligou agendando para o dia seguinte a entrevista. Esses encontros marcados realizaram-se durante dois dias consecutivos (sábado e domingo), em tardes extremamente quentes e abafadas e, se dividiram em dois momentos por conta da quantidade de tempo de gravação e também ocasionado pelo cansaço de ambos (participante e pesquisador). No encontro fui recepcionado alegremente por Marcos em um apartamento que lembrava um lugar sacro, pois na entrada da residência se avistava um altar com diversas imagens de anjos, santos, imagens da espiritualidade Oriental que pertenciam ao colega de Marcos em meio a bagunça típica de uma república estudantil.

O tom das nossas conversas se estabeleceu em um ritmo bastante próprio e descontraído, com uma configuração típica de interlocuções de jovens. Mesmo embora quisesse dar um tom de seriedade aos diálogos, tinha comentários irreverentes como, por exemplo, quando narra a situação em que estava entrando na casa de amigas da Igreja que congregava e um jovem homossexual flerta com ele. Nesta situação, que envolvia desejo, preconceito e as maneiras possíveis de encará-lo, Marcos narra: *"Daí, eu entrei e as meninas brincaram comigo que ele estava se exibindo para mim e que ele era gay, mas era legal. Vê se pode ser gay e legal? (risos). Tudo que eu queria, gay e legal."* (sic) Entretanto, o medo de expor-se frente a essas amigas, fez com que o participante apenas investigasse sobre a vida do jovem (por qual também se interessou), interditando qualquer possibilidade de um encontro, situação ocasionada pelo medo em ser descoberto e difamado na Igreja e na sua família.

Diz se autodenominar homossexual, utilizando como critérios, se relacionar com pessoas do mesmo sexo biológico e por apresentar desejos e vivências pautadas em um estilo homossexual de vida e sua própria aceitação:

> [...] primeiro, é o fato de minha aceitação, porque até então, antes da minha aceitação, eu não me considerava, é, eu não sei se na definição geral poderia já ser, mas eu não me via como, então, para mim, a definição, o ponto que me fez..., é, ter essa posição de hoje falar que eu, é, eu sou homossexual (verbaliza a palavra em um tom bem baixo de voz), a minha homossexualidade de hoje. Então, hoje tem relacionamento, amigos do meio, é, enfim, eu não correr dessa realidade, eu não correr desse fato que está acontecendo, então, é isso que eu acho que é o ponto. Então, a minha aceitação começou a vir depois que eu comecei a conviver com pessoas do meio assim como tive relacionamentos homossexuais. (sic)

Completa, dizendo que se considera uma pessoa assumida (relação a sua condição homossexual):

> [...] o fator mais importante para mim de assumir a sexualidade é você aceitar e estar bem com essa situação, com aquilo que se está vivendo, então, assim, eu acho que isso é a aceitação principal. Agora eu acho assim, o fato de contar ou não contar, de não falar é a exposição mesmo. Eu me considero assumido porque várias pessoas do meio sabem e tudo, o que acontece é que eu procuro não me expor a todo o momento e ter uma vida mais reservada, não a todos, a algumas pessoas mais próximas que não são minha família, mas que são mais próximos, são meus amigos, gradativamente alguns vão sabendo, mas sem exposição em massa, sem espalhar, sem exposição em massa mesmo. (sic)

Marcos me mostrou o apartamento e fotos de amigos na tela do computador, pois diferente do outro participante, as fotografias digitais são recorrentes para registrar momentos da sua vida, por serem de fácil acesso e sem custo. Diz não ter fotos de infância pela condição de pobreza e por ser oriundo de um município rural, inclusive de a família morar em um modesto sítio. Nestas fotografias, momentos de muita alegria e descontração, sendo que na quase totalidade, eram imagens de churrascos e comemorações de amigos jovens, homossexuais, do sexo biológico masculino e cursando alguma faculdade (aspecto valorizado pelo participante). Os amigos eram na totalidade de jovens entre 18 a 25 anos, alguns aparentemente identificados como homossexuais. Marcos parece ser muito requisitado, comprometido e solidário com os amigos, aprendizagens oriundas da dinâmica familiar e de características pessoais que facilitam a socialização, como por exemplo, o bom humor e o acolhimento.

O aspecto da vivência das dificuldades sociais da vida familiar (baixa renda, baixa escolaridade dos mesmos – apenas o ensino fundamental) fez com que a família concordasse em que Marcos continuasse morando no município sozinho, pois o mesmo já estudava e

trabalhava desde os dezessete anos. O estilo simples e batalhador da família juntamente com os valores de solidariedade parecem ter corroborado para que Marcos tivesse construído características pessoais importantes para o enfrentamento da vida. O participante tem uma irmã mais velha e casada e um irmão adotivo mais novo, sendo que todos moram em um sítio da família. Marcos, muito esporadicamente, visita a sua família de origem, justificando a falta de disponibilidade ocasionada pelos estudos, trabalho, afazeres domésticos, ao cansaço e a necessidade em viver a homossexualidade mais livremente do controle e medo que seus pais o descobrissem.

Sobre como se percebeu atraído por pessoas do mesmo sexo biológico, indica que isso ocorreu desde aproximadamente oito anos, quando admirava a beleza de outros homens, porém, foi no período dos quinze anos que se tornou mais intensa a luta para reprimir a atração e o desejo por pessoas do mesmo sexo biológico:

> [...] a princípio você acaba não dando importância ou tentando evitar, né. No meu caso, eu tentei evitar, a todo custo, a ponto de..., é, não pensar na situação em si, até eu sentir a atração, mas em seguida eu consegui não pensar na situação em si. (sic).

Marcos revela que a sua família não sabe sobre suas práticas e vivências afetiva-sexuais, mas que existe cobranças por parte de seus pais:

> [...] Cobrança do padrão, que é você constituir família, casar, é, ter filhos, né, e isso é uma cobrança grande, por conta dos pais que querem, é, netos, eles já têm netos por parte da minha irmã, mas eles sempre cobram, dizendo: Quando que eu vou casar? Quando que eles vão ter netos? Esse..., esse tipo de cobrança, né. Ou cobrança até assim, né, simples, como quem que é a sua namorada? Esse tipo de cobrança que, por enquanto, eu consigo relevar e contornar, mas vai chegar um ponto que num vai ter como contornar essa situação, sem contar a verdade, sem se abrir e falar o que realmente é. (sic)

Diante disso, observei que ele não parecia estar preparado para lidar com a reação dos próprios pais, o que ele argumentou dizendo que vai depender do modo como ele lidará com a situação, pois acredita que seus pais têm menor probabilidade em entender tais questões. Completa dizendo que os pais têm uma visão pejorativa e distorcida das questões que envolvem as homossexualidades aplicadas pela doutrina evangélica e pela cultura massificada difundidas pela mídia e pelo senso comum. O próprio participante analisa que a religião atinge mais fortemente sua família, pois segundo Marcos, o baixo grau de instrução e

a devoção à religião são fatores que não permitem que os mesmos se apropriem de uma outra maneira em encarar esta temática.

Em relação à vivência de sua sexualidade e sobre a revelação para a família ele entrevê a seguinte resolução para este impasse:

> [...] eu acredito que..., não o que dificulta, mas é que eu não estou preparado ainda para receber a reação deles, porque, é, difícil prever a reação que eles vão ter, mas eu acredito que eles não aceitariam de forma alguma. (...) Não digo que não aceitariam, é, ops, não digo que aceitariam mais para frente, eles até não aceitariam também da mesma forma. Eu acredito também que mais para frente eles estejam pensando da mesma forma, mas o que teria mudado seria eu, eu estaria mais pronto para receber essa não aceitação deles, né. Hoje eu acho que não estou preparado para isso ainda, eu acredito. (...) se eles descobrissem mesmo, não tendo para onde correr, eu confirmaria e tentaria da melhor forma possível de eu estar convivendo. O primeiro passo seria esclarecer a eles do quê que é o homossexualismo, né? Porque eles têm o conceito totalmente errado, até eles imaginam que o homossexual, ou amanhã ou depois, chegar em casa e falar que eu sou gay, eles vão ter uma visão meio distorcida do que é. (sic)

Ainda, acredita que a família deva desconfiar de sua condição homossexual, pois sempre cobram namoradas, e a estratégia que utiliza para se manter "desacreditável*",* (Goffman, 1988), e permanecer na invisibilidade, seria no momento em que vai visitar a família, flertar e beijar meninas da região, de maneira a embaralhar os códigos que podem deixá-lo identificado como homossexual.

Concomitante à tentativa da invisibilidade, usa acessórios que sugerem uma pessoa caracterizada pelo senso comum como não-heterossexual, como por exemplo, brinco, correntes, pulseiras, roupas *fashions* entre outros detalhes. Sobre o brinco diz que a família não aprovou e se posicionou por meio do silêncio, e quando questionou agoniado a sua irmã sobre tal situação, a ouve dizer que havia reparado nele e:

> [...] que para ela não tinha problema, mas que brinco não tinha a ver com ser gay, e se o filho dela um dia furasse a orelha ela num ia ligar, mas uma coisa não podia ser, que era ser gay. (risos). Aliás, foi diferente, ela disse que o importante era ser homem, ela não usou a palavra gay, mas sim, não deixar de ser homem. (risos). (...) me deu um nó na garganta, me senti muito mal, e daí eu fiz de conta que não era comigo. Concordei com ela, mas fiquei chateado. Mas me deu vontade de contar para ela, mas daí eu respirei fundo e disse que para mim mesmo que era melhor não, pois eu ainda não me sinto preparado para estar falando para nenhuma das pessoas da minha família, mas foi um dos momentos que eu fui levado a quase contar. (sic)

A construção social das homossexualidades, marcada pelo discurso religioso é muito evidente nas falas de Marcos, uma vez que esses enunciados funcionam como um dispositivo de controle sobre as sexualidades (corpos e desejos), enunciados estes presentes na vida dele desde os três anos de idade. Os atravessamentos de subjetivação e o assujeitamento da família aos enunciados da religião fizeram com que Marcos também interditasse os desejos e as expressões homoeróticas. O participante compreende e aceita que a Igreja a qual congrega (uma doutrina Evangélica Pentecostal radical) prega uma visão pejorativa e excludente das homossexualidades. Entretanto, a religião se tornou um dispositivo de controle muito eficiente (disciplinarização e assujeitamento) para Marcos, pois mesmo quando a família foi para outro município, ele continuou a freqüentar a Igreja - uma vez que também os laços afetivos e a socialização eram fortalecidos neste contexto:

> [...] A Igreja sim, é, ela tem uma visão totalmente contrária nesta, é, questão, só que quando eu tô..., como eu também falei, é, eu queria, é, eu também não queria, eu também não queria pensar aquilo, eu não queria sentir aquilo. Então, para mim, aquilo não era, é, ruim eles não aceitarem, porque nem eu mesmo aceitava. Então, o fato de eles não aceitarem, num..., não..., para mim na época era normal, porque até mesmo eu não aceitava. (sic)

No que diz respeito à relação entre visibilidade e contexto de trabalho, Marcos assume uma postura neutra, pois acredita que não é necessário expor sua sexualidade, assim como também durante muito tempo não se considerava homossexual e não entendia o processo e construção de seus desejos homoeróticos. No período escolar, também não teve nenhum problema relacionado à visibilidade da condição homossexual, expondo:

> [...] foi uma coisa assim, em todo o momento, mesmo quando eu percebi..., foi até tranqüilo, porque eu não me denominava homossexual, assim, eu sentia alguns desejos, mas era algo que eu não aceitava, então, eu não me denominava homossexual, então, eu não acredito que eu tive, hum, que eu tive normal, mas no..., no..., nesse período, eu não ficava com garotos, digamos que foi normal, não foi, (silêncio), como eu posso dizer. Até no período escolar eu tive namoradas, esse tipo de coisa, (silêncio), foi mais ou menos isso. (sic)

O desejo homossexual manifestou-se mais fortemente em Marcos, quando estava morando sozinho e começou - no mesmo período (dezoito anos) - a trabalhar na área da informática. A facilidade de informações por meio de produtos mercadológicos e conteúdos homoeróticos disponibilizados na *internet*, concomitante à garantia do anonimato fez com que

o participante ingressasse no "mundo homoerótico" oferecido pelas tecnologias e redes de comunicação:

> [...] eu assistia filmes, tinha filmes, é, logo mais tinha a *Internet* que é um meio de informação também. Então, enquanto tinha filmes, só que na época, eu alugava filmes, é, héteros, num tinha alugado na minha adolescência, num cheguei a alugar nenhum filme gay, né, apenas héteros. Mas, eu fazia..., é, revista também é um material que a gente tinha com amigo ou com outro, era material, é, hétero. Aí, é, alguma coisa na TV e na Internet, realmente, que é um dos meios mais..., de maior informação.(sic)

Na época em que ingressou na faculdade, quando já havia assumido para si sua homossexualidade, as piadas e práticas sociais homofóbicas dos colegas de curso tinham uma conotação e representação que lhe traziam um certo mal-estar, uma vez que, eram direcionadas às suas vivências e escolhas, como relata:

> [...] Olha, o que acontece, no meio sempre tem umas brincadeiras homofóbicas, uma piada, é, uma..., é, enfim, sempre tem uma coisa, é, relacionado ao homossexualismo. Eu particularmente não participo, não participo da mesma brincadeira, mas também não critico, até..., é, para manter a..., como que eu poderia dizer, é, para evitar que eles percebam, então quando tem uma piada eu não defendo, mas também não compartilho da brincadeira, até porque vai contra a..., o que eu acho correto, né. Então, eu não participo, mas também não chego a defender. (sic)

Ainda sobre o contexto universitário, Marcos analisa os prós e contras em assumir-se homossexual perante os colegas, indicando em sua fala:

> [...] no caso da faculdade, teve um caso de uma garota, é, vim falar comigo, coisa do tipo..., então, ou, é, jogar indireta, ou, é, paquerar, esse tipo de coisa. Então, eles sabendo evitaria situações assim e, mas eles sabendo, com certeza teria muito preconceito, então, teria um lado bom e um lado ruim, da história. No caso, como eles não sabem, é, como que eu posso dizer, eu tenho uma vida, é, hum, deixa eu explicar mais, hum, uma vida reservada, né, eles nunca vão saber a festa, o ambiente que eu vou por exemplo, eu não comento, é, se eu for para uma boate gay, eu não vou chegar comentando com eles. Às vezes, é ruim, porque você quer se comunicar, você quer conversar, mas também eu não vou sofrer o preconceito, por parte deles, né, então, tudo tem essas medidas, né. (sic)

O modo de subjetivação atravessado pelo discurso religioso foi marcante para que Marcos moldasse o seu estilo de vida nos diversos segmentos sociais. Uma dessas marcas foi estabelecer dois mundos paralelos: um mundo familiar, com amigos da Igreja, com disciplina,

assujeitamento e programação da vida: *"A pessoa deveria crescer, casar, ter filhos, é, é esse parâmetro que eles têm, né? É o parâmetro da cobrança social que eles têm muito forte, que é o homem crescer, casar com uma mulher e ter filhos".* (sic) O outro mundo, caracterizado por acontecimentos marcados pelo acaso, possibilidades, incertezas, enfretamentos e construções de estilos de existência e expressão de diversos *olhares* para as questões emergentes das práticas sociais. Um exemplo sobre o exposto, segue na narrativa de Marcos:

> [...] Eu tenho tanto amigos do meio..., do meio homossexual, de freqüentar ambientes gays e tenho amigos também que não sabem de mim, que não sabem... Consigo hoje, conviver mais com meus amigos que são do meio até pela facilidade de sair junto, de você não precisar estar escondendo sempre o que você é, e por isso eu convivo mais com amigos que são do meio e que freqüentam o meio homossexual. Mas tenho amigos héteros ainda, que, às vezes, a gente sai para algum barzinho e coisas do tipo. (sic)

Ainda, acredita que alguns amigos da Igreja se afastariam dele, caso revelasse sua condição homossexual, pois é fato que aqueles condicionam a imagem do homossexual como pecador, anormal, e desviante.

No conjunto das narrativas distribuídas durante toda a entrevista, percebe-se que a Igreja que Marcos freqüentava, agia de maneira intimidadora, instalando uma sensação de vigilância, condição que fez com que cessasse suas participações nas atividades religiosas, como bem diz:

> [...] Então, o fato de não freqüentar, foi o fato de discordar com algumas coisas que são praticadas, é, a partir do momento em que eu estava discordando com o que estava sendo passado ali, por opção eu decidi não freqüentar mais, a deixar de estar freqüentando. Mas é bem por isso mesmo, é por discordar do ponto de vista deles. (sic)

Analisa-se que existiu um conjunto de fatores que levaram Marcos a se afastar da instituição, não somente pelo desconforto que poderia vir a sofrer, pelas tentativas auto-penitentes de auto-controle do desejo homoerótico, mas também pela própria história de punição e desrespeito experienciados em outros momentos, como relata nestes longo trecho:

> [...] Eu e essa amiga que trabalha comigo, ela era, aliás, ela freqüenta a igreja ainda. Como eu falei, eu conheci ela lá na Igreja. A gente estava trabalhando juntos, porque ela também era obreira, e eu estava em uma salinha com ela e eu estava com dor nas costas e ela foi estalar minhas costas, daí uma menina que tinha inveja da gente, pelo posto de confiança que a gente tinha dentro da Igreja, foi e falou para o pastor que nós estamos

> transando. O pastor nem quis saber, marcou uma reunião chamando todos os conselheiros, e nesse dia tinha outros pastores também, e na frente de todo mundo, começou a nos acusar, dizer que a gente estava em pecado. Ele acusava dizendo que sabia o que a gente tinha feito e que não adiantava negar. A gente tentou falar que não era verdade, e ele começava a gritar na frente de todos, dizendo que a gente era resistente, que além de pecar não assumia, que não estávamos arrependidos. E tinha mais um cara que queria tomar meu posto lá, que ajudou essa menina. Foi um vexame, uma humilhação em público, sem direito a defesa, com os familiares dela todos presentes, nossos amigos. Ah, daí um amigo nosso foi tentar defender, e o pastor falou que ele era cúmplice do pecado, e quase colocou ele no meio da confusão, daí ninguém se manifestou, nem a família dela, apesar de todos nossos amigos, e da família dela saberem que era mentira esse fato. Foi horrível. Eu tinha um cargo bom lá, eu coordenava os jovens, ajudava a organizar as festas dos homens, dos ensaios com a banda, eu tinha um programa na rádio. Daí, a gente foi afastado, num podia ser mais obreiro por um tempo, porque a gente tinha que servir de exemplo perante todos, tínhamos que servir para as pessoas não fazerem isso. A gente só seria ouvinte, de ficar no banco da Igreja. Mas depois a gente voltou, porque a gente fazia as coisas funcionarem, a gente agitava os jovens e organizava tudo certinho. (sic)

A cena descrita acima demonstra o discurso religioso produzindo saberes e verdades sobre as sexualidades, ou seja, uma "scientia sexualis", (Foucault, 2005), que remonta estratégias de controle sobre os corpos e sobre as sexualidades dos freqüentadores da Igreja. Além de utilizar procedimentos que incitam à confissão do suposto pecado, recorre às práticas sociais violentas vexatórias em público. Recorrendo aos estudos de Foucault (1987:228), encontramos que o espetáculo público da punição contra "criminosos" parece adquirir importância no início do século XIX; era dita como "uma cerimônia de suplício", na qual havia execração, humilhação e ofensas. Dessa maneira, Marcos foi impulsionado a *assumir-se* culpado e em servir como exemplo indulgente para que os freqüentadores não ousassem desafiar a ordem social estabelecida. Na narrativa, Marcos parecer ter sido usado como uma vítima do dispositivo da sexualidade somada a estratégia de assujeitamento do dispositivo religioso.

Ainda, se a punição para a cena narrada foi dada de maneira massacrante, mesmo sendo uma prática sexual heterossexual, pode-se inferir que às injurias seriam mais drásticas se os envolvidos estivessem em práticas homoeróticas. Sobre a visão da Igreja sobre as homossexualidades, Marcos diz:

> [...] na religião não, digo, não posso dizer de todas até porque eu não conheço. Mas no meio Evangélico, é visto como problemas espirituais, como coisa errada, é, é colocado com se a pessoa não fosse ser salva, perdesse a salvação, até por causa da homossexualidade. É essa a idéia que

> é passada, para todos os membros, né. (...) em pecado sim, uma pessoa que estaria em pecado e não teria salvação. (sic)

Completa, indicando o modo de assujeitamento ditado pelo dispositivo da sexualidade e religioso: *"... a princípio, é, deveriam parar com a prática homossexual e não deveria ser. Eles não aceitam de maneira alguma. A pessoa deveria crescer, casar, ter filhos, é, é esse parâmetro que eles têm, né?"* (sic)

Marcos indica, em suas palavras, que não conseguiria vislumbrar para sua vida, neste momento, as etapas programadas e esperadas socialmente e difundidas também pela instituição religiosa a qual congregava. Também expõe o atravessamento subjetivo das pregações homofóbicas em relação à auto-aceitação da condição homossexual:

> [...] Olha, quando eles falavam contra, é, eu até que eu concordava porque assim, eu também era contra o que eu sentia. Então, o fato de eles não concordarem, eu também não concordava, então, eu era contra também. (...) eu achava que era um pensamento comum, normal. (...) Eu tentava mudar o pensamento, pensar em outra coisa, evitando sempre os pensamentos. (...) não tem como evitar a atração e o desejo, mas eu evitava ficar pensando naquilo, em fazer aquilo. (...) como é visto pela religião como algo errado, eu começava a fazer orações, você começa a procurar uma ajuda também na religião para poder evitar aquilo, eu fiz constantemente isso. (sic)

Mediante as vivências de Marcos com o "encontro com o poder", no contexto religioso, parece que ele teria duas escolhas: interditar suas possibilidades e expressões subjetivas relacionadas também a sua sexualidade ou fugir deste contexto onde não teria empoderamento suficiente para enfrentar. Sobre os efeitos nocivos que o discurso religioso possui em sua percepção, Marcos diz nesta longa citação:

> [...] religião que é uma coisa que eu presenciei bastante, eu sei que tem uma influência muito grande tanto na aceitação da pessoa homossexual, e também tem uma influência muito grande sobre os familiares, né, que é um ponto de vista religioso, onde é que vai passar o ponto de vista para as pessoas, então, acabam ocorrendo problemas mesmo na hora da aceitação, ou acaba dificultando muito o relacionamento da pessoa com os familiares, devido esse fator, da posição das instituições religiosas enquanto a isso, né. Para mim, na minha história foi uma coisa que pegou bastante, porque traz muito mal-estar, culpa, medo e dificuldade de aceitação, pois se usa o nome de Deus, que é muitas vezes em vão.(...)A Igreja usa de persuasão de medo dizendo que os homossexuais não herdarão o Reino dos Céus e esse tipo de coisa. Então, imagina alguém que fica em conflito com isso por ser homossexual e que acredita no Reino dos Céus e buscou fazer tudo certo para conseguir isso e perder isso por conta da homossexualidade? A cabeça da pessoa fica muito confusa. (sic)

Após a saída da instituição religiosa e morando sozinho, Marcos adentrou no *mundo gay,* primeiramente, nas relações virtuais anônimas. Entre os participantes, Marcos é o mais novo em idade e pode-se dizer que representa o perfil do jovem homossexual, que estabelece relações virtuais por meio de dispositivos (de sexualidade) tecnológicos para se homossocializar-se:

> [...] Nos *chats* têm muitos homossexuais aqui da cidade. É geral, a maioria dos homossexuais, num é todos, mas na sua grande maioria utiliza recursos virtuais, de recursos de salas de bate-papos, de fotologs, até porque é um meio de comunicação, um meio social mais reservado, é um meio sem exposição, que a gente encontro mais facilidade de estar se comunicando com outros homossexuais. (sic)

No entanto, o fim do controle da instituição religiosa e a participação em dispositivos *virtuais,* tais como, *chats*, *sites* de relacionamentos, *orkut*, *msn*, *skipe* entre outros só aumentaram o desejo de ter contato real com outros homossexuais (relacionar-se afetivo-sexualmente). Assim ele se permitiu conhecer os dispositivos de socialização de sexualidades GLBTTT como revela:

> [...] foi no fato dos primeiros relacionamentos homossexuais e pelo fato de eu conseguir ver o todo, de ter uma visão mais esclarecida sobre o assunto, é, porque até então eu tinha uma visão que era errado, errado perante a Deus, enfim, essa formação religiosa, então, a partir do momento que eu comecei a ter relacionamento homossexual e a conviver no meio, começar a conhecer mais o quê que era, eu fui vendo também que não era aquilo que eu conhecia, eu fui conhecendo, e vendo que, pelo contrário, é uma coisa tão normal quando a pessoa se denominar heterossexual (ênfase na palavra). Foi a partir daí que eu comecei a me denominar homossexual. (sic)

Nas narrativas de Marcos fica evidente que os dispositivos *virtuais* de homossocialização são contextos que favorecem a produção de modos de subjetivação que propagam a hierarquização e as relações de poderes por meio das valorações de perfis dos usuários na rede virtual. Dessa maneira, reproduz os discursos da microfísica de poder existentes nos dispositivos de socialização de sexualidades GLBTTT.

Sobre relacionar-se sexualmente com outros homens, indica o que pensa e como foi negociar as primeiras práticas sexuais:

> [...] em um relacionamento homossexual, uma das partes mais difíceis, tudo é muito difícil, mas a mais complicada é fazer sexo passivo, então, eu acredito que como ele sabia que é, eu não tinha me relacionado antes, ele não teve essa cobrança nesse nosso início de namoro, então, aconteceu, a gente se conheceu, e aconteceu naturalmente, a gente foi ficando e não houve uma negociação. (...) fui ativo com ele, mas eu acho que foi assim pelo fato de eu não ter tido essa experiência anteriormente, então, ele achou..., ele não fez nenhuma cobrança de sexo, de que eu fosse passivo, e eu também tinha uma certa, hum, não dificuldade, mas eu não conhecia, não sabia, então, eu também, no início foi uma coisa também que eu não procurei.(sic)

A partir do *coming out* nos dispositivos de socialização de sexualidades GLBTTT – não se relacionando apenas virtualmente com outros homossexuais, foi que Marcos teve que se confrontar com seus valores pautados na criação religiosa, pois o modo de subjetivação advinda da instituição Igreja fez com que ele *"se assustasse",* lhe causasse estranheza as diversas outras formas de estilos de vida e expressões afetivo-sexuais como, por exemplo, homens de mãos dadas e se beijando em um lugar público (mesmo sendo um lugar reservado), *"... estranhei, achei estranho porque não estava dentro dos padrões que eu costumava ver."* (sic) Entretanto, o enfrentamento em freqüentar tais lugares se deu, devido querer *"... um lugar onde respeitasse minha sexualidade e encontrasse outros homossexuais."* (sic)

Assim como para Henrique, Marcos aponta as funções dos dispositivos de socialização de sexualidades GLBTTT como sendo lugares de busca de amizades e conversas com outros homossexuais, assim como também, para conhecer pessoas para se relacionar afetivo-sexualmente. Todavia, o discurso de Marcos aparece com menor ênfase, no que tange a procura de parceiros sexuais nestes lugares se comparado ao discurso de Henrique. Marcos parece estar muito mais interessado em vivenciar as relações de sociabilidades destes dispositivos e, dessa maneira, fazer com que estes relacionamentos perpassem aos contornos delimitados dos estabelecimentos de freqüência de grupos GLBTTT. *"Antenado em seu tempo"*, Marcos dá pistas de quais estabelecimentos não necessariamente *guetificados* podem corresponder aos dispositivos de socialização de sexualidades GLBTTT, citando os shoppings do município (praças de alimentações, áreas de recreação, cinemas) como lugares de flertes, (Carrano, 2002), uma vez que a juventude, de maneira geral (muito mais deficiente aos grupos GLBTTT) não possui pontos de encontro específicos, não têm idade para freqüentar lugares noturnos, assim como tem a questão da visibilidade da sexualidade e o controle familiar.

Quando questionado sobre as experiências e as observâncias de contextos que envolviam expressões de preconceito contra homossexuais, Marcos parece um pouco confuso

em responder com exatidão como observa estes acontecimentos. De maneira geral, durante a entrevista (ver anexo), percebeu-se que Marcos pouco consegue discriminar relações e assujeitamento ao poder, uma vez que o referencial de socialização em grupo é dado pelos integrantes da instituição religiosa a qual fazia parte, sendo estes invasivos em relação à privacidade ao mesmo tempo em que difundiam práticas sociais homofóbicas; isso é legitimado na fala do participante quando diz: *"Vou cuidar da minha saúde, porque da minha vida já cuidam"* (sic). Portanto, pensa-se que pessoas que não se observam como sujeitos de direitos, legitimam o preconceito pelo mal-estar vivenciado (e compreendido como sendo pessoal/individual e não coletivo) e não pela violação de seus direitos.

Em um primeiro momento, se tomar como referência lugares freqüentados supostamente só por heterossexuais, o participante, inicialmente, acredita que não existe preconceito contra homossexuais nos dispositivos de socialização de sexualidades GLBTTT:

> [...] Não há a presença do preconceito, né. A pessoa não vai ter preconceito nenhum pelo fato de você ser homossexual. (...) até existe o preconceito lá dentro, mas a discriminação não vai ser ao fato de você ser homossexual igual é em um lugar que só vai héteros. Porque o preconceito é, bom, algum tipo ou outro de preconceito sempre acaba tendo, né. Mas o preconceito maior, igual de um bar hétero, se saberem que você é gay, de te expulsarem ou correr o risco de apanhar, lá não tem. (sic)

Porém, durante a entrevista, na medida em que se buscava mais informações acerca das relações interpessoais, Marcos investe em seu discurso apontando percepções que revelam uma dificuldade de auto-aceitação (homofobia interiorizada) e a construção hierárquica e de relações de poderes entre os próprios homosseuxuais:

> [...] eu digo preconceito em termos gerais, né. Às vezes, a própria pessoa acaba sendo preconceituosa por não se aceitar ou um tipo de grupo homossexual que não aceita outra pessoa, enfim, um preconceito sempre existe, né. [...] De homossexuais para homossexuais, porque existe o caso de homossexuais que tem preconceito por travesti, que não gosta, que tem um preconceito e é homossexual. Então, existe este preconceito nos bares, nas boates, é, no meio gay, no meio homossexual, é, então, neste meio também existe preconceito sim, não está livre do preconceito não. Mas mesmo assim, é um ambiente que você consegue se relacionar. Dá para ir lá e num ter que não ser você, você pode relaxar um pouco mais. [...] pessoas que sofrem o preconceito percebem sim, é uma situação chata, porque elas olham e as pessoas estão olhando para ela e rindo, mas como o próprio homossexual aprende, e tem que viver com a discriminação, né, então, eles acabam meio que contornando isso. [...] Em todo o momento o passivo é vitima de gozação, assim como o pobre e o afeminado. Mas nem sempre é só o não-afeminado que ri do afeminado, tem afeminado que fica rindo do

> outro afeminado, achando que ele não é igual, achando que ele não é afeminado. [...] pelo o que eu percebo, a todo o momento, é um perfil mais valorizado é o mais próximo da imagem hétero, vamos dizer, o homem..., o homossexual que não dá pinta, que as pessoas visivelmente não percebam que ele é gay, que é ..., como se diz, que não é afeminado. Então assim, uma das primeiras perguntas que..., é, sempre me fazem é exatamente isso: "Você é afeminado?". Então eu vejo isso, que já é um dos maiores preconceitos nas salas de bate-papos, porque é a primeira coisa que a pessoa não quer relacionar com uma pessoa que seja muito afeminado, ou que esteja muito próximo da aparência feminina. Isso vale para relacionamentos e também para amizade, pois as pessoas não querem marcar encontro com afeminadas porque podem ser reconhecidos..., tipo, marcar de se conhecer no shopping com uma pessoa afeminada. As pessoas acham que é queimar o filme e rejeitam esse tipo de situação. Elas evitam isso (sic)

Marcos indica não conhecer saunas, pontos de pegação e *dark rooms*, achando esses lugares perigosos e de pouco interesse de sua parte, todavia freqüenta intensamente os dispositivos, indo semanalmente a bares e quinzenalmente a boate. Argumenta que se sente muito bem, acolhido e pertencente a estes lugares (bares e boates), não tendo nenhuma reclamação em relação a eles, pois neles tem a possibilidade de flertar sem receios e fazer amigos que sejam homossexuais como ele. Além da socialização, revela buscar uma pessoa que possa vir a ser seu namorado, sendo estes lugares favoráveis para conhecer outros homossexuais, no entanto, acredita que a boate não seja um lugar interessante para se conhecer um futuro namorado, uma vez que lá, as pessoas se liberam e *"fervem"*. Assim, conta:

> [...] Na boate é um ambiente descontraído, você dança, você bebe, você conversa bastante, é, encontra pessoas, você se relaciona, é, eu acredito que na boate, namoro não..., comigo não aconteceu, não conheci ninguém que fosse lá que eu tive namorado, mas já fiquei com várias pessoas tanto na boate e posteriormente à boate, depois, marcava de encontrar, mas nenhum desses relacionamentos acabei namorando. Mas tive vários relacionamentos. Vou também para me sentir bem em público com meus amigos que também são homossexuais. Então, a boate é um espaço que eu vou para me relacionar com outras pessoas, conhecer pessoas, ficar com pessoas. (sic)

Complementa dizendo que a boate, por ser um "*lugar mais fechado*", permite que ele expresse afetos em públicos (beijos, andar de mãos dadas, carinho, abraços entre outros), fato que não ocorre no bar em que freqüenta devido à presença também de público heterossexual. Diferencia a bar da boate, relatando que o primeiro é um estabelecimento onde as conversas e as relações de rosto acontecem mais nitidamente, ao contrário da boate, no qual o participante sugere que seja um lugar onde o contato erotizado é mais freqüente e intenso.

Quando questionado sobre as práticas sociais homofóbicas existentes nestes lugares de socialização entre os próprios homossexuais, responde nesta longa e interessante fala:

> [...] existe o próprio preconceito dentro da própria boate, do próprio meio gay. Para mim é tranqüilo, eu converso com todo mundo e não tenho problema com ninguém e nenhum grupo, em conversar com uma pessoa que seja travesti, com uma pessoa que..., então, não tem..., ou, às vezes, uma pessoa, um gay que é afeminado demais [...] Sei que tem bastante sim, que hoje tem bastante desse tipo de discriminação, principalmente na *Internet*, onde a pergunta mais feita é se a pessoa é afeminada. Existe esse preconceito sim, principalmente nos ambientes freqüentados por homossexuais contra essas pessoas, ou por ser afeminadas ou serem travestis, pelo fato de as pessoas não quererem nem se relacionar com eles, né? Às vezes, na boate ou em um barzinho gay, ele vai e tenta ser seu amigo, mas lá fora, as pessoas não querem levar essa amizade para fora, para o dia-a-dia, fica um amigo de bar gay, até para essas pessoas que são afeminadas, que lembram, à vista da sociedade, são pessoas com características de homossexuais, então, seria uma forma de vincular a idéia das outras pessoas também serem homossexuais. [...] na realidade ele existe, é, pelo próprio fato de evitar, eu vejo que eles evitam, é, a pessoa pelo fato dela ser travesti, pelo fato de ser afeminado, principalmente o gay que é muito preconceituoso em relação a isso. É, acaba evitando, evita, ou tem alguns comentários, desde de comentário para evitar o outro, ou até pela expressão quando o outro chega perto e você vê que as pessoas não gostam e acontece esse tipo de coisa. [...] tanto na boate quanto no meio social de modo geral, os mais valorizados, por existir um preconceito ainda muito grande, as pessoas ainda buscam as pessoas que são, mas que não parece, que seja homossexual, mas que ele tenha um estereótipo parecido como se não fosse, que não *desse pinta*, ou pela aparência ou pela conversa, ou com o corpo definido, o mais próximo da imagem masculina possível, não que todos, mas que no geral se procura isso, estes os que se dão melhor no meio homossexual e na vida. (sic)

O discurso acerca das práticas sociais homofóbicas favorece o posicionamento das sexualidades e dos gêneros cristalizados, naturalizados e presa às construções do determinismo biológico do corpo, não permitindo a transitoriedade das sexualidades, configurando identidades, papéis e funções delimitadas pelo masculino/feminino, macho/fêmea entre outros. (Scott, 1995:72; Louro: 2004:72)

Os dispositivos de controle das sexualidades, (Butler, 2003), apresenta uma ordem compulsória do sistema sexo-gênero-sexualidade que regula e normatiza a produção de identidades de modo binário e naturalizante. As relações de gêneros e as sexualidades (práticas sexuais) são aspectos muito valorizados na cultura e nas relações de sociabilidades. Portanto, as práticas sociais homofóbicas exemplificadas acima nas palavras de Marcos, sugerem que nos dispositivos de socialização ocorram relações de poder assinaladas por práticas discursivas pautadas nos enunciados heterocentristas, machistas, viris entre outros

aspectos que formulam maneiras de hierarquizar os sujeitos que co-habitam em um mesmo dispositivo de socialização. Estas práticas não permitem novas inscrições dos gêneros, (Louro, 1999:11), impedindo novas maneiras de existências e expressões singulares, de resistência à normativa heterossexual.

Dessa forma, o preconceito sobre as sexualidades e os gêneros advém do lugar em que homossexuais masculinos ditos como afeminados, mulheres masculinizadas, travestis entre outros ocupam na hierarquia traçado pela heteronormatividade. Estes sujeitos estigmatizados pertencem a categorização dos "seres abjetos", (Butler, 1999) carregando em suas vivências as marcas de práticas sociais violentas em relação às suas existências e às suas identidades marginalizadas:

> [...] a identidade de gênero e sexual, sugere um destino sem escolha ou renúncia, imposto e cobrado direta ou indiretamente pela sociedade em que vivemos, estabelecendo o poder normativo da masculinidade nos homens e da feminilidade nas mulheres. Na lógica classificatória das identidades de gênero e sexual em nossa cultura burguesa, capitalista, ocidental e patriarcalista, é sobretudo a heterossexualidade que ocupa, em ambos os sexos, o lugar de representante de sua essência identitária. (SILVA, 1999:72-73)

A hierarquia e as relações de poder produzem agrupamentos nos dispositivos de socialização de sexualidades GLBTTT, de maneira a se apoderarem de práticas coletivas e apresentem características em comum. Estes agrupamentos podem se dar por meio do enfrentamento solitário da estigmatização ou de modo a produzir um grupo que possa estabelecer uma hierarquização sobre os demais. Os agrupamentos dentro de um dispositivo de socialização de sexualidades GLBTTT sugere ser baseado em categorias dos gêneros e das práticas sexuais, tornando as pessoas como que unicamente sujeitos sexuais, desconsiderando as multideterminações dos atores sociais advindas dos processos de singularização e de produções criativas e convergentes dos sujeitos sociais. A imagem erótica e as práticas sexuais parecem ser componentes de socialização poderosos em um dispositivo de socialização em detrimento, por exemplo, de pessoas que tocam instrumentos musicais, fazem uma mesma faculdade, que possuem os mesmos *hobbies*. Sobre isso Castañeda (1999:55) nos dirá:

> [...] Muitos aspectos da vida pessoal estão também em jogo: como todos nós — homo ou heterossexuais — construímos nossa identidade sexual e social, como estabelecemos nossas relações amorosas e eróticas, como vivemos a

> amizade, como entendemos o mundo atual, tudo isso pode variar segundo a percepção que cada um de nós tem da homossexualidade.

Sobre divisões de grupos que se estabelecem dentro dos dispositivos de socialização de sexualidades GLBTTT e estigmatização, Marcos traz em sua fala a percepção da formação de grupos que se unem por critérios, além da condição homossexual, por características, tais como, a classe social e econômica:

> [...] tem o caso de, das pessoas que moram lá no (bairro distante), que é um conjunto de vários bairros da cidade, que é afastado do centro. As pessoas se juntam porque vêm no mesmo ônibus, vivem no mesmo bairro e têm a mesma situação econômica, às vezes, daí em mais uma forma de preconceito, que falam que são as bichas pobres, que vêm de ônibus do (bairro distante), que elas têm que sair depois da novela das seis para poder conseguir chegar na boate antes da meia-noite para conseguir entrar com cortesia, isso na sexta. Como você sabe, na sexta, as pessoas dizem que vai o pessoal mais feio porque tem o *free pass*, a cortesia, e é o pessoal do (bairro distante), daí o pessoal fala que eles tomam café da manhã na boate para pegar o ônibus de manhãzinha porque não tem ônibus antes, é, falam isso tudo tirando sarro. Por exemplo, também, se uma pessoa efeminada entra no *dark room*, as pessoas comentam quando ela sai de lá, que ela deve ter dado para todo mundo e se um cara que não é afeminado, às vezes, mais velho, que não se assume entra lá, as pessoas não falam nada, tipo ele foi lá não para dar para todo mundo, entendeu? Né? Acho que isso pode ser preconceito também, né? (sic)

No que tange a classificação e agrupamento por classe social e econômica, é importante salientar que este fato foi possível de se analisar, pois como bem diz Marcos:

> [...] aqui na cidade em específico, né, é uma boate, que por ser única, então, é, não tem um ambiente, que vamos dizer assim, não existe um ambiente que seria freqüentado por uma classe maior ou menor ou diferença de classes sociais. Então, é um ambiente freqüentado, desde a classe social mais baixa até de poder aquisitivo maior. (sic)

Marcos se referia a todo o momento, em seu discurso, como observações de práticas preconceituosas de outras pessoas. Todavia, quando questionado sobre militância GLBTTT, o discurso heteronormativo evidenciado na busca da invisibilidade aparece de maneira clara quando conta que *"... hoje eu não participaria de militância, pelo fato da imagem, de..., de..., de difundir minha sexualidade mesmo, ou mesmo medo da reação das pessoas que vão estar vendo, em frente isso."* (sic) Marcos, assim como diversos homossexuais do município onde

foi realizado este estudo, não se envolvem politicamente e não possuem o desejo em participar de um movimento social GLBTTT, tendo como argumento principal, a questão do receio da exposição. Sobre ONGs que trabalham com grupos GLBTTTs, Facchini (2005:28-29) aponta que a construção cultural de uma identidade coletiva deve compreender a formação deste grupo como uma construção homogênea e interesses em comum, constituído de sujeitos que fomentem uma "aliança política voltada para um determinado fim", portanto, que se perceba como fazendo parte daquele grupo.

O participante admite que lhe incomodava um pouco o convívio com homossexuais afeminados, acreditando que não seja necessário ser afeminado para ser homossexual. Completa que afetivamente não se interessa por pessoas afeminadas e se diz reticente em relação a homossexuais assumidos, uma vez que não realizou seu *coming out*. O participante parece estar em um processo de enfrentamento dos modos de subjetivação a qual foi submetido até então. A passagem pelas instituições massacrantes, possivelmente, deixou marcas fortes na história de vida de Marcos, todavia, ele tem se proposto a conhecer novos estilos de existência, uma vez que procura compartilhar experiências com outros homossexuais.

Diferentemente de Henrique, Marcos se apresenta mais otimista em relação ao seu futuro, no que tange a sua vida afetiva-sexual. Sugere que projetando a sua vida pautada em um modelo de conjugalidade de referência heterossexual como, por exemplo, casar de papel passado, uma vez que pensa em dar segurança e estabilidade para seu parceiro que também dividirá moradia com ele entre outros aspectos da vida a dois. Marcos tem um ato falho ao dizer: *"eu me vejo que daqui a dez anos com um relacionamento instável, quis dizer estável, é estável. Isso."* (sic) O ato falho pode revelar diversos enfrentamentos que terá que enfrentar em relação a sua família, pois ele acredita que devido as suas escolhas e ao estilo de vida que almeja adotar e vivenciar, é inevitável que venha a se revelar aos pais e a alguns familiares.

Quando questionado sobre a experiência em ter falado sobre sua vida e revelado questões bastante íntimas, o participante responde:

> É, sempre a gente falar é complicado, porque vamos estar tratando de coisas de nossa vida, que muitas das vezes que você procura..., que você até nem pensa. Você vive até sem refletir sobre alguns pontos, né. Foi difícil, porque em alguns pontos a gente teve dificuldades em estar falando, né, por ser algumas intimidades bem particulares, então, eu tive um pouco de dificuldade, mas no contexto geral, foi bom, também pelo fato de você estar falando assim, foi legal. Fiquei pensando várias coisas, meio tipo terapia, né? Tem que repensar muitas coisas da vida, da minha vida, da minha

> sexualidade e em falar e entender um pouco mais de mim a partir de suas perguntas. (sic)

Terminamos a entrevista e Marcos me convida para ir com ele a uma padaria e conveniência para tomar um lanche de fim de tarde. Questionou-me várias vezes se eu poderia emprestar as gravações para ele verificar a própria voz, pois acreditava que ela poderia ter um *"tom meio afeminado em gravações"*. (sic) Brinquei dizendo que também não gostava de minha voz em gravações, mas o importante era o que tinha sido dito e quando possível passaria uma cópia impressa da entrevista para ele. Durante nossas interações pós-entrevista, Marcos revelou de maneira mais descontraída, histórias irreverentes de encontros casuais e do desejo em encontrar um namorado para a vida toda.

7. Considerações finais: "Quem conta um conto, aumenta um ponto... Finalizando o que não tem fim..."

... todos iguais todos iguais
mais uns mais iguais que os outros...
(NinguéM = NinguéM - Engenheiros do Hawaii)

Nos perderemos entre monstros/ Da nossa própria criação?
Serão noites inteiras/ Talvez por medo da escuridão
Ficaremos acordados/ Imaginando alguma solução
Pra que esse nosso egoísmo/ Não destrua nosso coração
Será só imaginação?/ Será que nada vai acontecer?
Será que é tudo isso em vão?/ Será que vamos conseguir vencer?
(Será – Renato Russo/ Dado Villa-Lobos)

So don't be afraid to let them show/ Your true colors
True colors are beautiful/ Like a rainbow…
(True Colors – Cyndi Lauper)

Como bem indica o título desta seção *"... finalizando o que não tem fim..."*, é importante salientar alguns apontamentos metodológicos, objetivos, cautelas e percalços que direcionaram para este *desfecho sem fim*.

Primeiramente, evidencio que o objeto de investigação proposto para esta pesquisa se construiu, destruiu, (re)construiu em vários momentos, o que fez dele, algo próximo, senão, um *tornar-se a ser constante*. Assim, o itinerário formativo desta *"colcha de retalhos"* teórica e metodológica foi se traçando e se materializou mediante o seu traçado. Durante este processo construtivo houve - diversas vezes - *tensões*, intermediadas por receios, ansiedades, enfrentamentos, possibilidades e produções - da ordem do individual e do coletivo. As *tensões* se referiam às inúmeras indagações e acontecimentos que surgiam muito mais rápidos, freqüentes e intensos se comparados às respostas que se almejava alcançar. Existia ainda a preocupação em não se apropriar e reproduzir um discurso homofóbico e/ou heterofóbico (possível de acontecer), uma vez que se disserta sobre um assunto que atravessa de maneira subjetiva toda e qualquer pessoa que faz parte da sociedade.

Nesta perspectiva, também é de suma importância ressaltar que, mesmo embora as pesquisas acerca do objeto de estudo deste trabalho acadêmico sejam examinadas de maneira globalizada, é fato que, neste momento, foi aprofundado em uma microfísica, em um dado recorte geográfico local, datado historicamente, em um contexto sócio-cultural e político que têm modos de subjetivação e práticas sociais especificas, além dos atravessamentos das instituições poderosas de assujeitamento referenciadas nas seções teóricas e metodológicas.

Procurou-se encarar o desenvolvimento desta pesquisa de maneira articulada mais próxima da realidade dos contextos onde ocorriam às *cenas gays* (os quais os protagonistas eram os sujeitos homossexuais) que legitimassem a correspondência entre as hipóteses (perguntas investigativas) e os acontecimentos emergentes. Portanto, este desfecho dissertativo revela dados trazidos de uma dada realidade específica (dispositivo de socialização de sexualidades GLBTTT de um município do interior paranaense e narrativas de histórias pessoais) que não corresponde as questões emblemáticas gerais e cristalizadas em relação à outras realidades que, possivelmente, podem apresentar diversas outras questões e práticas sociais que não as encontradas e descritas neste trabalho.

A perspectiva geral das análises de dados de minha autobiografia, incursões aos campos (diário de campo) e as entrevistas prolongadas (narrativas de vida dos participantes), trouxeram subsídios para refletir sobre as questões emblemáticas da hierarquização e relações de poder estabelecidas entre pessoas que se autodenominavam homossexuais masculinos e freqüentavam lugares identificados como sendo para socialização GLBTTT. Assim sendo, possibilitou-se a descrição, função e manutenção da existência destes lugares de socialização como produções emergentes do dispositivo da sexualidade descritos por Foucault (2005). Da mesma forma, concomitantemente, se permitiu a compreensão das redes de homossociabilidades, (Welzer-Lang, 2001), e práticas sociais engendradas por processos de subjetivação e assujeitamento pautadas nos enunciados da heteronormatividade, sexismo, machismo, viriarcado (hegemonia constituída sobre a virilidade), binário sexual – pilares sustentadores da construção social das homossexualidades, conseqüentemente, da homofobia e homofobia interiorizada (Castañeda, 1999).

Sobre os dados autobiográficos, é manifesto a construção de uma história balizada pela despedida de diversas projeções e expectativas sociais ao passo que surgia o engajamento e apropriação do discurso emancipatório dos Direitos Humanos. Desse modo, a frase *"Resista! Insista! Do luto a luta!"* compreende a expressão máxima para descrever a narrativa pessoal e o entendimento e posicionamento da inexistente neutralidade da pessoa do pesquisador para produções de saberes acadêmicos.

As inúmeras incursões ao campo (descritas e analisadas na seção 4) – uma das maneiras de apropriação da construção do objeto estudado - proporcionaram a elaboração de uma visão ampliada e complexa da organização social que permeiam a hierarquização e as relações de poder pulverizadas e dinâmicas que se estabelecem em dispositivos específicos de socialização da população-alvo pesquisada. Os sujeitos, que privilegiei para acompanhar em estudos, foram interlocutores com os quais travei conversas informais. Explorei nos discursos,

o sentido e significado (expressão subjetiva) que estes freqüentadores davam para os dispositivos de socialização de sexualidades GLBTTT, assim como o modo pelo qual se socializavam (critérios de aproximação e segregação) e percebiam as relações de socialização típicas destes lugares.

A relação com os freqüentadores (onde se realizou as incursões) assim como as interações com os participantes, levaram a considerar que existiam categorias que norteavam as descrições das complexas redes de sociabilidades, pois a heterogeneidade dos freqüentadores (dentro do grupo GLBTTT), a hierarquização e as relações de poder - que ora se reificavam, ora estavam em processo de reversibilidade - possibilitavam a verificação de práticas sociais sutis e outras mais explícitas no que tange a hierarquização e exercício do poder ou, as denominadas práticas sociais homofóbicas.

As categorias de análise também indicadas por Weeks (1999) e encontradas nos discursos dos freqüentadores, realizavam interfaces estigmatizantes e somatórias à medida que cada sujeito homossexual apresentava conexões com raça/etnia, diferença geracional (idades mais avançadas), classe social e econômica entre outros. As questões relacionadas com a relação estética corporal (padrão social almejado), práticas sexuais e relação de busca de prazer, formação universitária e cultural, também se prestaram como estratégias de categorização do dispositivo do poder, sendo de grande relevância para se estabelecer o exercício de poder, ou seja, para efetivar relações de discriminação, segregação e diferenciação.

Dessa maneira, observou-se que, as relações de poder em torno da classe, de gênero e étnica/racial dentro da cultura homossexual denunciam como a subjetivação, as práticas sociais, o exercício da hierarquização e relações de poder estabelecidas pelos membros dessa comunidade influenciam e orientam os modos de vida, entre eles, as expressões das sexualidades dos mesmos.

Problematizar sobre as relações entre sexualidades e classe social é fundamental, pois vivemos em uma sociedade marcada pela dinâmica do capital. Falar em capitalismo reflete no nosso imaginário a idéia de um sistema de dominação e divisão de classes. A dicotomia evidenciada pelo poder econômico também revela as divisões estabelecidas pela ordem política, expondo relações hierárquicas entre homens dominadores e homens dominados.

Toda uma construção discursiva foi necessária, durante o desenvolvimento da história, para justificar que aqueles que se enriqueceram eram detentores de poderes sobre os

outros. Regras e normas foram criadas como verdades absolutas e inalteradas, de modo que, seria impossível a contestação dos valores que iriam vigorar e estabelecer as relações sociais. Estas observações e descrições foram encontradas nas incursões etnográficas e nos discursos das pessoas com quem eu travei interlocuções dialógicas.

"Existe preconceito entre os próprios homossexuais? Pode-se pensar os lugares de freqüência de população GLBTTT como dispositivos da sexualidade? A ascensão de alguns perfis específicos de homossexuais freqüentadores nestes lugares de socialização refletem apenas preferências ou existe realmente hierarquização e relações de poderes entre os próprios homossexuais? Mesmo em lugares erotizados, cabe o discursos das instituições Família, Igreja e da Ciência?" Estas perguntas fizeram com que se buscasse nas produções de saberes pós-estruturalistas alguma forma de compreensão relacionadas às questões emergentes investigadas. Mediante o exposto, foi inevitável buscar como referência teórica estruturadora desta pesquisa, o filósofo Michael Foucault. Todavia, também foi utilizado outros autores com base nos Estudos Culturais e Estudos de Gêneros, constantes nas referências bibliográficas.

A escolha das reflexões foucaultianas para análise das questões desta dissertação se fez necessária em quatro apontamentos estratégicos e complementares: primeiro, o entendimento dos mecanismos estratégicos e o engendramento da hierarquização e das relações de poder entre os sujeitos, pois Foucault traça um panorama sobre as relações de *poder* e *saber* que se organizam em práticas sociais cotidianas e produzem subjetividades, assujeitamento e constituição do sujeito. Um segundo apontamento diz respeito ao fato de que ele estudou a história da sexualidade, entendendo a mesma como um dispositivo de poder, que controla, disciplinariza e normatiza as existências e os desejos. O terceiro apontamento se refere à possibilidade em pensar lugares como dispositivo da sexualidade, de controle e de produção de subjetividade. E por último, seria compreender Foucault e seus escritos (Sena, 2004), como precursor e tendo ressonâncias nas teorias que pensam gêneros e as culturas no pós-estruturalismo, uma vez que o referido filósofo desmonta as cristalizações em torno das sexualidades, as entendendo como produtoras de dispositivos específicos de controle e modos de subjetivação. Portanto, pode-se dizer, que Foucault impulsionou a visão social, política e conceitual dos estudos contemporâneos dos Estudos de Gêneros, das Sexualidades e dos Culturais.

Desse modo, o dispositivo das sexualidades aplicado às questões emblemáticas das (homos)sexualidades permite a análise de uma trama complexa que envolve diversas linhas de

atravessamento subjetivos e de controle, entrelaçadas, interiorizadas e reproduzidas pelos freqüentadores dos lugares de socialização de sexualidades GLBTTT. Estes modos de subjetivação, por meio de suas estratégias, mecanismos e práticas sociais assujeitam os sujeitos que reproduzem normativas que interditam/produzem expressões e estilos de vida marcados pelos pilares formadores da homofobia. Ou seja, a *pulverização* dos princípios reguladores da macrofísica da "sociedade disciplinar" atua na microfísica dos dispositivos de socialização de sexualidades GLBTTT. Portanto, este controle age sobre os "homossexuais-freqüentadores" destes lugares, os fazendo desejosos de normas, não se atentando a manifestação dos interesses estratégicos das diversas instituições de controle.

A observância e o conjunto das análises dos tópicos apresentados ao longo dessa dissertação apontaram que a condição homossexual e as vivências homoeróticas não implicam em dizer que, esses atores sociais, produtos e produtores de práticas sociais, estejam isentos de serem subjetivados pelos contextos históricos sócio-político-culturais marcados pela heteronormatividade, pelo sexismo e machismo, binarismo sexual entre outros, pregados também pelas instituições religiosas, familiares e científicas e difundidos na sociedade pela mídia. Parece existir uma normativa dentro das homossexualidades que diz: *"Até se pode vivenciar as homossexualidades, mas seja um homossexual normal, que não pareça ser homossexual, ou seja,, sem trejeitos e que se aproxime do que é exigido pela heteronormatividade."*

Partindo deste pressuposto descrito acima, parece que se criou um discurso para se normatizar as homossexualidades, uma "*homonormatividade*" produtora de subjetividades e práticas sociais na ordem de desarranjos e controle do prazer e estilos de vida, formatando assim, toda e qualquer expressão que não corresponda ao "homem-macho-viril-ativo-saudável-provedor", sendo o seu inverso, o sujeito somativamente estigmatizado e repulsivo - o sujeito "afeminado-passivo". Estes pressupostos legitimam a hierarquização e as relações de poder entre os próprios homossexuais, não permitindo a análise simplificada que as escolhas de pares e de sujeitos para se socializar passam apenas pela ordem das *preferências pessoais* – embora se reconheça que existem grupos que se atraem afetivo-sexualmente por perfis específicos, como por exemplo, os *bears* (ursos). Estas escolhas de pares não são condições para interditar as socializações e relações de amizades com outros grupos GLBTTT.

Em específico ao recorte etnográfico e populacional estudado, a condição de grau de instrução (nível superior de ensino e cultural) parece ser de grande destaque não somente para a formação de pares, mas como requisito também para a socialização. Estes atributos – mostrados claramente nos discursos dos participantes – se fazem importantes, possivelmente,

pelo fato de o município onde se realizou a pesquisa ser considerado um pólo pedagógico, possuindo vários centros universitários. Este pólo pedagógico é atrativo para muitos jovens (jovialidade) ingressarem em um nível superior (nível cultural), sendo muitos deles sustentados (inclusive custos com o lazer) pelos pais/responsáveis que, supostamente possuem condições financeiras satisfatórias para bancá-los, portanto, vindos de famílias de classe alta ou média. O *saber-poder técnico* legitima frases do tipo: *"Além de bicha é burra!"* ou "*Bicha feia até vai, agora bicha burra não, né?*" (anotações de diário de campo)

Os atributos pessoais de valoração ou o déficit deles ficam mais evidentes quando se agrupam sujeitos GLBTTT em um estabelecimento em comum, onde o trânsito de sujeitos sem os atributos citados, dispara práticas sociais estigmatizantes e segregatórias que agem a favor dos dispositivos de controle das sexualidades, autorizados nos discursos e práticas heteronormativas e homofóbicas. Portanto, compreender os lugares de freqüência de público GLBTTT como dispositivos de socialização de sexualidades GLBTTT tornou-se viável a partir do entendimento que estes lugares têm funções e mecanismos que reproduzem a estratégia dos dispositivos das sexualidades, ordenando, coordenando, disciplinarizando e normatizando desejos e práticas.

A questão da norma heterossexual aparece nos lugares de socialização, se apropriando e empoderando de instituições como, por exemplo, família e religião para produzir práticas discursivas - temáticas que, em um primeiro momento não pareciam combinar com a (re)produção de desejos e prazeres propostos e ocasionados pelos dispositivos de socialização. É visível nos discursos dos participantes e/ou freqüentadores que as discussões morais proporcionadas pelas referidas instituições se hospedam nos sujeitos que as pulverizam e reproduzem práticas sociais homofóbicas, remontando e fomentando a arena travada entre as sexualidades e as questões morais pautadas nos discursos religioso e familiar.

Assim, analisou-se que estes lugares que, *a priori*, seriam destinados ao lazer, expressões das sexualidades, convívio e cumplicidade e menos coercitivos que os estabelecimentos freqüentados por pessoas supostamente heterossexuais, também (re)produzem práticas sociais homofóbicas na ordem da hierarquização e exercício de relação de poder entre os próprios homossexuais. As referidas práticas revelam e denunciam enunciados com conteúdos homofóbicos interiorizados demonstrados em práticas que perpetuam a diferenciação e expressões de preconceito dentro da própria diversidade sexual, sugerindo que determinados grupos de homossexuais estejam mais vulneráveis à violência.

Um outro aspecto bastante revelador para o entendimento das relações de sociabilidades entre homossexuais, diz respeito à questão da invisibilidade. Mesmo na

contemporaneidade, com o advento dos discursos emancipatórios dos Direitos Humanos, *Gays and Lesbians studies*, Paradas de Orgulho GLBTTT, discussões das homossexualidades na mídia televisiva entre outros, a invisibilidade é muito valorizada e desejada. No entendimento confuso dos participantes, estar na invisibilidade pressupõe uma valoração agregada, pois só permanece invisível quem não possui características afeminadas, apresentando características viris, autocontrole nas posturas e nos desejos demonstrados publicamente.

A visibilidade das homossexualidades (entendida pelos participantes como homossexuais afeminados e/ou assumidos) é um aspecto determinante nas relações de socialização e de amizade. Marcos em sua entrevista indica que as pessoas até podem se socializar com homossexuais afeminados e assumidos, no entanto, esses relacionamentos originam e permanecem dentro dos dispositivos de socialização, justificando que não se pode levar esses sujeitos para se apresentar para a própria família ou cumprimentá-los em outros contextos sociais sem se autodenunciar enquanto homossexual. A visibilidade é tratada como uma condição estereotipada. A invisibilidade, coordenada pela homofobia, possui um efeito subjetivo poderoso, a ponto de desvalorizar conceitos tais como amizade, fraternidade, solidariedade entre outros.

Ainda, a questão da invisibilidade pareceu como uma estratégia de controle do dispositivo da sexualidade, de maneira a corresponder às expectativas heteronormativas, denunciando linhas de subjetivação que, de maneira mais intensa ou não, atravessam e assujeitam os homossexuais, sendo indicado diversas vezes nas incursões em campo realizadas e, principalmente, no discurso dos participantes, a questão da homofobia interiorizada.

Nas narrativas de histórias de vida dos participantes, a homofobia interiorizada é evidente nos discursos e descrições de suas práticas sociais. Quando Henrique diz que os lugares de socialização seriam um "mal necessário," remete-se a idéia egoísta de usufruir o bônus oferecido pelo dispositivo (busca de parceiros sexuais), todavia, *pagando o preço* de ter que conviver com outras expressões das homossexualidades, tendo que *suportar* a invasão da esfera da sua vida privada (deixar que as pessoas saibam de sua condição homossexual). A preferência em participar de festas particulares em lugares reservados também marca a diferenciação em relação ao convívio com outros homossexuais.

A visão pejorativa e o desinteresse pelos trabalhos de militância em prol de grupos GLBTTT, além de representar um posicionamento individual sobre a ordem de interesse coletivo (desinteresse político), também indica a homofobia interiorizada e expressa em

conviver com aqueles que se assumem homossexuais e lutam em causas que beneficiam toda a classe GLBTTT, em garantias de direitos e em aquisição de outros.

Mas como diria Camões: *"Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades..."*, mudaram-se as décadas, mudaram os contextos e também as perguntas, uma vez que as questões da visibilidade e da emancipação advindas com o movimento social GLBTTT reivindicatório trouxeram alvos direcionados e identificáveis de homofobia por conta da visibilidade social das expressões das homossexualidades. Todavia, as questões de gêneros marcadas pelo binário sexual e a heterossexualidade compulsória - assinaladas pelas divisões macho/fêmea, afeminado/não-afeminado, ativo/passivo, em interface com outras categorias de análise, parecem ser persistentes. A questão geracional dos entrevistados (vivências de períodos e idades distintas) parecem não rescindir com as formações discursivas em relação ao deslocamento das cristalizações das sexualidades e gêneros. O efeito das preposições heteronormativas e da dominação masculina agem efetivamente nas práticas discursivas dos participantes, quando remontam situações que desconsideram a complexidade histórica, desarmoniosa, descontínua e transitória dos agenciamentos das produções dos prazeres e das singulares e resistentes formas de subjetivação heteronormativa.

No que tange as narrativas de vida, observou-se que os participantes representam e denunciam como os dispositivos das sexualidades agiram na construção dos mesmos enquanto sujeitos. Não se pode dizer que os participantes tiveram um intenso e desestabilizador "encontro com o poder," uma vez que reproduzem fortemente as práticas discursivas homofóbicas, ocasionadas pela própria homofobia interiorizada.

Em suma, as questões trazidas e apresentadas nesta dissertação, por meio do pensamento foucaultiano, direcionaram para a análise de como é poderoso e eficiente o dispositivo das sexualidades, de acordo com a reflexão:

> [...] Se, por uma inversão tática dos diversos mecanismos da sexualidade, quisermos opor os corpos, os prazeres, os saberes, em sua multiplicidade e sua possibilidade de resistência às captações do poder, será com relação à instância do sexo que deveremos liberar-nos. Contra o dispositivo da sexualidade, o ponto de apoio do contra-ataque não deve ser o sexo-desejo, mas os corpos e os prazeres. (FOUCAULT, 2005:147)

Se o poder é exercido diretamente sobre os corpos, e estes corpos são alvos estratégicos da ação dos dispositivos das sexualidades, é por meio deste corpo que se deve pensar a construção social imediata das possibilidades dos acontecimentos e suas emergências. Ou seja, refletir sobre formas de sair da lógica dos dispositivos das

sexualidades, não sucumbir a ele, pois mesmo embora se dissemine a idéia de liberdade de escolhas de estilos de vida e expressões, somos consumidores e desejosos de subjetividades normatizadoras. Apresentar-se como homossexual, na atualidade, não garante a ruptura com a (re)produção deste dispositivo, uma vez que, para escapar dos mecanismos de disciplinarização precisaria *deserotizar* as relações de poder , voltando as relações pela esfera do cuidado de si, do prazer, pois:

> O poder que, assim, toma a seu cargo a sexualidade, assume como um dever roçar os corpos; acaricia-os com os olhos; intensifica regiões; eletriza superfícies; dramatiza momentos conturbados. Açambarca o corpo sexual. Há, sem dúvida, aumento da eficácia e extensão do domínio sob controle, mas também sensualização do poder e benefício do prazer. [...] (FOUCAULT, 1988:44-45)

O prisma da (des)ordem seria, então, (re)descobrir outras maneiras de busca de prazeres, de existências, sociabilidades, afetos, amores, intencionalidades, estilos de vida e, nos tornar mais vulneráveis ao navegar por esses prazeres e não nos cristalizarmo-nos apenas nos desejos fabricados. O prazer deveria ser entendido como parte das construções sociais e as expressões das homossexualidades poderiam ser compreendidas como produções singulares da ética da existência, ou seja, os homossexuais poderiam ter práticas discursivas que não buscassem o *status quo* da heterossexualidade, mas (re)inventassem as possibilidades de estilos de vida. Foucault (2005:91) diz: *"... lá onde há poder, há resistência..."*, nos alertando que é preciso fugir da cristalização do sujeito sexual e assim, entender as categorias sexuais (homo e hétero) não como determinantes e cristalizantes, mas como condições entre muitos outros aspectos da vida social que permeiam e favorecem a ética da vida em sociedade.

Não haveria um motivo para a divisão hetero/homo se os heteros não estivessem acima dos homos em uma hierarquia social de prazeres superiores e inferiores. Se os homossexuais conquistassem a igualdade social com os heterossexuais, não haveria um motivo para distingui-los. A distinção homossexual/heterossexual cairia em desuso, do mesmo modo como um dia foi inventada. (...) Mas sejam quais forem os seus objetivos conscientes, se os gays e as lésbicas liberais algum dia conseguirem a total igualdade, acabarão com a necessidade social da divisão hetero/homo.

(Katz, 1996:189)

Referências Bibliográficas

ALVES, Alda Judith. O planejamento de pesquisas qualitativas em educação. In: **Cadernos de pesquisa**. São Paulo, nº 77, p.53-61, maio 1991.

ALVES, J. A. L. **Os direitos humanos como tema global**. São Paulo: Perspectiva, 1994.

AYRES, J. R. C. M. **Sujeito, intersubjetividade e práticas de saúde**. Ciência e Saúde Coletiva, v. 06, n. 01, p. 63-72, 2001.

ARIÈS, Philippe. Reflexões sobre a história da homossexualidade. In: ARIÈS, Philippe & BÉJIN, André (orgs**.) Sexualidades Ocidentais: contribuições para a história e para a sociologia da sexualidade**. Tradução de Lygia Araújo Watanabe e Thereza Christina Ferreira Stummer. 2º ed., São Paulo: Brasiliense, 1986, p. 77-92.

ARRUDA, Roldão. **Dias de ira**. São Paulo: Globo, 2001.

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo: II a experiência vivida.** São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1967.

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo: I fatos e mitos.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BORRILO, Daniel. *L'homophobie*. Paris: Press Universitaires de France, 2000.

BORRILLO, Daniel. Homophobie. In: HABOURY, Frédéric. (Org.). **Dictionnaire des cultures gays et lesbiennes**. Paris: Larousse, 2003, p. 255.

BUTLER, Judith. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do "sexo". In: LOURO, Guacira Lopes (org.). **O Corpo Educado: pedagogias da sexualidade.** Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 1999, p. 153-172.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CÁCERES, Carlos F (Org.); PECHENY, Mario (Org.) & TERTO JUNIOR, V. S. (Org.) . **Aids and male-to-male sex in Latin America: vulnerabilities, strengths and proposed measures - Perspectives and reflections fron the point of view of public health, social sciences and activism**. 1. ed. Peru: Ed. UPCH/UNAIDS, v.1., 2002.

CALAZANS, G. J. et al. O conceito de vulnerabilidade. In: PADOIN, S. M. M. et al. (org). **Experiências interdisciplinares em AIDS: interface de uma epidemia.** Santa Maria: UFSM, cap. 4, 2006.

CARRIER, J. Family attitudes and Mexican male homosexuality. **Urban Life**, 5(3), 359-375, 1976.

CHAN, C. S. Issues of identity development among Asina-American lesbians and gay men. **Journal of Counseling and Development**, 68, 16-20, 1989.

CARRANO, Paulo César Rodrigues. **Os jovens e a cidade: identidade e práticas culturais em Angra de tantos reis e rainhas.** Rio de Janeiro: Relume Dumará/ FAPERJ, 2002.

CASTAÑEDA, Marina. **Comprendre l'homosexualité : Des clés, des conseils pour les homosexuels, leurs familles, leurs thérapeutes.** (Collection Réponses) Paris : Editions Robert Laffont, 1999.

CASTAÑEDA, Marina. **O machismo invisível**. Tradução Lara Christina de Malimpensa. São Paulo: A Girafa Editora, 2006.

CASTELLS, Manuel, **O poder da identidade.** Tradução Klauss Brandini Gerhardt. São Paulo: Paz e Terra, v.2, 1999.

CHAUVIN, Sébastien. Honte. In: TIN, Louis-Georges. (org.). **Dictionnaire de l'homophobie.** Paris: Presses Universitaires de France, 2003. p. 222-226.

COSTA, Jurandir Freire. **Ordem médica e norma familiar**. 3º ed.,Rio de Janeiro: Edições Graal, 1989.

COSTA, Jurandir Freire. **A face e o verso – estudos sobre o homoerotismo II**, São Paulo: Ed. Escuta, 1995.

DANTE, Alighieri. **A divina comédia**. Tradução, prefácio e notas prévias de Hernani Donato. São Paulo: Abril Cultural, 1981.

DELEUZE, Gilles. Qu'est-ce qu'un disposif? In: **Michel Foucault philosophe**. Rencontre internationale. (Paris, 9, 10, 11 janvier 1988). Tradução de Ruy de Souza Dias e Hélio Rebello (revisão técnica). Paris: Seuil, 2001.

DOVER, Kenneth James. **A homossexualidade na Grécia Antiga.** Tradução de Luís Sérgio Krausz. SP: Nova Alexandria, 1994.

FACCHINI, Regina. **Sopa de Letrinhas? Movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 90.** Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Tradução de Raquel Ramalhete. 19ª ed., Petrópolis: Vozes, 1987.

_____. **Os anormais**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

_____. **História da sexualidade 3: o cuidado de si**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e revisão técnica de J. A. Guilhon Albuquerque. 7º ed., Rio de Janeiro: Edições Graal, 2002.

_____. A vida dos homens infames. In: FOUCAULT, Michel. **Estratégia, poder-saber (ditos e escritos: IV)**. Organização e seleção de textos de Manuel Barros da Motta; tradução de Vera Lucia Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003a, p. 203-222.

_____. Poder e saber. In: FOUCAULT, Michel. **Estratégia, poder-saber (ditos e escritos: IV)**. Organização e seleção de textos de Manuel Barros da Motta; tradução de Vera Lucia Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003a, p. 223-240.

_____. Poderes e estratégias. In: FOUCAULT, Michel. **Estratégia, poder-saber (ditos e escritos: IV)**. Organização e seleção de textos de Manuel Barros da Motta; tradução de Vera Lucia Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003a, p. 241-252.

_____. Diálogo sobre o poder. In: FOUCAULT, Michel. **Estratégia, poder-saber (ditos e escritos: IV)**. Organização e seleção de textos de Manuel Barros da Motta; tradução de Vera Lucia Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003a, p. 253-266.

_____. O nascimento da medicina social. In: FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. 18º ed., Rio de Janeiro: Graal, 2003b, cap. V, p. 79-98.

_____. Poder-Corpo. In: FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. 18º ed., Rio de Janeiro: Graal, 2003b, cap. IX, p. 145-152.

_____. Não ao sexo rei. In: FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. 18º ed., Rio de Janeiro: Graal, 2003b, cap. XV, p. 229-242.

_____. Sobre a história da sexualidade. In: FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. 18º ed., Rio de Janeiro: Edições Graal, 2003b, cap. XVI, p. 243-276.

_____. **História da sexualidade 2: o uso dos prazeres**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e revisão técnica de J. A. Guilhon Albuquerque. 10º ed., Rio de Janeiro: Edições Graal, 2003c.

_____. **História da sexualidade 1: a vontade de saber**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 16º ed., Rio de Janeiro: Edições Graal, 2005a.

_____. Direito de morte e poder sobre a vida. In: FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 1: a vontade de saber**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 16º ed., Rio de Janeiro: Edições Graal, 2005b.

GIRMAN, Chris. **Mucho Macho**. Seduction, desire, and the homoerotic lives of Latin men. New York: Harrington Park Press, 2004.

GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. 4º ed., Rio de Janeiro: LTC, 1988.

GUATTARI, Félix. Somos todos grupelhos. In: GUATTARI, Félix. **Revolução molecular: pulsações políticas do desejo.** Tradução de Suely Belinha Rolnik. 2º ed., São Paulo: Brasiliense, 1985, p. 12-19.

GUATTARI, Félix & ROLNIK, Suely. Subjetividade e história. In: GUATTARI, Félix & ROLNIK, Suely. **Micropolítica: cartografias do desejo**. Petrópolis: Vozes, 1986. Cap. II, p 25-126.

JOHNSON, Thomas W. & KEREN, Michael S. As famílias de mulheres lésbicas e homens gays. In: McGOLDRICK, Mônica (2003). **Novas abordagens da terapia familiar: Raça, cultura e gênero na prática clínica.** São Paulo: Roca, 2003.

JOSSO, Marie-Christine. História de vida e projeto: a história de vida como projeto e as "histórias de vida" a serviço de projetos. In: **Educação e Pesquisa**. São Paulo, v. 25, n. 2, p. 11-23, jul/dez, 1999.

KATZ, Jonathan Ned. **A invenção da heterossexualidade**. Tradução Clara Fernandes. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996.

LEONY, Mário de Carvalho. **Homofobia, controle social e política pública de atendimento.** Sergipe, 2006. (Monografia de pós-graduação *Lato Sensu* em Gestão estratégica em segurança pública da Universidade Federal de Sergipe).

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes (org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade.** Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

LOURO, Guacira Lopes. Currículo, gênero e sexualidade: o "normal", o "diferente" e o "excêntrico". In: LOURO et al (orgs). **Corpo, gênero e sexualidade**. Petrópolis: Vozes, 2003, p. 41-52.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer.** Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MEIRA, Thomas Antônio Burneiko. **Entre o estigma e o respeito: identidades (homo)sexuais negociadas em um espaço de lazer.** (monografia apresentada ao curso de ciências sociais da Universidade Estadual de Londrina), Londrina, 2005.

MELLO, Luiz. **Novas famílias: conjugalidade homossexual no Brasil contemporâneo**. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 10º ed., 1994, p. 09-29.

MOSCHETA, Murilo dos Santos. **Construindo a diferença: a intimidade conjugal em casais de homens homossexuais.** Ribeirão Preto, 2004. (Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto/USP – Dep. de Psicologia e Educação).

MOTT, Luiz & CERQUEIRA, Marcelo. **Causa mortis: homofobia (violação dos Direitos Humanos e assassinato de homossexuais no Brasil em 2000).** Bahia: Grupo Gay da Bahia, 2001.

MULLER, Mary Stela. CORNELSEN, Julce Mary. **Normas e padrões para teses, dissertação e monografias**. 6 ed. rev. e atual. Londrina: Eduel, 2007.

NUNAN, Adriana. **Homossexualidade: do preconceito aos padrões de consumo**. Rio de Janeiro : Editora Caravansarai, 2003.

PAIVA, Vera. Sem mágicas soluções: a prevenção ao HIV e à AIDS como um processo de "emancipação psicossocial". In: PARKER, Richard & TERTO JÚNIOR, Veriano (org.).

Aprimorando o debate: respostas sociais frente à AIDS: anais do seminário: prevenção à AIDS: limites e possibilidades na terceira década. Rio de Janeiro: ABIA, 2002, p. 20-27.

PARKER, Richard. **Corpos, prazeres e paixões: a cultura sexual no Brasil contemporâneo.** São Paulo: BestSeller, 1991.

PARKER, Richard & AGGLETO, Peter. **Estigma, discriminação e AIDS**. Tradução de Cláudia Pinheiro. Rio de Janeiro: ABIA, Coleção ABIA – Cidadania e direitos, v.1, 2001.

PARKER, Richard. **Abaixo do Equador: culturas do desejo, homossexualidade masculina e comunidade gay no Brasil**. Tradução de Ryta Vinagre. Rio de Janeiro: Record, 2002.

PERES, Wiliam Siqueira. **Subjetividade das travestis brasileiras: da vulnerabilidade da estigmatização à construção da cidadania**. Rio de Janeiro: UERJ/Instituto de Medicina Social, 2005. (Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva do Instituto de Medicina Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ).

PERLONGHER, Néstor Osvaldo. **O negócio do michê: a prostituição viril em São Paulo**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

POCAHY, Fernando. Um mundo de injúrias e outras violações. Reflexões sobre a violência heterossexista e homofóbica a partir da experiência do CRDH – Rompa o Silêncio. In: POCAHY, Fernando (org.). **Rompendo o silêncio: homofobia e heterossexismo na sociedade contemporânea**. Porto Alegre: Nuances, 2007, p. 10-26.

POLLAK, Michael. A homossexualidade masculina, ou: a felicidade do gueto? In: ARIÈS, Philippe & BÉJIN, André (orgs.) **Sexualidades Ocidentais: contribuições para a história e para a sociologia da sexualidade**. Tradução de Lygia Araújo Watanabe e Thereza Christina Ferreira Stummer. 2º ed., São Paulo: Brasiliense, 1986, p. 54-76.

RABINOW, P. & DREYFUS, H. **Michel Foucault — uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

RICHARDS, Jeffrey. **Sexo, desvio e danação: as minorias na Idade Média**. Tradução de Marco Antonio Esteves da Rocha e Renato Aguiar. RJ: Jorge Zahar, 1993.

RIOS, Roger Raupp. O conceito de homofobia na perspectiva dos Direitos Humanos e no contexto dos estudos sobre preconceito e discriminação. In: POCAHY, Fernando (org.). **Rompendo o silêncio: homofobia e heterossexismo na sociedade contemporânea**. Porto Alegre: Nuances, 2007, p. 27-48.

SANDERS, Gary L. O amor que ousa declarar seu nome: Do segredo à revelação nas afiliações de gays e lésbicas. In: IMBER-BLACK, Evan *et al*. **Os segredos na família e na terapia familiar.** Tradução de Dayse Batista. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

SANTOS, Fernando Sérgio Dumas dos. Histórias de vida e história da cultura. In: **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, v. 5 n. 1, p. 85-98 mar/jun, 1998.

SCOTT, Joan W. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica.** Educação e Realidade, v. 20, n.2, jul./dez., 1995.

SENA, Tito. Os estudos de gênero e Michael Foucault. In Grossi, Miriam Pillar et al. (orgs). **Interdisciplinariedade em diálogos de gênero**. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2004.

SILVA, Hélio R. S. Travesti: a invenção do feminino. Rio de Janeiro: Relume-Dumará/ ISER, 1993.

SILVA, Sérgio Gomes da. **O conflito identitário: sexo e gênero na constituição das identidades.** Centro de Educação do Campus da Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa-PB, pp 70-85, 1999. Disponível em: <http://www.espdh.hpg.ig.com.br/texto30.pdf>. Acesso em 24 de jan. de 2007.

SMALL, James. **L'homosexualité dans l'Art**. New York: Parkstone Press Ltd, 2003.

SPAGNOL. Antônio Sérgio. **Desejo marginal: violência nas relações homossexuais**. São Paulo: Arte & Ciência, 2001.

SPENCER, Colin. **Homossexualidade: uma história.** Tradução de Rubem Mauro Machado. 2º ed., Rio de Janeiro: Record, 1999.

STRAVISKI, Norberto. **Pelos bares do Paraná: a vida é a arte do encontro: o bar é o lugar.** Curitiba: Ed. Palavra Viva, 2004.

TARNOVSKI, Flávio Luiz. **"Pais assumidos": adoção e paternidade homossexual no Brasil contemporâneo**. Florianópolis: NIGS, 2004. Série Teses. (Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina).

TEIXEIRA-FILHO, Fernando Silva. **Do estigma à exclusão: histórias de corpos (des)acreditados.** SP:Casa do Psicólogo/FAPESP, 2005.

TERTO JR, V. S. & PARKER, Richard . **Entre homens: homossexualidade e AIDS no Brasil**. Rio de Janeiro: ABIA, 1998.

TERTO JR., Veriano. **Reinventando a vida: histórias sobre homossexualidade e Aids no Brasil**. Rio de Janeiro: IMS/UERJ, 1997. (Tese de doutorado).

_____. Homossexualidade e saúde: Desafios para a terceira década da epidemia de HIV/AIDS. In: **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 8, n. 17, p. 147-158, junho de 2002.

TREVISAN, João Silvério. **Devassos no paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade**. 5º ed., Rio de Janeiro: Record, 2002.

TREVISAN, João Silvério. Turismo e orientação sexual. In: Brasil. Ministério do Turismo. **Turismo social: diálogos do turismo – uma viagem de inclusão**. Rio de Janeiro: IBAM/ Ministério do Turismo, Instituto Brasileiro de Administração Municipal. 2006, p. 139-171.

VANCE, Carole S. A antropologia redescobre a sexualidade: um comentário teórico. In: **PHYSIS – Revista de saúde coletiva**. RJ: IMS/UERJ – Relume/Dumará, v.5 n. 1, p. 7-31, 1995.

VEIGA-NETO, Alfredo. Olhares. In: COSTA, Marisa V. (org.). **Caminhos investigativos: novos olhares na pesquisa em educação**. RJ: DP&A, 2002, p. 23-38.

VELHO, Gilberto. Duas categorias de acusação na cultura brasileira contemporânea. In: **Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981. p. 55-64.

VEYNE, Paul. A homossexualidade em Roma. In: ARIÈS, Philippe & BÉJIN, André (orgs.) **Sexualidades ocidentais: contribuições para a história e para a sociologia da sexualidade**. Tradução de Lygia Araújo Watanabe e Thereza Christina Ferreira Stummer. 2º ed., São Paulo: Brasiliense, 1986, p. 39-49.

_____. **Como se escreve a história**. Tradução de Alda Baltar e Maria Auxiliadora Kneipp. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 3º ed., 1995.

VRISSIMTZIS, Nikos A. **Amor, sexo e casamento na Grécia Antiga.** Tradução de Luiz Alberto Machado Cabral. São Paulo: Odysseus, 2002.

WEEKS, Jeffrey. O corpo e a Sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes (org.). **O Corpo Educado: pedagogias da sexualidade.** Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 1999, p. 35-82.

WELZER-LANG, Daniel. A Construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. **Revista Estudos Femininos**, Florianópolis, vol. 9, nº. 2., 2001, p. 460-482.

ANEXOS

TERMO DE ESCLARECIMENTO

Homossexualidades e Homossociabilidades: relações de poder e hierarquização entre homossexuais masculinos nos dispositivos de socialização GLBTTT

O que é esse estudo?

A presente pesquisa refere-se a um estudo sobre as relações que se estabelecem entre pessoas do mesmo sexo biológico, no caso, o masculino, que se autodenominam homossexuais e freqüentam lugares de socialização GLBTTT, tais como, boates, bares entre outros. Ou seja, espaços de convivência freqüentados por homossexuais (masculinos ou não).

Como serão coletadas as informações e os participantes da pesquisa?

A coleta das informações se dará por meio de entrevistas com pessoas que se autodenominam homossexuais masculinos e freqüentam lugares de socialização GLBTTT. A entrevista utilizará um roteiro previamente estruturado pelo pesquisador visando conhecer as histórias de vida dos participantes, especificamente, aquelas que dizem respeito a como eles se relacionam nesses lugares (como eles os escolhem, sua finalidade, interesse etc). Os participantes serão de diferentes faixas etárias, nível de escolaridade, situação econômica, religiões, raça/etnia, estado conjugal (envolvimento afetivo) e profissão.

Qual é o objetivo dessa pesquisa?

O objetivo dessa pesquisa é buscar a compreensão de como se dão as relações entre pessoas que se autodenominam homossexuais masculinos e que são freqüentadores de lugares de socialização GLBTTT.

Por que fazer esse estudo?

Pretendemos, com esse estudo, identificar as possíveis condições que deixam determinados grupos de homossexuais em situações nas quais são marginalizados, discriminados, vítimas de preconceito e outras violências nesses lugares de socialização.

E se eu quiser participar, mas não quiser me identificar?

Nenhum participante será identificado nesta pesquisa. Os dados serão coletados de maneira a não identificar seu nome, endereço, local de trabalho ou estudo. Nós nos comprometemos a garantir o sigilo da identidade das informações prestadas. Garantimos também o sigilo de qualquer conteúdo que pedirem para manter em segredo e que tenha sido dito durante a entrevista. Caso haja necessidade de colocar nomes para a compreensão da sua fala, utilizaremos nomes fictícios. Ainda, como parte da metodologia, será entregue aos participantes uma cópia impressa da entrevista transcrita para a verificação do que foi dito.

E se eu desistir de participar?

Todos os participantes dessa pesquisa têm a liberdade de, a qualquer momento sem que isso implique em dar explicações aos pesquisadores, retirar a sua participação desse estudo. A retirada da participação será completamente aceita sem questionamentos.

Por se tratar de uma pesquisa, os dados obtidos através da entrevista, poderão ser utilizados em publicações científicas, **sem que os sujeitos sejam identificados**.

Londrina, _____ de _____ de 2007.

Desde já, agradecemos o seu interesse em participar desse estudo,

Márcio Alessandro Neman do Nascimento Aluno do Curso de Pós-Graduação de Psicologia UNESP – Campus de Assis Autor do projeto marcioneman@yahoo.com.br Tel: (43) 9125-2511	**Dr. Fernando Silva Teixeira Filho** Prof. Assistente Doutor UNESP – Campus de Assis Orientador nando@assis.unesp.br Tel: (18)3302-5884

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu_____RG:_____, abaixo assinado(a), tendo sido devidamente esclarecido(a) sobre todas as condições que constam no documento "Termo de Esclarecimento", de que trata o projeto de pesquisa de Mestrado intitulado **"Homossexualidades e Homossociabilidades: relações de poder e hierarquização entre homossexuais masculinos nos dispositivos de socialização GLBTTT",** que tem como pesquisadores responsáveis o **Dr. Fernando Silva Teixeira Filho** e o pesquisador **Márcio Alessandro Neman do Nascimento**, especialmente no que diz respeito aos objetivos da pesquisa, declaro que tenho pleno conhecimento dos direitos e das condições que me foram assegurados, a seguir relacionados:

- ✓ O conhecimento de que a minha colaboração refere-se a uma entrevista áudio-gravada que será transcrita sem alterações e as fitas posteriormente apagadas;
- ✓ A garantia de receber a resposta a qualquer pergunta ou esclarecimento de qualquer dúvida a respeito dos procedimentos, riscos, benefícios e de outras situações relacionadas com a pesquisa;
- ✓ A liberdade de retirar o meu consentimento e deixar de participar do estudo a qualquer momento, sem que isso me traga prejuízo;
- ✓ A segurança de que não serei identificado e que será mantido o caráter confidencial da informação relacionada à minha privacidade;
- ✓ Compromisso de que me será prestada informação atualizada durante o estudo, ainda que esta possa afetar a minha vontade de continuar dele participando;
- ✓ Concordo que os dados obtidos através da entrevista, possam ser utilizados em publicações científicas.

Declaro ainda que recebi o termo de esclarecimento da pesquisa por escrito e concordo inteiramente com as condições que me foram apresentadas e que, livremente, manifesto a minha vontade em participar do referido projeto.

Londrina, _____ de _____ de 2007.

_____
Assinatura do participante

_____
Márcio Alessandro Neman do Nascimento[35]
Aluno do Curso de Pós-Graduação de Psicologia da Unesp de Assis
Pesquisador

[35] Telefone para contato em caso de necessidade – (43) 9125-2511 (pesquisador), - (18) 3302-5885 (UNESP). Comitê de Ética em Pesquisa (CEP): (18) 3302 – 5740.

Roteiro disparador utilizado como norteador durante as entrevistas semi-estruturadas[36]

01. Critérios de validação para participar das entrevistas: Autodenominar-se homossexual masculino e freqüentador de espaços de homossocialização. Participante apontará os critérios que faz com que ele se autodenomine homossexual.

02. Dados Pessoais:
a - Nome fictício (sigla):
b - Idade:
c - Cor de pele:
d - Raça/Etnia:
e - Religião:
f - Escolaridade:
g - Formação/Atividade Profissional:
h - Renda Pessoal:
i - Estado Civil/Relações afetivas: (se estiver se relacionando explorar aspectos relevantes do relacionamento em relação a vida do participante).
J - Com quem reside atualmente:

03. Quando descobriu que sentia atração por pessoas do mesmo sexo biológico?

04. Aspectos da história de socialização. Como vivencia/vivenciou a sexualidade frente:
a - Pais/Família - Facilidades e dificuldades em expor-se. Por quê? Em que situações?
b - Escola - Facilidades e dificuldades em expor-se. Por quê? Em que situações?
c - Trabalho - Facilidades e dificuldades em expor-se. Por quê? Em que situações?
d - Amigos (vizinhança/clubes/esportes) - Facilidades e dificuldades. Por quê? Em que situações?
e – Se considera assumido? Você acha que as pessoas identificam você como homossexual nestes contextos acima?

05. Com a cultura homossexual, você se identifica com: lugares gays; moda gay; gírias ou linguagem gay; grupos de amigos (festas particulares, churrascos); consome produtos específicos (p. ex. revistas); Grupo/ONG que defende os direitos dos homossexuais.

06. Entre os locais freqüentados por homossexuais, quais você freqüenta? Existe diferença entre estes locais? Qual é o público desses lugares (semelhanças e diferenças). Comente.
a - Bar
b - Boate (freqüenta dark room)
c - Festas
d - Praia, pousada, hotel (turismo gay)
f - Saunas
g - Casa de amigos
h - Locais de pegação (pontos de encontro, banheiros públicos)
i - Salas de bate-papo na Internet ou linhas telefônicas específicas para homossexuais
07. Já sofreu algum tipo de discriminação por conta da sua sexualidade? Qual? Por quem? Onde? Que atitudes você tomou? (agressão ou ameaça de agressão física e/ou verbal; chantagem; discriminação entre outros).

---

[36] Este anexo foi o roteiro utilizado durante a entrevista, período em que foi apresentada a idéia de espaço de socialização GLBTTT e não o termo final utilizado – dispositivo de socialização GLBTTT. Também utilizou-se a sigla GLBT, e a *posteriori*, GLBTTT. É importante ressaltar que estas denominações são de relevância acadêmica, portanto, não prejudicando as informações coletadas durante as entrevistas.

08. Como é composto seu grupo de amigo? (Classe social e econômica, estética, raça/etnia, orientação sexual, geracional, formação acadêmica (se tiver) e/ou profissional, gays assumidos ou não).

09. Para quê você freqüenta esses lugares citados acima (verificar quais foram citados)?

10. O que acontece e o que encontra nestes lugares?

11. O que você gosta nesses lugares?

12. O que você não gosta nestes lugares?

13. O que você pensa sobre lugares GLBT?

14. O que você pensa sobre as Paradas GLBT?

15. Como você se sente nestes lugares? Quais são seus sentimentos?

16. Onde foi sua primeira vez? Com quem foi? Verificar como a pessoa se autodenomina (ativo, passivo, versátil)?
a - Sexo anal (passivo/ativo)
b - Sexo oral (fazer/receber)
c - Masturbação
d - O que não gosta e/ou não faz

17. Que tipo de homem te atrai? Onde você os encontra?
a - Mais novos? Mais velhos?
b - Afeminados? Não-afeminados?
c - Assumidos? Não-assumidos?
d - Sarados? Magros? Gordos? Peludos? Liso?
e - Branco? Negro? Loiro? Moreno?
f - Classe social baixa? Média? Alta?
g- Casados?

18. Você acredita que exista uma discriminação entre os próprios homossexuais? (p. ex. ativo/passivo, afeminado/não-afeminado)?

19. Como você imagina sua vida daqui a 10 anos?

Entrevista nº 1 – História de Henrique (1º momento)

Durante toda a entrevista ouvia-se no fundo da gravação, o som dos sininhos tocando do lado de fora da sacada que estava aberta. Tinha escolhido o nome fictício de Marcos, mas como o participante anterior já havia escolhido este nome, sugeriu-se que ele escolhesse outro suposto nome, sendo escolhido por ele, Henrique.

Márcio – Como eu conversei anteriormente com você, eu expliquei como essa pesquisa funciona e você me disse que está de acordo e eu também disse que dois critérios que eu utilizei para selecionar as pessoas: da pessoa se autodefinir homossexual masculino e outro, que freqüentasse espaços de homossocialização (foi explicado anteriormente o termo, pois constava no termo de consentimento livre e esclarecido) e você me disse que você se autodenomina e que freqüenta esses espaços. Quais critérios você utiliza para se autodenominar homossexual?
Henrique – Hum. Atração por pessoas do mesmo sexo... (silêncio).
Márcio – O que mais você identifica?
Henrique – De ter..., é, de não me ver em uma relação heterossexual, de uma relação conjugal, de família tradicional.
Márcio – E, você freqüenta espaços de homossocialização?
Henrique – Sim.
Márcio – Só aqui nesta cidade ou em outras cidades?
Henrique – Em outras cidades também.
Márcio – Que nome você vai dar para o nosso personagem da sua história?
Henrique – Henrique.
Márcio – Tá. Quantos anos você tem?
Henrique – (revela a idade).
Márcio – Cor de pele?
Henrique – Branca.
Márcio – Raça, etnia?
Henrique – Raça? Caucasiano.
Márcio – Descendência familiar?
Henrique – A maior parte, italiano.
Márcio – Religião?
Henrique – Católico.
Márcio – Você freqüenta ou é católico não praticante?
Henrique – Eu freqüento.
Márcio – Escolaridade?
Henrique – Terceiro grau completo.
Márcio – Formação acadêmica?
Henrique – Em um curso da área de saúde, (indica o curso).
Márcio – E, você exerce a profissão em que se formou?
Henrique – Exerço.
Márcio – Renda pessoal? Mais ou menos...
Henrique – Mais ou menos... uns cinco mil reais.
Márcio – Estado civil?
Henrique – Solteiro.
Márcio – Namorando?
Henrique – Não estou namorando.
Márcio – Com quem você reside atualmente?
Henrique – Só.
Márcio – Sozinho?
Henrique – Ahã.
Márcio – Quando você descobriu que sentia atração por pessoas do mesmo sexo?
Henrique – (risos). (silêncio). Eu me lembro quando criança, oito anos, dez anos, eu ter um interesse por homens. É, que tinha... que foi aumentando este interesse que eu acho que, eu acho que eu considerava uma atração , é, sexual, em torno dos quinze anos.
Márcio – O que você lembra de quando você tinha oito anos?
Henrique – Da... da minha... vontade de ver homens nus em vestiários...
Márcio – Ahã. E você via?
Henrique – Via.

Márcio – Como era para você fazer isso?
Henrique – Era algo assim... extremamente excitante e ao mesmo tempo bem proibido. Tinha uma questão de..., é, não podia ser abertamente..., tinha que ser velado.
Márcio – Ahã. Você encontrava essas pessoas onde? No vestiário de onde?
Henrique – Em vestiário de clube.
Márcio – Clube? Você fazia algum esporte?
Henrique – Não..., era..., clube..., é, que tem piscina...
Márcio – Ah, sim.
Henrique – Como eu freqüentava bastante a piscina, então, eu tinha essa oportunidade de freqüentar o vestiário desses clubes.
Márcio – E, eram homens mais velhos que você via?
Henrique – Era.
Márcio – E o que mais você fazia?
Henrique – Só via.
Márcio – Mas você ficava lá..., enrolando no banheiro?
Henrique – Ahã. Eu ficava demorando mais tempo no banheiro, às vezes, até determinado homem que eu queria ver, eu ia para o vestiário na hora que ele entrava.
Márcio – E, as pessoas não percebiam isso?
Henrique – Eu acho que não. Nunca foi..., é, denunciado, mostrado ou qualquer coisa assim que fosse exposto.
Márcio – O quê que você achava interessante em ver?
Henrique – (silêncio). Eu queria ver tudo, o corpo do homem, tinha uma curiosidade de ver um corpo masculino, de um homem mais velho, que tivesse pêlos, para ver o pênis, ver as coxas, coisas assim que me excitavam.
Márcio – Ahã. E, você tinha medo de ser pego?
Henrique – Tinha medo.
Márcio – É? Você acha que isso era errado?
Henrique – Achava.
Márcio – Mas você já tinha tido contato com alguma coisa que achava que isso era errado? Alguém já tinha dito alguma coisa para você sobre isso?
Henrique – (silêncio). Eu acho que..., não tenho exatamente uma informação consciente, tava num inconsciente que aquilo não era certo. Não sei dizer exatamente de uma informação consciente.
Márcio – Você não conhecia nenhum homossexual na época?
Henrique – Nenhum.
Márcio – Num tinha na família ninguém? Amigos? Primos?
Henrique – Eu não tinha essa realidade de ter..., de entender o que era o homossexual. É, então, não tinha exemplo na família, num via isso como uma coisa possível.
Márcio – Ahã.
Henrique – Até não entendia muito o porquê que eu ficava tão interessado, excitado em ver... (silêncio).
Márcio – Você disse depois que com quinze anos, você tinha mais certeza disso?
Henrique – Sim, eu fui vendo que eu era diferente dos outros meninos. Eu não tava com interesse por mulheres, por meninas e, na verdade, meu interesse estava sempre aumentando mais por menino.
Márcio – Ahã. E, o que você fazia para lidar com isso? Como você lidava com esse interesse?
Henrique – Eu sublimava. Eu deixava, é, guardava para mim, num expunha, (silêncio), é, tive alguma oportunidade de brincadeiras com uns meninos..., é, nunca teve penetração..., é, isso foi experiência bastante excitante e que me fazia imaginar bastante.
Márcio – Quantos anos você tinha nessa época?
Henrique – Treze, quinze anos.
Márcio – E, como eram essas brincadeiras?
Henrique – Era... de pegar no pênis ou de se agarrar..., é, (silêncio), de se masturbar a ambos, (silêncio), de simular a penetração, era desse jeito assim.
Márcio – E, como você encontrava essas pessoas?
Henrique – Eram..., (silêncio), parentes, era..., (silêncio), um que era amigo.
Márcio – Como acontecia? Vocês começavam a conversar e acontecia naturalmente?
Henrique – Sim, era..., começava de uma forma de brincadeira e era muito..., disfarçado..., num se falava sobre..., era de uma forma..., deixado bem casual.
Márcio – Um pegava no outro, mas não descrevia o que estava acontecendo? É isso?
Henrique – É, não tinha a situação de colocar o que tava sentindo que..., hum, o interesse, mas, é, era..., a impressão que tinha era que tava fazendo alguma coisa de brincadeira ou..., é, mais instintiva, não deixar muito consciente.
Márcio – Você disse que eram parentes e amigos?

Henrique – Sim.
Márcio – Quem iniciava as brincadeiras?
Henrique – Acho que a maioria das vezes era o outro.
Márcio – Ah é?
Henrique – Sim.
Márcio – Você acha que eles identificavam o seu interesse nas brincadeiras?
Henrique – Acho que sim.
Márcio – Essas pessoas, hoje em dia, você tem contato?
Henrique – Tenho, um ou outro.
Márcio – E, algum deles é homossexual?
Henrique – Não.
Márcio – Nenhum deles?
Henrique – Nenhum deles.
Márcio – Estão casados agora?
Henrique – Estão casados agora.
Márcio – E assim, com sua família, como que foi? Você sempre morou aqui nesta cidade?
Henrique – Não. Eu morei em vários lugares, mas moro aqui nesta cidade (onde foram coletados os dados) há 25 anos.
Márcio – E no período dos quinze anos, você morava no interior?
Henrique – Isso. Em várias cidades do interior.
Márcio – Como assim? O que acontecia que você mudava sempre?
Henrique – Por causa da profissão do meu pai.
Márcio – Ele mudava sempre de cidade?
Henrique – Isso.
Márcio – E com sua família? Como conversou com eles sobre você? Eles sabem?
Henrique – Sim, eles sabem de mim. Eles sabem há nove anos. Eles sabem de tudo.
Márcio – Então, na época você tinha... (idade)?
Henrique – Não, eu tinha (idade). Eu tinha pensado para mim de que eu não iria falar para eles, é, a não ser que eles me perguntassem. É..., era angustiante a situação de eles não saberem das coisas e ficar com questionamentos de o porquê que eu não tinha namorada, quando eu ia me casar e eu ficava também angustiado de que eles ficassem sabendo também desta informação por outras pessoas, e até que eles, a..., a minha mãe suspeitou disso por conta de conhecer alguns amigos e ela mandou meus irmãos perguntarem. Ela não teve coragem dela mesma perguntar e ela pediu para os meus irmãos perguntarem. Então, eu confirmei e depois disso foi uma..., depois disso teve uma conversa com minha mãe e meu pai. A princípio eles falavam que me aceitavam, mas que não queriam ter contato com isso, com a homossexualidade, com homossexuais. (neste momento passa um avião por cima do prédio do participante, e mesmo com o alto ruído, continua a sua fala). Por conta da ignorância mesmo de saber o que era. Depois eles passaram por uma fase..., então, eles passaram por uma fase que é..., passar por cima da história, como se não tivesse acontecido nada, que foi evoluindo para uma coisa assim, mais relaxada, de perceber. Acho que eles ficaram mais tranqüilos que nada de muitas mudanças aconteciam e foram questionando mais, foram, é, se mostrando mais receptivos, é, de ter mais contato, tinha, teve situações deles terem contato com namorados meus, é, em que eles receberam e trataram bem. Então, foi um processo de aceitação, embora eu sinta assim..., que não tem..., assim..., uma grande curiosidade, um grande querer em entrar no mérito da questão. Fica em uma situação superficial.
Márcio – Ahã. E, eles não perguntam se você está namorando?
Henrique – Perguntam. De vez em quando perguntam.
Márcio – Você não é filho único?
Henrique – Não, sou filho mais velho e tenho mais três irmãos.
Márcio – O segundo tem quantos anos?
Henrique – Oi?
Márcio – O segundo filho tem quantos anos?
Henrique – É... ele é dois anos e meio mais novo do que eu...
Márcio – (idade), então?
Henrique – Ahã.
Márcio – E depois?
Henrique – Depois vem um outro de (idade). Não, de (idade), e depois tem uma menina de (idade).
Márcio – Quem veio perguntar para você?
Henrique – Os meus dois irmãos.
Márcio – Como eles chegaram para perguntar?
Henrique – (risos). Eles, como moram em outra cidade, eles ligaram para perguntar se..., que eles precisavam vir para minha cidade e queriam me encontrar, que horário que eu ia estar disponível e..., é, chegaram em casa,

estavam com um ar assim..., é..., sem jeito? Meio constrangidos e explicaram a situação de que eles estavam ali porquê a..., a mãe tinha..., estava inquieta, querendo saber se eu era homossexual, e que eles resolveram aceitar, que eles viessem perguntar para mim. É. (silêncio). Foi assim.
Márcio – Eles nunca tinham fuçado nada em sua casa para buscar alguma evidência disso?
Henrique – Não.
Márcio – Eles tinham a chave do seu apartamento?
Henrique – Não.
Márcio – Eles esperaram você chegar para entrar com você?
Henrique – Isso.
Márcio – Ah tá. Como você recebeu esta pergunta?
Henrique – Eu fiquei surpreso. É, (silêncio), ai..., foi uma situação desagradável. Apesar de eu achar que estava preparado para que quando eles perguntassem, eu ia responder a verdade, foi difícil de encarar isso. De responder a verdade, da confirmação e foi... foi desconfortável. É, eu ainda pedi para eles que eles não falassem para meus pais e que deixassem que eu iria falar pessoalmente.
Márcio – Então, você confirmou para eles?
Henrique – Sim, eu confirmei para eles. É, daí eu até perguntei para eles se eles já não tinham essa dúvida antes já algum tempo e eles confirmaram que sim, que já ficava uma dúvida. É, para um dos meus irmãos, para o meu irmão logo..., logo mais novo que eu, é, ele teve uma grande dificuldade em aceitar. Ele, na época, não..., nesse momento ele chorou, ele parece que não se conformava e por algum tempo depois..., ele..., é, se mostrava bastante resistente a isso. Tanto que ele chegou a hostilizar um namorado meu. Teve essa situação.
Márcio – De que forma ele hostilizou?
Henrique – Ele..., ele tratou rispidamente, mal cumprimentou, não quis conversar com ele quando estávamos todos na casa dos meus pais. O que..., causou um desconforto para o meu namorado da época, que ficou evidente para todo mundo no ambiente que tinha rolado aquele estresse.
Márcio – Ahã. Você disse que você pediu um tempo para os seus irmãos para você falar com a sua família, seus pais?
Henrique – Sim.
Márcio – E, como foi essa conversa?
Henrique – É, eles não respeitaram isso, eles já chegaram na cidade dos meus pais (retirado o nome da cidade) e confirmaram para minha mãe, tanto que no mesmo dia tinha um recado da minha mãe na caixa postal do telefone falando assim: "Meu filho querido, nós o amamos de qualquer maneira. Você nunca vai deixar de ser o nosso filho". Então, eu percebi que já tinha dado com a língua nos dentes.
Márcio – Ahã.
Henrique – E uns poucos dias depois eu estive lá e conversei com eles. Acho que teve umas reações que, pelo o que eu ouço de outros homossexuais falando, é meio que padrão dos pais, de perguntar aonde foi que eles erraram, de quem era a culpa, se alguém tinha feito mal para mim quando criança e..., de sugerir de que por fazer oração poderia curar isso ou que, então, eu fizesse um tratamento para eu me curar, para deixar de ser homossexual.
Márcio – Quem falava isso? Sua mãe? Ou sua mãe e seu pai?
Henrique – Minha mãe e meu pai. Também teve uma outra situação que eu me lembrei agora. A minha mãe se mostrou mais surpresa. Mas..., é, mais surpresa, parecendo, com a história. E meu pai revelou que já suspeitava. Ele já percebia coisas diferentes em mim há tempos, que causou até uma reação da minha mãe: "Por quê que você não falou antes?", é, para meu pai, né?: "Por quê que você não me falou nada?". E, uma coisa assim, como se eles tivessem reações distintas ali, nessa hora.
Márcio – Quando ela começou a falar para você procurar uma oração ou diziam: "onde foi que eu fiz errado?", o que você falava para eles?
Henrique – Eu falava que o que tinha acontecido, da..., de passado..., da..., forma como as coisas aconteceram, num era culpa deles, era..., foram as circunstâncias que eram assim, eram situações que foi..., talvez..., de destino?...de como as coisas aconteceram, de que não era culpa de ninguém. E em relação a isso, de me curar, disse que eu não me via como doente e que eu não queria que eles falassem mais desse jeito e se por..., se por algum acaso eu precisasse da oração, de ajuda, eu mesmo procuraria por eles.
Márcio – E, depois disso, como foi a relação com você? Com relação a sua família, você acha que modificou depois disso?
Henrique – Ah, teve a princípio essas coisas assim, de não saber como lidar, que eu entendo, porque eu também não sabia muito como era isso, a questão homossexual. Não via..., a única visão que eu tinha era de travesti. Homossexual era travesti para mim e acho que era mais ou menos a mesma visão que eles tinham. Então, teve a situação de minha mãe falar: "Ah, num quero que você traga ninguém aqui em casa assim". E, eu disse para ela: "Ué, você já recebeu aqui em casa muitos, muitos homossexuais que você não sabe". Então, isso, por conviver em outras situações, eles quiseram participar de uma..., do meu aniversário em que..., existiam homossexuais e

isso tudo foi fazendo eles relaxarem, de perceber que não tem nada daquela situação estereotipadas, e de que é gente normal (risos), num é um bicho ou uma figura anormal.
Márcio – Ahã. E quando ela disse que não queria ninguém na casa dela que fosse homossexual..., o que você acha? Ela falou o por quê? Ela justificou?
Henrique – Por conta dessa visão estereotipada assim, visão preconceituosa.
Márcio – A relação com seus irmãos modificou depois que você passou por esta situação de revelação?
Henrique – (silêncio longo). Não, muito pouco..., eu tenho mais..., eu converso mais sobre isso com as minhas cunhadas e um pouco com minha irmã sobre isso. Eu vejo que, por exemplo, que minha..., eu falo bastante com minha irmã, mas ela ainda tem um certo cuidado para lidar com esse assunto. Parece que ela fica com mais tato. Com uma das minhas cunhadas, ela é muito mais aberta. Eu acredito que seja também o jeito dela, de personalidade dela e que ela é quem mais eu me abro e tenho oportunidades de fazer confissões e falar a respeito.
Márcio – Ahã. E com os seus irmãos? Vocês eram próximos antes de você falar da sua homossexualidade?
Henrique – Não muito.
Márcio – Não?
Henrique – Não, acho que não alterou muito também isso.
Márcio – Como você pensa essa pouca proximidade de vocês? Você acha que tinha a ver com sua homossexualidade?
Henrique – Não. (silêncio). Não. Acho que pela homossexualidade não. Num sei assim, o porquê que..., a gente se encontra, tem convívio, mas não tem uma relação de amigo, de..., ser..., de confiar, de confessar coisas assim de intimidades ou de ter uma relação mais amistosa. Então, acho que não se alterou muito. Acho que teve situações em que eu hostilizei muito o meu irmão. Existia um certo ciúmes de quando criança e isso marcou por bastante. A gente até já conversou a respeito disso e já entende porquê que as coisas acontecem assim, mas ficou um certo..., acho que tem uma relação de irmão, por conviver, por ter convivência, mas nada de mais amistoso. Eu acho que a sexualidade não interfere nisso.
Márcio – Em relação com sua mãe e seu pai? Você acha que modificou, de alguma forma, a relação de vocês?
Henrique – (silêncio). Eu acho que sim. Eu acho que eu fiquei mais leve e, eles, a partir de que entenderam o meu jeito, é, eu acho que eles..., passou aquela cobrança.
Márcio – Comentário - (momento de pausa solicitada para ida ao banheiro e para tomar água e, em seguida se retoma a conversa com o gravador ligado. O participante questiona se ele está sendo claro, pois acredita que algumas coisas não estejam claras para ele e que ele tem que pensar sobre o que é questionado para poder responder. Retomou-se o assunto que estava sendo conversado e, então, iniciou a entrevista gravada novamente).
Henrique – Eu acho que ficou uma relação mais leve, então, melhorou. Sinto que está melhor. Sinto que no fim das contas teve um alívio, parecendo que tirou um peso das costas de ficar com aquele segredo..., eu sentia que isso travava a minha vida pessoal até a minha aceitação, então, isso ajudou bastante a melhorar a minha aceitação.
Márcio – Como você lidou até os trinta e dois anos com sua sexualidade? Eles ficaram sabendo sobre você com essa idade, né? Como você lidou pelo fato de eles não saberem? Porque até então, você teve relações, possivelmente, pode ter namorado neste período, conheceu pessoas, fez amigos... (participante interrompe e inicia fala).
Henrique – Bom, primeiro que eu só fui praticar, considero assim, praticar a homossexualidade..., em termos de ter relação... (o participante trava).
Márcio – Sexual?
Henrique – Sim, sexual, de ter contato com outro homem, com vinte e quatro anos. Foi depois que eu me formei na faculdade. Então, para terminar a pergunta, (parece apresentar-se desconfortável), neste período, eu estava tendo relações, namoros, ficava muito tranqüilo porque como a gente mora em cidades diferentes, isso era possível de se lidar, de disfarçar. É, em algumas situações, eu pedia para amigas..., é, estarem fazendo companhia para mim, como se fossem namoradas, para disfarçar ou em determinada situação que eu precisava de uma companhia feminina, eu pedia para amigas fazerem este papel..., e, sempre ficava esse medo de ser descoberto pela minha família, ficava uma coisa meio travando, que atrapalhava os meus namoros. Eu percebia isso. E, então, depois que teve a revelação, isso foi aliviado.
Márcio – Ahã. Você disse que só depois de vinte e quatro anos, você teve sua primeira relação sexual com penetração, até então, como eram essas relações?
Henrique – O máximo que eu fazia era ver revistas masculinas.
Márcio – Você comprava essas revistas?
Henrique – É.
Márcio – E, você não tinha contato com mais ninguém?
Henrique – Não. Não tinha contato. Contato, você diz, como assim?
Márcio – Hum. O que você entende por sexualidade?
Henrique – (risos). O que eu entendo por sexualidade?
Márcio – Sim.

Henrique – (silêncio prolongado). É todo desejo e estímulo, não..., que dá experiência prazerosa..., é, que dá experiência prazerosa.
Márcio – Ahã, ok. Então, como você viveu sua sexualidade, sem ter tido penetração antes? Como você lidava com sua sexualidade? Você via revista...
Henrique – Bom, eu namorei meninas. Eu tive um período em que eu mesmo tendo atração..., como eu falei, eu sublimava e..., é, tava tendo experiência com meninas, é, foi assim sempre um pouco travado, mas a coisa, eu percebia que tinha uma certa dificuldade de fluir, de ser tão prazeroso, embora tivesse o seu, também, prazer. É, eu tive experiência sexual com mulheres, é, mas eu ficava sempre..., é, uma curiosidade, uma idéia, uma atração pelo mesmo sexo. Ainda, estando com a menina, eu ainda sentia que eu ficava atraído por homens.
Márcio – Você me disse que quando tinha treze, quatorze, quinze anos, com amigos e parentes, vocês tinham umas brincadeiras, né? E, depois disso, não teve mais nada?
Henrique – Não teve mais nada.
Márcio – Dezesseis, dezessete até vinte e quatro anos, mais nada?
Henrique – Nada.
Márcio – E durante a faculdade?
Henrique – Aí, esse período de dezessete até vinte quatro anos, foi com mulher, com meninas.
Márcio – Como foi a decisão de ser depois da faculdade? Deve ter sido uma data marcante para você, terminar a faculdade?
Henrique – Foi. (silêncio). Eu tinha tido uma experiência que foi bastante..., que marcou, que eu durante a faculdade, eu comecei a fumar. E, teve uma situação em que minha mãe descobriu que eu estava fumando e ela me proibiu de fumar e o termo que ela usou, o argumento dela era que ela não dava o dinheiro dela para eu queimar em cigarro, que era para quando eu tivesse independência, eu decidiria o que eu iria fazer. E, eu transpus essa idéia para a sexualidade. É, se eu fosse independente financeiramente, se eu fosse descoberto nessa..., na homossexualidade, eu não estaria sobre o julgo deles, dos meus pais. Então, foi quando eu terminei a faculdade, em que eu já estava tendo remuneração que eu deixei acontecer uma experiência homossexual. É, foi bastante, muito premeditado mesmo.
Márcio – Mas como sua mãe acabou descobrindo? Do cigarro?
Henrique – Por acaso, foram..., contaram para ela.
Márcio – Você sabe quem contou?
Henrique – Não sei.
Márcio – Você acha que se você tivesse tido uma experiência sexual com algum homem, naquele período, ela ia acabar sabendo?
Henrique – Acho que sim. Ela poderia (ênfase na palavra) saber.
Márcio – Não que ela saberia, ela poderia saber?
Henrique – Isso.
Márcio – E, você queria evitar isso?
Henrique – Ahã.
Márcio – E, com vinte e quatro anos você teve a primeira experiência sexual com penetração, né?
Henrique – Sim.
Márcio – Como foi esse encontro?
Henrique – É. (silêncio). Eu comecei a ter contato com homossexuais, muito pouco, durante a faculdade, que existiam homossexuais no curso, de determinadas pessoas que eram mais, é, exteriorizavam mais a sexualidade, que eu até hostilizava, não gostava, me sentia desconfortável com essas pessoas. É, e eu sabia de que esse homossexual tinha um namorado e eu me atraí por esse namorado dele e aí, então, quando eles tinham terminado, eu pude..., eu tive..., eu encontrei casualmente com esse rapaz, que já era nessa época..., que eu já estava me sentindo preparado para praticar o sexo, eu deixei rolar. Eu convidei para freqüentar, para ir para minha casa e de ter acontecido uma relação.
Márcio – E, como que foi essa relação para você?
Henrique – Foi bastante excitante, foi..., é, radicalmente diferente, melhor do que uma relação com mulher.
Márcio – Ahã. E, nessa relação, como você tentou isso? Fique a vontade para responder. Foi ativo? Passivo? Teve sexo oral? Pois até então você não tinha tido relacionamento com homens, né?
Henrique – É, nessa primeira vez, nesse primeiro dia, não houve penetração. (inicia uma fala bem pausada). Tinha uma grande excitação e uma ansiedade que..., acho que teve sexo oral..., e, só de ter contato com o corpo dele, eu gozei, já tive logo o gozo.
Márcio – Você fez sexo oral e recebeu?
Henrique – Isso.
Márcio – Você sentiu, gozou só de ter contato com o corpo dele?
Henrique – É, de todo, do contato, do sexo oral.
Márcio – Era uma situação excitante para você?
Henrique – Era.

Márcio – Você me disse que essa primeira vez não teve penetração?
Henrique – Não.
Márcio – E quando foi acontecer isso?
Henrique – Acho que no encontro seguinte. Eu não estou bem lembrando não, bem ao certo não, mas acho que foi logo na relação seguinte que teve. E aconteceu e foi aos poucos ficando mais tranqüilo porque eu acho que eu tinha uma ejaculação precoce e me excitava muito rápido e, então, foi aos poucos que foi conseguindo controlar um pouco.
Márcio – E, você nesta situação de penetração, você fez sexo anal ou você penetrou?
Henrique – Eu penetrei.
Márcio – Isso na primeira vez.
Henrique – É.
Márcio – E, com este não teve outra forma?
Henrique – Com este eu tive também, de ser penetrado, mas tinha uma preferência em eu ser ativo e ele ser passivo.
Márcio – Ahã. E, como foi a relação quando você foi pela primeira vez passivo?
Henrique – (silêncio). A princípio não foi prazerosa. É, tinha algo de..., tinha dor e eu acho que a idéia de um preconceito sobre isso, apesar de existir a vontade, era um misto de vontade e de preconceito, de achar que não deveria. Então, que a princípio não foi prazerosa, num foi de todo satisfatório.
Márcio – Neste período, você já tinha contato com a camisinha?
Henrique – Não. Como é que é..., não..., não tinha.
Márcio – Nem com as mulheres com quem você transou? E, nem inicialmente com ele?
Henrique – Isso. É isso. (silêncio). Isso foi em noventa. É, no ano de noventa, noventa e um. Eu tinha lembrança de algumas vezes de já ter usado camisinha. Eu acho que não era tão..., (silêncio), preocupado com isso. Nem sei se é essa a palavra. Se era..., se tinha uma idéia com a preocupação de sexo seguro.
Márcio – Não tinha a preocupação em engravidar as mulheres com quem você transava?
Henrique – Tinha, tinha medo de engravidar sim. É, não foram assim tantas penetrações que eu tive, que ocorreram com as meninas. É, na verdade, foi com uma namorada e com uma menina que não foi namorada, que rolou a penetração. Com as outras namoradas era uma situação assim, dentro da casa delas, de só se esfregar com a roupa, é, no máximo..., a mão, masturbação, carícia manual, mas não ter penetração. Mas, eu me lembro de ter com uma delas, de ter penetração e ter mesmo assim, o medo da gravidez, mas não ter usado camisinha.
Márcio – Quando que a camisinha entrou na sua vida? Ocorreu algum fato para que você tivesse essa preocupação e começasse a usar?
Henrique – Eu coloquei..., eu via assim, desde esse primeiro namorado, algumas vezes eu me lembro de ter usado camisinha, mas era uma situação assim, era tanta ansiedade que colocar a camisinha era fator de impedimento, já perdia a ereção, ficava uma coisa constrangida. Então, algumas vezes, aconteceu com camisinha e outras não. Eu me lembro daí, depois, quando foi aumentando o meu contato com homossexuais, de fazer amizades, é, teve a situação de que um amigo meu ter tido a suspeita dele estar com AIDS. É, embora não se confirmou, mas ficou aquele buchicho de que fulano estava com AIDS. Daí pareceu que eu tomei mais contato com a doença, ficou mais real. E, a partir daí, eu procurei estar fazendo sorologia. Foi a primeira vez que eu procurei fazer a sorologia e, de estar mais assiduamente usando camisinha, de ter a preocupação com o sexo seguro.
Márcio – Ahã. Você me disse que no período da sua faculdade, que tinha algumas pessoas que era mais aflorada a sexualidade, dos homossexuais e que você tinha uma certa ressalva com estas pessoas, que te incomodava um pouco.
Henrique – Ahã.
Márcio – O que te incomodava nelas?
Henrique – Porque era assim que eu queria estar fazendo, o que elas estavam fazendo. Eu acho que o enfrentamento real ali me deixava desconfortável porque era um desejo meu.
Márcio – Eu me lembro que na minha época de faculdade, os meninos do curso que você concluiu eram muito bonitos, na sua época não sei como era, mas como você lidava com isso? Em uma turma onde deveria ter mais homens do que mulheres?
Henrique – Sim.
Márcio – Como você lidava com sua sexualidade? Deveria ter muita gente bonita lá?
Henrique – Tinham bastante pessoas bonitas, tinham vários colegas de turma que me atraíam, e, tinha assim, até amigos que eu cheguei a confundir um pouco do grau de amizade de que era grande. Pensar que aquela atenção e carinho poderia ser levado para outro lado, que também fosse virar não só uma amizade, mas um..., ser um relacionamento amoroso. É, mas eu..., é, me travava totalmente, não deixava transparecer, tinha medo..., tinha medo, tinha um preconceito mesmo, grande, em que eu fosse ser hostilizado, fosse ser malhado?, tirado sarro?, como aquele homossexuais evidentes que eram motivo de piadas. Então, por essa..., para evitar hostilidade, eu me travava totalmente. É, tinha o lado de estar namorando meninas para até mesmo disfarçar, para estar fazendo

este jogo. Num era só isso, eu realmente quis lutar contra a homossexualidade, a esse desejo, a que eu conseguisse superar isso e não deixasse vir. É, então, tinha isso e não era uma coisa totalmente forçada, embora como eu falei, quando rolou sexo com homem eu senti uma enorme diferença do que com sexo com mulher.
Márcio – O curso que você fez era machista?
Henrique – É.
Márcio – Você diz é no sentido de ser até hoje?
Henrique – Sim, é até hoje.
Márcio – Assim, você achava que era possível ter um relacionamento com alguém ali do seu curso, se você tivesse se interessado por alguma pessoa, se você tivesse contato com algum deles, se você falasse, como você acha que eles reagiriam?
Henrique – (silêncio). Ah, eu não via como ser possível, porque para mim ficava que ou o homossexual era travesti ou era aquela bichinha afetada que não existia um homossexualismo mais discreto, é, que não tivesse que exteriorizar dessa forma de expressão assim.
Márcio – Nesta época você comprava revistas?
Henrique – Comprava.
Márcio – Você mesmo ia na banca comprar?
Henrique – Ahã.
Márcio – E, depois você guardava elas onde?
Henrique – Por algum tempo eu escondia na minha casa, é, é, ficava bastante tentado para aquilo, um jogo de ir comprar revista na banca da rodoviária, porque era mais discreto. Sei lá porque que eu achava que de lá eu tinha coragem de comprar e, é, eu tive um outro fator que limitava minha homossexualidade, era minha religião (ênfase na palavra), era uma questão religiosa. Venho de uma família bastante religiosa e que existia..., tem esse conceito e eu achava que o que estava fazendo era pecado. Então, é, eu me lembro de ter acontecido..., eu participei de um evento da Igreja, é, um encontro de fim de semana, não me lembro que nome tinha isso, é que tinha várias situações que eram colocadas e eu cheguei a conclusão de que eu estava em pecado por conta daquelas revistas. Eu cheguei em casa e botei fogo em todas as revistas, fazendo aquela fogueira que ia ser, é, a expiação de culpa daquele pecado e que eu ia conseguir superar esse meu desejo. Então, teve em outras situações, bem de eu procurar ajuda religiosa para eu lidar com esse desejo sexual, para não deixar vir a tona, daí que chegou um ponto, eu comecei a entender de que Deus tinha me feito assim, que as coisas aconteceram assim também por vontade de Deus e, então, eu não tinha de lutar contra isso. Se fosse para ser assim, Ele não deixaria acontecer, vir à tona tudo isso. Então, eu comecei a levar mais leve e para continuar praticando a minha religião. É, eu acho importante trabalhar a espiritualidade, eu gosto disso e isso me abastece e me dá energia e daí, eu me lembro de uma situação em que eu estava é..., desse modo, levando a sexualidade e a religião concomitante. Daí, teve a situação em que eu fui fazer a confissão com o padre e eu tinha até pensando de que isso não era um assunto importante e que não ia colocar como sendo um pecado, que eu estava praticando, mas eu não sei porquê o padre levou a conversa para o lado de se eu estava namorando, se eu estava casado e chegou a me perguntar se eu praticava o homossexualismo e eu confirmei e o padre disse então: "Eu não te absolvo dos teus pecados". Ah, primeiro ele me perguntou se eu me arrependia do que eu estava fazendo e eu falei que eu não me arrependia e ele disse: "Eu não te absolvo dos teus pecados e você vai pensar a respeito disso e se você se sentir arrependido, você volta a conversar comigo". É, a partir dali, eu nunca mais me confessei com padre e mantenho levando a religião católica de um jeito que eu acho que é o meu jeito. Eu..., é, não concordo com muitas coisas que existe na Igreja Católica, como eles também cometeram falhas, como vem agora, hoje, pedir desculpas para os índios, para os judeus que eles não defenderam, por várias coisas que a Igreja Católica fez na Inquisição. Então, eles não têm a verdade, então, do mesmo jeito que eu vou dizer que eu não estou no pecado e quem vai decidir isso é Deus.
Márcio – Você foi procurar ajuda na religião, né? Era você com a religião ou era você com alguém da religião?
Henrique – Era eu com a religião, eu não conversava abrindo o assunto homossexualidade com ninguém, não consultei ninguém sobre isso. Eu achava que eu ia superar isso, ia fortalecer para superar esse desejo.
Márcio – E, você pedia na oração para superar isso?
Henrique – Sim.
Márcio – Ahã. Você falou da faculdade, de como era com seus colegas de faculdade, né? Do ambiente machista e durante a escola? Do primário, do ginásio, segundo grau?
Henrique – Na faculdade era muito machista o pessoal. Era cheio de brincadeiras ofensivas com aquelas pessoas que eu falei que eram homossexuais. Eu tinha medo disso. Na escola num tenho nenhuma referência para falar, por conta que eu não tinha desenvolvido minha sexualidade. Como eu acho que eu desenvolvi minha sexualidade muito tardia, não tive problemas na escola. Também eu não era homossexual, nem sabia o que era isso. E eu também não tinha jeito de homossexual, não aparentava, assim como não tenho hoje. Eu não era homossexual.
Márcio – E as brincadeiras que você me disse que fazia quando criança?
Henrique – Bom, não era com colegas da escola, era com parentes e amigos que não eram da escola.

Márcio – Você não era discriminado nessa época então? E, você tinha muito contato, amizade com os meninos da escola? Você fazia tudo que os meninos da sua idade faziam? Como era na educação física, no esporte?
Henrique – Na verdade, não tinha muito contato com os meninos não. Eu tinha mais contato com as meninas, sempre foi assim, sempre tive mais amigas mulheres. Não gostava de esporte também e evitava ao máximo, fazia só o necessário. Era sempre o último a ser escolhido. Não, não era discriminado.
Márcio – Mas assim, como era no colégio com os outros meninos? Tinha os meninos que você achava atraente?
Henrique – Bom, claro que tinha. Tinha sim os meninos que se destacavam e todos achavam bonito, inclusive eu. Tinha vários garotos bonitos na escola, mas eu não tinha contato com eles, tipo..., só admirava de longe, só olhava eles (risos). Até então, eu só tinha tido brincadeiras com amigos e primos que hoje não são gays.
Márcio – E, você olhava e fazia o quê?
Henrique – Eu olhava e quando chegava em casa, eu me masturbava no banheiro pensando neles, em quem eu tinha olhado, é, em quem eu tinha desejado, é, em quem eu tinha visto.
Márcio – E o que você pensava?
Henrique – Eu pensava em como eram os corpos nus, pensava na coxa, no peito, na bunda, no pênis, no jeito másculo deles, pensava aquilo que me excitava.
Márcio – E com sua família como era nessa época?
Henrique – (silêncio). Acho que num tinha nada não. Com minha família não tinha problemas, eles não ficavam me cobrando..., até porque eu era novo nesta época e como eu andava com algumas amigas, se eu ia em algum lugar eu levava alguma delas e eles deviam pensar que fosse minha namorada ou algo assim. Era um modo deles não desconfiarem. Nesse período, eu estudei em vários colégios, em várias cidades diferentes por conta do trabalho do meu pai e isso fez com que eles não identificassem muita coisa sobre mim, se é que eles identificavam algo já. Era difícil manter muita relação com amigos porque logo eu mudava de cidade.
Márcio – E, você não saia com seus irmãos? Ia brincar com eles?
Henrique – Até na infância, me lembro de a gente brincar sim, de sermos mais próximos, mas depois, no início da adolescência, é, fomos tendo grupos de amigos diferentes, e as diferenças ficaram mais evidentes e daí não saímos juntos. Turmas diferentes, isso.
Márcio – Mas seus irmãos não saiam para paquerar e não te chamavam? Já que a distância de vocês de idade não é muito grande.
Henrique – Como disse anteriormente, não tínhamos muita proximidade.
Márcio – Mas você acha que eles percebiam algo diferente em você?
Henrique – Se percebiam não sei, poderiam perceber, mas não falavam nada, é, sem maiores comentários.
Márcio – Ahã. Entendo. E no trabalho, as pessoas sabem de você?
Henrique – Não, não sabem, mas devem desconfiar, um médico quarentão..., sem ser casado..., mas assim, eu acho que essa proximidade não precisa ter no trabalho. Acho que atrapalha, e se alguém desconfiar, não falam nada. Vou, faço meu trabalho e é isso.
Márcio – E se o pessoal do seu trabalho descobrisse? Como seria?
Henrique – Bom, não ia poder fazer nada, mas não gostaria de abrir isso no trabalho e nem preciso. Não ia mudar nada porque não dou margem para isso. Mas, é fato que não gostaria que meus pacientes soubessem, pois acho que pode sim diminuir o respeito e a clientela também. Tem muita gente que não entende isso, confundi tudo. Acha que por ser gay não é um bom profissional. Não vejo algo bom em contar sobre mim no trabalho, mas trabalho com outra pessoa que também é, que é meu amigo e ele também não abre isso para as pessoas.
Márcio – E com seus amigos? Como é? Eles sabem sobre a sua vivência em relação à homossexualidade?
Henrique – Sim, os mais próximos sim, os conhecidos eu não vejo porque falar. Os mais próximos também são gays e lésbicas. Eles sabem porque a gente convive juntos. Mas os conhecidos, pessoas que eu encontro relacionados a vida social e ao trabalho, que são héteros, eu não falo de mim.
Márcio – Ahã. E de tudo isso que conversamos até então, você se considera uma pessoa assumida? As pessoas identificam você como homossexual nos contextos que eu falei anteriormente? Tipo, família, escola, trabalho, amigos...
Henrique – (silêncio). (risos). Eu não me considero assumido por inteiro. Tenho um certo problema ainda com isso, em assumir minha homossexualidade até para mim. No todo, acho que eu não sou assumido. Sim, já me assumi para minha família, os amigos e pessoas próximas, é, mas assim..., socialmente não sou assumido e não sei se quero isso..., acho que não quero assumir para os outros assim. O que mais você perguntou?
Márcio – Se as pessoas te identificam como homossexual?
Henrique – (silêncio). Acho que não, por conta que eu não sou afeminado, não dou pinta e não pareço homossexual. Mas quem é homossexual, às vezes, identifica.
Márcio – Ok. E sobre a cultura homossexual? Você se identifica com lugares gays? Freqüenta?
Henrique – Sim, freqüento lugares assim, sim. Mas também vou a lugares heterossexuais.
Márcio – Ah é? Como assim?
Henrique – Vou, por exemplo, a boates freqüentadas por heterossexuais. Eu até prefiro, porque me sinto melhor.
Márcio – O que faz você se sentir melhor nestes lugares?

Henrique – Bom, é porque são pessoas mais parecidas comigo, no estilo, no gosto, o lugar é bem melhor, no sentido das pessoas que freqüentam. Me acho mais parecido com eles.
Márcio – E para flertar? Como que fica?
Henrique – Lá também vai outros homossexuais que não são afeminados, e pode sim rolar um flerte.
Márcio – Ok, vamos falar disso ainda aqui. Moda gay, você consome?
Henrique – Consumo, mas também consumo moda que não é gay.
Márcio – O que seria uma moda gay para você?
Henrique – Seria uma camiseta mais diferenciada, com mais detalhes, com mais cores, com brilhos, talvez. E eu gosto disso. Mas nada muito afeminado, agarrado. Existem roupas de marcas que tem um estilo gay já na coleção.
Márcio – Ahã. Você utiliza gírias gays ou linguagem própria de gays?
Henrique – Não, não gosto e não uso. Às vezes, bem às vezes, quando estamos entre amigos, a gente brinca, chama o outro pelo feminino, mas não costumo usar não. As bichinhas que usam muito esses palavreados, e..., eu acho de uma futilidade, por isso não gosto.
Márcio – Ahã. Sobre o grupo de amigos? Você freqüenta festas particulares, churrascos...
Henrique – Sim, freqüento.
Márcio – Consome produtos específicos para gays? Por exemplo, revistas ou outros produtos?
Henrique – Não mais, não compro mais revista, mas acesso Internet, vejo sites específicos, vejo propagandas que vendem produtos e que tem um apelo homossexual e se eu gosto eu compro.
Márcio – Grupo ou ong's que defendem os direitos dos homossexuais, você participa? Já participou? Tem interesse?
Henrique – Não, nunca participei e não tenho interesse. Respeito o trabalho deles e apóio, mas não me envolvo, não gosto muito da exposição.
Márcio – Ok. E sobre a parada gay? O que você acha dela?
Henrique – Eu vou esse ano nela, lá em São Paulo, porque é um evento grande, tem a noite cultural, as boates..., é, e muitos gays vão para lá do Brasil e é tudo muito anônimo, sem exposição...
Márcio – E se tivesse uma parada aqui na cidade, você iria?
Henrique – Não.
Márcio – Por que?
Henrique – Acho muita exposição.
Márcio – Ok. Vou citar alguns lugares que tem a ver com a questão da freqüência de homossexuais, para ver se você já foi ou se você vai, e daí conversaremos mais sobre esses lugares, ok?
Henrique – Ok.
Márcio – Bar e boate?
Henrique – Sim. Vou a bar e a boate, mas mais em bares aqui na cidade.
Márcio – Festas gays e praia freqüentada por homossexuais?
Henrique – Sim.
Márcio – Praia, pousadas ou hotéis direcionados para o público gls?
Henrique – Praias sim, praias freqüentadas por homossexuais no verão, onde tem cidades litorâneas procuradas por essas pessoas. Hotéis e pousadas..., procuro as que não tem especificações, que ficam hospedados heterossexuais.
Márcio – Saunas e casa de amigos?
Henrique - Sim. Sim para os dois.
Márcio – Locais de pegação, assim, pontos de encontro, banheiros públicos?
Henrique – Não, não curto nenhum deles.
Márcio – Salas de bate-papo na Internet ou linhas cruzadas?
Henrique – Sim.
Márcio – Agora, vamos conversar um pouco sobre como são esses lugares, o que você pode falar sobre eles, ok?
Henrique – Ok.
Márcio – O que te motiva a ir para o bar?
Henrique – O que motiva é conhecer pessoas novas, ter contato com amigos gays e lá acaba sendo o ponto de encontro e de conhecer pessoas novas, possibilidades de ter encontros.
Márcio – O que acontece, o que você encontra nesses lugares? Cada lugar é diferente, né? Por exemplo, o que acontece e o que você encontra no bar?
Henrique – É, em geral, no bar tem a possibilidade de ter um contato, de estabelecer um contato visual e da possibilidade de conhecer uma pessoa, de conversar, de ter..., de não ficar em uma conotação, é, sem ter a conversa, eu acho que é muito importante, eu gosto dessas possibilidades de estar conhecendo pessoas, trocar idéias, sem especificamente pensar em sexo, na transa.
Márcio – E o que você gosta nestes ambientes? É isso? Essa possibilidade de conversar?
Henrique – É.

Márcio – E o que você não gosta nesses ambientes? Nos bares?
Henrique – (silêncio). Às vezes, a situação de ser um bar homossexual, ele não tem todo um conforto, qualidade de atendimento, você é obrigado a ir ali porque as opções são poucas. Então, você se submete a determinadas situações que não te agradam tanto. Tumulto de gente, de repente ficar em fila, mas como é..., como são pouquíssimas opções, você se submete. E o outro lado, é de que ali, tem assim..., em bares, existe, num sei se é a condição só de bar?, em boate também pode acontecer..., de você ter..., estar sujeito a..., as pessoas estão..., é, as pessoas não são só homossexuais, pela diversidade você pode se confundir e entrar numa fria, (risos), ou, é, se dar mal.
Márcio – Você nesses lugares consegue identificar quem é homossexual e quem não é?
Henrique – A maior parte das vezes.
Márcio – Algumas não?
Henrique – Algumas não.
Márcio – E o que acontece que você não consegue identificar?
Henrique – Por conta, de repente, de pessoas como eu, que não tem trejeitos, que não querem dar demonstração, é, e fazem a situação muito discreta e dissimulada.
Márcio – E daí, como que faz para você flertar com a pessoa que você tem interesse, se você não sabe qual é a dela?
Henrique – Eu, é, tem que ter vários sinais, de que tem..., de que está interessado, de que tem..., de que está interessado para eu abordar.
Márcio – Você disse que ia ao (nome do bar), né? O (nome do bar) mudou há pouco tempo, né? Em menos de um ano, né? Há diferença do (nome do bar) antigo do atual?
Henrique – Sim, bem diferente, né? Ampliou e agora são dois ambientes, são..., então, há mais opções, é, mais possibilidades, é, mas o que mudou também é que quando..., antes era mais restrito, ele tinha uma característica um pouco mais de gueto, mais de ter público mais cativo, exatamente alternativo, daquelas pessoas que eu procuro, que eu tenho interesse e com a ampliação, o público também se diversificou mais. Então, não está tão somente voltado para o mercado consumidor alternativo.
Márcio – Você falou que modificou então a população, né? Mas o (nome do bar), desde então, o anterior, era considerado um bar gay. Concorda comigo?
Henrique – Sim.
Márcio – Mas ele tinha..., não era só freqüentado por homossexuais. O que você acha que acontecia que ele levava esse título de bar gay?
Henrique – Porque sempre teve uma característica de ser um bar alternativo, de atrair pessoal de teatro, de artes, é, e que atraia mais gays. Quem primeiro fundou o (nome do bar), era um gay, tinha essa conotação de ser um bar com público artístico que era freqüentado por gays, pois muitos artistas na época que iam lá eram gays e isso atraia mais gays. Mas depois mudou de proprietário.
Márcio – Então, o (nome do bar) foi fundado por um gay?
Henrique – Ahã.
Márcio – E então, ele tinha perdido a conotação?
Henrique – É, e mesmo que teve a mudança dos proprietários, eles..., manteve o público, embora diversificando um pouco, a maioria era ainda gays. É, embora eles sempre não quiseram levantar a bandeira de ser um bar gay, de possibilitar os contatos, de um beijo homossexual era reprimido, a manifestação de carinho era reprimida no bar. A gente sabe que era um bar com a maioria gay e, hoje em dia lá, mesmo diversificando, ah..., eu tenho presenciado situações de que tem um liberalismo maior, de onde se possibilita o beijo gay, o contato íntimo gay.
Márcio – Você acha que hoje o novo (nome do bar) está mais liberado do que o antigo (nome do bar)?
Henrique – Sim.
Márcio – Antes você disse que tinha a interdição disso?
Henrique – Sim.
Márcio – E de que forma que era a interdição?
Henrique – Tive amigos que foram chamados a atenção por estar se beijando.
Márcio – Quem chamava a atenção?
Henrique – Os garçons.
Márcio – Ahã. Você nunca teve essa situação?
Henrique – Não. Comigo não.
Márcio – E aí, o que os garçons falavam?
Henrique – Que não eram para agir daquele jeito ali, que eles não queriam esse tipo de manifestação ali.
Márcio – E o que as pessoas falavam? Respondiam? O que você ouvia ou percebia?
Henrique – (silêncio). Embora ficassem revoltados, obedeciam.
Márcio – Ahã. Você está dizendo, hoje, que o (nome do bar) novo é um público mais diversificado, né? E isso inclui mais heterossexuais?
Henrique – Eu não sei em termos de proporção, mas que tem mais homossexuais do que tinha antes tem.

Márcio – Mais homossexuais ou heterossexuais?
Henrique – Heterossexuais.
Márcio – Você acha que está mais liberal mesmo tendo mais heterossexuais?
Henrique – Tá, está mais liberado. Eu já presenciei, olhando casais heterossexuais se beijando, homossexuais masculinos e homossexuais femininos se beijando.
Márcio – O que você acha que acontece que antes era um bar mais destinado a homossexuais, era tipo um gueto e agora mudou, que é mais freqüentado por heterossexuais e tem uma maior liberação?
Henrique – Eu acho que está tendo uma liberação da sociedade, maior. Acho que existe uma permissividade maior da sociedade hoje em dia, e fora isso, eu acho que como o bar está fazendo muito sucesso e, de repente, foi percebido que isso..., essa característica dele, liberalidade, atrai público ao invés de afastar. Ele..., os proprietários deixaram de proibir, censurar essas..., esses atos.
Márcio – Você acha que é uma questão mais para atrair a população lá?
Henrique – Sim, eu acho que eles sacaram que ao invés de que isso limitava, pudesse ficar com uma má imagem, de se tratar de um marketing negativo do bar, eu acho que eles estão percebendo que é um marketing positivo para o bar.
Márcio – Então é uma questão de consumo?
Henrique – É.
Márcio – Para as pessoas consumirem mais? Tem mais lucro o bar, para isso eles liberaram agora?
Henrique – Acho que sim.
Márcio – Existe diferença do bar e da boate?
Henrique – Existe.
Márcio – Você disse que não está freqüentando a boate daqui da cidade?
Henrique – Sim.
Márcio – Mas você já foi?
Henrique – Já.
Márcio – Você costuma ir de vez em quando?
Henrique – Raramente.
Márcio – E, qual é a diferença do bar e da boate?
Henrique – É, bom, na boate tem a porcentagem de heterossexuais, é muito (ênfase na palavra) pequena. Bem, menor do que no bar. É, é mais explícito. É, então, até existe uma facilidade maior de conhecer pessoas, de ter contato com homossexuais. É, mas, é, eu vejo que a maioria, existe uma..., do mesmo jeito que eu, outras pessoas também pensam em ir a um (nome do bar). Não é tanta exposição quanto ir a uma boate gay. Então, eu percebo que de um modo geral, tem mais pessoas interessantes, é, no (nome do bar) do que na boate, que freqüentam mais o (nome do bar) por uma áurea de proteção, de não exposição.
Márcio – Você vai em outras boates, em outras cidades também?
Henrique – Vou.
Márcio – O que você, é...., para que você vai para essas boates e o que você encontra lá?
Henrique – Eu vou nessas boates para procurar relação sexual.
Márcio – Ah.
Henrique – É, é me divertir e ter a possibilidade de já que eu não freqüento aqui na cidade, então, em outras cidades eu tenho a possibilidade..., é, de dançar, que é uma coisa que eu gosto e de ter pessoas para ter relação sexual.
Márcio – E, você conhece o dark room destas boates?
Henrique – Eu não gosto de dark roons.
Márcio – Por que? O quê que acontece?
Henrique – Porque eu acho que é um contato muito ruim, que me..., que eu não, é, que tira um elemento para mim, importante da atração, que é ver, ver a pessoa e..., criar esse imaginário da pessoa assim.
Márcio – Então você já freqüentou?
Henrique – Um dark room? Já, já sim.
Márcio – E que você não gostou?
Henrique – Não.
Márcio – E o que você não gosta nestes ambientes? Da boate?
Henrique – (silêncio). Eu não gosto de drag queen, eu acho que..., de uma futilidade muito grande, eu não gosto de show de drag queen, eu não gosto de muita afetação, muita..., é, pessoas muito afeminadas, como tem na boate, é..., (silêncio), em geral..., muitas vezes, tem um ambiente que não é muito confortável, é, que tem um cuidado maior assim. Então, é, eu também acho que tem algumas boates que tem um ambiente muito agradável, refinado, que eu gosto, eu prefiro, mas em geral, são lugares underground, são lugares que tem uma coisa de sub-mundo mesmo.
Márcio – Ahã. O que é uma pessoa afetada?
Henrique – Muito cheio de trejeitos, muito afeminada.

Márcio – Como você descreveria uma pessoa afeminada?
Henrique – Que age como uma mulher, que, é..., que usa maquiagem , que fica um..., gesto, um gesticular de mão muito..., é, feminino, que tem uma fala muito estereotipada, feminina. Nem é tanto feminina, é, um estereotipo gay e que eu não gosto, que é forçado.
Márcio – E o que você não gosta nestas pessoas?
Henrique – Por conta dessa afetação, dessa imagem. E junto com isso, eu vejo, de ser uma pessoa fútil, que não tem conteúdo, que a única preocupação é com a modinha, com a cassação, com o ferver, com a última música da Madonna, com umas..., que não tem um conteúdo maior. Não gosto de conviver com isto, com estas pessoas.
Márcio – E por que você acha que elas são assim?
Henrique – Por que elas são assim? (silêncio). Eu acho que, é, são gays que confundem a homossexualidade com essa forma de expressão, somente..., que acham que somente essa forma de expressão que é homossexual ou que tem vantagens com esta forma de expressão, que eles tendo essa postura, atacando, é, eles, (silêncio), se defendem da hostilidade do mundo. É uma defesa.
Márcio – Você acha que é uma defesa se apresentar desta forma?
Henrique – Muitas vezes sim.
Márcio – Você disse que eles têm vantagens, e quais seriam as vantagens que eles teriam?
Henrique – (silêncio). É, não sei agora o quê que eu..., (fala baixinho para si mesmo), de vantagem, eu acho que..., é, eles se expõem com essa exposição, num..., é, num resta dúvidas para outras pessoas, é, chegarem até eles, de que são homossexuais.
Márcio – E quais são as desvantagens?
Henrique – Assim como eu, de que não gostam de pessoas afeminadas, fora isso, eu acho que eles..., é, tem um preço alto para pagar por essa expressão, assim, é, são os mais visados de serem hostilizados, é, tem prejuízo da sociedade, com a contratação de emprego, de serem..., de serem..., de sofrerem penalidades..., de sofrerem preconceito quando vão consumir.
Márcio – Ahã. Você diz que freqüenta festas também?
Henrique – Sim.
Márcio – Essas festas são aqui na cidade?
Henrique – Ahã.
Márcio – E como são essas festas? Só vão homossexuais? Quem é o público que vai?
Henrique – É de homossexuais.
Márcio – E o que acontece nestas festas?
Henrique – Não, são festas normais, de ter música, de ter possibilidade de dançar, de encontrar amigos, de ter algumas, às vezes, situações..., tem comida, bebida, é, e de ter encontros, de ter possibilidades de estar..., estar entre amigos e se divertir e, de repente, de conhecer pessoas também.
Márcio – E o que você não gosta nestas festas?
Henrique – (silêncio). Nada. No geral, não tem nenhum aspecto que eu acho negativo.
Márcio – Você disse que procura praia que tem..., cidades praianas, litorâneas que tem maior freqüência de homossexuais. Para você tirar férias?
Henrique – Sim.
Márcio – Quais as cidades que você procura mais?
Henrique – Florianópolis, o Rio, é, Balneário Camburiú.
Márcio – Ahã. Você procura hotéis ou pousadas que tenha essa..., essa denominação destinada para o público gls? Tipo..., aqueles hotéis que tem um adesivo com a bandeira do arco-íris e escrito friendly.
Henrique – Não.
Márcio – Casa de amigos você vai? Que são homossexuais?
Henrique – Sim, vou.
Márcio – E geralmente, grande parte dos amigos destes amigos são homossexuais também?
Henrique – Grande parte é.
Márcio – Todos ou grande parte?
Henrique – Grande parte. Eu não tenho amigos só homossexuais (fala mais agressivamente).
Márcio – Não, eu disse, nestas festas que você vai, de amigos homossexuais. É um grupo misto ou estas festas são só de homossexuais?
Henrique – É misto, maior porcentagem é de homossexuais, mas também têm heterossexuais.
Márcio – E qual a diferença de um bar, de uma boate e de ir na casa de amigos?
Henrique – Na casa de amigos, você tem, digamos..., eu sinto um pouco mais de proteção, de não encontrar com pessoas de quem eu não quero me expor. Por essa situação de não me expor. Nestas festas particulares está mais limitada ali a freqüência.
Márcio – Ahã. Você me disse que freqüenta saunas também?
Henrique – Sim.
Márcio – Aqui na cidade?

Henrique – Não, em outras cidades. Aqui na cidade não, até porque não tem uma sauna homossexual aqui.
Márcio – Ahã. E, você freqüenta, então, outras saunas, de outras cidades?
Henrique – De outras cidades.
Márcio – E para que você vai nestas saunas?
Henrique – Para ter encontros sexuais.
Márcio – E o que você pensa em encontrar lá?
Henrique – (silêncio). É, é, é excitante, essa coisa do..., o que mais atrai é a possibilidade de ter sexo com homens que tem um estereótipo mais heterossexual. Muitas vezes, casados, mas, em geral, é a possibilidade de ter sexo, de encontrar pessoas que não são esses..., como eu disse, na boate freqüentam mais afeminados, não é o caso de uma sauna, quando tem muito pouco afeminados e são mais esses homens com a tendência..., com uma característica heterossexual, mais..., é, uma imagem masculina, não afeminada.
Márcio – Ahã. E como são distribuídos os espaços? Você consegue me descrever como é dentro de uma sauna?
Henrique – Como assim?
Márcio –Você me disse que as pessoas que vão lá, que são diferentes da boate. Na boate são mais afeminados e lá vão pessoas com estereótipos mais masculinizados, né? Mas como as pessoas circulam lá? Como é a socialização? Como é o espaço? Tem quartos? É aberto? Como que é a sauna?
Henrique – Em geral, tem as saunas mesmo. Ah, as saunas de vapor, a sauna seca, daí tem um bar, mesas, é, tem espaço de ducha, de banho, tem sala onde tem vídeos, é, vídeos pornográficos homossexuais. E tem lugares, tem saunas que têm quartinhos individuais, cabines ou, então, uma sala escura, é, mas assim..., é, tem mais ou menos essa característica, assim, da sauna. É, perguntou mais o quê?
Márcio – Como é distribuído, como as pessoas circulam por lá?
Henrique – É, em geral, é, a socialização é mínima, a mínima possível, pouco se fala, do tipo que, eu raramente, eu acredito no nome que a pessoa dá quando pergunto o nome. É, então, pouco contato verbal de ter, porque realmente tem a intenção de um encontro sexual furtivo, de não ter a pretensão de que vá, é, durar mais tempo. Claro que já houve situações em que dali eu mantive..., criei uma amizade ou até mesmo um namoro, mas é uma eventualidade.
Márcio – As pessoas não trocam telefone? Nada? Só o sexo e acabou?
Henrique – Sim, é só o sexo e acabou.
Márcio – As pessoas andam peladas lá?
Henrique – Enroladas..., peladas, mas cobertas por uma toalha.
Márcio – Mas tem as pessoas que ficam peladas?
Henrique – Muito pouco, ou em algum momento.
Márcio – Ahã. E, você fica de toalha?
Henrique – Sim.
Márcio – O que você acha de diferente, de excitante? Você disse que é um lugar excitante. O que você acha excitante neste espaço?
Henrique – (risos). Eu acho que eu tenho uma..., atração assim, especial para o que..., num sei o que é que tá envolvido aí, porque somente o cheiro de eucalipto, de sentir o cheiro de eucalipto no ar, já me deixa excitado, de tamanha é a associação que eu faço do cheiro do eucalipto, da sauna e do sexo. Ou esse contato visual de estar ali, os corpos mais expostos (ênfase na palavra), é, tem essa característica que realmente isso me atrai, que são pessoas que eu diria assim..., muitas vezes, eu não vejo freqüentemente em um bar, uma boate, é, então, que estão ali por conta de ter essa, é, áurea do encontro furtivo. Se ele é pobre por um lado, num teve essa idéia, uma troca, mas, por outro lado, ele ganha pontos por ser, é, essa característica do..., do..., do que não é comum, da pessoa, é, do cara machão, é, que está ali disponível.
Márcio – Ahã. Ali não dá pra saber quem é ativo ou passivo?
Henrique – Às vezes. Nem sempre, e muitas vezes a gente se engana nesta avaliação.
Márcio – E como é negociada essa relação sexual?
Henrique – Vai da hora, vai do jeito que acontece, que você..., que a pessoa está a fim, em algum..., muitas, muitos deles têm uma posição muito inflexível, num, num existe uma flexibilidade, mas...
Márcio – Como assim, flexibilidade?
Henrique – É, de que, não, de que eu só faço isso, eu só sou ativo, é, ou eu só sou passivo. Tem muitas pessoas assim, que eu acho ruim, é, mas daí tem também outra... e quando é desse modo, assim, se não me agrada, eu dispenso, eu..., num existe, num rola.
Márcio – Você procura algum tipo de cara numa sauna?
Henrique – Sim.
Márcio – Que tipo que você procura?
Henrique – Esse tipo, é, mais masculino.
Márcio – Ahã. Sim, mas mais ativo ou mais passivo? Ou versátil?
Henrique – Versátil.
Márcio - E, você se considera ativo, passivo ou versátil?

Henrique – (risos). Ai, prefiro não responder essa pergunta, (risos).
Márcio – Ok. Fica a vontade.
Henrique – (risos).
Márcio – Assim, sexo anal, você gosta de fazer? De ser ativo ou passivo? Em relação a isso...
Henrique – Eu gosto de fazer e as duas coisas.
Márcio – Sexo oral, também fazer e receber?
Henrique – Sim.
Márcio – Masturbação? A dois? Também?
Henrique – Também, mas com menos valor, não é o que eu mais..., não é o mais tchan.
Márcio – E o que você não gosta de fazer nas relações sexuais? Que tipo de coisa que você diz: "Isso eu não faço?".
Henrique – É, (silêncio). Situações de sadomasoquismo, eu não gosto. É, coisas muito..., nojentas.
Márcio – O que são coisas muito nojentas? Dê um exemplo.
Henrique – (silêncio). Que envolve urina, fezes, é, (risos), é, a coisa do fist fucking, de, é, enfiar a mão eu acho que é muita doença, o que me desagrada. É uma conotação patológica do sexo, de doença, de..., é, indo para um exagero, é, eu poderia falar, anteriormente, eu falaria que não curtia sexo grupal, mas até isso eu tenho me flexibilizado, já aconteceu. É, eu não sou tão..., é, aberto..., é, não me atrai tanto, mas dependendo da situação pode acontecer.
Márcio – Ahã. E, você é..., é, desculpa, eu esqueci o que eu ia falar. (participanter se perde na entrevista, tem um branco em relação a pergunta seguinte, e inicia a recordação de últimos assuntos apresentados). Você me disse que freqüentava, então, as saunas e tem interesse por pessoas mais masculinizadas? E que já ocorreu de transar com mais pessoas, né?
Henrique – Ahã.
Márcio – Isso ocorreu em saunas?
Henrique – Sim, aconteceu em saunas.
Márcio – É uma prática comum em sauna ou não?
Henrique – É.
Márcio – As pessoas transam na frente de outras pessoas?
Henrique – Sim. Acontece, eu já presenciei várias vezes.
Márcio – Você acha que existe um componente de vouyerismo, de exibicionismo aí?
Henrique – Sim. Com certeza.
Márcio – E, você se considera vouyer ou exibicionista ou vouyer e exibicionista?
Henrique – (silêncio). Eu me considero vouyer.
Márcio – Você gosta de ver?
Henrique – Ahã.
Márcio – Você gosta de ver o ato ou as pessoas?
Henrique – Tudo.
Márcio – E estando na sauna, como você dá sinais para a outra pessoa que você está interessado?
Henrique – (silêncio). É secar, ficar olhando fixamente.
Márcio – Daí se a pessoa corresponder, você vai conversar?
Henrique – Ahã.
Márcio – Você é mais de chegar nas pessoas ou de esperar as pessoas chegarem em você?
Henrique – Eu sou mais de chegar nas pessoas.
Márcio – Ahã. Ok. Lugares de pegação, pontos de encontro e banheiros públicos, você falou que não freqüenta?
Henrique – Não.
Márcio – Nunca freqüentou?
Henrique – Muito raramente, mas num é uma coisa que me atrai.
Márcio – E o que você não gosta nestes lugares? O que não te atrai?
Henrique – Por causa do perigo, do medo e daí, acho que fica muito pobre o contato, a relação.
Márcio – Mas não é uma relação parecida com a sauna?
Henrique – Não, na sauna ainda há a possibilidade..., apesar de não ter verbalizado, mas..., é, no sexo em si, você tem possibilidades ali, você tem como..., é, ter mais tempo, ter mais tranqüilidade, ter mais..., (silêncio).
Márcio – Estar mais protegido?
Henrique – É.
Márcio – E o poder aquisitivo de quem vai em sauna é maior de quem vai em ponto de pegação?
Henrique – É.
Márcio – É um público mais selecionado?
Henrique – É um público..., tem uma seleção, um pouco..., embora até sei que tem muita gente que ao mesmo tempo que vai em ponto de pegação , vai em sauna.
Márcio – Ah. Você freqüenta outros tipos de sauna?

Henrique – Freqüento.
Márcio – Freqüenta? E qual é o intuito de você ir em outros tipos de saunas? Sauna assim, para... (interrompido).
Henrique – Eu gosto muito de sauna, do fazer a higiene, a terapia, é, é bom, é, se há conotação de uma sauna heterossexual, é, para sexo, não é. Mas confesso que eu gosto de olhar lá também as outras pessoas.
Márcio – E as outras pessoas que você, é, que são heterossexuais, você acha que vão ali só pela sauna ou tem uma condição de olhar também?
Henrique – Alguns têm.
Márcio – Ahã. Sala de bate-papos, você freqüenta?
Henrique – Freqüento.
Márcio – Para que você freqüenta uma sala de bate papo?
Henrique – Para conhecer pessoas.
Márcio – Sim. E, geralmente, como é seu nick?
Henrique – Como é o meu nick? É um nome seguido de hh, hxh...
Márcio – E que tipo de pergunta você faz, inicialmente, quando você começa a teclar com alguém?
Henrique – Quantos anos.
Márcio – E que tipo de idade você prefere?
Henrique – Eu prefiro acima de 25 anos.
Márcio – Ahã. E o máximo de idade?
Henrique – Ah, não..., cinqüenta (suspira, no sentido de no máximo cinqüenta).
Márcio – Cinqüenta?
Henrique – Ahã.
Márcio – É, você disse, é, que procura na Internet o quê? O que você procura na Internet?
Henrique – Encontros.
Márcio – Encontros sexuais?
Henrique – Sim.
Márcio – Não para namoro?
Henrique – Não.
Márcio – Telefone, aquelas linhas cruzadas de telefone você liga?
Henrique – Não.
Márcio – Com que freqüência você vai, freqüenta a Internet nestes chats?
Henrique – (silêncio). Umas duas vezes por semana.
Márcio – Ahã. E você pergunta qual a idade primeiro, e depois, que tipo de pergunta mais?
Henrique – Como que a pessoa é. Características físicas.
Márcio – Ahã. E por que você pergunta as características?
Henrique – Para imaginar, dentro daquelas características, o que eu me sinto atraído.
Márcio – Você se sente atraído, é, com mais novos..., não..., com mais velhos? Há, sim, entre vinte e cinco à cinqüenta anos.
Henrique – É, eu evito muito garoto, muito novo.
Márcio – Afeminados ou não-afeminados?
Henrique – Não-afeminados (ênfase na palavra).
Márcio – E, você faz essa pergunta na Internet?
Henrique – Às vezes, mas é uma coisa que eu, no meio da conversa, eu percebo isso sem ter que perguntar.
Márcio – Ah, tá. Assumidos ou não-assumidos?
Henrique – Tanto faz.
Márcio – Sarados? Magros? Gordos? Peludos? Lisos?
Henrique – Mais sarados, é, com uma..., mais tendendo para o gordo, para o forte do que para magro.
Márcio – Ahã. Você gosta de magros?
Henrique – Não.
Márcio – Não te atrai?
Henrique – Não.
Márcio – E, peludos ou lisos?
Henrique – Tanto faz.
Márcio – Você tem preferência por cor de pele? Branco? Negro? Loiro? Moreno?
Henrique – Ah, um pouquinho mais para brancos.
Márcio – Loiros não?
Henrique – Tanto faz, não...
Márcio – Moreno?
Henrique – Tanto faz.
Márcio – E negros?

Henrique – Então, eu prefiro mais brancos do que negros, mas não, não é inviável (ênfase na palavra) com negros.
Márcio – Você namoraria um negro?
Henrique – Namoraria, como já namorei.
Márcio – Ah, é? Classe social? Baixa? Média? Alta? É, isso faz diferença para você?
Henrique – Fazer diferença faz, mas, digamos que, não está dando para escolher muito (risos).
Márcio – Não está dando para escolher muito? Por que?
Henrique – Pela falta de..., de opções, é isso.
Márcio – E casados? Algum problema?
Henrique – Para essas situações assim, furtivas, nenhum problema.
Márcio – E para namoros?
Henrique – Não.
Márcio – Você se considera monogâmico ou tem relacionamentos abertos? Como funciona isso?
Henrique – Eu me considero monogâmico.
Márcio – E exige que o outro seja monogâmico também?
Henrique – Sim.
Márcio – E na sala de bate-papo, por que você..., é, você me disse que entra para encontrar pessoas, né? Para sexo, geralmente, né?
Henrique – Ahã.
Márcio – E, você acha que todo mundo que entra na Internet é para essa função?
Henrique – A maioria. Eu acho que tem muitas possibilidades de virar um relacionamento, mas a maioria entra em busca de sexo.
Márcio – Ahã. Você já sofreu algum tipo de discriminação pela sua condição? Pela sua homossexualidade?
Henrique – (silêncio). Eu não sei se a situação do padre que eu falei poderia ter sido uma discriminação. Acho que sim (silêncio).
Márcio – Em outras situações não?
Henrique – Não.
Márcio – Ameaças, agressão física? Verbal? Chantagem?
Henrique – Não.
Márcio – Discriminação?
Henrique – Não.
Márcio – Mas você tem amigos que foram discriminados?
Henrique – Tenho.
Márcio – Muitos?
Henrique – Não muitos. Alguns. Algumas situações.
Márcio – Que tipo de situações que já ocorreram?
Henrique – É, de chegar para a pessoa e falar que ela não era bem-vinda em determinado lugar, de..., é, de ver hostilizar, de ser hostilizado assim, (silêncio). Mas isso..., é, de alguns que tiveram encontros com pessoas e que a pessoa agrediu, é, roubou, é, e que tinha essa conotação assim, de..., pela homossexualidade.
Márcio – Ahã. E o que essas pessoas fazem? Elas denunciam?
Henrique – Não denunciam.
Márcio – Elas não fazem nada?
Henrique - Elas não fazem nada.
Márcio – Guardam para si?
Henrique – Ahã.
Márcio – E o que você acha que acontece que elas não denunciam?
Henrique – Como?
Márcio – O que você acha que acontece que elas não denunciam? Por exemplo, ir para a polícia para denunciar que foram roubadas ou que teve agressão física?
Henrique – Por conta do..., de se expor. Elas não querem se expor e por isso que não denunciam.
Márcio – Ahã. Você disse que tem um grupo de amigos, né? Homossexuais? Como é composto este grupo? Assim, são de classes sociais diferentes? Ou mais ou menos da mesma classe social? A estética deles, se são magros, sarados, mais novos, ou mais velhos? Se tem diferença de raça? Se são assumidos ou não?
Henrique – É bem diversificado em todos esses aspectos. É, talvez, o critério que tenha mais de..., de..., que permeie todos assim, é, de ter uma formação cultural ou de ter uma instrução, em geral, tem nível superior..., de instrução.
Márcio – E grande parte, então, é de classe social favorecida?
Henrique – É.
Márcio – E estética? Tem pessoas de todos os jeitos? Gordos, magros, num tem um único estilo?
Henrique – Não.

Márcio – Assumidos e não-assumidos?
Henrique – A grande maioria é assumido.
Márcio – A grande maioria?
Henrique – É.
Márcio – E isso não te expõe? De você andar com eles?
Henrique – (risos). Expõe, mas eu, é, prefiro ainda assim, ter a companhia deles.
Márcio – Ahã. Te faz bem ainda ter a companhia deles?
Henrique – Ahã.
Márcio – E, você não tem preconceito em relação a eles? Por eles serem assumidos?
Henrique – Às vezes, às vezes tenho.
Márcio – E como você lida com isso? É seu amigo, você gosta de andar com ele, mas tem preconceito pelo jeito dele?
Henrique – É, mas num é uma constante. É, acho que em todas as relações tem coisas que a gente acha boa e acha ruim na pessoa, (balança o corpo, sugerindo um movimento que lembra os ombros de um homossexual efeminado).
Márcio – Ahã. E daí você está falando em relação a eles serem assumidos ou aos trejeitos?
Henrique – É, em relação aos trejeitos.
Márcio – Como você age? Você pede para elas se segurarem?
Henrique – Às vezes. Uma ou outra situação.
Márcio – Ahã. O que você pensa sobre lugares GLBT?
Henrique – (silêncio).
Márcio – Esses lugares que a gente falou, boate, bar, sauna..., o que você pensa sobre esses espaços?
Henrique – Eu acho que, é, é um mal necessário (risos). Tem uma coisa de gueto, tem, em geral, um pouco de ser sub-mundo, de ter uma conotação muito segmentária. De ter características, de como eu falei, de..., às vezes, de não ter o melhor atendimento, não ter o melhor, é, ah..., ponto, conforto, então, tem essa característica de gueto que, que, às vezes..., é, eu acho ruim, que por conta disso eu não freqüento só lugares assim, para me diversificar, tirar um pouco de.., só daquele ambiente. Mas por outro lado, é preciso que tenha porque, é, nessa sociedade assim, as possibilidades de encontros, é, ficam limitadas se não for um lugar GLS.
Márcio – E, você..., é, não se sente diferente nos espaços heterossexuais?
Henrique – Como assim?
Márcio – Ah, para flertar, para..., é, porque você pode ter que evitar mais o olhar.
Henrique – É, é diferente. As possibilidades são bem remotas.
Márcio – E, você não se sente mal nestes espaços?
Henrique – Não.
Márcio – E quais são os seus sentimentos em relação aos lugares GLS? Como você se sente nestes lugares?
Henrique – Bom, eu acho que é isso, tudo o que eu falei.
Márcio – Você explicou o que você pensa sobre, mas como você se sente nestes espaços? Se sente bem? Você falou que é um mal necessário, né? Então, você se sente bem ou..., como você se sente?
Henrique – (silêncio). A maioria das vezes, eu não me sinto bem.
Márcio – Ahã.
Henrique – Não é assim tão..., é, (silêncio), num sei, por conta de..., de..., parece que é..., marginal, é, estar numa situação um pouco excluída, então, é aquilo que te destinou, tem essa conotação, às vezes. (faz cara de cansado).
Márcio – Certo. Faltam só mais dois apontamentos e já a gente está terminando. É, você acredita que existe discriminação entre os homossexuais? Tipo, do ativo para o passivo, feminino para o não-feminino?
Henrique – Tem. Bastante.
Márcio – Como se dá essa discriminação?
Henrique – De..., é, desvalorizar ou colocar que a bichinha é afeminada, que é passiva, que, então, que já tem essa fala, coloca no feminino, né? Então, tem esse preconceito, é, se dá um valor, parece que para o ativo e, então, aí cria esse..., as pessoas querem falar que são ativas, sendo que não é essa somente a vontade. É, eu.., fica assim, meio limitado ao projeto que é muito copiado, que é, da relação heterossexual, em que existe os papéis definidos, é, eu acho que a possibilidade homossexual é bem maior, do que ficar em determinados papéis.
Márcio – Você acha, então, que um passivo, mais efeminado recebe muito mais preconceito do que um ativo ou alguém que não seja efeminado?
Henrique – Isso. Recebe.
Márcio – O que você acha que acontece isso?
Henrique – (silêncio). Porque já fica essa imagem social, é, já generalizada e é o que é tirado sarro, o que é feito piadinha na televisão, no cinema, nos meios públicos do..., do viado, da bicha afeminada. Então, como já tem essa, é, conotação assim, entre os homossexuais, eles mantêm esse mesmo juízo de valores.

Márcio – Ahã. É, você está com (idade), né? A última pergunta antes de fechar. Daqui dez anos, você vai ter (idade com o acréscimo de mais dez anos).
Henrique – Ahã. (risos).
Márcio – (risos).
Henrique – Se nada acontecer, (risos).
Márcio – Se nada acontecer até lá? Claro que não, né? Como você imagina sua vida daqui dez anos?
Henrique – (silêncio). Não muito diferente do que está até hoje.
Márcio – O quê que não seria diferente?
Henrique – Ahm? (olha assustado).
Márcio – O quê que não seria diferente?
Henrique – O quê que não seria diferente?
Márcio – Você me disse que não seria muito diferente do que é hoje. Então, o quê que não seria diferente?
Henrique – Dessa, é, minha situação de ficar, é, tendo..., uma vida homossexual e, mais assumido do que não, mas não totalmente assumido. É, de ter encontros, de ter, de repente, alguns namoros, é, mas, eu continuar morando sozinho (ênfase na palavra). É, levar meu trabalho como tem sido, é, então, é essa vida do mesmo jeito eu acredito que vai permanecer.
Márcio – Você não se vê com outra pessoa?
Henrique – Hoje em dia não.
Márcio – Não?
Henrique – Não.
Márcio – Você disse hoje em dia, mas quer dizer que você já se viu?
Henrique – Já. Já me vi. Já idealizei de ter um casamento, de estar junto com uma pessoa, de morar junto e tal, mas hoje em dia não, hoje mudou.
Márcio – E o que fez você mudar?
Henrique – Com o passar do tempo, as coisas, a vida foi mostrando que é muito difícil de estar num casamento. É, eu posso até, é, estar namorando, mas é, o grau de envolvimento é diferente de um casamento, do morar junto, de conviver dia e noite, é, de ter um relacionamento que cada um respeite mais a individualidades, que se tem os prós e os contras disso também. Em ter tanta cumplicidade, em ter..., mas é esse tipo de relação que eu imagino.
Márcio – E, você acha que isso não tem entre os homossexuais?
Henrique – Oi?
Márcio – E, você acha que esse companheirismo/cumplicidade não tem entre os homossexuais?
Henrique – Muito pouco.
Márcio – Muito pouco?
Henrique – Ahã.
Márcio – Da forma que você fala, me parece que você..., é, vê os anos passando e você envelhecendo sozinho?
Henrique – Ahã. É, não é somente sozinho, eu acho que eu estou vivendo, eu estou aproveitando a vida como ela está me aparecendo, e tem coisas muito boas, que eu acredito que vão continuar a ter, mas, é, como você disse..., é, que o tempo está passando e eu estou... Sim, o tempo está passando e eu estou aproveitando o que é possível.
Márcio – Você já teve outros namoros?
Henrique – Sim.
Márcio – De na média de quanto tempo duraram esses namoros?
Henrique – É, nenhum durou mais de dois anos. O que maior..., o de maior tempo foi de dois anos.
Márcio – Você teve vários relacionamentos assim?
Henrique – Teve.
Márcio – E o que você atribui a não continuidade desses relacionamentos?
Henrique – (silêncio). A dificuldade de..., do homossexual manter um relacionamento..., é, é junto com isso, é, fatores pessoais meus, de essa minha aceitação, ou como eu lido com a relação com outra pessoa, é, a forma de estar interpretando essas relações assim, que compromete a minha..., o meu relacionamento.
Márcio – Você disse do outro entender o que é um relacionamento? O que você acha que o outro tem dificuldade de entender?
Henrique – Não é de entender.
Márcio – Você disse do outro ter um relacionamento?
Henrique – Do outro..., da relação homossexual, de..., pelas características do homem, da coisa de ter uma certa..., mais promiscuidade, de não ter o caráter..., o valor de monogamia é muito tênue, é, por conta disso, existe mais chances de um relacionamento não dar certo.
Márcio – Você acha que isso é uma questão da homossexualidade?
Henrique – Sim.
Márcio – E, você se considera assim também?
Henrique – (silêncio). Sim.

Márcio – No relacionamento, então, você pensa no monogâmico e você consegue isso?
Henrique – Porque eu acho assim, que é uma característica masculina. Então, quando você junta dois homens, o combinar essa monogamia é uma dificuldade, tem..., exige um trabalho bem maior, é muito mais fácil..., é, minar isso e a relação, é, acabar do que uma relação com heterossexual. Me parece que tem uma possibilidade um pouco maior de contornar essas..., a infidelidade. Acho que hétero é mais fiel.
Márcio – Então, você não se considera monogâmico? Como todo os homossexuais? Todos os homossexuais, de forma geral, e você se inclui no grupo de homossexuais. Então, você também se considera?
Henrique – Sim. Eu também se..., eu tento a fidelidade, mas, é, a persistência nisso pode não ser tão árdua assim, então, de levar a coisa desse jeito.
Márcio – Mas a gente falou de casar e envelhecer. Um casal heterossexual, eles envelhecem e um cuida do outro até um ou outro morrer.
Henrique – Hum.
Márcio – Como você pensa seus cuidados?
Henrique – Com..., parentes, amigos, coisas assim.
Márcio – É? Ahã. Você já tinha pensado nessa questão de 10 anos depois, como você envelheceria?
Henrique – Já. Já tinha pensado já, como será minha velhice.
Márcio – Ok. Queria agradecer pela disponibilidade. Foram mais de três horas de entrevistas (risos), né? Agradeço pela disposição, é, lembrando sobre toda aquela conversa que a gente teve sobre o respeito ético da identidade e tudo. E, qualquer dúvida você entra em contato comigo, ok?
Henrique – Ok.
Márcio – Obrigado.
Henrique – Obrigado você. (Henrique me dá um abraço e sorri).
Márcio – (desligando o gravador me lembro de questionar sobre como foi dar a entrevista). Como foi para você dar essa entrevista, falar um pouco de você?
Henrique – Foi, bastante reflexiva, foi uma possibilidade de eu analisar bastante..., da minha vida, do que já foi e de como está se encaminhando, é, foi, é, de me confrontar comigo mesmo. Foi boa.
Márcio – Tem mais alguma coisa que você queria colocar, falar? Alguma dúvida?
Henrique – Que, é, gostei da oportunidade de ter dado a entrevista, me ajudou.
Márcio – Ok. Então, obrigado.

Após o término da entrevista, Henrique falou que teria um tempo para fazer um lanche antes de ir trabalhar.

Entrevista nº 1 – História de Henrique (2º momento)

Foi um encontro de quatro horas, no entanto, foi gravado apenas duas horas, uma vez que o participante havia me convidado para jantar com ele em sua casa, uma vez que havia acabado de chegar do trabalho. Ele me mostrou alguns dvds e cds, falou do seu cotidiano, assim como após o término da entrevista, tomamos sorvete e conversado sobre seriados de televisão, tais como *Queer as Folk*. Durante todo o encontro houve um clima sereno, momento o qual, o participante falou muito pausadamente e transpareceu estar refletindo e preocupado com o que leu sobre sua própria entrevista.

Márcio – Podemos começar quando quiser.
Henrique – É. Como é que eu faço..., a idéia de fazer isso agora aqui. Essa correção, essa tarefa de casa?
Márcio – Fala, pode ir falando como você pensou tudo isso, como você fez, de acordo com o que a gente havia combinado.
Henrique – Ah, é?
Márcio – É.
Henrique – Então, tá? (silêncio).
Márcio – Você leu a entrevista... (encorajando o participante a falar).
Henrique – Sim, eu li a entrevista e fui tirando algumas impressões, algumas correções. É, então, quando..., é, eu anotei ali que quando eu fui falar com minha família, percebi melhor o processo de aceitação dos meus pais. É, percebi, é, daí eu percebi isso, porque para mim, eu acho que tinha ficado uma coisa de não..., de essa aceitação não ter sido concretizada ou tivesse ficado umas amarras, mas eu me percebi, que naquela minha descrição já havia uma aceitação, foi todo um processo de adaptação, de entender e que, houve a aceitação. Mas eu me vi em uma angústia em falar sobre isso com meus irmãos e isso me incomodou assim, se eu tava, é..., porque nos meus estudos eu já vi, em psicologia, o falar com os irmãos tem a ver falar com o social, é, tem de..., é então, de tanto que ainda existe essa inibição, com essa idéia de me por no social como homossexual. Por isso eu achei que eu fiquei incomodado em ler de eu falando isso com meus irmãos.
Márcio – Ficou incomodado em ler o quê?
Henrique – Quando eu vi na entrevista como eu via a situação.
Márcio – Ahã.
Henrique – Bom, de uma forma geral, o que eu queria ressaltar é que em vários momentos em me estranhei na entrevista. Eu achei: "Eu não disse isso? Não é possível que eu disse isso". De ter um estranhamento, de..., é, é..., então é..., o que quê isso mostra que eu acho que o falar numa situação de entrevista, ainda me fez colocar..., é, um enfrentamento com os preconceitos que eu tenho interno que, às vezes, eu posso..., é, em uma roda de amigos, passar por cima disso, e não deixar transparecer e que na entrevista, eu soltei, inconscientemente, eu acabei deixando isso..., parece que a idéia de ser uma coisa oficial, uma coisa que vai ficar, me fez pensar nisso. (toca o celular de Henrique, ele precisa atender, pois se trata de um cliente, ligação durou uns cinco minutos).
Márcio – (fica a vontade para atender).
Henrique – Voltando, onde paramos?
Márcio – Retornando, a gente tava falando que você não reconhecia algumas coisas que falou na entrevista e também de você ter sentido que foi sincero por ser uma coisa oficial, uma entrevista, e de ter dito coisas relacionadas ao preconceito que você percebeu.
Henrique – Sim, mostrou um preconceito que eu acho, que o meu estranhamento é que eu achava que não fosse e que não foi à toa que está ali. Tem, existe sim esse preconceito que tem na ordem do social mesmo, em ver o quando eu sou preconceituoso sim. É, daí, aqui quando eu coloquei..., eu gostaria de alterar a parte que eu coloquei a justificativa da minha homossexualidade. É, (procura nas entrevista). Eu não lembro onde que estava essa parte, mas que tem a ver com algo com destino, que me chamou a atenção.
Márcio – Seria naquela parte que você diz que as coisas aconteceram assim mesmo? Quando você estava conversando com seus pais, não seria esse momento?
Henrique – Eu acho que sim, mas quero achar aqui e quero modificar o que eu falei. (silêncio enquanto procura na entrevista). Você não quer parar de gravar enquanto eu procuro?
Márcio – Ok.
Henrique – (voltando). Então, eu queria modificar o trecho que eu falava com meus pais: *"Eu falava que o que tinha acontecido, da..., de passado..., da..., forma como as coisas aconteceram, num era culpa deles, era..., foram as circunstâncias que eram assim, eram situações que foi..., talvez..., de destino?...de como as coisas aconteceram, de que não era culpa de ninguém..."* e que eu pus aqui a princípio, justificando a homossexualidade, como sendo de circunstância, que teria sido o destino, pois não é dessa forma que eu penso na verdade, mas sim, que eu percebo que foi uma conseqüência do relacionamento das pessoas, principalmente, com meus pais, e como se formou a minha identidade sexual, que é do mesmo jeito da formação de todos os

meus princípios, de todas as minhas características, da minha personalidade, a minha interação com as pessoas, em especial com meus pais, é, é disso que eu acredito que venha minha homossexualidade.
Márcio – Ahã.
Henrique – Aí, quando você me questionou sobre sexualidade... (começa a procurar na entrevista o trecho).
Márcio – Quando eu perguntei o que era sexualidade para você?
Henrique – É. Quando você perguntou o que era sexualidade em que eu..., é, não respondia, ou quer dizer que eu respondi: *"É todo desejo e estímulo, não..., que dá experiência prazerosa..., é, que dá experiência prazerosa"*. É, eu vejo a sexualidade mais que uma relação sexual com penetração, é, então, quando, desejar um colega de classe ou o irmão de um amigo, é, fantasiar qualquer contato físico ou virtual que seja, é, eu me masturbar, é, tudo isso, já é uma vivência de sexualidade. Então, é, até mesmo, eu tenho experiência assim, de ouvir determinado cantor e que a voz me provoca desejo, eu..., existe uma coisa sensorial que pode provocar, não precisa ser só o visual, é, e do mesmo jeito é a sexualidade, eu me masturbar ou masturbar um estranho no escuro. É, então, tudo isso é sexualidade, é, eu acho que ficou mal respondido quando você me perguntou. É, na seqüência ali, eu não lembro o que eu coloquei, mas eu percebi a força de inibição da mãe na minha sexualidade. O simples fato de ela saber era aterrorizante para mim e foi castrador, foi, onde eu vi muitos problemas em aceitar a minha sexualidade e praticar momentos de prazer, então, é..., quando eu tinha mais contatos com minha família, com minha mãe, eu voltava mais inibido, é, da viagem da cidade de onde eles moram. Então, eu via isso, percebia que era, é, por mais que eu brincasse com a situação, era algo superior a mim, o inconsciente trabalhava ali, e minava o meu prazer.
Márcio – Quando você tinha contato com sua mãe?
Henrique – É.
Márcio – Então, você disse que quando mais contato você tinha com sua mãe, você voltava mais inibido? É isso?
Henrique – É. Ahã.
Márcio – E o que você acha que acontecia?
Henrique – (silêncio). Não sei, acho que estar em contato com ela lá, e daí me ver em uma relação homossexual, eu brochava, eu ficava inibido, é, não me permitia ter aquele prazer, parece que era aquela situação do proibido, que eu estava indo contra ela, e, então, era mais forte, era mais forte do que eu. É, e eu percebo que isso mudou totalmente depois de eu ter contado, de a situação estar clara e totalmente aberta. Eu vejo assim..., que eu me soltei mais, que eu me permito mais. Talvez aí que eu..., como eu coloquei, de estranhamento com meus irmãos, que ainda não é muito aberto com eles, e isso está no..., e isso se reflete pensar no social, pois o social também não é aberto e eu acho que tenho um lugar diferente para a mãe, para o pai do que para os irmãos nessa questão.
Márcio – Você me disse então, que foi mais complicado falar com seus irmãos do que com seus pais?
Henrique – Eu acho que é, atualmente, mais complicado abordar esses assuntos com meus irmãos do que com meus pais. Eu sinto algo mais de compreensivo com meus pais do que com meus irmãos. Acho que isso. Bom, um outro ponto que eu percebi, mas daí é só uma colocação, que é engraçado, (risos), me ver justificando que..., justificar que doeu ser passivo na relação e o quanto que eu senti aí o meu preconceito, de eu expor aí dessa forma, me justificando todo (ênfase na palavra), na questão de ser dolorido, (risos), eu acho que no enfrentamento ali, o ser passivo era o..., era dar de frente com meu preconceito, (risos nervosos), então, eu me vi usando de tantos termos falando aí na entrevista que eu acho que, simplesmente, a questão era: "Eu estava sendo preconceituoso".
Márcio – Mas você se encontrou em todos os momentos em que você escreveu? Pois você me disse que teve um estranhamento quando você...? Aliás, como foi esse estranhamento?
Henrique – É..., eu achar..., eu chegar a um ponto de eu achar que: "Eu disse isso mesmo?" De não me perceber ali, de não perceber de eu ser aquela pessoa, a mesma pessoa que falou ali naquela..., naquela..., naquela..., frase daquela entrevista. É, e isso é que eu estou dizendo que foi..., eu acho, que foi por querer ser uma coisa oficial e ficar inibido, eu deixei vir a tona um lado que eu desconhecia. Um lado verdadeiro que escapou, é..., parece estranho até, né? É, estar inibido com o oficial e daí soltar o que é mais..., é, subconsciente. É, (risos), é, aquilo que você está mais guardando, você escancara em uma hora dessa. Chega a ser engraçado, (riso nervoso). É engraçado. Eu..., (silêncio), mas, às vezes, é bem isso, a gente quer esconder tanto que você deixa soltar, deixa escapar, pois você cuidou tanto que você se deixou escapar. Então, foi isso..., eu não sei agora, mas eu acho que eu anotei que partes que eu coloquei mais isso. É, teve aquela parte que eu disse o que quê me incomodava nos homossexuais, é, que eu conhecia e que eu não respondi de acordo, era..., inicialmente, quando eu via homossexuais, eu..., é, eram aquelas figuras que estavam mais afeminadas e por isso mais evidentes, e por isso que eu não conseguia perceber e ficava evidente. É, o que me incomodava era justamente porque eu me sentia ameaçado por eles, eu me sentia que ali eles estavam me expondo, expondo algo de mim e que eu tentava esconder, então, eu sentia a ameaça em função disso. Entendeu?
Márcio – Sim, entendi.
Henrique – Ah, tá aqui o que eu anotei. (lê a anotação e interpreta o que conta). Me causou surpresa ler que eu não era homossexual na escola, naquela parte em que estava falando...

Márcio – Ah sim, onde você dizia que não era homossexual.
Henrique – É. (risos). Como se eu tivesse vestido a fantasia, foi sei lá depois que idade... (relato de forma cômica, seguido de risos).
Márcio – (risos junto com o participante).
Henrique – (continua). É, e encarar..., parece que eu me colocava em uma visão da sexualidade mesmo..., por isso que aquela pergunta não foi bem respondida, que eu encarava aquilo que eu vivia como não sexualidade, e me colocando como que eu tivesse uma sexualidade tardia. Não era bem isso. É, eu não considerava que olhar os homens nus no vestiário, é, ou ver revista, as brincadeiras com os primos e com os amigos fossem sexualidade. Eu simplesmente apagava isso, para mim isso era outro departamento, é, eu me lembro..., eu me lembrei de uma situação que tinha o irmão de um amigo meu que eu achava muito bonito e gostoso e eu tentei vê-lo pelado algumas vezes, e que eu desejava muito aquilo. Eu podia até mesmo não saber o que era exatamente aquilo que..., porque quê mexia tanto comigo, mas eu desejava. Então, não tinha sexualidade tardia coisa nenhuma, é..., era uma sexualidade, não estava tendo penetração, não tava tendo uma coisa mais de relação sexual, mas estava tendo sexualidade. É, (silêncio), eu anotei aqui sobre o meu preconceito sobre gay e o trabalho e em ser assumido, (silêncio), eu acho que vou ter que ver no texto, na entrevista, o que quê foi que eu pensei..., se quiser desligar o gravador para eu procurar é melhor. (três minutos depois). Quando eu coloquei que eu não gostaria de abrir minha sexualidade no trabalho, é, não ia mudar nada, porque eu não dou margem para isso, olha lá como eu disse: *"... mas não gostaria de abrir isso no trabalho e nem preciso. Não ia mudar nada porque não dou margem para isso. Mas, é fato que não gostaria que meus pacientes soubessem, pois acho que pode sim diminuir o respeito e a clientela também. Tem muita gente que não entende isso, confundi tudo. Acha que por ser gay não é um bom profissional. Não vejo algo bom em contar sobre mim no trabalho, mas trabalho com outra pessoa que também é, que é meu amigo e ele também não abre isso para as pessoas"*. (silêncio). Eu não sei o que quê..., (riso nervoso), que quê foi que eu fiz aqui...
Márcio – Você disse que tinha achado uma fala sobre o trabalho e queria falar sobre ela...
Henrique – É. (silêncio). É, não sei se agora..., eu estou..., mas na época no dia em que eu li, eu acho que eu coloquei que eu ainda vejo, do mesmo jeito que as outras pessoas, que se ficar evidente a homossexualidade, vai ter interferência no trabalho. É um preconceito. (silêncio). Vou procurar aqui na entrevista. Aqui, onde você pergunta: *"Você se considera uma pessoa assumida? As pessoas identificam você como homossexual nos contextos que eu falei anteriormente? Tipo, família, escola, trabalho, amigos..."* E eu respondo: *"Tenho um certo problema ainda com isso, em assumir minha homossexualidade até para mim. No todo, acho que eu não sou assumido. Sim, já me assumi para minha família, os amigos e pessoas próximas, é, mas assim..., socialmente não sou assumido e não sei se quero isso..., acho que não quero assumir para os outros assim"* É, eu vi que eu faço uma confusão em ser assumido e ser afeminado. Eu percebi isso no meu relato, que para mim fica uma coisa..., o assumir significa é..., ter trejeito, ter que mostrar..., eu acho que é..., fica uma confusão sim..., eu tento..., parece que são coisas que não se misturam, então, é, o assumido fica demonstrando, não cria duas referências..., como eu vejo, em determinados momentos eu vivo dois mundos é..., tem onde eu posso me soltar, fazer brincadeiras, trejeitos e falar em gírias, de linguajar homossexual e outros lugares que não. Então, parece que tem assim..., um muro que separa dois mundos e aí tá nisso a dificuldade em ver, ser um homossexual assumido e não ser afeminado ou que independente. Parece que existe essa questão para mim ainda.
Márcio – Você quer dizer, como uma pessoa pode ser assumida e não afeminada? Ou como uma pessoa afeminada pode ser não assumida? É isso que você quer dizer?
Henrique – Ahã. Tem essa questão mesmo aí. Aí, uma outra grande surpresa que eu tive ao ler o meu depoimento, foi ver eu dizendo, que eu freqüento boate heterossexual e me sinto melhor porque as pessoas são mais parecidas comigo..., (silêncio), me chocou, me chocou, me chocou em ouvir isso, eu até pensei: "Será que você entendeu mal quando eu falei?", (riso nervoso seguido de silêncio).
Márcio – Eu transcrevi a fita do jeito que foi dito.
Henrique – (risos). Como é que você não me censurou na hora que eu falei um absurdo desse? É, já vem outra parte, logo em seguida também de surpresa. Falar..., dizer que eu não falo linguagem ou gíria gay. É mentira, eu falo. Então, o por quê que naquela hora, naquele momento, eu me mascarei, eu me pus de um outro jeito. Sobre isso de ambientes assim, às vezes, eu me canso de ir em um ambiente gay, às vezes, também é por conta da..., não colocar inteiramente aberto no lugar e aí eu posso até falar em ir em um ambiente heterossexual, às vezes, me parece que é assim, para ver se é uma..., eu tenho uma idéia assim de que..., o ambiente gay é assim, de submundo, de menor qualidade, então, eu quero ver o ambiente heterossexual, que então..., tá aí o meu preconceito de colocar o heterossexual como melhor. É, e que eu vi que eu menti, eu não falei exatamente a verdade.
Márcio – Então, você quer dizer que não acha que você se parece com as pessoas que freqüentam a boate heterossexual?
Henrique – Não, eu não me pareço, (risos).
Márcio – O que aconteceu, o que você pensa que você me falou isso naquele momento?

Henrique – (silêncio). Eu coloquei ali uma visão idealizada do lugar heterossexual, porque eu também sei que não é isso que eu coloquei, de que as pessoas..., é..., tem um interesse, são mais leves, diferente de ficar explicitamente no procurar sexo e não é por aí. Então, é uma visão idealizada.
Márcio – Então, você quer dizer que as pessoas também vão para a boate heterossexual para procurar sexo também?
Henrique – Sim, então, aí estava uma coisa idealizada, (silêncio), por exemplo, quando eu vou ao bar (fala o nome do bar), tem uma..., um fator assim..., de ficar meio escondido, meio não evidente tem um atrativo, é, essa situação de imaginar que aquela pessoa não é..., não é afeminado, que não está tão evidente e que pode ser uma pessoa que pode ser atraente e que vá rolar algum interesse sexual com você. Acho que é..., você pode parar um pouquinho. Acho que entrou entrando no mecanismo de bloquear, de defesa igual aconteceu na entrevista anterior. Deixa eu me concentrar, me dá alguns minutinhos. (alguns minutos depois). Eu coloquei aqui que me sinto melhor em ambiente heterossexual, que as pessoas são mais parecidas comigo, isso demonstra uma crise de identidade, pois tenho mais dificuldade de me aceitar como gay, é uma crise de identidade, pois tem esse querer me parecer hétero e não querer me parecer homossexual. Tem uma imagem ruim aí que eu quero evitar. Parece que eu não quero me identificar assim, de repente, já foi..., já teve comentários de alguns gays falando de que eu me acho superior, de que eu me acho diferente, então, tem aí uma coisa mesmo de querer que..., de repente, tenha uma minorizar, inferiorizar, de uma forma geral, a imagem do gay, é isso, é essa a idéia.
Márcio – Você poderia me dar um exemplo de como foi a conversa com algumas dessas pessoas? Como foi que elas falaram isso para você?
Henrique – Será que eu lembro?
Márcio – Pode ser uma situação, uma cena.
Henrique – Ai, eu não me lembro direito, exatamente o contexto, mas a idéia era essa, de como eles me achavam esnobe, superior, de fazer uma imagem de pose porque..., talvez isso seja realmente verdade, de eu não me colocar exatamente identificado com aquelas pessoas que estavam ali. Isso eu vejo que acontece sim.
Márcio – O que você pensa sobre isso?
Henrique – (silêncio). Eu acho que eu generalizo um pouco as coisas, por conta de algumas pessoas, eu coloco as coisas para todos, em geral, e bastante é por conta do meu preconceito, é um preconceito já a princípio de o gay ser fútil, não estar preocupado com outras questões que não sexo. Como eu falei agora a pouco, o heterossexual também tem a mesma idéia de sexo e isso vai variar e você não pode generalizar, mas eu, em determinadas horas coloco esse filtro para enxergar o ambiente, a coisa como me coloco em determinado lugar. É, eu acho que é isso. É, eu notei na entrevista, o quanto que eu tinha de dificuldade de falar que eu transo, que eu faço sexo, é, parece assim, (risos), parece que eu estava falando para minha família, com um conceito religioso, familiar, que falar de sexo já é pecado, (risos), então, não falo abertamente. (pausa para Henrique atender o celular).
Márcio – Voltando, você estava falando sobre a parte onde você falava sobre sexo.
Henrique – Ah, sim, eu constatei isso, eu acho que, de repente, deva ser natural ter esse bloqueio de falar sobre sexo. É, daí, um outro ponto que eu também vi é que minha atração está confundida com meu preconceito contra afeminados. E daí, é onde eu acabo me envolvendo com pessoas não-assumidas. É, foi aí uma análise que deu oportunidade de eu perceber determinados movimentos que acontecem na minha vida em função dessa minha confusão em relação a afeminados e assumidos. É, então, me ajudou a ver isso assim..., porque quê eu tenho determinados relacionamentos complicados que..., justamente porque a pessoa que eu estou me relacionando não é assumida. É, eu não sei foi na seqüência aí, que eu vi de falar de boates gays que eu vou mais em outras cidades porque eu fico mais a vontade e onde diminui as chances de encontrar pessoas do meu convívio profissional, do meu convívio social, então, por isso que é mais tranqüilo para eu freqüentar, é, boate em cidades diferentes daqui de onde eu moro. É, e é dentro disso, que estávamos começando a falar do bar (fala o nome do bar), então, fica uma certa..., velado?, muito discretamente, muito..., na verdade, não é assim, não é isso que acontece realmente, mas a idéia de ser velada a imagem de um ambiente gay, e por isso de acontecer situações assim, com pessoas não-assumidas, é, então, talvez por isso fico um pouco mais a vontade lá.
Márcio – Você me disse por telefone, que você tinha uma me dado uma informação equivocada sobre o novo bar (nome do bar). Você disse que antes, que o bar atual era menos preconceituoso. Você me pediu para perguntar depois, porque você disse que achava que ele (o bar novo) é menos preconceituoso porque os donos aceitam mais, mas o público é mais preconceituoso.
Henrique – Isso, é isso. Eu acho que mudou, tem mais aceitação de atitudes homossexuais lá, mas por outro lado, como mudou os freqüentadores, têm mais heterossexuais, eu me travo, eu me sinto inibido, apesar de ver atos, atitudes mais homossexuais que antes, eu me sinto inibido, eu me sinto ameaçado, novamente aquela reação de que eu tinha descrito antes de quando eu fecho exposto, eu vejo aquilo como uma ameaça, é aquela história da vontade, do desejo e então, o medo vem aí justamente em expor o desejo. Acho que era isso. No bar (nome do bar) os donos estão mais liberais, mas o público não, pois têm mais heterossexuais. Ou será que não é o público que está mais preconceituoso e eu quem fico mais inibido por ver mais heterossexuais? Acho que pode ser isso também, de existir essa inibição. É justamente porque estão permitindo mais é que eu me inibo. É, tem

uma parte que você me pergunta sobre afeminados e sobre o que é que eu achava? Você me pergunta: *"O que é uma pessoa afetada?"* e eu respondo: *"Muito cheio de trejeitos, muito afeminada"*. De agir de forma feminina, existe aí um preconceito meu em relação ao afeminado, por conta do estereótipo, pois eu acho que isso cria uma aversão ao homossexual. Por conta disso, criam e fazem satirizações, hositlizações ao homossexual, este vira motivo de piada e por conta disso eu não gosto da situação do afeminado. Acho que por conta disso, a mídia explora essa imagem de uma parcela dos homossexuais que não é a maioria, mas é o que fica dito na mídia e, por isso que se cria uma aversão, uma idéia minha de não gostar do afeminado. Depois você perguntou..., é, porque elas se expõem, *"Por quê que você acha que elas são assim?"* e eu coloco que a vantagem do homossexual assumido é, (risos), olha aqui novamente, a minha confusão entre o assumido e o afetado. Eu queria dizer da pessoa, do homossexual afetado leva vantagem na exposição por atrair as pessoas e eu escrevi que ao invés de afetados escrevi assumidos. Tá aí, como fica muito ligado essa idéia para mim. Me fez lembrar agora, quando eu fui justificar..., fui ver na minha mãe a idéia dela ter falado, que ela tinha um preconceito, que ela tinha uma ignorância em colocar o homossexual como travesti, afetado, afeminado e que era uma ignorância isso, e como está permeado em mim mesmo a mesma idéia. É, em outra parte, a gente colocou..., é, o que quê me atrai, como é que é a minha sexualidade, que realmente, existe um forte caráter de vouyer e que eu me identifico bastante com um voyuer e você me perguntou: *"Mais vouyer ou mais exibicionista?"* e realmente não é exibicionista a minha idéia não.

Márcio – Quer dizer, que você gosta de olhar mesmo, de ver?

Henrique – É.

Márcio – E, você percebe desde quando isso começou a acontecer?

Henrique – (risos). Aí ficou fácil, né? Eu já dei todas as pistas, desde da tenra idade, (risos), nos vestiários, (risos). É, teve uma parte em que fez uma notação que eu fiz uma postura de balanço de ombros afeminados e aí me chamou a atenção, mas não lembro onde ta isso agora na pesquisa, deixa eu procurar.

Márcio – Foi quando você foi imitar como era uma pessoa com jeito afeminada.

Henrique – Sim, foi de fazer o trejeito, né? Bom, não conseguirei lembrar onde está isso na entrevista. Ah, aqui está, quando você me pergunta se eu não tenho vergonha de andar com meus amigos assumidos, mais afetados, daí você me pergunta: *"E como você lida com isso? É seu amigo, você gosta de andar com ele, mas tem preconceito pelo jeito dele?"* e eu respondo: *"É, mas num é uma constante. É, acho que em todas as relações tem coisas que a gente acha boa e acha ruim na pessoa, (balança o corpo, sugerindo um movimento que lembra os ombros de um homossexual efeminado)"*. (riso nervoso). (silêncio). E daí, você está falando em relação a eles serem assumidos ou aos trejeitos? É, em relação aos trejeitos. (riso nervoso). Tipo, aqui você percebeu, eu estava começando a falar sobre assumidos e no fim das contas estava falando sobre efeminados, sobre trejeitos. É, eu acho que quando eu li aqui, foi assim..., "ah, foi o momento que eu escorreguei no tomate". (riso nervoso). Foi o momento em que eu me expus, (riso nervoso), eu falando tanto..., e daí eu vou e solto a franga..., (riso nervoso). Eu acho que eu me vi muito mais preconceituoso do que me imaginava. É, eu tenho feito análises nesses últimos tempos e eu acho que eu..., estava dizendo que eu me percebo mais..., é, assumindo uma relação homossexual, querendo ter, querendo o que antigamente eu tinha muita dificuldade em levar um relacionamento adiante, mas eu me vi na entrevista..., pode ser que eu tenha um pouco mais de abertura para a minha própria..., é, relação sexual, ter a minha.., meu relacionamento amoroso, mas o social é ainda muito bloqueado, muito pejorativo, preconceituoso. E aí, a continuidade na mesma idéia. Eu tenha a imagem negativa de lugares GLBT, talvez por uma falta de identidade minha com a maioria das pessoas, talvez, fique uma idéia de depreciação e de exclusão. É, aquela idéia de que "esse é o lugar que sobrou para vocês, homossexuais; é o que te resta". Parece que tem essa conotação também e por isso eu ter essa idéia negativa. É, eu acho que coloquei aí assim até..., eu nunca me senti rejeitado pela minha condição homossexual, é, o quando eu posso eu sempre escondo isso e aí já, eu sempre evitei criar situações para ser hostilizado. Depois tem uma outra parte que fala sobre considerar homossexual ou heterossexual mais infiel, e o que fica para mim, na verdade, não é que eu considere heterossexual mais fiel, mas sim que o heterossexual, o casal heterossexual contorna melhor uma situação de infidelidade. Sei lá que motivos que eles têm, mas que fica..., eles contornam a essa situação melhor, e está até relacionado ao fato de que o casamento heterossexual, ele tem uma característica, têm fatores que seguram mais o casamento e assim ser mantido. Os filhos, redes de bens, toda a família que trabalha a favor para que se mantenha o casamento e por isso a infidelidade pode ser mais digerida e enquanto que no homossexual quase..., muito pouco, têm coisas que segurem o casamento e alguma situação de conflito, de infidelidade. Eu acho que é isso. Minhas anotações foram essas sobre o que eu percebi na entrevista. Daí eu fiz a carta para dizer para minha mãe se eu tivesse que escrever por carta. Você quer que eu leia?

Márcio – Sim, gostaria. Mas me diz como foi escrever essa carta antes?

Henrique – Foi muito estranho, porque eu não me via nesta situação como sendo algo possível de acontecer, então, eu acho que teria essa situação real e acho que por isso que foi difícil colocar no papel. Eu nunca falaria isso por carta, mas depois nos fins das contas foi interessante para organizar as idéias, embora já está tudo dito, é, cada vez que a gente ressalta esses pontos, a gente trabalha melhor dentro de mim mesmo, clareia mais as minhas idéias. Então a carta saiu assim: "Oi, mãe, espero que esteja bem. Como é ruim essa distância, que faz

aumentar e doer mais a saudade. Preciso muito falar de um assunto importante. Gostaria que esta conversa fosse pessoalmente, para poder ver seus olhos e você ver os meus (que por sinal já estão cheios de lágrimas). Sempre fugi de falar sobre este assunto doloroso, mas como vejo que esse segredo faz um abismo entre nós e também me limita em ser tudo que posso e quero ser, resolvi confidenciar-te: sou homossexual. Apesar de só me dar conta disto há poucos anos, me considero assim desde pequeno. É difícil, ainda hoje, me ver assim. Foi um processo lento e doloroso de aceitação contra o qual lutei muito, mas hoje, posso ver que sou assim graças a Deus. Porque Ele me fez assim. Muito eu procurei pelo motivo disto. Já me culpei e culpei a você e ao pai, mas agora sei que as coisas não acontecem por acaso. Segue-se um plano Dele. Entenda que tudo foi feito com a melhor intenção. Então, não se culpe e sei que é difícil entender, mas só nos resta aceitar. Posso dizer do quanto tive medo em te dizer isto, mais ainda que soubesse disso através dos outros. É um alívio imenso estar te falando. Preciso me libertar do segredo para poder viver tudo que quero viver. Não tenha medo da opinião dos outros. Existe muito preconceito sobre isto, mas é devido à muita ignorância. As pessoas só vêem os gays como aquelas figuras satirizadas ou ridicularizadas, mas esta é uma minoria. Você já conviveu com gays e nem se deu conta disto. Assim como eu! Não sei como você vai me ver de agora em diante, mas acredite que agora você me vê mais inteiro, mais verdadeiro. Sofri muito também porque sei que tinha outros planos para mim. Idealizou meu casamento e meus filhos. Poderia ter feito isto, mas seria uma falsidade e desonestidade para comigo e para todos. Sou honesto e corajoso para saber o que é melhor. Espero que me aceite, pois minha caminhada até poder escrever esta carta foi de muitos machucados e cicatrizes, mas de muita garra e alegrias. De um filho que te ama". (silêncio, seguido de um momento de emoção).

Márcio – Muito bonito isso que você escreveu.

Henrique – É?

Márcio – É sim. Você mandaria uma carta dessa para a sua mãe?

Henrique – Você sabe que eu fiquei pensando? Porque eu fui para a casa dos meus pais este fim de semana e fiquei pensando se eu mostrava para ela. Bom, eu acho que eu mostraria, mas é que o momento em que está agora é um outro momento. Acho que isso aqui que eu escrevi já foi dito, são idéias do que já foi pensado e falado. Às vezes, eu ainda, é, gostaria que eles me perguntassem mais, para entender um pouco mais dessa minha trajetória que foi assumir isso, entender e lutar contra, me machucar, me fazer uma porção de coisas ruins para estar onde eu estou, mas nunca foi muito interesse deles, nunca teve essa pergunta assim, (silêncio), não sei o que quê...

Márcio – E, você mandaria uma carta dessa para seus irmãos?

Henrique – (silêncio). É, seria interessante. Eu mandaria. Eu acho que ia me colocar um pouco mais para eles, ia dar um pouco mais de elementos para pensar e refletir um pouco mais sobre mim. Seria muito bom.

Márcio – Eu havia te perguntado em uma das questões para esse encontro, de quais eram as influências que fizeram você pensar sobre a sua sexualidade, sobre você hoje?

Henrique – Quais foram às influências?

Márcio – Isso. Eu perguntei: *"Tente identificar os espaços e lugares (escola, família, trabalho, faculdade, entre outros que lembrar) que influenciaram o modo de você pensar sua vida e a lidar com sua sexualidade".*

Henrique – (silêncio). Eu acho que está tudo aí, muito exposto na entrevista do quanto teve força inibidora da minha família, de quanto era influenciado pela sociedade de quando eu ouvia as piadas contra homossexuais, eu me recolhia, ficava mais introvertido, (silêncio), não sei assim, que coisas..., por outro lado, assim, eu acho que todas essas idéias que ficaram, que foram vindo mais de situações em que eu me via mais observando, mais atraído sempre mais pelo masculino, o ideal do homem, sempre foi essa a idéia que ficou. Os meus relacionamentos heterossexuais foi com uma insistência, com uma coisa de forçar uma situação, querer e ir contra o que já estava gritando dentro de mim. É, então, sempre foi colocado assim, e isso influenciava para mim. Ah, não sei mais o que eu posso dizer, acho que seja isso que eu identifico.

Márcio – Você me disse sobre sua mãe ter a idéia de que ser homossexual era ser travesti e que você reproduzia essa visão também.

Henrique – Isso.

Márcio – Você me disse de uma condição religiosa também.

Henrique – É, a condição religiosa, como coloquei ali, eu procurei, trabalhei minha religião entre aspas, a minha espiritualidade do meu modo, de uma forma que eu sei que não é um jeito que a Igreja Católica prega. Eu ainda freqüento a Igreja Católica porque eu acho que não é incompatível eu levar minha espiritualidade dentro da Igreja Católica, mas eu sei que eu não estou de acordo com o que a religião diz. É, e do mesmo jeito, a Igreja não está de acordo comigo, eu não estou de acordo com a Igreja. Então, agora, que isso também faz parte de uma inibição, de sentir uma..., de ser travado, de ter determinadas visões preconceituosas, isso é influência de tudo, pois não tem como ser inerente ao meio, né?

Márcio – E quando eu perguntei para você sobre quais eram os pontos críticos da sua vida e se você conseguiria identificar, você consegue me falar os pontos que você identificou com o que você leu na entrevista? O que mais marcou para você?

Henrique – (silêncio).

Márcio – Bom, a gente falou bastante sobre a situação do encontro com seus irmãos?
Henrique – Sim.
Márcio – Podemos considerar esse um momento crítico da sua vida? Algo que foi importante e mexeu bastante com você, que modificaram algumas coisas?
Henrique – Sim, sim. Ahã. É, eu acho que eu coloquei aí, não me lembro em que parte, em que eu estava tendo, essas situações heterossexuais e meus namoros, e como eu falei, eu estava tentando me encontrar e tentar ver se era possível modificar essa minha atração, esse meu desejo. É, até que chega em um ponto em que eu falo para mim: "Basta! Eu tenho que conhecer o outro lado, tenho que deixar fluir e ver o que quê é isso". E de ser uma coisa totalmente programada de que deixaria isso acontecer quando eu tivesse a independência financeira. Quando eu já estivesse livre, inclusive me deu um branco, no momento em que eu estava analisando aí a entrevista, se isso foi acontecer quando eu me formei ou quando eu me formei e estava fazendo um curso especializado na área ou se quando eu estava terminado essa especialização e já estava fora da academia, da faculdade, que teria acontecido a minha primeira relação homossexual.
Márcio – Isso quer dizer que não seria com vinte quatro anos? Seria mais tarde daí?
Henrique – Pois é, seria daí mais tarde, eu fiquei analisando, tentando me lembrar disso e eu ainda estou em dúvida quando foi que aconteceu exatamente. Eu não sei se a pontuação que marcou foi ter independência financeira, porque nesse curso onde me especializei já tinha remuneração, mas estou quase certo que não foi durante esse curso após a graduação, tenho quase certeza que foi quando eu terminei este curso de especialista, e eu já tinha uns vinte seis anos nessa época. Pensar nisso agora..., nossa...., mais uma surpresa. (risos). Bom, isso foi um momento marcante, de entender isso e acontecer era nesse momento, é, e momentos marcantes foi o falar para a minha família, mas não sei o que mais pode ser..., (folheia a entrevista). Às vezes, a gente não fala tanto, do quando e do excitante e da coisa alegre, legal do ser homossexual, de acontecer de ter..., ser olhado, ser admirado, ser tocado, ou estar trocando um olhar onde você achava que não haveria..., quanto que isso é..., (suspira), dá aquele frio na barriga de emoção forte e isso é o lado bom da vida, como você se surpreende tendo um encontro sexual onde você menos esperava, (risos), quando, por exemplo, no banheiro do bar (nome do estabelecimento) que eu fui abordado..., (risos).
Márcio – Como foi essa história?
Henrique – Quando ainda o banheiro do antigo bar (nome do estabelecimento) era lado a lado, dois mictórios, que eu estava ali e chegou um cara do lado e veio pegar no meu pau. É, daí eu falei para ele que ali não era para acontecer, mas que era para ele me esperar lá fora que a gente ia conversar. E que daí rolou de a gente ir para a casa dele. (risos). É, teve um outro, uma história assim, surreal, em que eu também estou nesse bar, no balcão, passa um rapaz e me dá aquela encarada e eu o sigo até o corredor lá do fundo e aí é quando ele vira para mim e fala: "Do you speak english?". Ele era um garoto turco, que estava fazendo intercâmbio aqui e que não podia deixar os colegas saberem e eu saio com ele de carro e vou fazer uma pegação na rua, em uma rua deserta. (risos). Teve um cara que eu conheci no bar, também no banheiro e saímos do bar e fomos para a casa dele, ele disse que era policial e que ia vestir a farda, e quando ele voltou de farda e começou a tirar, ele estava com uma calcinha e ele me perguntou se eu gostava e eu respondi que não, que preferia que ele tirasse ela. (risos). Então, é, parece que a gente quer falar só dos problemas, do sofrimento, e não falam dessas coisas boas.
Márcio – E como você tem dito aí, põe boa nisso. (risos).
Henrique – Ahã. (risos). Nossa, como é quando você tira os pés do chão, quando você é correspondido, sente desejo, troca aquele beijo, e que rola toda uma história que são, às vezes, curta, às vezes, longa. (risos).
Márcio – Mas são histórias, né?
Henrique – Sim, mas são histórias. Já teve vezes em que pensar sobre..., ah, tem gente que fala: "Ah, se eu pudesse eu não seria homossexual", e eu pensava assim também e hoje em dia eu tenho dúvida. Eu acho que teria algumas vantagens sociais sim em eu ser heterossexual, mas têm muitas coisas da vida homossexual que são muito boas e que, às vezes, a gente menospreza esse convívio dos amigos, de forma alegre, é, eu acho que a gente tem bastante história e se tem coisas que não são agradáveis, isso têm, mas o heterossexual também tem. Eu hoje me dia considero assim..., não vou dizer, com certeza que eu gostaria de ser homossexual de novo, mas hoje em dia eu tenho dúvidas, se poderia ser heterossexual ou poderia ser homossexual. (silêncio). Acho que é isso.
Márcio – É isso? Ok. Então gostaria que você me falasse como você sai daqui hoje depois dessa conversa?
Henrique – Eu percebi que eu não sou isso que falei naquela entrevista, esse mostro de preconceito, eu era isso e eu tive que pensar muita coisa. E que eu tenho tido e tenho buscado pessoas não assumidas e que eu me via fazendo isso, de me envolver e de quando eu perceber que eu estava ficando sério o relacionamento, ficando mais envolvido eu ficava com medo e dava um jeito e dava uma desculpa para terminar aquela relação. Por isso eu tenho uma história de uma porção de muitas relações amorosas de um mês, dois meses, de três meses, de cinco meses. Isso..., talvez assim, diferente dessa pessoa que eu terminei agora, que não tem coragem de colocar, de falar um não, quer ter um envolvimento, mas sem se envolver totalmente, sem cair de cabeça, é, então, quer só uma fatia do que um envolvimento tem. Eu naquela época, é, eu pulava fora, eu cortava a pessoa do meu convívio. Eu sei que eu tenho uma tendência assim..., quando uma situação está meio enrolada, eu quero

descartar logo. É, então, é isso assim, eu vejo esse relacionamento com esse último, que essa pessoa..., eu acredito que ela até tenha sentimento por mim, que gostaria de estar, mas ele não consegue ir além daquilo que ele estava dando, que ele estava oferecendo, bastava para ele, um contato mínimo, um contato pobre afetivo, era isso que era o objetivo dele, como teve outros assim, que simplesmente sumirão da minha vida sem dar paradeiro. Então, é aquele problema da pessoa não assumida, e eu acho que o sacana (ênfase na palavra) disso, é que a pessoa poderia..., se ele saca que não quer um envolvimento, se quer somente o sexo, que ele tenha isso, coloque isso claramente: "Eu estou para transar", eu não vejo problema nenhum em fazer assim, mas a pessoa não dá conta de se perceber, e aí entra na relação, diz umas coisas que não é aquilo..., quer dizer, não sei se não é aquilo que acredita, mas não dá conta de viver aquilo, existe uma limitação maior que impede, né. (silêncio). Eu acho que era isso.
Márcio – Você se via como essas pessoas antes?
Henrique – Eu me via, eu me via parecido com essas pessoas, como eu falei, eu não deixava margens a ficar com essa dúvida, então, eu cortava, eu descartava, com dor e sei que provoquei muita dor, é, mas eu achava que assim era melhor. Eu não iria insistir naquilo, era isso que eu pensava. É, essa coisa minha..., essa confusão de ser assumido e de ser afeminado, né? (risos). Que coisa, racionalmente, está tudo explicado e inconscientemente eu me traio, me traio, me traio, repetidamente. Estava procurando aqui na entrevista e não me lembro porque eu marquei essa parte aqui onde você pergunta: *"Você acha que um passivo, mais efeminado recebe muito mais preconceito que um ativo ou que não seja efeminado?"*, e eu concordo e a razão era que já fica a imagem social generalizada de tirar sarro, das piadinhas da tv, do cinema. Essa conotação eles mantém esse mesmo juízo de valores, de manter um desvalor do efeminado, do passivo, né. Eu pensei que eu não tinha abortado isso.
Márcio – E, você tem mais alguma coisa para acrescentar sobre a experiência de ter falado tudo isso hoje.
Henrique – Foi mais clareadora, mas eu ainda me vi entrando no mesmo mecanismo.
Márcio – Que mecanismo?
Henrique – No mecanismo de me defender, me..., na inibição, não falando tudo como eu queria..., aliás, o que quê você achou?
Márcio – O que eu achei? (assustado com a pergunta).
Henrique – É. Como te disse, queria que você fizesse uma análise de tudo que conversamos. Esse é o meu preço para a entrevista. (risos).
Márcio – Bom, eu fiquei surpresa, com a forma que você leu tudo isso e pensou tudo isso. Eu vim com uma idéia que você iria manter a mesma linha de raciocínio da entrevista que a gente realizou.
Henrique – Ah, é?
Márcio – É, pois quando a gente conversou, você veio com convicção do que você tinha dito, em todo momento você..., como você disse: "Por ser oficial eu deveria estar mais armado", mas você não se encontrou no que você falou, então, eu fiquei surpreso de você estar assustado quando você lê você mesmo e diz: "O que quê é isso?". Eu diria que esse momento de leitura que você fez de você mesmo falando, baseado em autor chamado Foucault, eu diria que você teve um encontro com o poder. Quando você pega e olha e diz: "Deixa eu pensar sobre isso, isso soa estranho", e daí você pára para pensar em uma coisa da sua vida, que está no seu cotidiano e que repete, repete, repete, mas que teve que estar em um papel escrito para você ler e falar: "Nossa, eu estou falando isso".
Henrique – (riso nervoso). É.
Márcio – Porque aqui está tudo o que você falou, não tem nada aqui inventado, aqui está uma transcrição de uma gravação literal, até as expressões eu coloquei tudo aqui, até erros de português está aqui, como foi falado, mas assim, você teve esse momento de reflexão porque você teve um encontro com o que você escreveu e isso te incomodou, pois você me ligou umas três vezes para falar sobre a entrevista. Uma vez você falou para mim: "Não vou escrever a carta para minha mãe". Outra vez você me disse: "Ah, é muita coisa". Outra vez você me disse: "Tem que ser terça, de qualquer jeito, não quero esperar mais". Isso demonstra que você estava incomodado e queria por isso para fora.
Henrique – Ah sim, isso é verdade, eu estava querendo falar aquele dia, na quinta-feira. Eu tinha começado um dia, mas bem pouco e na quinta-feira eu fiz a maior parte, né, daí eu estava terminando, daí eu te liguei para tentar agendar aquele dia mesmo, na quinta-feira.
Márcio – O interessante foi que você marcou agora o nosso encontro logo depois da sua terapia, né, então, hoje é um dia que você já vem mais calmo, mais reflexivo da terapia, repensando coisas e ainda, saiu de lá e veio pensar mais coisas aqui e isso, possivelmente, tenha mexido muito com você.
Henrique – É sim. É verdade.
Márcio – A gente não está falando de um fato, mas de uma reedição, mesmo que curta, de mais de quarenta anos de vida, de passagens de onde você passou a sua vida, não é? E como você foi lidando com todo isso, de um jeito individual, próprio, mas atravessado por diversas ideologias, acontecimentos que estão dissolvidas pela sociedade. Nós não somos um corpo no vácuo, a gente está dentro de uma história, de uma cultura, de um contexto. Então, no seu discurso, o que quê eu vou querer analisar? Tudo o que foi formando você enquanto pessoa, diferente de como outra pessoa foi constituída, pois histórias são únicas, como você lidou com isso é único. Eu fiquei realmente surpreso como você lidou com a leitura da sua entrevista, e até que você fez análise

inteira para mim. E fiquei surpreso também quando você disse: "Eu não sou isso, eu era isso". O que quê você pode querer dizer para mim, quando você diz isso? Você quer dizer: "Puxa, eu vou ter que repensar tudo isso, porque se eu estou pensando isso, alguma coisa está errada, e quero ver onde está isso. Vou ter que repensar todos os pontos que eu falei, e não concordo mais, pois o que vi não é o que eu quero para mim".
Henrique – Pois é, será que eu realmente mudei? Eu tenho para mim, que eu mudei, mas daí eu fiquei pensando, e justamente ter feito a terapia hoje, ter também lá umas questões, eu achar que eu estou diferente, eu me achar diferente, mas que na verdade eu estou agindo, é, igual. Será?
Márcio – Eu tenho um posicionamento assim, todos nós, por ordem social, somos homofóbicos, de alguma forma. Não existe ninguém no mundo que não tenha uma certa homofobia. Eu me vejo algumas vezes agindo de maneira homofóbica. Então, a gente tem que ver como que a gente fala e como vai lidar com isso, como vai laçar isso, por exemplo, quando a gente tem um momento homofóbico e como a gente reage a isso. Se você vai modificar daqui para frente, depois das sacadas que você teve lendo a entrevista e não gostando de suas declarações, eu não sei, mas você sabe que algumas coisas você terá que laçar e resolver isso.
Henrique – Ah, sim, vou ter mesmo.
Márcio – Isso assim, a gente nunca vai deixar de ser homofóbico porque a gente é um sujeito histórico e estamos na história que é repleta de coisas que constroem e mantém a homofobia, a gente sempre ouve uma piada ou um comentário que vai nos incomodar. Mesmo a pessoa que diz ser ateu, agnóstico, quando ele vai subir no avião, ele faz o nome do pai, não é?
Henrique – Ahã, e ainda fala: "Graças a Deus".
Márcio – Então, a gente sempre vai estar se vendo com isso, mas temos que ter a sacada de entender que isso faz mal para as pessoas e para a gente que vive a homossexualidade. O preconceito tem que ser escondido, tem que se ter vergonha do preconceito e não mostrá-lo, esconder e controlá-lo, pois ele é feio e faz mal. Você me pergunta: "Será que eu mudei?" e eu não posso te responder isso e nem acho que você tem essa resposta imediata, mas muita ficha caiu, e com certeza, quando você se pegar em uma situação dessa, você vai estar refletindo e pensando duas vezes antes de passar para frente seu preconceito e demonstrar ele. Só o fato de você me contar esse último relacionamento que você teve, falando assim: "Olha, eu me vi que eu busco pessoas que não são assumidas e que isso não dá certo, isso que você quis me dizer, não vai dar certo, pois ele vai ter um limite ali e naquele limite, por exemplo, da invisibilidade, se ele não resolver isso para ele, por mais que ele queira conhecer mais profundamente alguém, se não resolver aquilo ele com ele, não vai ter trocas com outra pessoa, não vai poder oferecer nada para ninguém e, às vezes, não adianta insistir que não vai passar disso naquele momento, pois a pessoa vai ter que se ter com a homossexualidade dela, ou melhor, com a homofobia dela. Então, sinto que isso pode ter se modificado, e se você falar: "Nunca mais vou procurar alguém não assumido", eu não vou falar que sim ou que não, mas você vai estar sabendo, vai identificar que aquilo pode te trazer alguma situação de desconforto. Não vou falar que você está isento de procurar outra pessoa como as que você tem encontrado, que não querem nada sério e você terá que perguntar o que você quer com o outro e porque e pra que quê você procura as pessoas que você encontra na vida. Podemos fazer um paralelo com um alcoolista que passou por um tratamento e decidiu parar de beber; dizer que ele nunca mais vai beber, pode ser que ele tenha uma recaída, mas aquela recaída não vai fazer com que ele perca todo o tratamento e a crença em ficar melhor. Ele pode ter uma recaída, mas pode não querer voltar para aquela vida que ele acreditava que lhe fazia mal. Com as questões do preconceito também, se terá que matar leões por dia pra vencer esse mundo cão de preconceito e não passar isso pra frente e não aplicar na própria vida. Acho que você pode cair em um relacionamento com outra pessoa não assumida, que tenha dificuldade de lidar com isso, que te ofereça pouco como você reclamou a pouco e que potencialize seus medos, mas pode dizer que não é isso que você quer e cair fora, ver que não é isso que você quer, que não é esse tipo de pessoa que você quer na sua vida, você pode querer construir um relacionamento. Não há nada errado com quem quer ficar sozinho e ter apenas relacionamentos ocasionais, mas tem-se que perceber o que deseja para si mesmo.
Henrique – (riso nervoso). O duro..., parece que análise é isso..., a gente identifica o quê que está.., o que está de acordo ou o que não está, o que você está fazendo que está te atrapalhando, agora, dizer que isso mudou, como que faz para mudar, (risos), parece que não vem essa resposta.
Márcio – Assim, tem muita coisa que demorou para ser construída, não é? Quando eu te perguntei quais eram as suas influências e você respondeu em determinado momento que era a sua mãe que pensava que homossexual era travesti e você disse que você estava reproduzindo isso, então você terá que desconstruir isso que foi construído durante um longo tempo, que você teve proximidade com sua mãe ouvindo isso e mesmo não estando tão próxima dela, isso pode ter ficado na sua cabeça, que existe apenas um jeito de ser homossexual na vida. Então, como você vai desconstruir isso de uma hora para outra? Você terá que ter esses choques mesmo, essas vivências e nesse momento tomar decisões e pensar o que está acontecendo. Só a história e seus acontecimentos dirão como você lidará com isso, terá que viver para saber.
Henrique – É. Deixa ver se eu tenho mais alguma coisa para te perguntar, aproveitar que você está aqui.
Márcio – Mas confesso que fiquei muito surpreso pela forma como você me deu essa devolutiva, de maneira reflexiva que você pensou.

Henrique – Ah, é? Sério? (risos).
Márcio – É difícil fazer o que você fez, assumir que está equivocado em alguns pontos e que precisa reavaliar algumas práticas e pensamentos.
Henrique – É, não sei que porque que daí no ler, eu vi e me perguntei: "Para quê que eu estou dizendo isso? Para quê que eu vou manter essa mentira, essa imagem, não tinha por quê".
Márcio – Você me disse pouco antes de a gente começar a falar que tem momentos que junta tudo na vida, problemas financeiros, problemas familiares, problemas nos relacionamentos e você me disse que tinha juntado tudo isso com você.
Henrique – Isso.
Márcio – Então, talvez, você tenha lido essa pesquisa com o espírito crítico, talvez, quem sabe, até dissociando que não era você quem tinha escrito e que você ia ler uma biografia de outra pessoa e você se questionou: "Nossa, o que esta pessoa está pensando?"
Henrique – (risos).
Márcio – Você foi se surpreendendo, pois quando a gente fala, nem sempre a gente ouvi, a gente escuta. Mas quando está escrito, está escrito, está ali, não tem como modificar no papel. Quando a gente fala...
Henrique – É, poderia ter a mesma reação de eu ter ouvido a fita, de ouvir eu falar, mas estar escrito no papel fica mais..., fica mais evidente, mas também ouvir a gravação poderia ter sido interessante, pois daí você está analisando o que você está dizendo e de concordar ou discordar daquilo. Mas assim, mas eu quis analisar isso, o porquê que eu agi desse jeito, será que foi desse jeito mesmo? Eu estava querendo me esconder e aí eu coloquei essas besteiras aqui, essas...
Márcio – Mas na primeira entrevista, você acha que estava sobre controle da gravação, mas acredito que você estava a vontade para falar isso, acredito que você se envolveu na conversa. Você respondeu o que você pensava, você respondeu o que estava pensando e foram mais de três horas de entrevistas, as pessoas não conseguem ficar mais de três horas controlando o que vai falar.
Henrique – É verdade, ninguém consegue tanto tempo tentar controlar o que vai falar, isso é verdade. Daí fala essas bobagens.
Márcio – Foi uma conversa muito tranqüila, sem cobrança, você poderia falar o que quisesse.
Henrique – É, verdade. Eu falar de freqüentar boate heterossexual e me sentir melhor ali, as pessoas mais parecidas comigo? (silêncio). Claro, que eu não faço isso, de ir a boate..., mas eu faço essa imagem, da pessoa heterossexual e por outro lado, eu tenho o meu preconceito contra o lugar homossexual, as pessoas, então, isso escapou dessa forma, eu expus o preconceito, mentindo, colocando uma coisa idealizada?, uma forma que eu queria que fosse. (silêncio).
Márcio – E uma outra surpresa que eu tive foi que achei que você queria fazer a entrevista logo e se livrar disso quando você disse quinta-feira: "Ah, vamos fazer logo isso, eu não terminei tudo, mas eu preciso e prefiro entregar já". Na verdade, essa ansiedade não era para me entregar por não estar envolvido, por não estar a fim de fazer, na verdade, teve uma outra conotação, pois isso te trouxe um mal-estar, trouxe um pensar e querer falar sobre isso e queria me encontrar pelo excesso de desejo em falar sobre isso. Você até me fez uma barganha, dizendo: "Eu te dou a entrevista e entrego o que você solicitou mediante a uma..."
Henrique – Análise do que eu estou falando, (risos).
Márcio – O que aconteceu? Isso tudo que você leu te incomodou e você, poderíamos dizer que teve um encontro com suas palavras, encontro com você mesmo.
Henrique – Isso, é isso mesmo. Me incomodou bastante.
Márcio – Que bom que isso te incomodou. Seria muito estranho você achar que falou coisas estranhas e não querer pensar ou falar sobre isso. Porque quando a gente acha que a gente falou besteiras e não pensa sobre aquilo que é preocupante, mas você teve o espírito crítico e quis falar sobre isso, você leu sua entrevista com criticidade e acredito que um dos objetivos desse trabalho é promover a crítica às questões que envolvem as sexualidades.
Henrique – Que legal. É interessante. É trabalhar a análise do que o próprio analisando propõe e ele mesmo está de frente, participando, refletindo, não sendo apenas paciente, mas fazendo também.
Márcio – Eu penso que todo mundo tem teoria para tudo, e por quê a gente não pode ter teoria para a própria vida? Para falar um pouco sobre nossas vivências? Não é?
Henrique – Como assim?
Márcio – Por exemplo, eu tenho teorias e explicações porque eu sou de um jeito e de outro, se são verdadeiras não sei, mas penso algo sobre a minha forma de me comportar. Então, porque eu não posso opinar sobre a minha própria vida? Você é a pessoa que vive a sua vida, que está com você em todos os momentos, então você tem propriedade para falar sobre a própria história.
Henrique – Sim, eu acho que todo mundo tem.
Márcio – Sim, por isso a idéia do meu trabalho é ouvir as pessoas, pois eu posso falar de você, mas não posso falar por você. A única pessoa que pode falar por você é você mesmo.
Henrique – Entendi. Eu acho sobre a teoria sobre minha vida, o que acontece é que a gente vai criando teorias...

Márcio – Sim, crenças, valores, a partir das nossas experiências.
Henrique – Você pode em um dado momento, re-analisar, olhar com outros olhos e refletir que não foi bem assim, então, reeditar essa teoria é..., não sei se é analisar melhor, mas é re-analisar e reeditar, colocar uma outra teoria, pois você não deixa de criar uma outra teoria sobre você. (risos).
Márcio – Sim, e você fica com esses pensamentos até quando isso te traz algum conforto, depois, vendo que não é aquilo você pode repensar. O que eu quis dizer é que é possível a todo o momento, as pessoas pensarem a vida a partir de suas vivências e precisa da ajuda do outro, o que eu quero dizer é que as historias de vidas são importantes e por isso estudo isso. Essa é a graça da vida..., é você ter contato com algo e repensar a vida, você pode assistir um filme ou ler um livro e se modificar com a percepção daquilo que te tocou. Mas você está certo quando diz que a mudar a vida em um dado momento porque aquilo que acreditamos é disfuncional, é viável, pois vivemos o mundo das possibilidades, e os pensadores, os filósofos, as pesquisas, a academia, o conhecimento popular estão aí para isso. O legal é que o ser humano é plástico e por isso digo que a gente nunca pode dizer que nunca fará algo. O que me garante que eu nunca me transformarei em uma travesti? Eu não posso garantir..., hoje eu posso falar que não quero e que não tenho interesse, mas não posso garantir com certeza, pois muita gente descobriu uma outra forma de expressar e ampliar a própria sexualidade quando menos esperava, conheço histórias assim. Porque uma travesti antes de se transformar em travesti, já pode ter sido um gay e vice-versa. O corpo é uma extensão de prazer e quando menos a gente espera, descobrimos prazeres jamais experienciados. Sexo passivo, os homens podem falar que nunca iriam fazer porque poderia tirar a condição masculina deles, mas porque fazem uma fez e continuam fazendo e tendo prazer naquilo? Será que na experiência que tiveram não obtiveram um prazer que traz vontade de sentir esse prazer de novo? Então, reeditou uma crença, teve que passar por cima de um aprendizado cultural em que acreditam que o homem perde a masculinidade e se aproxima do feminino quando está tendo prática sexual passiva e põe aquilo no campo do prazer. Isso é possível, mas é preciso experienciar, e assim, aceitar ou rejeitar. Talvez tenhamos que nos atentar se aquilo que fazemos é consentido pelo outro, se não estamos fazendo mal para outro e nem para gente, penso que no demais vale tudo. O ser humano é um ser das possibilidades, basta desejar isso e não permitir que o mundo e suas regras nos fechem em nós mesmos.
Henrique – É verdade. Nossa, que legal. Mas a gente ainda é muito influenciado pelo meio. Quero dizer, recolocando isso, eu acho que tem pessoas que são mais influenciadas do que outras, e de repente aquela coisa de ter mais superego e outras mais id, então, o quanto que você carrega um mundo nas costas à toa e porque que isso acontece assim. (risos).
Márcio – Tem um provérbio em latim que eu adoro que diz que: "Tudo que é recebido, é recebido da maneira de quem recebe" e tem um poema do Camões que fala: "Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades...". Então, cada época da vida, a gente recebe as coisas de uma forma. Você me disse que recebia a idéia da homossexualidade como pecado, pois você vinha de um contexto religioso forte e favorável a esse pensamento, entretanto, um tempo depois, você disse que teve uma experiência e entendeu que você poderia viver sua espiritualidade independente da Igreja ver isso como pecado.
Henrique – É verdade.
Márcio –Bom, eu acho que era isso.
Henrique – É. Acho que sim.
Márcio – Gostaria de falar mais algo ou fazer mais alguma pergunta?
Henrique – Não. Já foi muito bem paga a entrevista com a sua análise e com a sua ajuda. (risos). Só ia perguntar se você já assistiu aquele seriado "*Queer as Folk*".
Márcio – Já sim. Até a terceira temporada assisti todos os episódios, inclusive é uma série que eu gosto muito de assistir, me dá idéias para pensar várias coisas. Lembro bem de todos os personagens.
Henrique – Então, eu estou assistindo a quarta temporada e tem o Emmet que conhece um jogador de futebol americano e vira amante dele e eles só se encontram para transar em um motel. Daí no mesmo episódio o Mike que é casado com um cara soropositivo e que adotou um menino soropositivo, eles passam por uma crise, e o Mike tem a oportunidade de trair o companheiro e não o faz porque não quer que a relação enfraqueza, ele quer que dê certo para eles ficarem juntos, pois eles se amam e querem estar juntos.
Márcio – E o que você quer me dizer com esse comentário?
Henrique – Ah, que eu não quero viver como o Emmet, ter caso com pessoas que só querem transar e se encontrar às escondidas, quero alguém, quero viver histórias mais duradouras, quero viver igual o Mike e o namorado dele. Descobri isso com a entrevista e com o seriado, pois coincidiu de assistir na mesma época o episódio que li a entrevista. Mas sei que tenho que modificar algumas coisas em mim, senão vai ser assim sempre, repetirei minhas histórias afetivas que só tem cama, medo, escondidas e são curtas.
Márcio – Desejo que você viva histórias bonitas.
Henrique – Obrigado.
Márcio – Mais alguma coisa?
Henrique – Sim, gostaria que você tomasse sorvete antes de ir embora.

Márcio – Ok. Obrigado, mas tenho que ser breve, pois já está tarde. No demais, mais uma vez obrigado pela colaboração e pela entrevista.
Henrique – Eu quem agradeço.

Entrevista nº 2 – História de Marcos

Antes do início da entrevista, o participante ficou muito ansioso por ser uma entrevista gravada, relatando até ter esquecido que o participanter, em um primeiro contato havia informado à ele de todas as condições da pesquisa e entrevista. Antes do início da entrevista, foi esclarecido todas as questões pertinentes ao processo, sendo lido o termo de esclarecimento e o de consentimento, tendo o participante concordado. Entretanto, para que o participante ficasse mais a vontade (menos ansioso), antes do início da entrevista, após ligar o gravador, iniciei algumas explicações da entrevista para que ele pudesse acostumar com a situação. Marcos, o participante, também relatou estar ansioso por conta de sua voz ficar diferente quando gravada, o que ocasionou em um desconforto para o participanter iniciar a entrevista, fato também que fez com que conversassem muitas coisas anteriormente ao início da gravação. Marcos solicitou que eu repetisse sempre a pergunta, para que ele entendesse, porque queria entender bem o que era perguntado para poder responder de acordo com o solicitado. Relatava que embora um pouco nervoso, dizia estar muito disposto a realizar a entrevista. A entrevista foi realizada em dois dias consecutivos (sábado e domingo) pelo fato de o Marcos estudar e trabalhar e se dispor a ser participante apenas nos fins de semana.

Márcio – Primeiro gostaria de agradecer a entrevista, você vai me ajudar bastante. Essa ajuda que você está dando diz respeito a uma pesquisa, portanto seus dados serão todos coletados e tem um documento que você vai assinar para proteger você da visibilidade, de não estar expondo seus dados, sendo para uma questão de pesquisa mesmo, tem um sigilo e uma questão ética que eu respondo, caso eu viole essas regras, né. Então, depois eu te dou o papel e você assina, e você vê como é tudo isso aí. Caso a qualquer momento da entrevista você achar desconfortável, não quiser mais, você fica a vontade também. No final da entrevista, eu vou transcrever todas as fitas e vou entregar para você e daí você vai ler e se você não concordar com alguma coisa, você pega e diz: "Olha, eu não concordei com isso", e a gente arruma direitinho.
Marcos – Certo. (com voz firme, em seguida inicia um ataque de riso, que ele próprio censura, não mantendo contato visual com o participanter, olhando para baixo e mordendo os lábios).
Márcio – É, para realizar essa pesquisa eu tive que ter dois critérios, né. Então, quando eu entrei em contato com você eu te disse que precisaria de alguém que se autodenominasse homossexual, fosse do sexo biológico masculino, e que participasse de espaços GLBT. Que freqüentasse boate e bares que fossem freqüentados por homossexuais. E, você se encaixa nessas duas categorias. Então, eu precisaria de alguns dados pessoais para a gente ir conversando. A importância dessa pesquisa que eu estou fazendo é para conversar um pouquinho sobre como as pessoas têm lidado com o preconceito, como você tem lidado, como você tem visto tudo isso, como você tem sentido e como você tem vivenciado sua história. Então, assim, a gente via montando a sua história para a gente saber como você tem lidado com tudo isso. Tudo bem?
Marcos – Tudo bem. Certinho.
Márcio – Tá. Assim, como eu não posso identificar você, eu pediria que você desse um nome fictício de que você gostaria de ser chamado.
Marcos – Pode ser Marcos.
Márcio – Tá. Qual é a sua idade então?
Marcos – (diz a idade).
Márcio – Ok. Cor de pele?
Marcos – Branco.
Márcio – Raça?
Marcos – Brasileiro.
Márcio – Ahã. Religião?
Marcos – Não freqüentante mais. (risos).
Márcio – O que você quer dizer com não "freqüentante mais"?
Marcos – Que eu não freqüento, que ultimamente não tenho freqüentado nenhuma religião, vim de origem evangélica, mas, atualmente, não freqüento nenhuma religião.
Márcio – Por quanto tempo você freqüentou a igreja evangélica?
Marcos – Evangélico, por uns..., por aproximadamente uns sete anos mais ou menos.
Márcio – Ahã. Escolaridade?
Marcos – Ensino superior, cursando.
Márcio – Formação? Tá fazendo formação em quê?
Marcos – É, na área de informática.
Márcio – Informática. Atividade profissional?
Marcos – Também do ramo.
Márcio – Também do ramo. Ahã. Renda pessoal mais ou menos, mensal?
Marcos – Em torno de seiscentos, setecentos reais. Classe social baixa. (risos).

Márcio – Ahã. Estado civil que você está agora? Você está namorando, está com alguém?
Marcos – Solteiro.
Márcio – Solteiro. O quê que acontece que você está solteiro?
Marcos – Hum, acho que ainda não encontrei a pessoa certa ou ainda não consegui..., acredito que não tenha encontrado a pessoa certa.
Márcio – É? A gente volta a falar um pouquinho mais sobre isso em outras questões também.
Marcos – Certo.
Márcio – Como que é a pessoa certa para você. Com quem você está residindo atualmente?
Marcos – Eu estou dividindo apartamento hoje com um amigo, né, e moramos sozinhos. Eu e ele. A gente divide apartamento.
Márcio – E faz quanto tempo que você está dividindo com ele?
Marcos – Dividindo apartamento fazem uns três..., uns três meses.
Márcio – Uns três meses? E o seu amigo, qual a orientação sexual dele?
Marcos – Também homossexual.
Márcio – Ahã. Você acha que isso facilita para você dividir com ele apartamento?
Marcos – Com certeza, até porque seria difícil o dia-a-dia com uma pessoa que não fosse ou que não soubesse, até mesmo..., complicaria bem. Então, o fato de também (ênfase na palavra) ele ser homossexual facilita o dia-a-dia.
Márcio – Você já conhecia ele antes?
Marcos – Já.
Márcio – É. Ok. E como você descobriu que sentia atração por pessoas do mesmo sexo?
Marcos – Normalmente, isso é, pelo menos no meu caso, é bem precoce, você sente atração, mas até porque a sociedade cobra o oposto, de você não poder, desde a infância, normalmente eu reprimia isso, né. Eu tentava não sentir, sempre reprimindo a atração e o desejo.
Márcio – Você disse desde a infância, né? Como que você percebeu isso?
Marcos – Eu acredito que no próprio dia-a-dia, né, coisas simples, é, olhar e sentir atração, esse tipo de coisa, só que até então, hum, a princípio você acaba não dando importância ou tentando evitar, né. No meu caso, eu tentei evitar, a todo custo, a ponto de..., é, não pensar na situação em si, até eu sentir a atração, mas em seguida eu consegui não pensar na situação em si.
Márcio – Como você fazia para não pensar na situação?
Marcos – Pensava outras coisas, é, mudar de pensamento, enfim, tentar fazer outra coisa para não ficar..., para não pensar naquilo.
Márcio – Isso, com quantos anos você tinha?
Marcos – Que eu comecei a tentar não pensar, isso já em torno de uns quinze anos, dezesseis. Eu tinha essa facilidade, ao ponto, de eu chegar a não pensar e conseguir evitar.
Márcio – Ahã. O que você acha que ajudava você a evitar pensar sobre isso?
Marcos – É. A evitar? Ocupar o tempo, a cabeça com outras coisas, né. Automaticamente a hora que vinha eu pensava em outra coisa para fazer e ia seguindo, ao ponto, de não pensar mais.
Márcio –Ahã. Assim, sua família, é, sabe sobre sua sexualidade?
Marcos – É, não.
Márcio – Não?
Marcos – Não.
Márcio – O que você acha disso? Como é isso para você? Você acha que eles vão ficar sabendo um dia?
Marcos – Então, é, eu acredito que sempre alguma dúvida, pode existir, só que eu acredito que eu vou contar um dia, não sei quando, nem o momento, né, um dia até pelo decorrer, porque eu não pretendo me casar com mulher, então, vai chegar uma hora que vai se tornar uma situação, meio que inevitável, né, ou até o momento mesmo que eu encontrar uma pessoa, que eu vou estar vivendo com essa pessoa, se for do mesmo sexo, vai chegar uma situação que eu vou ser obrigado a contar, por enquanto ainda eu acho que não é necessário. Mas eu sei que vai ser necessário um dia, que um dia vai ser uma situação até não que necessária, mas que inevitável até por constrangimento ou por cobrança deles. Hoje já tem uma cobrança, essa cobrança tende, no meu ponto de vista, a aumentar.
Márcio – Que tipo de cobrança que existe?
Marcos – Cobrança do padrão, que é você constituir família, casar, é, ter filhos, né, e isso é uma cobrança grande, por conta dos pais que querem, é, netos, eles já têm netos por parte da minha irmã, mas eles sempre cobram, dizendo quando que eu vou casar, quando que eles vão ter netos, esse..., esse tipo de cobrança, né. Ou cobrança até assim, né, simples, como quem que é a sua namorada, esse tipo de cobrança, que por enquanto eu consigo relevar e contornar, mas vai chegar um ponto que num vai ter como contornar essa situação, sem contar a verdade, sem se abrir e falar o que realmente é.
Márcio – O quê que dificulta você a falar para os seus pais e para a sua família?

Marcos – Hum, hoje o que dificulta, eu acredito que..., não o que dificulta, mas é que eu não estou preparado ainda para receber a reação deles, porque, é, difícil prever a reação que eles vão ter, mas eu acredito que eles não aceitariam de forma alguma. Então, não sei se eu estou pronto ainda pra..., é, pra passar por isso ainda, pra..., (silêncio).
Márcio – De forma alguma eles não vão aceitar, hoje?
Marcos – Então, é, acredito que inicialmente não. Hum, posteriormente, eles..., hum, eles até..., como eu posso dizer, até aceitariam, não gostariam mais teriam que aceitar. Eu acredito que até porque é a minha vida, então, não tem como eles interferirem diretamente nisso. Mas eu acredito que, de maneira nenhuma eles..., é, não apoiariam, mas, como eu posso dizer..., eles não se agradariam disso de maneira nenhuma, isso eu tenho certeza, até pela formação religiosa deles, eu acho que é uma coisa assim, que momento nenhum seria da vontade deles isso, né.
Márcio – Então você acha que no momento eles não aceitariam?
Marcos – Não aceitariam.
Márcio – E o que faz você crer que eles vão aceitar mais para frente?
Marcos – Não digo que não aceitariam, é, ops, não digo que aceitariam mais para frente, eles até não aceitariam também da mesma forma. Eu acredito também que mais para frente eles estejam pensando da mesma forma, mas o que teria mudado seria eu, eu estaria mais pronto para receber essa não aceitação deles, né. Hoje eu acho que não estou preparado para isso ainda, eu acredito.
Márcio – Em saber lidar com isso?
Marcos – Bom, eu acho que eu teria dificuldades de lidar com isso hoje. (ênfase na palavra hoje).
Márcio – E, se descobrissem, de alguma forma hoje, como você reagiria?
Marcos – Aí..., né, seria inevitável, daí você tem que levar, né. Aí, você tem que..., se eles descobrissem mesmo, não tendo para onde correr, eu confirmaria e tentaria da melhor forma possível de eu estar convivendo. O primeiro passo seria esclarecer eles do quê que é o homossexualismo, né. Porque eles têm o conceito totalmente errado, até eles imaginam que o homossexual, ou amanhã ou depois, chegar em casa e falar que eu sou gay, eles vão ter uma visão meio distorcida do que é. Então, o primeiro passo, tanto hoje ou mais para frente, um dia quando eu for contar, seria esclarecer exatamente o que é isso para eles, pois eles não têm esse conhecimento. Até poderia ter esclarecido já, mas se eu for esclarecer hoje, se eles têm dúvidas, eles confirmariam essa dúvida. Então, então hoje eu não, não, comento sobre esse assunto com eles, mas no momento de falar ou que eles descobrissem, seria o primeiro passo, seria essa parte de esclarecer eles o quê que é, para eles pelo menos, é, saber a forma..., conhecer a forma real para eles depois tirarem as conclusões deles, mas com conhecimento do quê que é, e não só com o conhecimento do que eles têm.
Márcio – Ahã. Você diz que eles desconhecem então?
Marcos – Não é que eles desconhecem. O que eu vejo é que eles têm, é, uma visão distorcida do que seja o homossexual. Eles não têm essa informação. É uma questão cultural mesmo, para eles, é, eles vinculam a imagem que é passada, vinculam o homossexual com promiscuidade, enfim, e tem outros fatores que nem, que nem sempre estão envolvidos, né. Então, eu acho que eles ainda têm essa mentalidade cultural, né, e também falta informação também por eles serem, é, de baixa formação escolar, mesmo, então, eles não têm o conhecimento necessário, né. Eu acho que isso eles não têm.
Márcio – Qual é a escolaridade dos seus pais?
Marcos – É, todos, ensino fundamental, é, tanto meu pai quanto minha mãe.
Márcio – O quê que você acha que essa dificuldade de informação que eles têm, é, o que contribuiu para eles formarem isso? De onde eles têm a informação sobre homossexualidade?
Marcos – Então, eles, hum, as únicas informações que eles têm, hum, é da própria mídia, do próprio, é , é cultural, é da cultura em massa, e infelizmente, hoje aí, ainda, embora já tenha, é, os movimentos, os homossexuais..., é, já estejam avançando bastante, mas ainda, a cultura me massa em si, é muito preconceituosa, então, é dali que eles tiram as informações que eles têm. Então, dessas informações, hum, assim, eles acabam não tendo uma visão, é, que dê para eles avaliarem bem, eles só têm a visão preconceituosa, é o que eles conseguem ter hoje.
Márcio – Ahã. Então, você acha que a única informação que a mídia passa é preconceituosa?
Marcos – Não digo, assim, a cultura em massa hoje o que é mais forte. Existe bastante cultura que estão sendo divulgadas com informação realmente, é, concretas, do quê que é o homossexualismo, mas a grande maioria das informações é aquela passada, ainda, de pai para filho, é aquela coisa, é aquela imagem distorcida mesmo do que seria o homossexualismo. Então, é isso que eles têm. E na grande maioria, ainda hoje a população é preconceituosa, então, acaba passando essa imagem.
Márcio – Você disse que não mora com seus pais, você mora com um colega, dividindo apartamento. Onde seus pais moram?
Marcos – Eles moram em uma cidade próxima, é, que dá em torno de sessenta quilômetros daqui da cidade que eu moro, hum, eles mudaram, e eu na época trabalhava já, embora tivesse dezessete anos, já trabalhava e estudava, então, devido a isso não dava para mudar para a cidade em que eles foram, é uma cidade bem menor.

Então acabei, é, não mudando junto com eles, fiquei para trabalhar, pra estudar, acabei, é, ficando independente, mais independente, não que..., até hoje eu conto com o apoio deles, com a ajuda deles, é pouca coisa, mas ainda conto, é, mas eu acabei tento a minha vida independente, é, às vezes, com a ajuda deles, mas independente, de sair a hora que eu quero, de cuidar das minhas coisa, ter as minhas responsabilidades (ênfase na palavra), e eu aprendi a conviver com isso, e hoje para mim isso é muito importante. Então, eu acho até mesmo, hoje, desde os dezessete anos morando sozinho, hoje eu não conseguiria mais, é, morar na casa dos meus pais, é, não por não me dar bem com eles, porque assim, a gente tem um relacionamento muito bom (ênfase na palavra), muito bom, mas, é, em questão mesmo da minha liberdade, eu acho que eu estando, morando na casa deles, eu teria..., eu perderia muito da minha liberdade. Então, isso que eu consegui conquistar, meu espaço, minhas coisas..., então, por isso hoje eu continuei morando sozinho, e não conseguiria mais morar com eles, né.
Márcio – Você acha que você iria vivenciar sua sexualidade diferente, se você estivesse morando com eles, do que você morando sozinho?
Marcos – Com certeza. Com certeza. Então, até por eu morar sozinho, eu tive mais liberdade para isso mesmo, porque se eu morasse na casa dos meus pais, seria tudo mais escondido, né, mas restrito, mais fora de casa. Teria um contexto diferente, acredito eu que teria um contexto diferente.
Márcio – Ahã. E, assim, você tem mãe, pai...
Marcos – Tenho, mãe e pai.
Márcio – E irmãos?
Marcos – Eu tenho uma irmã, casada que mora com meus pais e um irmãozinho menor, mais novo.
Márcio – E o contato que você tem com sua família, que freqüência que tem, mais ou menos?
Marcos – Olha, é, devido..., eu acabei ficando um tempo sem contato com eles, às vezes, é, passando um tempo, é, não sem contato, mas sem ir especificamente ir na casa deles fazer visitas, de ficar alguns meses sem ir, pela correria do dia-a-dia, fazendo outras coisas e tudo, mas a gente fala..., sempre falou muito pelo telefone, é, logo quando eu comecei a morar sozinho meu pai me ligava praticamente todos (ênfase na palavra) os dias para saber como eu estava, seu eu estava bem, se eu não estava, se eu estava precisando de alguma coisa, é, e depois disso, né, ele continua me ligando e hoje eu acredito que em torno de quinzenalmente eu visite eles, né. No decorrer disso, eles me ligam muito, me ligam muito, é, algumas vezes, vêm para cá para me visitar também. Esse é o contato, né, que eu tenho com eles hoje.
Márcio – A formação da sua família é evangélica?
Marcos – Exatamente.
Márcio – E, sempre eles foram evangélicos?
Marcos – Não, não, hum, a minha família..., hum, a minha mãe chegou a freqüentar desde centro espírita, a igreja católica, tudo, só que ela começou a freqüentar a igreja evangélica eu era muito..., é, eu tinha três anos de idade, então, é bastante tempo, né. Mas ela não, nem sempre foi evangélica, ela já foi também de outras religiões.
Márcio – Ahã. E, você acha que a igreja, essa formação dela, prejudica você estar falando de você para ela? Ou a visão que ela tem, é, contrária da homossexualidade prejudica?
Marcos – Prejudica bastante. Prejudica bastante, até porque, eu, é, hoje, hum, a religião em si, é uma das culturas que passa uma visão distorcida sobre a homossexualidade. Ou como problemas espirituais, é, enfim, como uma..., um problema em si, é, como uma..., hum, uma anomalia, ou coisa do tipo. Então, ela acaba, uma vez tendo formação religiosa, tendo essa visão, que é passada pela religião, que também prejudica e muito, muito a situação.
Márcio – Você se importaria de falar qual é a igreja?
Marcos – Poderia, é, (nome de uma Igreja pentecostal).
Márcio – A (nome da Igreja)?
Marcos – Isto.
Márcio – Você freqüentou sete anos esta Igreja?
Marcos – Sete anos.
Márcio – Neste período você falou que começou a..., qual foi a idade que você começou mesmo a perceber gostando de pessoas do mesmo sexo, ou se sentindo atraído?
Marcos – Olha, é, sentir atração, desde de cedo, né, mas como eu disse, eu não me permitia a isso, né.
Márcio – Quantos anos você tinha nessa época?
Marcos – Que eu me lembre?
Márcio – Memória mais remota.
Marcos – Memória mais remota? Puxa, em torno de oito anos, por aí, sete, oito, logo no início do..., do..., do..., dos estudos, né, que eu consigo me lembrar, né.
Márcio – Que cena que você lembra?
Marcos – Não, é, questão de atração mesmo, de olhar, de sentir atração, esse tipo de coisa. Mas, é, hum, algum período, eu acredito que foi umas das primeiras vezes foi de olhar e achar bonito, esse tipo de coisa.
Márcio – Então, que foi depois de quinze anos, você conseguiu perceber mais?

Marcos – É, porque até então, você sente algumas coisas, mas você não tem muita noção do..., do que é, né. Aí, a partir mais ou menos dos quinze, dezesseis, que se começa a se conscientizar mais também, mas também é uma realidade que você não quer aceitar, é, é algo que você evita, no meu caso, por exemplo, eu evitava muito. Era algo que eu achava errado, que eu não queria, então, eu sentia, mas tentava não sentir.
Márcio – Você estava na igreja neste período?
Marcos – No período dos quinze, minha família freqüentava, eu freqüentava, é, por influência familiar, também, mas não porque eu quisesse ir, mais por influência familiar mesmo, aí, depois eu voltei a freqüentar aos dezoito, aos dezessete ou dezoito, aí, eu comecei ir sozinho, porque meus pais já não moravam mais aqui, daí eu comecei a freqüentar por livre e espontânea vontade e não só apenas por influência familiar.
Márcio – Ahã. Assim, o quê que fez você continuar a freqüentar a Igreja já que você estava, é, se descobrindo, né, se percebendo como atraído por outras pessoas e a Igreja, pelo o que você me disse, parece que ela era contrária a isso, né?
Marcos – A Igreja sim, é, ela tem uma visão totalmente contrária nesta, é, questão, só que quando eu tô..., como eu também falei, é, eu queria, é, eu também não queria, eu também não queria pensar aquilo, eu não queria sentir aquilo. Então, para mim, aquilo não era, é, ruim eles não aceitarem, porque nem eu mesmo aceitava. Então, o fato de eles não aceitarem, num..., não..., para mim na época era normal, porque até mesmo eu não aceitava.
Márcio – E a sua família, ela já questionou você sobre sua, é, sua orientação sexual?
Marcos – Não, ainda não teve nenhuma pergunta direta, né. O que, às vezes, acontece é aquela famosa pergunta de namorada, é, que quer conhecer a namorada, e isso, aquelas brincadeiras de família, se tá namorando ou não tá, esse tipo de coisa sempre tem, até o ponto de alguma das vezes de eu ir visitar eles, é, é, é, eu ficar com alguma garota só pra eles, é, como que eu poderia dizer, é, seria assim..., não sei se seria para disfarçar, mas seria pra..., (silêncio), ou pra, como eu poderia dizer a palavra exata, é, (silêncio), só pra que eles vejam mesmo, só pra que eles vejam, só pra que eles vejam que eu estava ficando com uma garota, né. Então, algumas vezes já ocorreu isso também, até devido a essa cobrança deles, né.
Márcio – Qual é a intenção que eles vejam você com uma garota?
Marcos – É, a intenção, não é que eles vejam, mas que satisfaça o desejo deles, que eles ficam me cobrando isso. Eles querem me ver com uma garota, então, o que acontece..., a minha intenção é porque eles também param um pouco com a cobrança, né, de ficar cobrando, é, é, isso, que é uma coisa, que é ruim, que é uma coisa que me deixa um pouco chateado, essa cobrança. Então, para evitar exatamente isso, evitar essa cobrança excessiva deles em relação a isso.
Márcio – Ahã. O que você acha que acontece que eles não desconfiam, no sentido de questionar sua sexualidade?
Marcos – Não, eu não acredito que eles não desconfiem, né, eu tenho certeza..., eu creio que eles desconfiam. Eles não chegaram diretamente, eles não fizeram uma pergunta direta, até porque eu não sei se fosse feita uma pergunta direta, eu não sei a minha resposta, né. Porque eu não sei se eu negaria, (risos), ou eu não sei diria, então, mas diretamente não perguntou. Mas, eu acredito que tenham as dúvidas, até por isso a cobrança, é, em relação, hum, a relacionamentos meus com mulheres. Então, eu acredito que desconfiança existe, apenas acredito que não houve coragem da pergunta realmente, se eu, é, a pergunta direta, se eu seria homossexual ou não, essa pergunta não houve.
Márcio – Você acha que toda..., como diz aquela famosa frase, que toda mãe no fundo, no fundo sabe?
Marcos – Eu acredito nisso, eu acredito, eu acredito sim porque, é, são pequenos detalhes, principalmente, no meu caso que eu fiquei bem distanciado deles, é, eu acredito que eles desconfiem, que eles saibam, é, às vezes, eles têm medo de perguntar. (toca o telefone, o participanter pergunta se Marcos quer atender, e ele solicita um momento, eram amigos ligando para combinar de irem a boate a noite, uma vez que a entrevista foi realizada no sábado no final da tarde).
Márcio – Demos uma pausa para você atender o telefone, mas a gente está voltando e voltando com a mesma pergunta, como é que..., como você acha que sua mãe sabe ou desconfia?
Marcos – É, exatamente como eu estava dizendo, é, eu acredito que os pais sempre, se não têm certeza absoluta, é, sempre tem uma dúvida muito grande em relação a isso. Ou, às vezes, eles sabem, têm certeza absoluta e não querem acreditar, né, muitos pais, às vezes, sabem, têm certeza, mas para eles, por fugir do parâmetro ditado normal pela sociedade, pela cobrança social, porque hoje, o normal para a sociedade, para os pais, é, por exemplo, é que o filho, é, cresça, no caso do filho homem, ele cresça, case e tenha filhos, né. Não só para o homem, para a mulher também. Então, eu acho que até por isso, eles sabem e não querem acreditar, ou fazem de conta que não acreditam, né, mas eu acredito que..., eu tiro isso pela minha própria história, que mesmo estando longe, há essa desconfiança, então, se uma pessoa, ela convive todos os dias com o pai e com a mãe, dificilmente eles não vão saber que o filho seja homossexual.
Márcio – Você acha que eles conseguem identificar em você alguma cosia que seria..., alguma coisa que possa lembrar ou uma coisa que tenha a ver com a homossexualidade?
Marcos – Olha, o que eu acredito, é, que sempre alguma coisa tem, sempre tem, é, por mais que, às vezes, você disfarce, por mais que tudo, alguma coisa tem, no meu caso mesmo, o que eu acredito que mais, é, leva eles a

desconfiança é a ausência de namoros com mulher, e é o que eles me cobram, né. Então, com minha idade, eu já tive namoradas e tudo, mas foram poucas, e as poucas que eu tive, eles conheceram..., das poucas namoradas que eu tive eles conheceram duas apenas, né. E sempre que perguntam, ou eu não estou namorando, ou se eu estou namorando, no caso, eu tive um namorado, um namoro homossexual, um namoro com homem, era homem, e eles sabiam que eu estava namorando, mas era uma coisa que eu não podia apresentar para eles, porque eles até acreditavam que era mulher. Exatamente.
Márcio – Você usa brinco, por exemplo, isso é, mesmo com um adolescente, um menino heterossexual é questionado pela família, né? Eu estou vendo que você usa um brinco, tem um colar, você usa anel nos dedos, é, então assim, você acha que isso pode ajudar a te questionar?
Marcos – Olha, é, como eu disse, a formação religiosa..., eu acredito que também, também influencia sim, até porque a minha mãe sempre foi contra o fato de eu, é, para eu fazer..., fazer o furo na orelha, sempre claramente ela foi contra todas as vezes que eu morava com eles, ela foi totalmente contra isso. Quando eu furei, ela, é, tanto que eu fui furar a orelha eu já tinha vinte e três anos, então, foi recentemente que eu furei, até devido a isso, é, essa resistência em casa. Ela se colocou em uma postura que, é, que ela aceitou, mas como eu disse, ela aceitou contrariada, não sendo da vontade dela, ela aceitou porque não teve jeito, não teve nem como ela não aceitar, porque hoje, como eu disse, eu tenho uma vida um pouco mais independente da minha família, então, não teria como eu não aceitar, mas foi contra a vontade dela, sei depois que ela comentou com minha irmã que ela tinha ficado chocada, mas que não ia falar nada.
Márcio – Me conta como foi a cena de ela vendo você com a orelha furada?
Marcos – Ela me viu chegando, me viu, olhou para minha orelha, virou as costas e saiu, como que não tivesse gostado, mas que não ia falar nada. E eu querendo que ela falasse alguma coisa, porque estava me incomodando ela ficar quieta com aquele olhar. Eu puxava papo e ela respondia, mas não falava nada. Daí eu fui falar com minha irmã e ela não dizia nada também. Daí, eu toquei no assunto e falei para a minha irmã se ela tinha reparado que eu tinha furado a orelha. (risos). Como que pode, elas não terem reparado? (risos). Daí, ela falou que reparou que para ela não tinha problema, mas que brinco não tinha a ver com ser gay, e se o filho dela um dia furasse a orelha ela num ia ligar, mas uma coisa não podia ser, que era ser gay. (risos). Aliás, foi diferente, ela disse que o importante era ser homem, ela não usou a palavra gay, mas sim, não deixar de ser homem. (risos).
Márcio – E como você se sentiu ouvindo isso?
Marcos – Me deu um nó na garganta, me senti muito mal, e daí eu fiz de conta que não era comigo. Concordei com ela, mas fiquei chateado. Mas me deu vontade de contar para ela, mas daí eu respirei fundo e disse que para mim mesmo que era melhor não, pois eu ainda não me sinto preparado para estar falando para nenhuma das pessoas da minha família, mas foi um dos momentos que eu fui levado a quase contar.
Márcio – Ahã. A sua irmã tem quantos anos?
Marcos – A minha irmã (fala a idade da irmã).
Márcio – Ela é sete anos mais velha que você?
Marcos – Exatamente.
Márcio – E o seu irmão?
Marcos – O meu irmão tem (fala a idade do irmão).
Márcio – Doze anos mais novo. Então, seria você seria o filho homem mais velho?
Marcos – O mais velho, exatamente.
Márcio – Ahã. E, o que você acha em relação às outras pessoas da sua família, você falou da sua mãe, né, e do seu pai um pouco, e da sua irmã? O quê que você acha?
Marcos – Olha, eu acredito até que a minha irmã teria até mais facilidade em lidar com isso. Não também que seria..., é, não que ela não ficaria contrariada, ela ficaria contrariada. Ela ficaria contrariada também porque, é, devido a algumas cobranças por parte dela por namoradas, esse tipo de coisa que ela sempre me questiona em relação a isso. Mas acredito que ela teria uma aceitação melhor devido a..., o fator religião, porque ela, hum, ela não tem..., ela não é tão assídua nesta questão. Então, eu acho que devido a isso ela teria uma aceitação melhor.
Márcio – Você acha que ela seria uma pessoa mais fácil para contar?
Marcos – Seria uma pessoa mais fácil para contar, que mesmo contra a vontade ela seria uma pessoa que me apoiaria muito, até pela ligação que a gente tem também, que eu acabo sendo mais ligado a minha irmã do que com meus pais, então essa ligação que a gente, ela seria uma pessoa que me apoiaria sim.
Márcio – Ahã. Na escola, como foi em relação a sua sexualidade?
Marcos – É, o período escolar, é, foi uma coisa assim, em todo o momento, mesmo quando eu percebi..., foi até tranqüilo, porque eu não me denominava homossexual, assim, eu sentia alguns desejos, mas era algo que eu não aceitava, então, eu não me denominava homossexual, então, eu não acredito que eu tive, hum, que eu tive normal, mas no..., no..., nesse período, eu não ficava com garotos, digamos que foi normal, não foi, (silêncio), como eu posso dizer. Até no período escolar eu tive namoradas, esse tipo de coisa, (silêncio), foi mais ou menos isso.
Márcio – Ahã. Assim, mas você disse que tinha alguns desejos?

Marcos – Sim, mas eu reprimia, não chegava a..., a fazer, a fazer na prática o desejo, eu tinha mas era coisa que eu bloqueava e passava.
Márcio – Você convivia mais com os meninos ou com as meninas, ou não tinha diferença?
Marcos – Não, sempre convivi com todo mundo. (mudou-se o lado da fita de gravação e repetiu-se a pergunta).
Márcio – Mas, mais com meninos, amigos homens ou com mulheres?
Marcos – Eu acredito que com o mesmo tanto, né. No período escolar eu tive tanto amigos homens quanto amigas mulheres, mas eu convivia bem com os amigos homens, tranqüilamente, de escola, de amigos de sair juntos, sempre convivi bem.
Márcio – E a educação física? Como era?
Marcos – Educação física, eu fazia normalmente.
Márcio – Você gostava de educação física?
Marcos – Gostava, gostava sim.
Márcio – Futebol?
Marcos – Futebol. Joguei muito futebol com o pessoal da..., com os vizinhos de casa, porque na minha infância eu morei em casa, então, o pessoal da rua passava pra jogar bola o dia inteiro. Sempre..., eu gostava de futebol, hoje eu não pratico por falta de tempo mesmo, pela vida sedimentar você acaba não tendo..., acaba o pique para o exercício físico, né, mas é uma coisa que eu gosto.
Márcio – E, durante a adolescência, no colégio, como que foi?
Marcos – No colegial foi bem semelhante a..., ao início dos meus estudos no ensino fundamental, a mesma coisa, tive bastante amigos homens, como tive amigas mulheres. Também foi um período em que eu, é, que até tive os desejos, mas que eu reprimia muito, então, não tive uma convivência do mundo homossexual também neste período.
Márcio – Ahã. Adolescente é muito curioso, né? Não concorda comigo?
Marcos – Sim.
Márcio – Como que você matava a sua curiosidade, por exemplo, tem adolescente que compra revista pornográfica, assiste filme, é, e como você matava a sua curiosidade em relação à sexualidade?
Marcos – Olha, é, hum, no caso, é, eu assistia filmes, tinha filmes, é, logo mais tinha a Internet que é um meio de informação também. Então, enquanto tinha filmes, só que na época, eu alugava filmes, é, héteros, num tinha alugado na minha adolescência, num cheguei a alugar nenhum filme gay, né, apenas héteros. Mas, eu fazia..., é, revista também é um material que a gente tinha com amigo ou com outro, era material, é, hétero. Então, era o material que eu tinha acesso. Aí, é, alguma coisa na TV e na Internet, realmente, que é um dos meios mais..., de maior informação.
Márcio – E na Internet, quando você começou a acessar essas informações, você tinha quantos anos quando você começou a entrar?
Marcos – Eu acredito que já com dezoito.
Márcio – Dezoito.
Marcos – De dezoito para dezenove, de foi quando eu comecei a ter acesso a Internet.
Márcio – Você terminou o ensino..., o colegial, é, o segundo grau quando?
Marcos – Olha, eu fiz o terceiro ano, o segundo grau do ensino médio, eu fiz em 2001 até a metade do ano e parei, aí eu concluí agora em dois mil e seis, e daí eu terminei o terceiro ano, o último ano do ensino médio.
Márcio – Em dois mil e seis, agora? E agora, esse ano você está estudando?
Marcos – Esse ano eu estou estudando.
Márcio – Você está fazendo o quê?
Marcos – Eu faço, é, faculdade na área de informática.
Márcio – E como que é agora nessa turma que você entrou?
Marcos – Olha, então, eu ainda, tão bem tanto com as mulheres quanto com os homens da minha sala, tranqüilamente, até, hum, nesse novo..., eu tenho conversado mais com amigos homens do que mulher, porque meu curso é na área de informática e assim, hum, em uma turma de vinte alunos, apenas quatro ou cinco são mulheres. Então, é assim, uma turma bem masculina, mas eu tenho conversado na faculdade com homens, tenho tido mais amigos homens que mulher.
Márcio – E como são as brincadeiras entre as pessoas? Como que você participa delas?
Marcos – Olha, o que acontece, no meio sempre tem umas brincadeiras homofóbicas, uma piada, é, uma..., é, enfim, sempre tem uma coisa, é, relacionado ao homossexualismo. Eu particularmente não participo, não participo da mesma brincadeira, mas também não critico, até..., é, para manter a..., como que eu poderia dizer, é, para evitar que eles percebam, então quando tem uma piada eu não defendo, mas também não compartilho da brincadeira, até porque vai contra a..., o que eu acho correto, né. Então, eu não participo, mas também não chego a defender.
Márcio – E quando eles estão paquerando uma menina e você está junto, como que você age?
Marcos – Hum, às vezes, eu brinco, eu também comento junto, eu comento alguma coisa ou fico omisso àquela situação.

Márcio – Que tipo de comentário que você faz?
Marcos – Não, se eles olham e falam que é bonito, eu digo que realmente é bonito, ou, olha..., ou faz uma brincadeira já um pouco mais..., fala de alguma parte do corpo da menina ou esse tipo de coisa e eu simplesmente concordo e me omito totalmente, né.
Márcio – Ahã. O que você acha que facilitaria para você, se as pessoas soubessem? Na faculdade?
Marcos – Olha, é um pouco complicado pelo seguinte. O fato de, é, tudo tem os prós e os contras, né, o fato deles não saberem é ruim, porque para o relacionamento homossexual em si é mais complicado, até porque ninguém sabe ou, às vezes, ou por não saber ou por até mesmo no caso da faculdade, teve um caso de uma garota, é, vim falar comigo, coisa do tipo..., então, ou, é, jogar indireta, ou, é, paquerar, esse tipo de coisa. Então, eles sabendo, evitaria situações assim e, mas eles sabendo, com certeza teria muito preconceito, então, teria um lado bom e um lado ruim, da história. No caso, como eles não sabem, é, como que eu posso dizer, eu tenho uma vida, é, hum, deixa eu explicar mais, hum, uma vida reservada, né, eles nunca vão saber a festa, o ambiente que eu vou,por exemplo, eu não comento, é, se eu for para uma boate gay, eu não vou chegar comentando com eles. Às vezes, é ruim, porque você quer se comunicar, você quer conversar, mas também eu não vou sofrer o preconceito, por parte deles, né, então, tudo tem essas medidas, né.
Márcio – O quê que você acha, que tipo de preconceito você sofreria lá?
Marcos – Olha, eu acredito que..., não por parte de todos, eu acredito que pelo menos respeitariam tranqüilamente, mas sempre tem as piadinhas, as brincadeiras de mal gosto, e isso seria inevitável, saberem disso.
Márcio – Ahã. Brincadeiras em relação a você daí?
Marcos – Exatamente. Porque já existem as brincadeiras sobre gays e sobre homossexualidade, e isso, com certeza, uma vez eles sabendo, estaria vinculando a minha pessoa também, né, e ficaria uma situação um pouco desconfortável.
Márcio – Ahã. E no trabalho? Você disse que trabalha desde os dezessete anos?
Marcos – Exatamente.
Márcio – E como que foi em relação a isso?
Marcos – Então, no trabalho, tranqüilamente também, é, eu procuro, é, ter uma imagem profissional, alheia a minha vida pessoal, não das pessoas que..., na época que eu comecei a trabalhar, como eu também comecei a trabalhar e eu não me denominava homossexual, então, eu não contava porque eu me denominava. E até hoje, hoje, hoje, é, é uma coisa particular minha, é uma coisa que eu não chego e falo: "Olha, eu sou homossexual". Eu não falo isso, pelo contrário, eu mantenho um sigilo, e o que aconteceu foi que, é, que devido à proximidade de uma das pessoas que trabalham comigo, ela ficou sabendo, né, mas não que eu contei para ela, e as demais pessoas que eu convivo no meu ambiente de trabalho, não sabem.
Márcio – E essa pessoa como ela tem lidado com isso?
Marcos – As que não sabem?
Márcio – Não, a que sabe. A que você disse que ela ficou sabendo.
Marcos – Exatamente. Então, hum, é um pouco complicado porque é uma pessoa muito próxima, né, porque a gente trabalhar junto há bastante tempo. Devido a gente trabalhar junto há bastante tempo, a gente tinha um laço de amizade, extra profissional, vamos dizer assim, um laço de amizade pessoal que acabou confundindo até algumas coisas. Então, é, até hoje, essa pessoa respeita...
Márcio – É ele ou ela?
Marcos – Ela. Exatamente. Então, ela respeita, só que por ter uma formação religiosa, porque essa pessoa, a gente começou a trabalhar junto, é, a partir do convívio da Igreja, né, que a gente começou a trabalhar junto, por ter esse..., é, essa formação religiosa, ela não aceita até hoje, mesmo ela me respeitando, ela não aceita. E por ela achar errado, às vezes, ela comete algumas coisas, algum comentário ou alguma coisa que acaba faltando com o respeito, acaba não respeitando isso, ou acaba me machucando, né, acaba magoando, me deixando um pouco chateado.
Márcio – E como você lida com isso aí?
Marcos – Olha, eu tenho lidado com isso com indiferença, porque, é, eu já fiquei muito chateado, principalmente com essa situação, mas hoje, pra mim, eu lido com a indiferença, o que..., o que..., no caso específico, o que ela vai pensar ou deixar de pensar para mim já indifere, eu já não dou importância a isso mais. O importante é o que eu acho, o que eu sou e como eu estou, né, e como eu defino que eu estou bem com a minha orientação ou com minha escolha, ou seja, com que o que eu estou vivendo, vamos dizer assim, é, até de uma forma mais, mais, que eu defina se seja mais clara, eu estou bem da forma que eu estou vivendo, então, isso para mim é o que importa.
Márcio – Você disse que é uma pessoa que você lida há bastante tempo, que você conhece e tem uma relação até extra profissional, com uma relação de amizade. Você falou que não importa com a opinião dela, mas como fica essa relação afetiva entre vocês?
Marcos – Olha, hum, a relação afetiva, ela fica o seguinte, ela é uma pessoa que eu admiro, uma pessoa legal, que eu quero..., é uma boa pessoa, só que ela tem uma formação religiosa, uma formação também..., como eu

posso dizer, ela tem uns pontos de vistas que diferem dos meus. Isso não faz dela uma má pessoa, mas faz dela uma pessoa que, às vezes me machuca, só isso, né, mas eu gosto, eu respeito, e em termos de sentimento, eu ainda considero amigo, porque existe uma amizade.
Márcio – Ela te fez coisas que te magoaram? Que tipo de coisa, você pode falar?
Marcos – Claro. Então, eu estava namorando uma pessoa de São Paulo, e quando ele vinha para Londrina, ele ficava em casa e eu pedia para ela não ir lá em casa, porque ela morava perto da minha casa, também porque a gente tinha essa amizade, e ela sempre ia em casa sem avisar, e ia entrando, ela até tinha a chave da minha casa, a gente fazia coisas de trabalho em casa também. Daí, ela começou a suspeitar. Então, no dia dos namorados do ano passado o meu namorado, que agora é ex, me deu de presente um gravador de dvd, e ela e mais uma mulher que trabalhava no mesmo lugar que nós, pegaram e ligaram para o celular para saber quem estava mandando o presente, que coincidia com o dia dos namorados, e meu namorado atendeu o telefone. Daí, isso ele contando, que elas ficaram perguntando o que ele era de mim, se ele que estava mandando o presente e tudo isso com voz de tirar sarro, e ele disfarçou e desligou o telefone. A hora que eu fiquei sabendo, me deu uma raiva, mas uma raiva e eu fui falar com ela. Meti a boca nela, falei que ela não poderia se intrometer na minha vida, que eu não dava liberdade para isso, então, ela e a outra vieram me pedir desculpas, a gente ficou meio sem se falar direito por um tempo, mas não adianta. Ela é meio passada e eu tenho dó dela e acabo perdoando e ela é uma pessoa honesta para trabalhar, só nisso que a gente difere. Ah, teve uma vez também que ela foi questionar com o pai de uma amiga minha quem era um amigo meu, e o pai da minha amiga acabou contando que o meu amigo era namorado do rapaz que dividia apartamento com a filha dele. Vixi, isso deu uma confusão, porque o rapaz que morava com a filha do cara, queria tirar satisfação com a amiga dele, com o pai dela e com a minha amiga que estava investigando a vida dele.
Márcio – E pra quê você acha que ela faz isso?
Marcos – Ela faz isso..., sinceramente, não sei, como eu disse, ela é meio passada, ela é daquelas solteironas, meio criançona que se intromete na vida dos outros, sabe? Aquelas típicas mulheres de Igreja que ficam cuidando da vida dos outros? Eu falo para ela que eu vou cuidar da minha saúde, porque da minha vida ela já cuida. (risos).
Márcio – Ahã. E em relação aos amigos, como que é com seus amigos?
Marcos – Certo. Eu tenho tanto amigos do meio..., do meio homossexual, de freqüentar ambientes gays e tenho amigos também que não sabem de mim, que não sabem... Consigo hoje, conviver mais com meus amigos que são do meio até pela facilidade de sair junto, de você não precisar estar escondendo sempre o que você é, e por isso eu convivo mais com amigos que são do meio e que freqüentam o meio homossexual. Mas tenho amigos héteros ainda, que, às vezes, a gente sai para algum barzinho e coisas do tipo.
Márcio – Você disse que tem amigos héteros ainda, o que você acha que vai acontecer?
Marcos – Hum, não, eu acredito que eu ainda eu possa ter, digo ainda porque, ainda tem..., existe, eu não fiquei, é, eu não deixei de ter e eles não deixaram de ser meus amigos pelo fato de eu estar convivendo no meio homossexual. Então, eu tenho eles, eles são meus amigos, tranqüilamente, como eu tenho os meus amigos que freqüentam o meio.
Márcio – Ahã. E você vê diferença entre esses dois grupos, entre os que não sabem e os que são?
Marcos – Olha. Diferença de carinho, até não, são amigos da mesma forma, a única coisa é que você consegue ter cumplicidade maior, com as pessoas que são do meio também, pois é onde você está, né? A sua realidade. É onde você convive.
Márcio – Ahã. Você falou que veio do meio religioso, que freqüentou a igreja por sete anos, e que você deve ter feio muita amizade lá.
Marcos – Fiz, fiz, tenho muitos amigos lá. O que acontece muitas vezes é que o fato já de você deixar de pertencer a uma instituição religiosa, você já sofre um preconceito, até então pela Igreja, se para você estar bem, você tem que estar lá, dentro da Igreja, freqüentando todos os cultos. Para eles, para você estar bem é você estar assiduamente nos cultos, né. Então, inevitavelmente o fato de eu não estar indo mais, eu não freqüentar mais, é, algumas pessoas já não te olham legal, discriminam só pelo fato de você não ir mais na Igreja, mas tem alguns amigos que a gente mantém também, amigos que a gente gosta bastante, que eu admiro, que são da Igreja, que pertence a esta instituição religiosa.
Márcio – Você acha que se eles soubessem, eles deixariam de ser seus amigos?
Marcos – Alguns sim, alguns não, uma maneira geral deles, eu acho que eles viriam como uma coisa não certa, uma coisa errada, né, porque é uma instituição religiosa, e se eles pertencem a uma instituição religiosa eles teriam a visão da instituição. Isso em parâmetros gerais. Agora, eu acredito que alguns que são realmente amigos, né, eu acredito que respeitariam bem.
Márcio – E lá na Igreja teria mais pessoas que você identifica como homossexual?
Marcos – Sim, tem. (risos). Tem uma história engraçada, aliás, duas.
Márcio – Ah, é? Me conta. Adoro histórias engraçadas.
Marcos – Tinha um amigo meu de lá, que também fazia parte da equipe de obreiros da Igreja, eu e ele éramos obreiros, é, um dia a gente saiu para um barzinho e depois a gente passou em casa, e a *Internet* estava ligada, e

eu tinha *fotolog* com fotos que eu num mostrava o rosto, que era um *fotolog* homossexual que eu não mostrava o rosto, e ele foi usar meu computador e acabou vendo e aí a gente começou a comentar sobre o assunto e tudo e ele perguntou e eu falei que era e ele falou que era e foi assim que a gente ficou sabendo um do outro. A gente se matou de rir, porque eu desconfiava, mas a gente nunca podia tocar no assunto, na Igreja, quero dizer. A gente tinha vidas paralelas com a Igreja e elas se cruzaram. Mas ele era meio louco, não sei como as pessoas lá não descobriram sobre ele, não que ele aparentasse ser, mas ele era muito boca aberta, falava tudo que vinha na cabeça, e ele sempre, sempre dava bola fora, é que o pessoal lá era lerdo mesmo. Daí a gente começou a sair juntos, (risos). A outra história, tinha um menino que eu desconfiava e um dia eu estava quase entrando na boate e ele estava na porta, e eu quis disfarçar, fazer de conta que eu não tinha visto ele, para ele fazer de conta que não tinha me visto, mas ele fez questão que eu visse ele pra ele me cumprimentar, e depois ele ficava vindo perto, ai. (risos). Imagina eu ficando com ele?
Márcio – Teria algum problema? Qual seria o impedimento?
Marcos – Não, não teria, apesar dele não ser bonitinho. (risos). Mas seria engraçado. Ah, teve outra vez, que eu fui na casa dessa minha amiga que trabalha comigo, e a imã dela tem um amigo que é gay, e ele é lindinho, você precisa ver, e daí, eu fui guardar a moto e apareceu um sapo, daí eu quase me entreguei, eu dei um pulo desajeitado, (risos), e não queria entrar por causa do sapo, mas não queria falar que estava com medo do sapo porque ia parecer que eu estava com medo, e eu realmente estava, mas num queria deixar transparecer, porque elas iam falar que era coisa de mulher ter medo de sapo, e eu num ia entrar nem por nada na casa com o sapo lá. Daí, o menino que é assumido, o menino que é uma gracinha, veio pegou uma sacolinha e pegou o sapo na mão e tirou da minha frente e eu quase morri de susto, nossa. Eu acho que ele tinha se interessado e estava se exibindo para mim, e ele veio conversar comigo, sendo super simpático. Nossa, com aquele eu até namorava. Daí, eu entrei e as meninas brincaram comigo que ele estava se exibindo para mim e que ele era gay, mas era legal. Vê se pode ser gay e legal? (risos), tudo que eu queria, gay e legal.
Márcio – E o que você fez? Não entrou em contato com ele?
Marcos – Fucei o orkut dele, mas não tive coragem, ele é muito amigo da irmã dessa amiga minha, e daí se eu ficasse com ele, ela e a família inteira dela, que eu convivo também e que são da Iigreja, saberiam de mim, daí eu deixei quieto.
Márcio – E, você parou de freqüentar a Igreja, o que foi que aconteceu?
Marcos – O fato de não freqüentar mais?
Márcio – É.
Marcos – Em que sentido?
Márcio – Você me disse: "Eu freqüentava a Igreja e não freqüento mais, deixei de freqüentar os cultos". Né? O quê que levou você a deixar de freqüentar os cultos?
Marcos – Então, o fato de não freqüentar, foi o fato de discordar com algumas coisas que são praticadas, é, a partir do momento em que eu estava discordando com o que estava sendo passado ali, por opção eu decidi não freqüentar mais, a deixar de estar freqüentando. Mas é bem por isso mesmo, é por discordar do ponto de vista deles.
Márcio – Houve, em algum momento, alguma situação que você foi advertido, que teve problemas com a igreja que você freqüentava?
Marcos – Sim, mas não em relação à homossexualidade, mas tem a ver com sexo. (risos). Eu e essa amiga que trabalha comigo, ela era, aliás, ela freqüenta a igreja ainda. Como eu falei, eu conheci ela lá na Igreja. A gente estava trabalhando juntos, porque ela também era obreira, e eu estava em uma salinha com ela e eu estava com dor nas costas e ela foi estalar minhas costas, daí uma menina que tinha inveja da gente, pelo posto de confiança que a gente tinha dentro da Igreja, foi e falou para o pastor que nós estamos transando. O pastor nem quis saber, marcou uma reunião chamando todos os conselheiros, e nesse dia tinha outros pastores também, e na frente de todo mundo, começou a nos acusar, dizer que a gente estava em pecado. Ele acusava dizendo que sabia o que a gente tinha feito e que não adiantava negar. A gente tentou falar que não era verdade, e ele começava a gritar na frente de todos, dizendo que a gente era resistente, que além de pecar não assumia, que não estávamos arrependido. E tinha mais um cara que queria tomar meu posto lá, que ajudou essa menina. Foi um vexame, uma humilhação em público, sem direito a defesa, com os familiares dela todos presentes, nossos amigos. Ah, daí um amigo nosso vou tentar defender, e o pastor falou que ele era cúmplice do pecado, e quase colocou ele no meio da confusão, daí ninguém se manifestou, nem a família dela, apesar de todos nossos amigos, e da família dela soubessem que era mentira esse fato. Foi horrível. Eu tinha um cargo bom lá, eu coordenava os jovens, ajudava a organizar as festas dos homens, dos ensaios com a banda, eu tinha um programa na rádio. Daí, a gente foi afastado, num podia ser mais obreiro por um tempo, porque a gente tinha que servir de exemplo perante todos, tínhamos que servir para as pessoas não fazerem isso. A gente só seria ouvinte, de ficar no banco da Igreja. Mas depois a gente voltou, porque a gente fazia as coisas funcionarem, a gente agitava os jovens e organizava tudo certinho.
Márcio – Ahã. E o que você ouvia sobre a homossexualidade lá dentro?

Marcos – Olha, é, hum, na religião, na religião não, digo, não posso dizer de todas até porque eu não conheço. Mas no meio evangélico, é visto como problemas espirituais, como coisa errada, é, é colocado com se a pessoa não fosse ser salva, perdesse a salvação, até por causa da homossexualidade. É essa a idéia que é passada, para todos os membros, né.
Márcio – Uma pessoa, homossexual, seria tido por eles como estando em pecado?
Marcos – Em pecado sim, uma pessoa que estaria em pecado e não teria salvação.
Márcio – E o que essa pessoa deveria fazer na visão deles?
Marcos – É, é, na visão deles..., é, a princípio, é, deveriam parar com a prática homossexual e não deveria ser. Eles não aceitam de maneira alguma. A pessoa deveria crescer, casar, ter filhos, é, é esse parâmetro que eles têm, né? É o parâmetro da cobrança social que eles têm muito forte, que é o homem crescer, casar com uma mulher e ter filhos.
Márcio – Na sua visão isso seria possível?
Marcos – Em relação a minha pessoa?
Márcio – Sim.
Marcos – Eu acredito que eu não, eu nunca, é, é difícil eu dizer que..., que eu não vou casar um dia, é um pouco complicado eu dizer isso, porque eu não sei, o dia de amanhã. Hoje, não é o que eu quero para mim, hoje eu não quero encontrar uma mulher para me casar e para eu ter filhos. Hoje não é o que eu quero, não que um dia que eu não possa vir a fazer isso, mas hoje não.
Márcio – Ahã. E como você se sentia na Igreja quando eles falavam contra a homossexualidade?
Marcos – Olha, quando eles falavam contra, é, eu até que eu concordava porque assim, eu também era contra o que eu sentia. Então, o fato de eles não concordarem, eu também não concordava, então, eu era contra também. Então, como eu posso dizer..., eu sentia..., eu achava que era um pensamento comum, normal.
Márcio – É, e quando você sentia atração por algum outro homem, é, o quê que você fazia, o que eu você pensava?
Marcos – Eu tentava mudar o pensamento, pensar em outra coisa, evitando sempre os pensamentos.
Márcio – Mas você concorda que tem coisas que não tem como evitar pensar? Por exemplo, quando a gente fica excitado, em alguma situação, quando você tem desejo por alguém... O que você faz nestas situações?
Marcos – Nestas situações de sentir desejo, é, eu não falava nada, ficava quieto, pois não tem como evitar a atração e o desejo, mas eu evitava ficar pensando naquilo, em fazer aquilo.
Márcio – E quando você se excitava com uma pessoa do mesmo sexo, o quê que você fazia?
Marcos – (silêncio). Olha, em meio público?
Márcio – Em pensamento... como quiser responder.
Marcos – Primeiro, você não ter aquilo, como é visto pela religião como algo errado, eu começava a fazer orações, você começa a procurar uma ajuda também na religião para poder evitar aquilo, eu fiz constantemente isso.
Márcio – Você me disse que uma época você não se autodenominava homossexual. Né? E como você começou a se autodenominar? Como foi essa passagem na sua vida?
Marcos – Olha, aconteceu, eu acho que foi no fato dos primeiros relacionamentos homossexuais e pelo fato de eu conseguir ver o todo, de ter uma visão mais esclarecida sobre o assunto, é, porque até então eu tinha uma visão que era errado, errado perante a Deus, enfim, essa formação religiosa, então, a partir do momento que eu comecei a ter relacionamento homossexual e a conviver no meio, começar a conhecer mais o quê que era, eu fui vendo também que não era aquilo que eu conhecia, eu fui conhecendo, e vendo que, pelo contrário, é uma coisa tão normal quando a pessoa se denominar heterossexual (ênfase na palavra). Foi a partir daí que eu comecei a me denominar homossexual.
Márcio – Quantos anos você tinha nessa época?
Marcos – Olha, do primeiro relacionamento homossexual foi aos..., vinte e dois, se eu não me engano vinte e dois. Vinte e dois anos. Foi aí que eu tive o primeiro relacionamento homossexual. (pausa para atender o telefone).
Márcio – Você me disse agora que teve uma passagem, de antes, de você não se autodenominar para se autodenominar homossexual. Quando você começou a perceber, a aceitar mais isso? Você falou um pouco queria explorar mais um pouco.
Marcos – Olha, então, como que eu posso por. O seguinte, eu não me denominava porque eu achava que eram desejos anormais e que eu deveria evitar e o quê me deixou claro, me ajudou foi à convivência no meio, que me esclareceu.
Márcio – Você disse que foi uma fase de muita negação, isso?
Marcos – Certo.
Márcio – O que te fez modificar? A parar de negar tanto?
Marcos – Olha, primeiro, foi o fato de eu quebrar alguns tabus, hum, da própria sociedade e meu também, do parâmetro social que eu tinha, a partir do momento que eu fui quebrando isso para mim, eu pude descobrir que eu poderia ser feliz, estar bem, sem ter que corresponder os parâmetros sociais. Foi o princípio. Daí com isso, o

que me ajudou mesmo foi a quebra do tabu religioso que é totalmente contra a homossexualidade. A partir daí, eu fui quebrando minha auto-negação, porque não era uma realidade que eu escolhi, era uma realidade imposta que eu vivia.
Márcio – Você freqüentou até quantos anos a Igreja?
Marcos – Até aproximadamente os vinte e um anos.
Márcio – Ahã. E como você começou a ter informações sobre o meio, sobre a homossexualidade, sobre pessoas que vivem a homossexualidade?
Marcos – Olha, é, foi através de um amigo, aquele que eu falei da era da minha Igreja e foi na minha casa, o da *Internet*, ele convivia no meio, e ele foi me apresentando as pessoas, foi apresentando o meio. Estando no meio eu fui fazendo novas amizades e ter um convívio social no meio homossexual. Aquele amigo da Igreja que eu falei, da situação do *fotolog*, foi me levando para alguns lugares.
Márcio – Então, antes de você começar a sair em lugares gls, você tinha informações e convívio com homossexuais pela *Internet*?
Marcos – Exato. Até porque, pelo receio, pelo medo das pessoas saberem, né, é, de mim, você acha procurando informação nos meios mais sigilosos, ou nos meios que não te expõe. Então, a partir dos dezoito anos, eu buscava informações pela Internet, era o meio de acesso que eu obtinha informações.
Márcio – O que você buscava na *Internet*?
Marcos – Desde salas de bate-papo, *fotologs,* a princípio mais entretenimentos, esses tipos de coisas, e depois, aí, informações do quê que era, sobre a homossexualidade, mas a princípio era pra entretenimento do que para informações sobre o assunto.
Márcio – Você entrava em salas de bate-papo?
Marcos – Sim.
Márcio – E como você se apresentava nas salas de bate-papo?
Marcos – A princípio, com o nome normal.
Márcio – E o que acontecia?
Marcos – As pessoas perguntavam como eu era e eu passava minhas descrições. Só que eu entrava só para conversar mesmo, porque eu não tinha coragem de encontrar as pessoas que conversava. A ponto de eu estar em Londrina e só entrar em *chat* e conversar com pessoas de fora. Seria, São Paulo, Curitiba, porque eu achava que Londrina, eu ia conversar com alguém que me conhecesse e aí eu ia ficar exposto e, então, eu não conversava com ninguém que fosse da minha cidade, só de fora a princípio.
Márcio – Ahã. E durante quanto tempo foi assim?
Marcos – Olha, foi um período, é, dos vinte e um, porque antes eu até entrava, mas..., dos vinte aos vinte e dois. Dos vinte e dos vinte dois eu só entrava nas salas, mas eu não tinha a intenção de conhecer pessoalmente.
Márcio – O quê que você procurava nas salas de bate-papo?
Marcos – Apenas conversar mesmo, conhecer pessoas que também fossem homossexuais, mas não para relacionamento pessoal.
Márcio – E quando você chegou a conhecer alguém da *Internet*?
Marcos – Eu conheci, isso com vinte e dois, e foi assim, um momento da minha vida, que foi um tabu que eu também quebrei. Tanto quanto, eu não conhecia pessoas próximas da mesma cidade, eu conheci uma pessoa de fora, e essa pessoa queria vir para cá, para me conhecer, de São Paulo.
Márcio – De São Paulo? Longe, bem longe hein? (mudou o lado da fita para continuar a gravação).
Marcos – Pelo menos a primeira pessoa para eu conhecer e ter alguma coisa seria de fora, porque eu tinha muito medo que as pessoas da minha cidade soubessem. Até que essa pessoa queria vir, daí eu permiti. Fazia tempo que eu conversava com várias pessoas e nunca eu tinha conhecido ninguém, né. Era uma pessoa que eu conversava há muito tempo, uma pessoa que embora eu não conhecesse pessoalmente, a gente já tinha um a afinidade maior, eu já conhecia bastante coisas da vida dessa pessoa, e eu senti segurança em conhecer ela pessoalmente.
Márcio – Ahã. O quê que te chamou a atenção para conhecê-la?
Marcos – Eu gostei, da conversa, da pessoa em si, enfim, era uma pessoa que, como que eu posso dizer..., que eu me interessei em conhecer.
Márcio – E o fez você realmente deixar ele vir para cá?
Marcos – O fato de deixar vir para cá? (silêncio). Uma, que até o momento eu gostava da pessoa, outra que, eu também..., eu queria conhecer também, queria saber como era, como seria um relacionamento homossexual. (silêncio). E outra, ele era uma pessoa tranqüila, que ninguém sabia dele, a não ser um amigo, mas a família não sabia. E ele era mais medroso do que eu, e isso me fez ter confiança.
Márcio – Ahã. E ela veio...
Marcos – Sim para a gente se conhecer, para ter um relacionamento ou não e acabou tendo um relacionamento de nove meses.
Márcio – Ah, vocês chegaram a namorar então? E como que foi essa chegada até a sua casa, ficou hospedado quantos dias?

Marcos – É, a primeira vez que ele veio, ele ficou um fim de semana, passou uma semana aqui, a minha casa não tinha, eu morava sozinho na época, mas..., é, mas devido ao fato de minha amiga sempre ir a minha casa, ter acesso lá, inclusive com chave e tudo, então, nesse primeiro momento não daria para ele ficar em casa, e ele acabou ficando no apartamento de um amigo meu, aquele que também era da minha Igreja e que a gente contou um para o outro. A gente passou o fim de semana neste apartamento. Foi bacana, foi legal, e eu gostei da pessoa em si, o relacionamento que a gente teve foi tão bom que surgiu o namoro que durou nove meses.
Márcio – E a sua primeira vez foi com ele?
Marcos – Foi.
Márcio – E como que foi?
Marcos – Olha, é, eu..., assim, foi bem tranqüilo, porque eu estava disposto, a me relacionar, a ter um relacionamento sexual com alguém do mesmo sexo, então foi bem tranqüilo neste sentido. É, não teve culpa, não teve preconceito por minha parte, porque uma das principais partes, é o preconceito externo e sim o preconceito da própria pessoa. Então, não houve isso. Foi bem tranqüilo porque eu estava disposto, mas eu nunca tinha estado com alguém, até então eu era virgem, não tinha transado com ninguém, nem homem e nem mulher. Primeiro que a Igreja pregava isso e eu aceitava, e depois porque eu tinha que assimilar isso quando eu resolvi fazer. Na verdade, nós ficamos internados no apartamento do meu amigo, o final de semana e daí, eu tirei o atraso. (risos). Mas era tudo muita novidade para mim, eu nunca tinha estado com alguém, tanto é que eu tive muita dificuldade para ejacular, porque estava tenso com isso. Mas em relação a decidir estar com ele foi tranqüilo. Foi algo muito carinhoso e gostoso. Eu estava certo que eu queria aquilo. As pessoas acham estranho o relacionamento homossexual, sempre há perguntas de como é esse relacionamento, de como é feito, às vezes eles como é, mas desperta alguma coisa de estranho, de curiosidade e de querer sempre saber como é, né.
Márcio – E para ele como que foi?
Marcos – Olha, acredito eu que também tranqüilo, porque ele já tinha tido alguns relacionamentos homossexuais anteriores, né, e então, acredito quem foi tranqüilo porque ele já tinha passado pro aquilo, ele já sabia como era aquilo.
Márcio – Você teve que negociar com seu namorado quando vocês foram transar. Como foi isso? Como vocês se descobriram juntos? Teve alguma negociação de preferência no papo da *Internet* antes? (Marcos faz cara de assustado e se ajeita no sofá de maneira apreensiva).
Marcos – Não, não. Até porque eu nunca tinha transado com homens, então acredito assim, em um relacionamento homossexual, uma das partes mais difícil, tudo é muito difícil, mas a mais complicada é fazer sexo passivo, então, eu acredito que como ele sabia que é, eu não tinha me relacionado antes, ele não teve essa cobrança nesse nosso início de namoro, então, aconteceu, a gente se conheceu, e aconteceu naturalmente, a gente foi ficando e não houve uma negociação. Foi algo que foi acontecendo naturalmente. Eu fui ativo com ele, mas eu acho que foi assim pelo fato de eu não ter tido essa experiência anteriormente, então, ele achou..., ele não fez nenhuma cobrança de sexo, de que eu fosse passivo, e eu também tinha uma certa, hum, não dificuldade, mas eu não conhecia, não sabia, então, eu também, no início foi uma coisa também que eu não procurei.
Márcio – E hoje para você como é isso?
Marcos – Hoje para mim isso é tranqüilo, eu não tenho problemas nenhum tanto em sexo ativo como em sexo passivo, para mim não tem problemas nenhum, apenas eu consigo me satisfazer, me realizar sexualmente sendo ativo, mas não tenho problemas nenhum em ser passivo. Por isso, normalmente eu procuro uma pessoa que seja mais passiva ou os dois. Pelo menos os dois, de preferência nunca só ativo, não é um impedimento, mas pelo fato de eu ter uma satisfação maior em ser ativo, eu acho que eu não teria esse relacionamento com uma pessoa só ativa, então, por isso que normalmente é, eu não procuro. E se for só passiva é melhor ainda.
Márcio – E você namorou com ele a partir de quando?
Marcos – Olha, hum, efetivamente a gente começou a partir da primeira vez que ele veio e a gente começou a ficar, hum, e em seguida, nas próximas vezes que a gente se viu a gente começou a namorar. Para a segunda vez que a gente se viu, passaram quinze a vinte dias mais ou menos.
Márcio – Como foi para você não ter tido contato algum e em seguida começa a namorar? Foi uma nova etapa para você?
Marcos – Na verdade assim, é, a gente conversava muito pela *Internet* mesmo, pelo *mns*, e embora a gente se conhecesse há pouco tempo pessoalmente, é, eu sabia muito da vida dele e ele sabia muito da minha, a gente conversava muito, a gente chegava a conversar muito por dia e todo dia de no mínimo uma hora por dia. Então, era muito recente, era muito pouco, mas a impressão que se dava era que a gente se conhecesse há bastante tempo. E outra, ele era de fora, de outra cidade. Eu não queria namorar alguém da mesma cidade que eu, e isso coincidiu também. Daí a gente ficou nove meses juntos. Só que pela distância era complicado, eu viajava bastante para São Paulo e, outras vezes, a maioria das vezes ele vinha, até pelo fato, é, que eu morava sozinho e ele morava com a mãe e a mãe não sabia, então, mas ele vinha e a gente se via de quinze a vinte dias, daí começou a estender um pouco mais e daí acabou complicando o relacionamento devido à distância (ênfase na palavra) e a esse longo período sem se ver, embora a gente falasse todo o nosso relacionamento, a gente falava

uma hora diária, somente alguns dias que não era possível isso, mas regularmente a gente se falava uma hora diária por *skype* também, mas os encontros pessoais eram espaçados no decorrer do nosso relacionamento.
Márcio – Nesse período que você namorava, você saia e conhecia outras pessoas aqui?
Marcos – Eu saia, conhecia outras pessoas, é, no meio, é, evitava um pouco no começo de estar me relacionando com outras pessoas, é, o que devido à distância foi ficando um pouco complicado, né, em questão do namoro, e isso foi uma das questões que a gente decidiu terminar. Ele era um pouco ciumento, queria que eu voltasse para casa para a gente conversar pela *Internet*, e, às vezes, eu saia e queria ir em algum lugar com amigos, e comecei a conhecer pessoas, pessoas interessantes. Daí, nesse namoro eu percebi que eu queria alguém perto, para poder ir a boate, sair no bar, dormir juntos, pois eu já moro sozinho, não tenho a minha família perto, fico grande parte do tempo só em casa, e eu ficava carente, e a distância não supria a necessidade de eu querer alguém perto de mim. Eu acho que eu tava perdendo o medo de me relacionar, e daí, o namoro não estava ficando legal, eu não queria perder a amizade dele, porque ele era, quer dizer, ainda é, uma pessoa maravilhosa, mas a gente estava brincando muito e eu estava me sentindo preso por alguém que não estava aqui. Eu saia aqui quando ele vinha, mas, às vezes, para ele vir eu ajudava com dinheiro e daí a gente ficava sem dinheiro para sair e ficava em casa. Nesse período eu comecei a sair e a conhecer muita gente e a conviver mesmo no meio.
Márcio – Como você começou a freqüentar lugares glbt?
Marcos – Foi a partir do momento com contato, com amigos do meio, que eles freqüentavam e eu fui para conhecer também, e acabei gostando e comecei a freqüentar o meio também. Quem me levou pela primeira vez foi aquele meu amigo. A primeira vez que eu saí aqui na cidade foi uma semana antes de eu conhecer o meu namorado.
Márcio – Quantos anos você tinha?
Marcos – (diz a idade).
Márcio – Eu me lembro de você, do primeiro dia que você foi ao (nome do bar), por amigos em comum, acho que a gente ficou na mesma roda, e o pessoal estava brincando com você, querendo te apresentar todo mundo e eu senti você meio tímido, lembro que até conversei com você. Lembro que era sua primeira vez ali porque as pessoas não paravam de te encher e lembro que você falava pouco.
Marcos – (risos). Exatamente. Verdade. A gente tem vários amigos em comum, inclusive esse que me indicou para a entrevista. Esta cidade é pequena, e hoje descobri que direta ou indiretamente a gente acaba conhecendo todos os homossexuais. (risos).
Márcio – Você me parecia assustado. Ainda mais que você é baixo e tem cara de aparentar bem menos idade do que tem.
Marcos – (risos). Ah, é verdade, todo mundo diz isso. Faz mais de um ano isso. Eu tava assustado, porque era a primeira vez que eu saia aqui em um bar sem ser com o pessoal que freqüentava a Igreja, eu não sabia quem eu ia encontrar lá, estava me expondo, era um ambiente meio escuro, diferente, com pessoas fumando, bebendo, falando alto, gesticulando, é, barulho, mas um lugar sossegado. Era tudo muito novo. O (nome do bar) foi o primeiro lugar que eu freqüentei na cidade. É um bar que hoje, ele ainda é considerado gls, mas no período, na época, ele era bem mais. É, tinha mais homossexual, mais gente do meio. Hoje ainda tem, mas é um pouco menos, né, e lá foi o primeiro lugar gls que eu freqüentei.
Márcio – Que impressão você teve de lá? O que você achou de lá?
Marcos – Olha, minha primeira impressão era um ambiente diferente, é, hum, lugar sossegado, que eu me senti bem, que eu gostei por estar tendo contato com pessoas que também era do meio e, que tinha uma vida homossexual que me ajudou bastante, é, até então, eu achava que era uma coisa minha e eu tinha que mudar, que não havia um meio social para mim, vamos dizer assim.
Márcio – O (nome do bar) é um bar freqüentado por muitas pessoas, né? É, você disse que era sossegado. Quando você chegou lá você achou que era um espaço igual a outros bares?
Marcos – Olha, não, não, de maneira mais discreta, mas você acaba já visualizando alguns casais, é, gays nestes ambientes, né. A princípio, eu vi, é, um casal gay de mãos dadas, se beijando, eu não posso dizer que eu me choquei, mas foi é, estranho, porque até então eu nunca tinha visto.
Márcio – Lá foi à primeira vez que você viu isso?
Marcos – Eu tinha visto um, no mesmo dia antes de ir para o bar, antes de sair, eu tinha visto um na casa do meu amigo também. Na primeira vez eu achei estranho, muito estranho. Eu estranhei, achei estranho porque não estava dentro dos padrões que eu costumava ver. Embora eu soubesse, é, eu ainda não tinha na primeira vez que eu freqüentei o barzinho, é, eu nunca tinha ficado com uma pessoa do mesmo sexo, então, eu nunca tinha beijado um homem, então, eu não conseguia visualizar a cena, e quando eu visualizei, que é uma coisa que..., que meio que deixa estranho, eu achei estranho. Eu tinha o desejo de participar disso e quando eu chego perto, ao vivo, no real, assustou um pouco.
Márcio – Ahã. E depois disso, você começou a freqüentar esse lugar?
Marcos – Sim, porque eu gostei do ambiente, já tinha feito alguns amigos que freqüentavam e aí eu comecei a freqüentar também.
Márcio – E pra quê que você ia lá?

Marcos – Eu ia para conversar, enfim, é um barzinho como qualquer outro, a diferença é que é freqüentado, é, por homossexuais.
Márcio – Só homossexuais que vão lá?
Marcos – Não, não só homossexuais, mas no mínimo para a pessoa estar freqüentando um barzinho que na sua maioria é freqüentado por homossexuais, ele pode até não ser, mas ele respeita, então, assim, é um público assim, que eu me identifiquei. Eu queria um lugar onde respeitasse minha sexualidade e encontrasse outros homossexuais.
Márcio – E para quê mais você ia lá?
Marcos –Para conversar, fazer amizades, enfim, a mesma função de um barzinho hétero, de conhecer pessoas, hum, enfim, é isso.
Márcio – O quê que acontecia, o quê que você encontrava neste bar?
Marcos – Olha, é, as pessoas por causa de serem do meio também, a gente acaba..., fiz bastante amigos, tenho bastante amigos, alguns relacionamentos que eu tive e tudo do meio, tudo desse meio que te proporciona relacionamentos, amizades, a conhecer pessoas que são do meio.
Márcio – Na sua opinião, é um bar diversificado?
Marcos – Sim.
Márcio – Que tipo de pessoas vão lá?
Marcos – Vai de todo tipo de pessoas, desde héteros, gays, é, sapas, mulheres, então, enfim, jovens, velhos, todo o tipo de pessoa vai lá. É um público bem diversificado.
Márcio – Qual é a diferença de um lugar hétero?
Marcos – Não há a presença do preconceito, né. A pessoa não vai ter preconceito nenhum pelo ato de você ser homossexual.
Márcio – Você acha que lá não tinha nenhum tipo de preconceito?
Marcos – Olha, sim, até existe o preconceito lá dentro, mas a discriminação não vai ser ao fato de você ser homossexual igual é em um lugar que só vai héteros. Porque o preconceito é, bom, algum tipo ou outro de preconceito sempre acaba tendo, né. Mas o preconceito maior, igual de um bar hétero, se saberem que você é gay, de te expulsarem ou correr o risco de apanhar, lá não tem.
Márcio – Tá, então até ocorre algum tipo ou outro de preconceito?
Marcos – Sim.
Márcio – Que tipo que preconceito que ocorria lá, então?
Marcos – Então, eu digo preconceito em termos gerais, né. Às vezes, a própria pessoa acaba sendo preconceituosa por não se aceitar ou um tipo de grupo homossexual que não aceita outra pessoa, enfim, um preconceito sempre existe, né.
Márcio – De um grupo que não aceita outra pessoa?
Marcos – De homossexuais para homossexuais, porque existe o caso de homossexuais que tem preconceito por travesti, que não gosta, que tem um preconceito e é homossexual. Então, existe este preconceito nos bares, nas boates, é, no meio gay, no meio homossexual, é, então, neste meio também existe preconceito sim, não está livre do preconceito não. Mas mesmo assim, é um ambiente que você consegue se relacionar. Dá para ir lá e num ter que não ser você, você pode relaxar um pouco mais.
Márcio – Você disse, boate, você freqüenta boates que são freqüentadas por homossexuais?
Marcos – Tenho sim, eu freqüento, mas faz um tempo que eu não vou, mas freqüento sim. Faz umas três semanas que eu não vou, por conta da faculdade e da falta de dinheiro, mas, geralmente, eu vou semanalmente, uma vez por semana, ou duas vezes na semana, tem vez que pula uma semana e vai na outra, alternando as semanas.
Márcio – E pra quê que você vai a boate?
Marcos – Olha, você vai para a boate para conhecer pessoas novas, para relacionamentos, porque... Por que ir a uma boate gay? Porque lá você vai encontrar pessoas que tem os mesmos objetivos de você, os mesmos gostos, e, também (ênfase na palavra), claro, porque são em gays, aí você consegue amigos, é, que são gays também, a chance de você ter um relacionamento é maior, de encontrar pessoas para conhecer e ficar junto. Sentir-se bem, participar de um espaço que as pessoas que estão ali e você está bem.
Márcio – Você falou em objetivos em comum com outros homossexuais? Que objetivo você tinha indo lá na boate?
Marcos – Hum, eu tinha os mesmos objetivos de relacionamento, de namoro, ou coisas do tipo.
Márcio – Ahã. O quê que acontecia lá na boate? Como era, o que você encontrava lá?
Marcos – Na boate é um ambiente descontraído, você dança, você bebe, você conversa bastante, é, encontra pessoas, você se relaciona, é, eu acredito que na boate, namoro não..., comigo não aconteceu, não conheci ninguém que fosse lá que eu tive namorado, mas já fiquei com várias pessoas tanto na boate e posteriormente à boate, depois, marcava de encontrar, mas nenhum desses relacionamentos acabei namorando. Mas tive vários relacionamentos. Vou também para me sentir bem em público com meus amigos que também são homossexuais.

Então, a boate é um espaço que eu vou para me relacionar com outras pessoas, conhecer pessoas, ficar com pessoas.
Márcio – Qual a diferença da boate e do bar que você nota?
Marcos – Olha, hum, eu vejo que, é o seguinte, a boate é um lugar mais fechado, então, ela tem uma liberdade maior, até pelo fato de em um bar você ficar um pouco, mesmo sendo gay, às vezes, fica um pouco constrangido de..., é, se beijar no ambiente. Na boate, eu acredito que já é um ambiente que é mais tranqüilo para beijar, para andar de mãos dadas, enfim, para realmente ficar ali com outra pessoa em um ambiente mais aberto a isso. Eu me sinto mais à vontade em ficar com alguém, beijar alguém, andar de mãos dadas na boate do que no bar, aliás, eu acho que eu nunca beijei alguém, nunca andei de mãos dadas ou fiquei com alguém no bar. Acho que eu não me sinto seguro para fazer isso no (nome do bar), mas na boate parece que é liberado para isso, e a gente fica mais à vontade.
Márcio – Ahã. A partir disso, você acredita que as pessoas vão à boate com que objetivo?
Marcos – Olha, desde é..., dançar, conhecer pessoas novas, é, se relacionar com outras pessoas, ficar com outras pessoas, pelo menos esses são meus objetivos também para ir a boate, além de beber com os amigos, rir com amigos e poder ficar a vontade para paquerar, porque acredito que ali, o cara pode não ficar comigo, mas não é o problema de eu ser gay, mas sim dele não querer ficar comigo. Já no bar, pode ter os dois problemas.
Márcio – Ahã. Você disse que nunca namorou ninguém da boate?Você não acha possível isso? Você poderia explicar melhor?
Marcos – Sim, acho possível, é que o fato do meu caso não deu certo, mas é possível, mas ainda acho que as pessoas não vão lá para procurar namorados, mas se acontecer...
Márcio – O que você gosta nestes ambientes?
Marcos – Da música, é, de ser um ambiente que você pode ficar a vontade, e assim, como todo ambiente, eu acho que o que faz um ambiente estar agradável é estar com pessoas agradáveis, né. No caso, sempre que eu estou com meus amigos, independente do ambiente onde eu esteja vai ser um ambiente agradável. Eu gosto porque eu posso ficar com meus amigos que são gays, sem ficar me poupando. Eu acredito que o fato de tornar o ambiente legal é o fato de você estar com quem você gosta.
Márcio – Ahã. Você disse que tem diferença entre o bar e a boate. O que você gosta no bar e o que você gosta na boate?
Marcos – Olha, é, o bar é gostoso, é um lugar que você conversa mais, você..., é, é um ambiente mais aberto para você poder conversar e a boate é para você dançar. Dificilmente você vai ficar conversando horas na boate, você vai mais para dançar, se relacionar, curtir mais uma balada mais agitada e o barzinho eu vou mais para conversar, que é ótimo. No bar a gente paquera, mas na boate a gente pode chegar junto, ficar perto e deixar rolar mais as coisas, acho que por isso também as pessoas vão a boate. Elas vão mais arrumadas, ficam mais interessantes.
Márcio – O que você não gosta nestes ambientes, o que você não gosta no bar e no ambiente da boate?
Marcos – Olha, o que eu não gostava? O que eu não gosto? (silêncio). Eu não consigo lembrar algo que eu não goste. Que tipo de coisas que eu poderia não gostar?
Márcio – De situações que ocorrem, de tipos de pessoas que vão lá... o que te faz afastar de algumas situações lá?
Marcos – (silêncio). Olha, não sei se teria uma situação que eu não goste, porque..., (silêncio). Realmente não sei.
Márcio – Você transita em todos os espaços da boate? Com todos os grupos...
Marcos – Assim, é, sim, tranqüilamente. Até, às vezes, o que acontece, às vezes, alguns grupos, alguns grupos não, vamos dizer o seguinte..., existe o próprio preconceito dentro da própria boate, do próprio meio gay. Para mim é tranqüilo, eu converso com todo mundo e não tenho problema com ninguém e nenhum grupo, em conversar com uma pessoa que seja travesti, com uma pessoa que..., então, não tem..., ou, às vezes, uma pessoa, um gay que é afeminado demais..., eu não vejo isso..., eu não tenho problemas com isso, mas, às vezes, tem preconceito por isso, eu sei que existe porque eu vejo, mas para mim, não seria uma coisa que eu não gosto, para mim não tem nada.
Márcio – Mas você falou que existe esse preconceito lá dentro?
Marcos – Existe.
Márcio – E como ele se dá lá dentro?
Marcos – Olha, na realidade ele existe, é, pelo próprio fato de evitar, eu vejo que eles evitam, é, a pessoa pelo fato dela ser travesti, pelo fato de ser afeminado, principalmente o gay que é muito preconceituoso em relação a isso. É, acaba evitando, evita, ou tem alguns comentários, desde de comentário para evitar o outro, ou até pela expressão quando o outro chega perto e você vê que as pessoas não gostam e acontece esse tipo de coisa.
Márcio – Você diz que você vê pessoas evitando outras. Você poderia contar situações vivenciadas, observadas por você?
Marcos – Claro, não sei se vou lembrar de muitas, mas de algumas posso lembrar. Mas já vi várias situações.
Márcio – Me conta algumas dessas situações.

Marcos – Por exemplo, as pessoas lá brincam com as *drags queens*, mas não querem sair na foto com elas de jeito nenhum para sair no *site* da boate, eles falam que é queimar a cara sair abraço em foto com *drag queen*, mas as pessoas respeitam elas, até porque elas são donas do pedaço. Uma vez eu tirei uma foto e um amigo disse que iam ver o *site* da (nome da boate) e iam ver minha foto e daí quando eu tivesse com ele, achariam que ele era homossexual também, e ele realmente é gay, e as pessoas notam isso nele porque..., porque..., ele é um pouco afeminado. Eu digo que se alguém ver, o que posso fazer, e por quê alguém ia entrar pra ver o *site* da boate se não tiver interesse nas pessoas lá?
Márcio – E com as travestis? Ocorre a mesma situação de que ocorre com as *drags*?
Marcos – (silêncio). Não, é diferente, porque as pessoas..., essas eles evitam mesmo. Não ficam perto. Geralmente, as travestis quando vão, elas nunca vão sozinhas e vão outras travestis e ficam entre elas conversando, ou tem outro gay afeminado junto, e conversam com as *drags*, mas o pessoal não se mistura com elas. Tem tido muitas travestis novinhas indo lá. Eu já ouvi gente falando para sair de perto delas, para conversar mais para outro lado.
Márcio – Você lembra de mais histórias?
Marcos – Eu lembro que eu fui e fiquei com uma pessoa que se montava na boate, mas que naquele dia essa pessoa não estava montada. E eu fui e fiquei com essa pessoa. Daí, nossa, foi de encher o saco geral. De as pessoas saírem de onde eu estava para vir perguntar se eu estava bêbado, se eu tinha perdido o juízo, teve um amigo meu que veio mandar eu parar de ficar com essa pessoa, disse que ia me salvar. O pior que eu estava bêbado mesmo, mas quis ficar sim, só que as pessoas não entendem. Só sei que eu acabei parando de ficar com essa pessoa. Meu amigo me falou se eu tinha começado a ficar com fêmeas e eu não respondi, mas fiquei sem saber o que falar. (silêncio). Já teve situação também de chegar alguém vir me cumprimentar e algum colega que estava comigo se incomodar e sair ou dizer que não acreditava que eu tinha chamado aquela pessoa para conversar junto. E num era porque a pessoa tinha problema com a outra, mas com certeza era porque o outro era bem afeminado, às vezes, vestido com blusinha, calça baixa. Na boate, as pessoas que as pessoas chamam de bichinhas abusam mesmo, vão de roupa feminina, falam bem afeminado, ficam bem feminina mesmo. Essas situações que eu lembro agora, se eu for lembrando eu vou falando, mas tem várias situações sim.
Márcio – Você disse que tem vários tipos de grupos lá?
Marcos – Sim.
Márcio – Que tipo de grupo tem lá dentro?
Marcos – Na realidade são, é, desde, é, o pessoal que vai e que não se denominam gays, que ficam..., que vão para ver..., tem o pessoal que vai que são héteros que freqüentam o ambiente também, gays também, e nesses grupos, alguns tem preconceito e alguns não tem também. E como é um ambiente bem diversificado que tem desde, é, mulheres, gays, sapatas, travestis, então, acaba formando vários grupos, e vão se agrupando pelas afinidades de perfis, não que seja regra, porque nada impede que o gays seja amigo do travestis e vice-versa, mas acaba, pelo fato de se parecerem, não sei se é se parecerem é a palavra exata, tipo..., terem fatores em comum, né. Eu acredito que o fato de terem fatores em comum forma esse, é, a formação desses grupos.
Márcio – Você pode me dar exemplos da formação desses grupos em comum?
Marcos – Em comum? É, por exemplo, uma pessoa que se veste toda de preto, é, um fator, que se ela ver uma outra pessoa toda de preto, com as características dela, é um fator que vai facilitar o relacionamento entre as duas pessoas, pode ser que eles sejam emos, sei lá. Por exemplo, deixa eu ver, tem o caso de das pessoas que moram lá no (bairro distante), que é um conjunto de vários bairros da cidade, que é afastado do centro. As pessoas se juntam porque vêm no mesmo ônibus, vivem no mesmo bairro e tem a mesma situação econômica, às vezes, daí em mais uma forma de preconceito, que falam que são as bichas pobres, que vêm de ônibus do (bairro distante), que elas têm que sair depois da novela das seis para poder conseguir chegar na boate antes da meia-noite para conseguir entrar com cortesia, isso na sexta. Como você sabe, na sexta, as pessoas dizem que vai o pessoal mais feio porque tem o *free pass*, a cortesia, e é o pessoal do (bairro distante), daí o pessoal fala que eles tomam café da manhã na boate para pegar o ônibus de manhãzinha porque não tem ônibus antes, é, falam isso tudo tirando sarro. Por exemplo, também, se uma pessoa efeminada entra no *dark room*, as pessoas comentam quando ela sai de lá, que ela deve ter dado para todo mundo e se um cara que não é afeminado, às vezes, mais velho, que não se assume entra lá, as pessoas não falam nada, tipo ele foi lá não para dar para todo mundo, entendeu? Né? Acho que isso pode ser preconceito também, né?
Márcio – Essa boate vai todo tipo de pessoa, você me disse?
Marcos – Sim.
Márcio – Você disse, lésbica, travestis, homossexuais masculinos. Me diz, eles transitam em todos os grupos, ou eles só ficam entre eles? Você me disse das travestis, é igual para outros grupos?
Marcos – Não, transita sim, pois a boate é um meio social, então transitam sim, mas como eu disse, não que um não possa ter amizade, pelo contrário, há amizade e há grupos em que todos estão juntos, sempre há, mas sempre há grupos separados também. Por exemplo, o grupo do (bairro distante) sempre ficam juntos, tanto faz lésbica e os gays mais novinhos, é, que são amigos.

Márcio – Você disse que há grupos separados também. Você acha que existe discriminação entre os próprios homossexuais?
Marcos – Sim.
Márcio – Como se dá essa discriminação?
Marcos – Desde evitar, até piadas, é, comentários, enfim, esse tipo de preconceito existe. Geralmente, as piadas ocorrem quando um gay olha para outro e o outro ri e comenta que ele é super feminino e recrimina isso, dizendo que é muito mulher, que achar que, por exemplo, essa pessoa for vista com ele na rua, todo mundo vai saber que ele é gay, então, esse tipo de comentário, né. As pessoas comentam sobre isso, às vezes, comigo ou, às vezes, eu ouço.
Márcio – Quem são as pessoas que comentam com você isso?
Marcos – Alguns amigos, ou, pessoas que você acaba conhecendo na própria boate mesmo. E depois do comentário a gente fica intimidado, pensando o que é que falam da gente.
Márcio – E o que as pessoas fazem, elas percebem que existe preconceito das pessoas contra elas?
Marcos – (silêncio). Das pessoas que sofrem o preconceito percebem sim, é uma situação chata, porque elas olham e as pessoas estão olhando para ela e rindo, mas como o próprio homossexual aprende, e tem que viver com a discriminação, né, então, eles acabam meio que contornando isso.
Márcio – A gente já ta conversando sobre isso, você me contou casos, mas você acha que pode ocorrer esse preconceito entre o ativo com o passivo, afeminado com o não-afeminado, rico com o pobre?
Marcos – Sim, sim, assim como ocorre em todo meio social o preconceito. Em todo meio social, a diferença sobre preconceito, tudo que, é, os grupos, as pessoas vão formando padrões que para elas são corretos, né. Então, o que foge para esse padrão do que é correto, é, esse grupo acaba tendo um certo preconceito para os demais. Em todo o momento o passivo é vitima de gozação, assim como o pobre e o afeminado. Mas nem sempre é só o não-afeminado que ri do afeminado, tem afeminado que fica rindo do outro afeminado, achando que ele não é igual, achando que ele não é afeminado.
Márcio – Em uma boate, quem estaria no topo, seria mais cultuado e sofreria menos preconceito e quem estaria lá no final, que seria mais vítima de preconceito?
Marcos – Eu não diria mais ou menos, pois pelo fato de a discriminação, é, existir entre todos os grupos, da mesma forma que uma pessoa..., vamos por o caso de um homossexual que é todo masculino ter preconceito contra uma homossexual que é mais feminino, vice-versa, existe também, o preconceito do outro lado também, não saberia dizer se existe um topo ou não, porque o preconceito é mútuo. O homossexual afeminado também tem preconceito contra o que não é afeminado.
Márcio – Você pode me dar um exemplo que você viu?
Marcos – Por exemplo, pelo próprio fato de..., é, ou, uma afeminado comentar que a pessoa é muito bombada, exibida, muito masculino, de querer ficar mostrando o corpo, de ser michê, ou de ser uma *barbi,e* por ser musculoso e feminino, ou esse tipo de comentário.
Márcio – Na boate tem pessoas que têm esse tipo de ação, ficarem exibindo o corpo, de serem bombados?
Marcos – Tem. O fato de ter um corpo muito definido, por ter um corpo esteticamente bonito, eles vão e tiram a camisa para se mostrar e daí as pessoas reagem de maneiras variadas, desde pessoas que gostam e de pessoas que não gostam dessa atitude em boates.
Márcio – E você, como você reage?
Marcos – Hum, eu particularmente não tenho nada contra, num tenho nada contra a pessoa, eu acho que se ela fez a academia, ralou bastante, e está com o corpo definido, ela quer mostrar, eu não vejo mal nenhum, mas particularmente, não é uma estética que eu considero atraente, é, uma pessoa muito musculosa, mas por questão de gosto meu não por..., se ele malhou, e está bonito e quer mostrar eu não vejo problema nenhum o fato de estar fazendo isso. Mas chega a ser engraçado, porque eu vejo que todo mundo fica olhando, seja para criticar ou para admirar, e o cara parece um personagem, porque faz cara de mal, fica andando com pose de fortão, geralmente tem tatuagem, e fica lá andando para lá e para cá sem camiseta, num importa se está frio ou não.
Márcio – Ahã. E o que você vê mais lá de separação entre pessoas, entre grupos?
Marcos – Um caso que seria mais preconceituoso, (silêncio), olha, eu não tenho certeza que realmente seja isso, mas eu acredito que ainda seja..., (silêncio), é o caso das pessoas que se vestem, das travestis, eu acredito que eles sofram mais preconceitos, sofrem mais comentários, num digo que seja o maior preconceito, porque existem muitos tipos de preconceitos, mas se fosse hoje, por exemplo, para indicar um grupo que sofre mais preconceito, seria esse, das travestis.
Márcio – Entre um musculoso que tira a camisa na boate e um gay afeminado, quem sofre mais preconceito na boate?
Marcos – Eu acredito que o afeminado. Não só lá dentro, mas até fora, no meio social ele tem mais preconceito, né, porque as pessoas, pelo fato deles serem afeminados, elas vão vincular a ser gay, e por isso vai sofrer mais preconceito do que uma pessoa musculosa, a afeminado ninguém tem dúvidas que ele é gay na rua, mas o musculoso podem ter sim, às vezes, nem percebem que seja pela questão dele ser musculoso, ser todo bombado, portanto, não tem perante a sociedade o perfil de um gay. O afeminado, fora do meio, ele..., quanto o travesti

além deles terem que lidar com as pessoas que sabem, eles têm que lidar com toda a sociedade em si, porque eles são pessoas que estão expostas a isso, não pelo fato delas dizerem, mas pelo fato das pessoas perceberem, então, eles sofrem com preconceito geral, de todos os lados.
(interrompendo o primeiro dia de entrevista, sábado, pelo fato de ter anoitecido e nem temos percebido, só notamos que estávamos de luz apagada e a noite chegada, e, tanto o participante quando o participanter estavam cansados, pois passou-se duas horas de entrevistas gravadas mais os momentos que antecederam o início da entrevista – olhar fotos, conhecer o apartamento de Marcos).
Márcio – Então, onde havia dado quase duas horas de conversa, e hoje a gente está retornando a nossa conversa. No final da nossa entrevista, quando eu desliguei o gravador, conversamos mais um pouco e você me disse que gostaria de conversar sobre alguns assuntos mais e hoje você me lembrou disso de novo quando eu cheguei, que você tinha pensado depois, né. Que você gostaria de um tempinho mais para pensar. Você disse que achava importante conversar um pouquinho mais, que você tinha pensado algumas coisas e que você teria mais coisas para complementar.
Marcos – Exatamente. Principalmente pelo fator religião que é uma coisa que eu presenciei bastante, eu sei que tem uma influência muito grande tanto na aceitação da pessoa homossexual, e também tem uma influência muito grande sobre os familiares, né, que é um ponto de vista religioso, onde é que vai passar o ponto de vista para as pessoas, então, acabam ocorrendo problemas mesmo na hora da aceitação, ou acaba dificultando muito o relacionamento da pessoa com os familiares, devido esse fator, da posição das instituições religiosas enquanto a isso, né. Para mim, na minha história foi uma coisa que pegou bastante, porque traz muito mal-estar, culpa, medo e dificuldade de aceitação, pois se usa o nome de Deus, que é muitas vezes em vão.
Márcio – Você disse que se autodenomina homossexual. O que é ser homossexual para você?
Marcos – Eu acho que na minha opinião, é a pessoa que tem o relacionamento, é, uma vida homossexual, que tem um relacionamento, uma vida homossexual, tenha seus desejos e uma vivência homossexual.
Márcio – No seu caso, quais os critérios que você utilizou para se autodenominar homossexual?
Marcos – Eu acho assim, no meu caso, primeiro, é o fato de minha aceitação, porque até então, antes da minha aceitação, eu não me considerava, é, eu não sei se na definição geral poderia já ser, mas eu não me via como, então, para mim, a definição, o ponto que me fez..., é, ter essa posição de hoje falar que eu, é, eu sou homossexual (verbaliza a palavra em um tom bem baixo de voz), a minha homossexualidade de hoje. Então, hoje tem relacionamento, amigos do meio, é, enfim, eu não correr dessa realidade, eu não correr desse fato que está acontecendo, então, é isso que eu acho que é o ponto. Então, a minha aceitação começou a vir depois que eu comecei a conviver com pessoas do meio assim como tive relacionamentos homossexuais.
Márcio – O que é discriminação para você?
Marcos – Para mim é toda forma de preconceito, independente do que seja, de credo, religião, cor, a falta de respeito com a diferença da pessoa, tanto físicas, sexuais, quaisquer que sejam, condições financeiras, toda essa falta de respeito é uma discriminação.
Márcio – Você já sofreu alguma forma de preconceito?
Marcos – Discriminação? Já. Tanto pelo fato de você..., ou uma brincadeira ou outra por pessoas que sabem que você é homossexual, é, às vezes, é uma piada, uma brincadeira, é um tipo..., é, você se ofende também, ou, às vezes, mesmo quando não é diretamente para você, você acaba sentindo também, pois está fazendo algo que a pessoa não sabe, mas que você sabe que é um preconceito contra você também. Tipo, quando tem outra pessoa perto sendo discriminada, eu sinto que poderia ser comigo, porque é sobre o homossexual a brincadeira, que nem é tão brincadeira, é uma ofensa. O próprio comentário que seja referente a esse assunto, eu já vejo como uma forma de preconceito e já me sinto mal.
Márcio – O que você pensa quando passa por uma situação?
Marcos – (responde em tom de voz bravo). Bom, automaticamente dá vontade de ou retrucar, ou falar ou explicar que não é por aí, ou, é, enfim, de responder e dar vontade de falar alguma coisa, mas normalmente eu fico omisso a isso por receio, talvez por medo de me expor, de não agüentar depois, de não saber como fazer e nem ser legal.
Márcio – Em relação a sua sexualidade você foi discriminado? Poderia contar alguma situação específica?
Marcos – Eu nunca fui discriminado, por exemplo, em bares ou lugares héteros, mas isso ocorre porque eu adoto posturas, por exemplo, em lugares que eu sei que eu posso ter liberdade eu tenho, se é um lugar que eu não vou poder ter liberdade nenhuma, eu também, eu sei onde eu posso e onde eu não posso tá..., é, ter atitudes diferentes. Então, eu faço discriminação de lugares para agir de uma ou de outra forma. Mas assim, tem os casos de preconceito que eu falei, de eu ter ficado com uma pessoa afeminada e as pessoas ficarem tirando sarro de mim, ou fazer piadas sobre minha sexualidade. Agora, o preconceito pesado, de ser expulso de lugares, de apanhar, de me xingarem, isso nunca ocorreu.
Márcio – Ahã. Ok.Você consome moda gay? Ou você é identificado pelas suas roupas a sua condição homossexual?

Marcos – Assim, olha, em termos de moda, de roupa, forma de vestir, eu acredito que não. Acredito que não porque, é, eu não procuro também. As coisas que eu gosto de usar, é, muitas pessoas, muitos adolescentes, muitos héteros gostam de usar, é uma roupa padrão, e eu acho que pela roupa, pela moda, eu acredito que não.
Márcio –Ahã. E você utiliza gírias, linguagem específicas entre os homossexuais?
Marcos – Olha, em ocasiões e em momentos que são propícios. É, algumas coisas, se eu estou no meio com meus amigos que eu sei que tenho liberdade para fazer comentários, para usar alguma gíria, daí eu utilizo, mas quando eu estou, por exemplo, ou eu estou na faculdade, ou no trabalho, ou em qualquer outro ambiente que tem uma pessoa que não sabe de mim ou que eu não queira que saiba, desse tipo, eu procuro evitar.
Márcio – Que tipo de gírias que você utiliza do meio gay?
Marcos – Olha, eu utilizo as gírias que são utilizadas nas próprias boates, é, que surgem do vocabulário do dia-a-dia da noite gay, por exemplo.
Márcio – Em relação uns aos outros. Como vocês se chamam, como são as referências, lembrando da sexualidade, da homossexualidade?
Marcos – Ah, sim. Quando a gente está em algum ambiente, só amigos que são gays, às vezes, a gente brinca uma brincadeira de irmã, ou amiga, ou algum nome feminino, chama de bichinha, de passiva, de *bee*, em forma de brincadeira a gente utiliza isso sim.
Márcio – E, isso pode denotar um tipo de preconceito, de falar isso com seus amigos?
Marcos – Com meus amigos que não são do meio, com certeza, porque se eu utilizar isso com meus amigos que não são do meio é um fator que vai identificar, né, então, no caso, como num tenho isso aberto na minha vida, eu procuro evitar uns sinais que..., que demonstra a minha sexualidade, é um preconceito meu não falar nada disso perto deles. Mas com meus amigos não configura preconceito porque ninguém se sente ofendido, é tudo como brincadeira, a gente utiliza isso sim, mas só entre nós, de gay para gay, não de hétero para gay, é uma coisa nossa e é consentida. Só entre amigos mesmo, e não tem a intenção de magoar, a gente tem a liberdade de estar fazendo e quem não gosta tem a liberdade de falar e as pessoas não brincam. Se a gente não conhece a pessoa o tratamento é normal. Mas assim, se um hétero faz esse tipo de brincadeira é ofensivo, pode ser ofensivo sim, porque a gente não autoriza eles a falarem e eles não são do meio, num faz parte do mundo deles, eles num compartilham isso com a gente, então, eu acho ofensivo quando alguém que não é gay fala isso pra mim.
Márcio – Onde essas reuniões de amigos ocorrem?
Marcos – A gente se reúne bastante em barzinhos, é, barzinhos héteros também que têm bastante aqui na cidade e locais do meio, bar e boate gls. A gente se reúne bastante em churrasquinhos de finais de semana, ou algum..., ou a gente compra alguma bebida, vai para a casa de alguém, assisti filme, a gente sempre está se reunindo. Só vai daí os amigos gays, é uma turma grande, de turma, no geral, de chegar a quarenta pessoas em um barzinho, assim, e geralmente, é o amigo do amigo que vai e leva o outro e a gente vai se conhecendo esse grupo de pessoas.
Márcio – Você consome algum tipo de produto específico direcionado para o público homossexual? Você escolhe produtos, revistas, filmes, que sejam específicos?
Marcos – Olha, filme, dificilmente, é, mas alguns filmes locados, uma mini-série chamada *Queer as Folk* que é sobre homossexuais que é bem interessante, mas só vi alguns capítulos que eu achei bem interessante. Mas não tenho consumo freqüente de materiais, revistas, é, filmes, é, não consumo com freqüência esses produtos.
Márcio – Você já participou ou tem interesse de participar de alguma ong que trabalha com os direitos dos homossexuais?
Marcos – Não, ainda nunca trabalhei, porque é algo que me interessa e eu tenho..., até para saber como é que funciona, tenho interesse em conhecer, mas num sei se..., é, trabalharia, se eu levaria a causa trabalhando em si, mas é algo que eu gostaria de estar conhecendo e mais para frente quem sabe até apoiar de alguma forma.
Márcio – De que forma você acha que você poderia apoiar o movimento, uma ong?
Marcos – Hum, eu não sei, mas desde é, é por isso que eu precisaria conhecer, porque eu não sei que tipos de necessidades que tem, né. Desde de você estar à frente e defender a postura de vida, uma postura social até, acredito, ajudar nas necessidades específicas, hoje, pelo caso de não conhecer, quais são as necessidades. Mas precisaria conhecer para ver o que eu faria. Por exemplo, hoje eu não participaria de militância, pelo fato da imagem, de..., de..., de difundir minha sexualidade mesmo, ou mesmo medo da reação das pessoas que vão estar vendo., em estar na frente disso.
Márcio – Recapitulando. Você disse que freqüenta um bar e uma boate aqui de Londrina. O bar é o (nome do bar) e a boate é a (nome da boate) e em festas também.
Marcos – Sim, festas, churrascos, desde algo simples, reúne de última hora, cada um levando alguma coisa como algo mais organizado, com tempo, nos finais de semana em salões de festas dos prédios.
Márcio – Aqui em (nome da cidade), tem lugares de pegação? Lugares onde as pessoas se reúnem para algum tipo de prática sexual ou um encontro mais íntimo?
Marcos – (olha com os olhos arregalados e se arruma no sofá). Lugares públicos? Hum, eu ouvi falar de alguns próximos do lago (nome do lago), eu ouvi falar que tem sim, mas eu nunca fui lá. Ah, têm shoppings, tem casos que aconteceu no bosque aqui no centro, todas essas regiões que tem um pouco..., que é mais escuro acontece

alguns casos. Nos shoppings é tudo meio social, sempre vai ter contato social, mesmo os ambientes ditos como espaços héteros, é, sempre há, num digo que uma pegação, mas há um contato social mais próximo. Desde o shopping (nome do shopping) aqui no centro ou o (nome do shopping) são pontos de contato social, então, há contato social nestes ambientes. Eles se encontram no decorrer dos corredores dos shoppings, é bem comum o contato como é o contato social hétero, mas eles passam olhando, encarando, é, observando, dando sinal. Alguns se encontram nos banheiros desde lugares, porque já teve pessoas que foram pegas lá dentro pelos seguranças e dizem que deu problema, mas eu nem sem quem são, ouvi dizer.
Márcio – E, você não participa desses espaços de socialização?
Marcos – Sim, eu sempre vou nestes shoppings que eu acho que é um meio de socialização e já aconteceu de eu conhecer, paquerar no shopping, isso sempre tem. Geralmente, os gays ficam nas praças de alimentação sentados, o que o pessoal diz que eles estão caçando (risos).
Márcio – Saunas aqui em (nome da cidade), você já freqüentou?
Marcos – (fica sem graça). Não, não freqüentei. Sei que tem, mas num freqüentei. Num sei se teria coragem de ficar pelado na frente dos outros.
Márcio – Festas exclusivas para o público homossexual você já freqüentou?
Marcos – Em (nome da cidade), não, mas fora, festas que não são em boates, promovidas exclusivamente para o público gay sim. Já freqüentei em (cidade vizinha), uma festa grande, que foi muita gente, de lá, daqui e região, foi em um lugar bonito e a propaganda da festa tinha um apelo gay. E aqui na cidade, festas gays, sem ser na boate, acho que não tem muito. Aqui na cidade é difícil ter isso, ou se tem, eu desconheço.
Márcio – Vai muita gente da cidade nestas festas em (nome da cidade)?
Marcos – Sim (ênfase na palavra). Acredito que vai mais gente daqui do que de lá que vai, pelo fato de aqui não ter as pessoas vão para lá. As pessoas que você encontra aqui, que você não vê na boate e nos bares e vão lá nestas festas porque, acredito que não é em (nome da cidade). (nome da cidade) inteira sempre está nestas festas que acontecem nas cidades vizinhas.
Márcio – Em salas de bate-papo você costuma entrar, né? Você me disse que conheceu um namorado, mas que era de outra cidade, bem longe e não costumava conversar com pessoas daqui. Hoje em dia, você modificou isso?
Marcos – Hoje, é, eu entro, utilizo salas de bate-papo para conversar, para conhecer pessoas. Hoje eu entro na sala de bate-papo da cidade mesmo, é, tranqüilamente, passou o susto, já conheci várias (ênfase na palavra) pessoas pela sala de bate-papo, hum, onde eu conheci essas pessoas *on-line*, mas pessoalmente, amigos virtuais, mas amigos hoje que eu tenho hoje que eu conheci pelo bate-papo. Relacionamentos que eu tive também, que eu conheci pelo bate-papo daqui da cidade, que a gente marcou, se conheceu e acabou acontecendo um relacionamento ou uma amizade ou coisa do tipo.
Márcio – Você se identifica na sala de bate-papo?
Marcos – Inicialmente não. Hum, inicialmente a gente conversa com um *nick* qualquer, com um nome qualquer e posteriormente sim, eu me identifico, mostro foto, sem problemas, até porque com essas pessoas eu marco de conhecer depois.
Márcio – E como é isso? Você conhece muita gente?
Marcos – Sim, sim. Nos *chats* têm muitos homossexuais aqui em (nome da cidade). É geral, a maioria dos homossexuais, num é todos, mas na sua grande maioria utiliza recursos virtuais, de recursos de salas de bate-papos, de *fotologs*, até porque é um meio de comunicação, um meio social mais reservado, é um meio sem exposição, que a gente encontro mais facilidade de estar se comunicando com outros homossexuais.
Márcio – Tem pessoas que você começa a conversar e que rola um interesse e tem pessoas que não. Que tipo de pessoas que você pára de teclar ou que você rompe uma relação mesmo que seja virtual?
Marcos – Olha, é, eu acho que o mínimo que você espera de uma pessoa que você conhece pela *iInternet* é..., a idéia de conhecer uma pessoa pela *Internet* é ser um início de um contato social, então, você está ali para conhecer a pessoa e posteriormente conhecer pessoalmente, é só uma forma de encontrar a pessoa para você estar conhecendo que seja para um relacionamento ou para uma amizade ou apenas conhecer e um dos fatos que eu não levo para a frente a conversa é o fato de.., é, de ter medo, de ter dificuldade de mostrar sua sexualidade, fica se escondendo, num coloca foto, ter medo ou vergonha de falar, eu tenho um pouco de insegurança em relação a isso, porque você num sabe com quem você está conversando.
Márcio – Nestas salas que tipo de perfil é mais valorizado?
Marcos – Olha, é, pelo o que eu percebo, a todo o momento, é um perfil mais próximo da imagem hétero, vamos dizer, o homem..., o homossexual que não dá pinta, que as pessoas visivelmente não percebam que ele é gay, que é ..., como se diz, que não é afeminado. Então assim, uma das primeiras perguntas que..., é, sempre me fazem é exatamente isso: "Você é afeminado?". Então eu vejo isso, que já é um dos maiores preconceitos nas salas de bate-papos, porque é a primeira coisa que a pessoa não quer relacionar com uma pessoa que seja muito afeminado, ou que esteja muito próximo da aparência feminina. Isso vale para relacionamentos e também para amizade, pois as pessoas não querem marcar encontro com afeminadas porque podem ser reconhecidos..., tipo,

marcar de se conhecer no shopping com uma pessoa afeminada. As pessoas acham que é queimar o filme e rejeitam esse tipo de situação. Elas evitam isso.
Márcio – O que você costuma responder quando alguém te pergunta se você é afeminado?
Marcos – Eu respondo que não, até porque eu não me considero afeminado.
Márcio – E, você faz esse tipo de pergunta para a pessoa?
Marcos – (Faz cara de sem-graça e responde gaguejando). Hum, olha, hum, eu também faço sim, até porque, é, eu não..., é, o perfil das pessoas que eu me relaciono, é, esse perfil não me atrai também.
Márcio – Que tipo de perfil que te atrai?
Marcos – Olha, é, normalmente da minha idade ou no máximo vinte e cinco anos, porque eu tive alguns relacionamentos com pessoas um pouco mais velhas ou até bem mais velhas e..., eu não gostei, então, um perfil que me atrai mesmo, é, seria um pouco a diferença de idade, até um pouco a mais ou um pouco mais novos.
Márcio – O que não foi legal, quando você diz que não gostou de relacionar-se com pessoas mais velhas?
Marcos – A questão de atração física mesmo. Eu não gostei, num foi legal.
Márcio – Você disse que prefere um perfil que não seja afeminado?
Marcos – Isso, prefiro um perfil que não seja afeminado.
Márcio – Ahã. Você prefere pessoas assumidas ou não-assumidas?
Marcos – Hum, o problema de ser assumido ou não, não é o fator que diferencia para mim. Hum, até porque, eu não gosto..., é, o que é fundamental para mim é que a pessoa tenha assumido para si mesma. Que ela se aceite, que ela não esteja passando por um problema de "se eu sou ou eu não sou", né. Então, para um relacionamento que eu digo isso, né? Senão acaba complicando muito, porque o relacionamento homossexual, por natureza já é complicado devido a cobrança, devido tudo ter que ser feito mais escondido, no caso, da família não saber também, então, já acaba tendo uma complicação natural do relacionamento. Eu já me relacionei com pessoas que não se aceitavam e daí fica complicado se relacionar, porque tem muita briga, muita confusão do que sente, se quer ficar junto ou não, essas coisas e eu num me sentia bem. Então, uma pessoa que não se definiu ainda, acaba complicando mais, e ela se aceitando é o fundamental. Agora o fato dela ser assumida perante a sociedade ou só para a família, assim para mim não é um fator que não, não mudaria, só que também ficaria um pouco complicado o fato das pessoas saberem, se fosse uma pessoa que fosse assumido no meio público, ou fazendo parte de alguma militância, então daí ficaria um pouco complicado pelo fato de as pessoas ficarem sabendo um pouco dela e eu ter a minha imagem das pessoas não saberem ainda de mim.
Márcio – Ficaria difícil você se relacionar com uma pessoa assumida neste sentido?
Marcos – Neste sentido sim, eu evitaria ter um relacionamento com uma pessoa assim, que é assumida publicamente. A princípio, a primeira vista eu não teria.
Márcio – Se você pensar sobre a sua vida, sobre tudo que a gente está conversando aqui, você se considera uma pessoa assumida ou não?
Marcos – (silêncio). Hum, eu me considero uma pessoa assumida sim, porque o fator mais importante para mim de assumir a sexualidade é você aceitar e estar bem com essa situação, com aquilo que se está vivendo, então, assim, eu acho que isso é a aceitação principal. Agora eu acho assim, o fato de contar ou não contar, de não falar é a exposição mesmo. Eu me considero assumido porque várias pessoas do meio sabem e tudo, o que acontece é que eu procuro não me expor a todo o momento e ter uma vida mais reservada, não a todos, a algumas pessoas mais próximas que não são minha família, mas que são mais próximos, são meus amigos, gradativamente alguns vão sabendo, mas sem exposição em massa, sem espalhar, sem exposição em massa mesmo.
Márcio – Ahã. Em relação ao que atrai, tem algum perfil físico que te atrai mais? Tipo, sarado, magro, gordinhos...
Marcos – Olha, em termos de perfil, eu não me excito..., eu acho bonito uma pessoa extremamente sarada, malhada, mas para um relacionamento é um fator que não me atrairia, eu num tenho atração por esse tipo de pessoa. O que me atrai mesmo é uma pessoa de magro para um corpo definido, sem estar bombado, sem estar..., sem ter muito..., sem estar muito musculoso, e um perfil, é, um pouco mais velho até minha idade ou um pouco mais novo.
Márcio – Um pouco mais velho até sua idade ou um pouco mais novo, num entendi.
Marcos – Vamos dizer que de..., de dezoito, dezenove a vinte seis, vinte e sete.
Márcio – Você prefere uma pessoa lisa ou com pêlos?
Marcos – Em descrições físicas eu prefiro sem pêlos.
Márcio – Que tipo de pessoas que não te atrai?
Marcos – Olha, é, eu não me atraiu para um relacionamento, pessoas fora do peso, não que eu tenha alguma coisa contra, mas não sinto atração, ou no caso muito afeminada, também eu não sinto atração. (toca o celular do Marcos no *vibracall* e ele ignora e não atende).
Márcio – Branco, loiro, negro, moreno. Você teria algum tipo de preferência?
Marcos – Olha, não necessariamente. Eu acho que em termos de ser branco ou loiro não. Agora já fiquei com uma pessoa negra também num teria problema. (fala bem baixinho).

Márcio – Você levaria um relacionamento a diante se conhecesse uma pessoa da raça negra? Como você lidaria com essa situação?
Marcos – Olha, é, eu acredito que eu não teria esse problema, mas eu num tive essa convivência pra dizer isso. Mas seu eu gostasse da pessoa, eu acredito que não teria problema nenhum, eu não sei minha reação porque eu nunca namorei, nunca ocorreu isso, mas eu acredito que não. Mas em termos de preferência, seria brancos, né, loiros e morenos claros, de pele clara, é o perfil do que me atrai, eu num tenho muito atração por mestiços, por japoneses. Nós estamos falando de padrões, num é que eu num ache uma pessoa fora esse padrão que não sejam bonitas, mas normalmente não me atrai.
Márcio – Você me disse também sobre pessoas que estão acima do peso?
Marcos – Isso. Não consigo sentir atração pelas pessoas gordinhas.
Márcio – E pessoas mais peludas?
Marcos – Ah, também não. Eu prefiro pessoas lisas.
Márcio – Ahã. E pessoas casadas?
Marcos – Não, não consigo também. É, uma coisa que eu não consigo me relacionar com uma pessoa casada. Até ocorreu o caso de eu me relacionar com uma pessoa que depois ela veio a me contar que ele era casado e assim, para mim já não aconteceu mais.
Márcio – Quando ele te contou, o que você pensou?
Marcos – Eu me senti mal, porque ele tinha uma outra pessoa, tinha um compromisso, ele só num tinha outra pessoa, mas como era casado. Então, é, eu não acho legal.
Márcio – Você poderia contar um pouco mais sobre esse episódio?
Marcos – Sim, claro. Eu teclei com uma pessoa no *chat*, na *Internet*, na sala da cidade mesmo. Daí, apareceu essa pessoa que se dizia policial, que tinha uns trinta e poucos anos e me pareceu legal. A gente conversou um pouco e como é de praxe, depois que se conversa no *chat*, costuma-se adicionar no *msn*, quando a pessoa tem *orkut*, adiciona no *orkut* também. Daí, a gente conversou e ele disse que queria me encontrar, falando que era policial, que era de confiança, daí me deu vontade de conhecer, (risos). A gente conversou como a Polícia é preconceituosa, e o Batalhão de onde ele era, pelo o que eu sei, é bem preconceituoso ainda. Ainda mais por ser policial militar e não civil. Daí, nessa época eu morava sozinho, em uma casa, não nesse apartamento, e ele foi lá em casa. Ele estava com roupa normal, mas mostrou a carteira que ele era policial. Ele era mais velho do que ele disse ter de idade, pois parecia quase um quarentão. A gente transou e depois ele veio com o papo, mostrando a fotografia dele, falando que foi a filha dele que tinha tirado. Disse que era casado, que ninguém sabia dele, que a polícia era muito preconceituosa e que se soubessem dele lá ele não agüentaria a chacota e tinha que sair do trabalho. Se demonstrou infeliz por ser daquele jeito. Eu me senti traído, porque ele não falou que era casado e se eu soubesse eu não sairia com ele, pois num acho certo isso, de ser enrustido e sair com homens e ter família. Se não está feliz separa e não envolva as pessoas, não faça as pessoas tristes quando descobrirem. Além do mais, que ele era mais velho, peludo, casado, e não me atraia, mas ele era legal até onde tínhamos conversado. Se fosse desculpa da família para a gente não se encontrar mais, tudo bem, eu não queria mesmo, mas era verdade a história. Depois, ele ficou me ligando, ficou puxando papo no *msn*, falando que queria me encontrar de novo, que tinha gostado e tal. E eu despistando e bloqueei ele no *msn* e ele continuava a me ligar. Um dia ele ligou, se fazendo de bobo, perguntando de quem era aquele celular, que tinha me conhecido, mas eu tinha registrado ele no meu celular e desconversei. Depois ele ligou mais umas vezes e eu não atendia. Mas ele era policial sim. (risos).
Márcio – Ahã. E classe social, assim, você não se importa em relação a isso? Se a pessoa é classe baixa, média ou alta?
Marcos – Não, não, eu acredito que o importante é a pessoa ter um nível de educação, né. De educação, de esclarecimento mais cultural do que financeiro para um relacionamento, né.
Márcio – Ahã. Onde você encontra essas pessoas? Você disse que um ponto de encontro é a *Internet*, nos *chats*, mas onde mais você encontra essas pessoas?
Marcos – É, a *Internet* é um dos pontos de mais fácil acesso para os homossexuais estarem buscando um relacionamento, mas também, barzinhos, contatos, amigos, é, pela *Internet* também, não só pelas salas de bate-papos, né, mas hoje também existe o *fotolog*, o *orkut* que é uma rede de amizades que também é utilizada por homossexuais para conhecer pessoas para ter relacionamentos também.
Márcio – No *chat* as pessoas podem mentir as características?
Marcos – Exatamente, já ocorreu de a pessoa falar que é de um jeito e ser de outro quando eu encontrei. Já ocorreu várias vezes de ser uma pessoa totalmente diferente do que se descreveu ou uma pessoa que omite que não mostra foto ou só mostra as melhores fotos, é, que mostra uma foto que é totalmente diferente, é, da imagem real dela. Tipo..., usam *fotoshop* para arrumar a foto e parece outra pessoa que não a imagem da pessoa como ela realmente é.
Márcio – O que acontece que a pessoa geralmente faz isso?
Marcos – Eu acredito que faz isso até para uma aceitação melhor do outro. Então, coloca fotos melhores, seleciona, é, ou até mente também, tenho vários casos de falar idades erradas, é, de caso de pessoas que eu me

relacionei que eram mais velhas e disseram que eram mais novos, falavam que eram magros e eram gordos, que ninguém sabia deles e quando eu via era uma pessoa super fervida que eu encontrava sempre na boate, falavam que não eram afeminados e na verdade eram bem femininos, isso as pessoas geralmente mentem, sobre ser afeminado e negarem, já teve caso de pessoas falarem de que não eram e eram e não omitiam o fato, mentiam mesmo, de afirmar o contrário conscientemente. A idade é uma coisa que mentem. Teve muitas pessoas, muitas mesmo que falavam que não freqüentavam o meio gay, que não saiam de casa e que na realidade sempre estava freqüentando o meio e eu conhecia destes espaços. O que pode acontecer que a pessoa também ache que não é afeminada e na minha visão ou na minha e de outras pessoas ela seja.
Márcio – E o que você faz? Qual é a sua ação quando você encontra essas pessoas?
Marcos – eu trato, normalmente eu procuro tratar da forma que eu gostaria de ser tratado, com respeito, com, é, se eu tenho que falar alguma coisa, eu tento falar da melhor forma, de maneira menos agressiva, mais educada possível, né, sempre procuro não ofender e não magoar a pessoa. Mas nem sempre as pessoas agem como eu, pode ser que tenha pessoas que encontrem as outras e se irritem com as omissões e mentiras e parta para a agressão, para a violência. Eu converso e se eu não curti, converso e me despeço da pessoa na boa.
Márcio – E os seus amigos como são? É um grupo com quais idades? É um grupo misto?
Marcos – Olha, é um grupo misto, hoje os meus amigos de convivência, que a gente sai junto, é, são desde um pouco mais novo que eu, tipo, de uns dezoito, de dezenove, vamos supor, de dezenove a uma faixa etária de trinta, com algumas exceções, né.
Márcio – E a estética deles, como que é? Você me mostrou ontem e hoje também algumas fotos dos seus amigos agora, vi que é um grupo bem, é, diferenciado, né. Tem pessoas gordinhas, mais magrinhas, pessoas que tem um estereótipo que lembra o homossexual, pessoas que não parecem homossexuais na aparência física ou que utilizam acessórios que os identifiquem assim, pelo menos na foto, e que você disse que eram homossexuais. É um grupo bem misto pelo o que eu pude ver, e agente conversou sobre isso quando a gente estava vendo as fotos. É isso mesmo?
Marcos – Exatamente. É, assim, como você pode perceber, são bem mistos assim, a maioria do convívio do dia-a-dia, não usa roupas e nada represente..., que demonstre a homossexualidade, né, até quando a gente sai, vai para um barzinho ou um ambiente que não é gay, um ambiente hétero, a gente se relaciona no bar tranqüilamente, sem problemas nenhum, é, sem sofrer preconceito e nem discriminação. Os amigos que saem juntos não têm essa aparência pintosa. Você perguntou a idade, a grande parte dos meus amigos que você viu nas fotos tem de dezenove a vinte e oito anos.
Márcio – Pessoas mais velhas não entram no grupo?
Marcos – Sim, algumas pessoas, alguns amigos meus que tem idade maior que essas, mas são algumas poucas exceções.
Márcio – Ahã. Você falou ontem que você tinha o bar (nome do bar) que você ia e que agora ele modificou o espaço, ele mudou de localidade. Quando você começou a falar do (nome do bar) ontem, que é um bar que eu também conheço, você me falou de quanto você começou a freqüentar. Hoje, ele modificou o espaço em um outro lugar, né? Você vê diferença entre eles agora?
Marcos – Sim, com certeza. É, no local antigo que ele era, pelo menos, eu achava muito melhor (ênfase na palavra), porque era um ambiente em que você ia mais para o final da noite, você ia conversar com os amigos, enfim, não era um bar convencional como tem todos hoje, é, que aqui em (nome da cidade) tem bastante, então, ele tinha o destaque dele porque ele era o diferencial aqui na cidade, ele era um barzinho que todo mundo saía dos demais, né, por volta das duas horas da manhã, uma da manhã, e lá começava a ter gente mesmo, após uma hora da manhã, que o pessoal começava a chegar mesmo, porque antes disso era bem mais vazio. Então, posteriormente às pessoas saem dos outros barzinhos, eles sempre se reuniam no (nome do bar) para conversar, para tomar uma cerveja, sempre mais no final de noite, né. E hoje, onde ele está agora, ele acabou se tornando um barzinho mais convencional, né. Pelo menos puxando uma imagem mais convencional.
Márcio – Como assim, uma imagem mais convencional?
Marcos – Mesmo horário de funcionamento dos demais, é, o ambiente também, pelo o que eu pude perceber, é que..., as vezes que eu fui no (nome do bar) novo, eu percebi que ele está mais hétero, com mais público hétero do que de gays como era antes no antigo. Antes o público que freqüentava era diversificado, só que era maior o público gay. Era diversificado, desde lésbicas, é, gays, alguns héteros, classes sociais diferentes também freqüentavam, pois por ser na região central, era de fácil acesso também, então, facilitava muito (ênfase na palavra) para as pessoas estarem freqüentando até o bar. Agora, ficou um pouco distante e mais de difícil acesso, além de agora ele ser pago para entrar. O estilo ficou mais parecido com uma boate lá dentro.
Márcio – Então ia heterossexuais nesse bar também?
Marcos – Ia também, em menor quantidade do que hoje, mas ia sim.
Márcio – O quê que acontecia que era freqüentado por heterossexuais também e era denominado pelas pessoas de um bar gay?
Marcos – Eu acredito que, é, pelo volume, pela maioria das pessoas que estavam ali, a maioria era homossexual, então, ele tinha a tendência de ser conhecido como um bar gay.

Márcio – As pessoas lá ficavam juntas? É, se beijavam, as pessoas do mesmo sexo?
Marcos – Sim, sim, mas não como na boate, não como a liberdade da boate, mas de uma maneira bem mais reservada, mas tinha torça de carinho, de pegar na mão, de trocar um beijo mesmo que meio escondido.
Márcio – Isso ocorria onde lá? Isso na frente do bar?
Marcos – Dentro do bar, nas mesas, enfim, no ambiente.
Márcio – E não tinha nenhum tipo de represália de outras pessoas que estavam lá?
Marcos – Não, nenhuma. Até porque as pessoas que estavam ali, senão eram do meio, pelo menos se estavam ali, é porque respeitavam, porque sabiam que ali era um ambiente onde ia ter, é, esse tipo de ocasiões.
Márcio – Você disse que na boate é mais explícito isso?
Marcos – Exatamente, por ser um ambiente fechado e também por não ser um bar que toma uma tendência gay, um bar que ficou sendo freqüentado por mais gays, ele tomou uma tendência gay, agora a boate, ela já é uma boate gay, a liberdade já é maior, é, por ser fechado, as pessoas tem muito mais liberdade lá dentro.
Márcio – As pessoas que freqüentam o bar e a boate são públicos diferentes ou o mesmo público?
Marcos – Algumas pessoas diferentes, mas bastante (ênfase na palavra) que vai para o bar e depois vai para a boate.
Márcio – E as pessoas que freqüentavam o bar, freqüentavam para quê?
Marcos – Tanto na boate quanto no bar as pessoas vão para relacionamento social, só que na boate vão a procura de relacionamento sexual também, porque tem o dark room, os locais onde, é, onde é possível a pessoa fazer sexo dentro da boate. Geralmente as pessoas vão ao bar dar um tempo e depois que se encontram lá, se reúnem, se dividem em carros, porque a boate é saindo da cidade já, e vão para a boate.
Márcio – O quê que você acha disso?
Marcos – Bom, eu acho que se a pessoa está disposta a fazer sexo na boate, desde que ela se proteja, porque hoje as doenças sexualmente transmissíveis estão muito alto, estão preocupando muito, desde que elas tenham essa precaução, que ela se proteja, eu acho que não vejo mal algum. Na boate é marcante o fato de as pessoas irem para ter relacionamento sexual ali ou se encontrar para sair, porque tem vários motéis perto e também o fato da liberdade do fato de se abraçar e se beijar ser maior também.
Márcio – A partir do que você me contou, o que você mais gosta nestes ambientes?
Marcos – O que eu mais gosto é, é a liberdade social mesmo, porque hoje, no caso do relacionamento homossexual você não vai a um shopping, por exemplo, de mãos dadas como um namorado ou pessoa que você está se relacionando. Então, você acaba sentindo uma situação de repressão, de omissão de ter que ficar escondido, e em um ambiente gay você tem essa liberdade. A gente deixa de fazer um monte de coisa que os heterossexuais fazem, por isso a gente vai nesses ambientes gays, por isso que eu gosto desses espaços gays, porque eu gosto de ficar junto, ficar de mãos dadas com quem eu estou me relacionando sem precisar estar escondido ou em quatro paredes.
Márcio – Ahã. E o que você não gosta nestes ambientes? O que te incomoda?
Marcos – Olha, o que me incomoda, às vezes, o limite de algumas pessoas que freqüentam estes ambientes, por exemplo, desde...é, atitudes..., como eu posso dizer..., de dar em cima de uma forma mais agressiva (ênfase na palavra), isso é uma coisa que ocorre algumas vezes e eu não gosto, principalmente na boate.
Márcio – Como acontece essa abordagem que você acredita que seja agressiva?
Marcos – Não, ela já ocorreu na boate com uma pessoa que me pediu um beijo e eu falei que não ia dar e a pessoa fica atrás insistindo, insistindo e aquela coisa sabe, aquela coisa excessiva e chata. Por exemplo, no banheiro, de ficarem tentando ver você usando o toalete, ou de no aperto da pista da boate, na pista de passarem a mão na sua bunda ou na frente também.
Márcio – Você acha que em uma boate hétero isso não acontece?
Marcos – (silêncio). Eu acho..., eu acho..., eu acho..., eu acredito que até acontece também. Só que o fato de a pessoa ter mais liberdade na boate gay, então, eu acho que assim, proporciona a acontecer com mais freqüência, não que na boate hétero não aconteça, mas na gay pode acontecer com mais freqüência, devido a essa liberdade que se tem.
Márcio – Mudando um pouco de assunto, seguindo meu roteiro. A gente já falou sobre sexo um pouco, sobre suas preferências, exploramos isso ontem quando você falou da sua primeira vez, de seu primeiro namorado, da sua preferência em ser ativo, mas que não tem problemas em fazer sexo passivo. Sobre sexo oral, como é que você encara isso?
Marcos – Sem problemas, tanto faz, fazer quanto receber.
Márcio – O que você não gosta e não faz?
Marcos – Olha, eu não gosto, de xingar, tem pessoas que sentem prazer com algumas palavras, isso é uma coisa que eu não gosto de fazer e não gosto que façam comigo também. Acho que só isso.
Márcio – Vou fazer a mesma pergunta que eu fiz ontem para você e depois do término da entrevista no daí de ontem você me pediu para repetir a pergunta hoje, porque você falou que queria pensar um pouco mais para responder que não estava muito claro para você, né. Então, você acredita que exista discriminação entre os próprios homossexuais?

Marcos – Exatamente, porque é eu sei que existe e eu não estava conseguindo, é, achar ou passar melhor isso, de como isso ocorre, então, eu solicitei que você voltasse nesse assunto. Eu sinto dificuldades em expressar, hum, de como seria essa discriminação. Sei que tem bastante sim, que hoje tem bastante desse tipo de discriminação, principalmente na *Internet*, onde a pergunta mais feita é se a pessoa é afeminada. Existe esse preconceito sim, principalmente nos ambientes freqüentados por homossexuais contra essas pessoas, ou por ser afeminadas ou serem travestis, pelo fato de as pessoas não quererem nem se relacionar com eles, né? Às vezes, na boate ou em um barzinho gay, ele vai e tenta ser seu amigo, mas lá fora, as pessoas não querem levar essa amizade para fora, para o dia-a-dia, fica um amigo de bar gay, até para essas pessoas que são afeminadas, que lembram, à vista da sociedade, são pessoas com características de homossexuais, então, seria uma forma de vincular a idéia das outras pessoas também serem homossexuais. Então, elas acabam evitando, por exemplo, uma amizade dentro de uma boate e fora dela não tem essa amizade.
Márcio – E para você como é isso?
Marcos – Olha, é, eu sinto ainda, eu sinto um pouco de receio ainda, eu sei disso, ainda mais se é uma pessoa que não sabe, da minha sexualidade, e eu encontro uma pessoa que eu saiba que vai dar muita bandeira ou que eu conheça que quando eu chegar eu sei que vai no falar, nos gestos, vai demonstrar características homossexuais, eu sinto um pouco de receio ainda, é, não porque eu tenho alguma coisa contra, mas tenho receio de estar comigo alguém que não sabe vincular a imagem dele com a imagem da minha pessoa e deduzir fatos, né.
Márcio – O que mais você acha? Você me disse ontem, enquanto nós tomávamos um lanche em uma conveniência aqui perto, ao término da entrevista, que existia grupos na boate ou no bar também, num sei como você vê isso.
Marcos - Então, existem os grupos desde de classe social, que é o pessoal que tem o poder aquisitivo maior, que até o fato de roupas de marca, esse tipo de coisa, então, tem o pessoal que tem mais dinheiro, tem o grupo do pessoal que não tem poder aquisitivo tão grande, tem é..., o grupo social dos próprios homossexuais que são afeminados também, que eles tendem a estarem mais juntos. Há toda uma interação no ambiente, mas existem esses grupos a parte, há uma interação geral, mas existem esses grupos a parte, isolados a parte que se mantêm mais juntos.
Marcio – Você disse que todos os grupos sociais freqüentam a boate?
Marcos – Isso, aqui na cidade em específico, né, é uma boate, que por ser única, então, é, não tem um ambiente, que vamos dizer assim, não existe um ambiente que seria freqüentado por uma classe maior ou menor ou diferença de classes sociais. Então, é um ambiente freqüentado, desde da classe social mais baixa até de poder aquisitivo maior.
Márcio – Como você acha que essas pessoas de classe social baixa conseguem ir a boate? Como você acha que eles fazem com a questão do dinheiro?
Marcos – Hoje, em termos de custo, assim, não é um custo alto que inviabilize eles estarem entrando, e agora, não está tendo tanto, mas teve épocas de promoções *free*, né, entradas *free*, durante o dia de semana, no caso na sexta-feira. Que as pessoas entravam e não pagavam a entrada, apenas a consumação lá dentro, então, aí ela dá uma abertura para pessoas de menor poder aquisitivo estarem freqüentando o ambiente também. Foi uma forma que estava sendo utilizada, agora de uns meses para cá foi feito uma redução maior do preço da entrada e não está sendo utilizado mais esse bônus, essa entrada *free*, que é uma forma de viabilizar para todo mundo ter acesso, o que faz dela uma boate diversificada. Mas quem tem *free* cem por cento, tem que entrar até a meia-noite. Agora tem desconto, você paga cinqüenta por cento se você chegar até a meia-noite e o valor integral da entrada se você chegar depois da meia-noite.
Márcio – O que você acha sobre esses lugares glbt?
Marcos – Eu acho legal, é, são importante, principalmente para convivência, porque barzinho tem bastante, boate tem bastante, é, todas as cidades crescidas tem bastante, mas destinados ao público homossexual tem poucas, e a gente sente muita necessidade, pois falta ambientes assim que a gente possa estar se relacionando com mais liberdade. Eu me sinto bem, me sinto muito bem, eu gosto de estar nestes ambientes. Tanto faz na boate ou no bar, mas devido a música, eu gosto mais de boate, acho que não seria mais, pois depende do que você está procurando no momento. Se você quer dançar pela música é a boate, um ambiente mais tranqüilo, o bar.
Márcio – Você não me disse se você tem ido ao (nome do bar) novo, que abriu no novo espaço. Você tem ido lá?
Marcos – Então, em um certo tempo que eu não vou, não vou mesmo porque eu não gostei do novo local, porque para mim também, ficou um local de mais difícil acesso, então, faz um tempo que eu não freqüento. Até não teria problema em estar freqüentando, freqüentaria sem problemas algum, só que não tenho ido. Eu estava acostumado com o local, com o ambiente do outro, mudou bastante.
Márcio – Sobre a questão religiosa que você me pediu ontem para falar mais, você quer falar mais alguma coisa? E gostaria de saber o porquê você achou importante falar um pouco mais sobre a religião na vida do homossexual.

Marcos – Exatamente, é que eu queria falar dessa influencia do fator religião na vida do homossexual e na vida dos familiares também. Principalmente com relação ao fato da sexualidade, né. Porque ela vai totalmente contrário ao ato sexual, e acaba adotando uma postura severa frente a isso. Hum, uma postura contrária a isso, então, toda a influência que ela tiver, ela vai estar mostrando que a homossexualidade é errada. O que é importante nesse fato é porque acaba trazendo muito sofrimento para o indivíduo que faz parte destas instituições, porque até então ele não se aceita, ele se sente errado, em pecado, ele acha que não é certo. No meu caso, eu tive um pouco mais de facilidade de estar lidando com isso, embora eu tivesse alguns momentos de não querer, de não ser aquilo que eu queria, mas eu não cheguei a passar por algumas cosias que eu vejo, de ficar mal até psicologicamente, é, devido ela não se aceitar como homossexual, e com essa pressão da Igreja em dizer que é para ela deixar de ser, que é errado ou até colocando medo mesmo em relação à salvação, ou coisa do gênero. A Igreja usa de persuasão de medo dizendo que os homossexuais não herdarão o reino dos céus e esse tipo de coisa. Então, imagina alguém que fica em conflito com isso por ser homossexual e que acredita no reino dos céus e buscou fazer tudo certo para conseguir isso e perder isso por conta da homossexualidade? A cabeça da pessoa fica muito confusa.
Márcio – Ahã. Qual é o estereótipo do homossexual que é mais valorizado na boate e/ou no bar? Qual receberia menos preconceito, menos discriminação?
Marcos – Olha, tanto na boate quanto no meio social de modo geral, os mais valorizados, por existir um preconceito ainda muito grande, as pessoas ainda buscam as pessoas que são, mas que não parece, que seja homossexual, mas que ele tenha um estereótipo parecido como se não fosse, que não *desse pinta*, ou pela aparência ou pela conversa, ou com o corpo definido, o mais próximo da imagem masculina possível, não que todos, mas que no geral se procura isso, estes os que se dão melhor no meio homossexual e na vida.
Márcio – Que critérios que você utiliza para dizer que eles se dão melhores nestes ambientes?
Marcos – É porque no final..., é porque são pessoas que despertam interesse nos demais, é, sempre tem pessoas interessadas nelas, diferentemente das pessoas afeminadas que tem até uma dificuldade de um relacionamento pelo fato de a pessoa querer manter em sigilo isso. A afeminada é a que sofre mais preconceito então, eu acredito.
Márcio – Que critérios você utilizou para você dizer que uma pessoa afeminada sofre mais preconceito?
Marcos – É, pelo fato dos vários comentários que eu já ouvi em relação a isso, é até mesmo por comentários de alguns amigos que dizem: "Eu estou com essa pessoa, mas não poderei apresentar para minha mãe, porque se eu apresentar para minha mãe, ela não sabe de mim, ela vai ver que a pessoa é homossexual, que a pessoa e gay e a minha mãe vai desconfiar mais ainda de mim". Então por esses fatos, e por outros comentários de pessoas que dizem para mim: "Eu não vou ficar com aquela pessoa porque aquela pessoa é afeminada". Daí olha para a pessoa, se interessa, mas não aceita se relacionar por vergonha ou tem um relacionamento mais escondido, escondido até dos próprios amigos homossexuais, dos espaços gays ou saem dizendo que só está com a pessoa para transar. Isso daí traz uma dificuldade de relacionamento e socialização maior.
Márcio – Ahã. Neste grupo, onde você se localiza, onde você se vê nestes ambientes?
Marcos – Eu me vejo hoje como uma pessoa não afeminada, é, me vejo como uma pessoa, não como uma pessoa bombada, com um físico perfeito, mas não afeminado.
Márcio – Você diz que nunca recebeu discriminação nestes espaços?
Marcos – Não. Não que eu me lembre.
Márcio – Ok. Você está com (diz a idade). Você já imaginou como seria sua vida daqui à dez anos? Daqui à dez anos você teria (diz a idade), você consegue imaginar isso?
Marcos – Consigo, consigo, na realidade eu tenho projetos de morar junto, até porque ainda hoje não é legalizado a união homossexual no país de morar junto. Ainda se tiver a oportunidade de ir para fora para casar, eu tenho esses objetivos, e eu acredito, eu me vejo que daqui à dez anos com um relacionamento instável, quis dizer estável, é estável. Isso.
Márcio – Você falou sair fora do Brasil para casar. Você acredita que daqui à dez anos não vai ter uma lei aqui?
Marcos – Eu não digo daqui à dez anos, mas acredito que daqui até dez anos possa ter, mas estes são planos assim, não daqui para dez anos, mas para mais próximo, e se eu tivesse a oportunidade, se eu estivesse me relacionando, eu sairia se eu tivesse condições eu sairia para fora, eu casaria sem problema nenhum. Eu gostaria de casar.
Márcio – Casar no papel passado?
Marcos – Exatamente.
Márcio – E existe outra forma de estar junto sem ser no papel passado?
Marcos – Não, existe, como o fato que eu comentei de estar morando junto, de ter..., a única coisa que eu acho é complicado..., é, porque a gente nunca sabe o dia de amanhã e num sabe o que vai acontecer e em um relacionamento de morar junto só, você acaba não dando segurança, vamos dizer, financeiramente mesmo, para nenhum dos parceiros, né. Então eu acho importante não só o relacionamento de morar junto, mas de dar essa segurança para o relacionamento.
Márcio – E se daqui dez anos, se tiver tudo ocorrendo, como você lidaria com sua família? O que você pensa?

Marcos – É, eu penso que o fato de eu contar para eles é um fato inevitável, que vai ocorrer ou um pouquinho depois, ou um pouquinho antes, é, é questão só de localização de quando vai ocorrer, mas é fato que vai ocorrer.
Márcio – Você gostaria de colocar mais alguma coisa? Falar mais alguma coisa sobre a entrevista?
Marcos – Eu acredito que seja isso mesmo.
Márcio – Como foi para você falar um pouco sobre a sua vida, essa entrevista? Como que foi ontem ter falado, hoje você me disse que ficou pensando um monte de coisa. Como foi para você falar de assuntos da sua vida nesta entrevista?
Marcos – É, sempre a gente falar é complicado, porque vamos estar tratando de coisas de nossa vida, que muitas das vezes que você procura..., que você até nem pensa. Você vive até sem refletir sobre alguns pontos, né. Foi difícil, porque em alguns pontos a gente teve dificuldades em estar falando, né, por ser algumas intimidades bem particulares, então, eu tive um pouco de dificuldade, mas no contexto geral, foi bom, também pelo fato de você estar falando assim, foi legal. Fiquei pensando várias coisas, meio tipo terapia, né? Tem que repensar muitas coisas da vida, da minha vida, da minha sexualidade e em falar e entender um pouco mais de mim a partir de suas perguntas.
Márcio – Eu queria agradecer então. Deixa a vontade depois para você ler a entrevista que eu vou transcrever para verificar o que você falou, os pontos que você concorda e queira complementar. Queria agradecer pela disponibilidade em estar conversando sobre como as pessoas lidam com a o preconceito, com a homossexualidade e isso por meio das histórias de vida das pessoas, e essa pesquisa só pode ocorrer se as pessoas me concederem a entrevista e me autorizarem a contar um pouco da vida delas. Agradeço mais uma vez e qualquer coisa você entra em contato comigo, você tem meus contatos, caso tenha alguma dúvida, caso queira fazer qualquer colocação a mais ou depois de você ler, me dar o retorno do que você leu, daí a gente conversa de novo.
Marcos – Ta certo, eu agradeço também.

O participante ficou por mais um tempo na casa do participante, a convite do mesmo, conversando sobre a faculdade e outras situações cotidianas da vida de Marcos. Marcos queria ouvir a entrevista para verificar como teria ficado a própria voz, uma vez que ficou com receio que ela tenha ficado fina demais.

Livros Grátis

(http://www.livrosgratis.com.br)

Milhares de Livros para Download:

Baixar livros de Administração
Baixar livros de Agronomia
Baixar livros de Arquitetura
Baixar livros de Artes
Baixar livros de Astronomia
Baixar livros de Biologia Geral
Baixar livros de Ciência da Computação
Baixar livros de Ciência da Informação
Baixar livros de Ciência Política
Baixar livros de Ciências da Saúde
Baixar livros de Comunicação
Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE
Baixar livros de Defesa civil
Baixar livros de Direito
Baixar livros de Direitos humanos
Baixar livros de Economia
Baixar livros de Economia Doméstica
Baixar livros de Educação
Baixar livros de Educação - Trânsito
Baixar livros de Educação Física
Baixar livros de Engenharia Aeroespacial
Baixar livros de Farmácia
Baixar livros de Filosofia
Baixar livros de Física
Baixar livros de Geociências
Baixar livros de Geografia
Baixar livros de História
Baixar livros de Línguas

Baixar livros de Literatura
Baixar livros de Literatura de Cordel
Baixar livros de Literatura Infantil
Baixar livros de Matemática
Baixar livros de Medicina
Baixar livros de Medicina Veterinária
Baixar livros de Meio Ambiente
Baixar livros de Meteorologia
Baixar Monografias e TCC
Baixar livros Multidisciplinar
Baixar livros de Música
Baixar livros de Psicologia
Baixar livros de Química
Baixar livros de Saúde Coletiva
Baixar livros de Serviço Social
Baixar livros de Sociologia
Baixar livros de Teologia
Baixar livros de Trabalho
Baixar livros de Turismo